VOLUME 15.° N.os 1 a 4 1912

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português

SUMMARIO

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira
Praça dos Restauradores, 20

1912

REVISTA LUSITANA

Tipografia do «Porto Medico»
Praça da Batalha, 12-A — Porto.

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português



VOL. XV

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira
Praça dos Restauradores, 20

1912

REVISTA LUSITANA

VOL. XV 1912 N.os 1-2

O estudo das tradições populares nos paises romanicos [1]

I

O estudo das tradições populares em França

A França só lentamente foi entrando no movimento de estudos iniciados pelas nações d'alem Rheno. As causas d'este phenomeno com relação ás tradições populares foram indicadas por um dos mais notaveis homens de sciencia que hoje possue aquelle país, com a penetração que o distingue. «O estudo d'esses monumentos de uma archeologia especial, diz Gaston Paris, no prefacio das *Devinettes* de E. Rolland, foi inaugurado noutros países, especialmente na Allemanha e nos países slavos, sob a influencia do sentimento nacional mais ainda que da pura curiosidade scientifica. A grande reacção contra uma civilização em excesso uniforme e em excesso puramente racional que assignalou o começo do nosso seculo, achou nesse facto uma das suas expressões. A França tomou fraca parte nesse movimento: elle não podia ter para um país fortemente unificado e profundamente penetrado das idéas de civilização geral o mesmo interesse e o mesmo valor que para as nacio-

---

[1] [Este trabalho appareceu a lume pela primeira vez em 1882 e em 1883 em varios numeros do *Jornal do Commercio* de Lisboa. Pela sua importancia merece ser mais accessivel aos estudiosos do que o é num jornal, de sua natureza ephemero, e que só hoje se encontrará na Bibliotheca Nacional; por isso pedi ao auctor permissão para aqui o reproduzir, a qual elle me concedeu da melhor vontade, prontificando-se, de mais a mais, a rever as provas typographicas, embora sem alterar a fórma e caracter primitivos, e a enriquecê-lo de um appendice. Para satisfação dos leitores informo-os de que o Sr. Dr. F. Adolfo Coelho continuará a dar á *Revista Lusitana* a sua sábia collaboração. — J. L. DE V.]

nalidades ainda hesitantes que buscavam ás apalpadellas formar uma consciencia historica, e além d'isso pertencia a um conjuncto de sentimentos dirigidos contra o predominio francês. Comprehendeu-se melhor a importancia d'essas questões quando ellas entraram na phase puramente scientifica, quando a comparação das diversas litteraturas populares fez enunciar o problema complexo da sua origem e relações».

Como nos outros países romanicos, começou-se na França pela collecionação dos cantos populares. Antes da guerra franco-prussiana achavam-se publicadas, entre outras, as collecções de Damase Arbaud (Cantos da Provença,) Eugène de Beurepair (Normandia), Buchon (Franche-Conté,) Jerôme Bujeaud (provincias do Oeste), e Tarbé (Champagne). Para o estudo das outras tradições havia muitos materiaes, pela maior parte espalhados, e muitos colhidos com pouco criterio: faltava completamente uma obra de conjuncto que se pudesse pôr ao lado dos trabalhos dos Grimms, Kuhn e Schwartz, ou mesmo de collectores allemães mais modestos, como Zingerle, Bechstein, Proehle, Rochholz e muitos outros.

Uma das causas que mais contribuiram para a collecionação das poesias populares a que alludimos foi a importancia que lhes fez dar o ministro de Napoleão III, Fortoul, quando concebeu o projecto de publicar uma collecção geral e official d'essas canções.

Depois da guerra franco-prussiana, no movimento geral scientifico em que os espiritos elevados vêm o unico meio de evitar os males que podem continuar a affligir a França, o estudo das tradições populares não podia ser esquecido; a *Romania*, fundada em 1872 por Gaston Paris e Paul Meyer, com o fim de promover os estudos das litteraturas romanicas medievaes e populares, ia dar um impulso consideravel àquelle estudo, que os dois redactores já anteriormente tinham começado a promover noutra publicação importante, fundada tambem por elles, a *Revue critique*. Em 1866 (22 de maio) publicou nesta Gaston Paris um artigo em que se acha indicado o methodo a seguir nas colleções de cantos populares e na mesma ha muitos artigos em que se dão excellentes conselhos aos colleccionadores d'outros generos populares.

A *Romania* tem inserido numerosos artigos de litteratura popular ou estudo comparado das tradições populares; mencionaremos entre outros os *Contes lorrains* de E. Cosquin, a que eruditissimas notas comparativas dão um valor particular, comquanto haja nellas falta de methodo e só possam ser consideradas como materiaes; um artigo de Milá y Fontanals sobre *La poesia popular gallega*, numerosos estudos de Gaston Paris sobre a litteratura novellistica; de Jules Cornu, *Can-*

tos e contos da Gruyère; de Victor Smith, tradições do Velay; e muitos outros, cuja lista seria longa.

Ultimamente duas acreditadas casas editoras de Paris emprehenderam collecções de tradições populares. Ernest Leroux publica *Collection de contes et chansons populaires*, em que saiu já, entre dois volumes de contos gregos e albaneses, um intitulado *Le romancero portugais*, do conde de Puymaigre. Maisonneuve & C.ª publicam: *Les littératures populaires de toutes les nations* (contos, lendas, cantos, proverbios, adivinhas, superstições).

Tem contribuido bastante para o estudo das tradições, especialmente do sul da França, a valiosa *Revue des langues romanes*, publicada pela Sociedade das linguas romanicas, que tem a séde em Montpellier.

Entre as diversas publicações relativas ás tradições populares francesas occupam um logar de primeira ordem as de M. Eugène Rolland. Já aqui fallámos das *Devinettes* publicadas por este investigador. Ha dias recebemos o VI e ultimo volume da sua *Faune populaire de la France*, publicada por Maisonneuve & C.ª, a qual deve ser seguida da *Flora popular* e d'outras obras abrangendo todo o dominio das tradições populares. Os volumes anteriores d'essa obra, cujo plano o autor continua a seguir, foram já objecto de diversos reparos da critica, concorde no resto em louvar o zelo do investigador e a riqueza dos materiaes que reuniu. M. Rolland dá-nos a proposito de cada animal a sua classificação zoologica, os nomes vulgares nos diversos dialectos da França e ainda em muitas linguas fóra da França, no que ha muitas oscillações, e faltas, resultantes do autor não ter bem delimitado o seu campo, as phrases, proverbios, lendas, contos e superstições em que figura cada um dos animaes mencionados, não só na tradição francesa, mas tambem nas d'outras nações; e por vezes dá-nos ainda mais do que indicam essas secções mencionadas no frontespicio do livro, entrando frequentes vezes nos dominios da zootechnia, e chegando até aqui a considerações praticas, como por exemplo, a proposito do costume de fazer puxar os bois pelas pontas. No artigo *Bos domesticus* temos ainda a terminologia tauromachica hespanhola. Os jogos, os cantos populares allusivos a animaes occupam na obra o logar que de direito lhes pertence no plano do autor.

Com a vastidão d'esse plano, o autor sujeitava-se necessariamente a ser muito mais incompleto do que se o tivesse traçado com estreitos limites. Na parte não francesa temos muitas vezes apenas amostras, que, como taes, não dispensam novas investigações. A parte francesa é, porém, muito completa, comquanto ainda aqui não seja difficil aos que são versados nestes assumptos indicar lacunas.

No artigo do *Caracol* não achamos, por exemplo, menção d'uma tradição muito curiosa e muito espalhada. Charles Nisard, na sua *Historia da litteratura de cordel* (I, 145-147), extraiu d'um almanach do seculo XVII a disputa dos homens d'armas e d'uma mulher contra o caracol. Uma estampa representa o caracol numa torre no acto de ser atacado pelos homens d'armas com a mulher atrevida á frente. Á intimação de sair d'aquelle logar, responde entre outras coisas o caracol:

Si ces gens-d'armes là s'approchent,
Ils en auront sur leurs caboches:
Mais je pense en bonne foi
Qu'ils tremblent de grand peur de moi.

Nalgumas tradições recolhidas na *Faune populaire* o caracol figura tambem de fanfarrão, como aqui.

Os romanistas G. Baist e A. Tobler reuniram (*Zeitschrift fuer romanische Philologie* II, 303-306 e III, 88-102) numerosas allusões a essa tradição, a proposito de uma phrase do antigo francês *assaillir la limace*, accommetter o caracol, fazer um acto heroico comparavel ao dos sete alfaiates contra a aranha, da tradição portuguesa, expressão que, como veremos, se liga á tradição do caracol.

Num canto allemão narra-se o combate dos alfaiates contra o caracol: este estende as pontas, e os heroes da agulha fogem de susto.

Noutra variante da tradição figura, em logar do caracol, a lebre, a *lepus timida*, o typo tradicional da cobardia, que, segundo o povo diz (*Faune populaire* I, 87), tendo um dia passado por um sitio onde as rãs estavam ao sol, vendo-as recolher ao pantano proximo, se riu com tanta satisfação de se vêr temida, que se lhe fendeu o labio. O mais cobarde é fanfarrão no momento propicio.

Nos *Contos* dos irmãos Grimms acha-se o dos *Sete suabos*. Os sete valentes vão pelo mundo com uma lança, uma unica lança empunhada por todos elles conjunctamente; depois de um grande susto causado por o zumbido de um besouro, viram num campo uma lebre que dormia com os olhos abertos e as orelhas erguidas. Os sete depois de se terem animado mutuamente e de terem pensado que está alli o diabo em pessoa, ou a mãe ou o cunhado d'elle, avançam; o da frente, o mais animoso, solta um grito, o animal foge, e os valentões reconhecem que era uma lebre.

Numa versão hollandesa, citada por J. Grimm, os heroes ouvem um besouro, que julgam ser o tambor do inimigo, como na versão dos

Sete suabos; e deitam a fugir. O que ia atrás toca com a ponta da orelha numa vara, plantada no caminho, e grita: «Rendo-me!» e os que iam adiante, ouvindo-o, gritam tambem: «Quartel, quartel!»

Em Portugal conta-se um caso similhante. No tempo dos franceses (isto é, da invasão das tropas napoleonicas) um valente da Idanha fugiu quando ouviu a noticia da aproximação das tropas; como o rabicho lhe batia nas costas, julgou serem franceses ás contas com elle, e gritou que se rendia.

Na Ajuda ha uma salva, de que vimos uma reproducção photographica, em que se figura o combate contra o caracol. A origem d'aquella representação parece ser desconhecida dos nossos archeologos.

É facil de ver por estas rapidas indicações que a tradição dos sete alfaiates contra a aranha é uma simples variante do conto do ataque do caracol ou da lebre. A substituição de um animal bellicoso, como a aranha, aos poltrões e fanfarrões, como o caracol e a lebre, fez perder ao conto uma parte da sua fina satira. No Fundão havia um divertimento popular consistindo num andor com uma aranha de arame, diante da qual avançavam e recuavam os alfaiates com as tesouras abertas.

A occupação dos alfaiates, a sua posição no trabalho, hoje modificada, fê-los considerar como efeminados e cobardes. O espirito popular não os poupou. O sr. Leite de Vasconcellos colligiu versos populares allusivos á nossa tradição, taes como:

Dois mil e quinhentos alfaiates
Todos postos em campanha,
Com as tesouras abertas
Para matar uma aranha.

Colligimos os seguintes, em que a classe não é mais bem tratada:

A' que d'el-rei! quem acode
Ao fogo de Santarem!
Acudam os alfaiates
Em quanto os homens não vem!

Alfaiates não são homens,
Nem se lhe podem (sic) chamar;
Em perdendo uma agulha,
Põem-se logo a chorar.

Semeei no meu quintal
O brio dos alfaiates:
Nasceu-me uma parreirinha
Rodeada de bonifrates.

Comprehende-se facilmente a alegoria da ultima quadra, cuja responsabilidade fica ao seu autor — *o anonymo.*

Póde perguntar-se agora d'onde veiu, onde e como surgiu essa curiosa tradição?

Os mythologos d'alta escola podem ver nos *sete*, por exemplo, os 7 planetas, na aranha, ou mesmo no caracol o sol, ou explicarem por qualquer outra fórma, mas sempre com a chave solar, o conto. O caso nada teria de extraordinario. Baist cita um autor francês que em 1850 descreveu uma illuminura do seculo XIII, representando um homem a retesar o arco contra um caracol no acto de este se estender para fóra da casca, e que commentou o assumpto dizendo que elle era «certamente allusivo á resurreição!»

Um dos fundadores da mythologia scientifica, Ottfried Mueller, escreveu que logo que se reduziu um mytho á sua forma fundamental elle se explica por si. Ora a nossa tradição na sua forma mesmo moderna é tão simples, que quem não vê nella um producto immediato do espirito e observação populares, não comprehenderá nada do que é esse espirito e essa observação. O nosso conto podia até reproduzir-se independentemente de transmissão. Os dados que possuimos não nos permittem determinar onde primeiro elle appareceu.

Se a mania de tudo explicar por mythos astronomicos, especialmente solares, leva a ridiculos exageros, não menos arriscada é a tendencia para querer atribuir a determinadas origens ethnicas as tradições, o que só é possivel fazer, com dados complexos, em certo numero de casos particulares.

Um escritor na *Academy* (n.º 473) transcreve o seguinte proverbio gaelico:

Tres vezes a edade do cão, edade do cavallo;
Tres vezes a edade do cavallo, edade do homem;
Tres vezes a edade do homem, edade do gamo;
Tres vezes a edade do gamo, edade da aguia;
Tres vezes a edade da aguia, edade do carvalho.

O articulista diz-nos que este proverbio tem indubitavelmente o cunho celtico; e cita para prova um parallelo kymrico, com o nome do bardo Iolo Goch, e uma versão irlandesa.

Ora todos nós conhecemos a versão portuguesa:

Uma sebe dura tres annos,
Tres sebes um cão,
Tres cães um cavallo,
Tres cavallos um homem,
Tres homens um corvo,
Tres corvos um elephante.

Mr. Rolland transcreve a seguinte versão veneziana:

Tre sievi dura un can,
Tre cani dura un cavalo,
Tre cavai dura un omo,
E tre omeni dura un corvo.

Se mais procurassemos, mais espalhado achariamos o proverbio, cuja origem celtica, asseverada no começo, apenas sobre a presumpção de que elle tem o *cunho celtico*, se torna mais que problematica. É verdade que houve celtas sobre o Adriatico; é verdade que os houve em Portugal; mas basta isto para asseverar alguma coisa, quando nós achamos os mesmos proverbios espalhados por toda a Europa, para não fallar nos que andam espalhados pelo mundo inteiro? A nós apraz-nos achar sabor iberico ao proverbio português, e sabor italico ao veneziano; deixemos a plena liberdade ao douto *folklorista* inglez, o sr. Fitzegerald, de continuar a achar-lhe sabor celtico. Se este lhe veiu dos *numeros*, d'aquella arithmetica particular, tambem podemos indicar, na peninsula iberica, outros typos do genero: por exemplo, a enumeração no famoso canto apocrypho de Altabiscar, os jogos numerativos, etc.

Collecções feitas com o zelo e consciencia das de M. Rolland são os instrumentos necessarios do trabalho serio, que um dilettantismo facil em vão suppõe poder dispensar, não chegando por isso senão a estabelecer theses ephemeras. O escriptor francês absteve-se tão completamente de toda a theoria, e, em geral, de toda a explicação, que a sua sobriedade chega a parecer-nos excessiva.

II

O estudo das tradições populares na Italia

O estudo e collecionação das tradições populares, cujo valor, como documentos historicos, ethnologicos e psychologicos, está hoje geralmente reconhecido, vae alcançando grande extensão em toda a Europa.

Esse estudo em verdade não é novo. Na França, por exemplo, encontramos collecções de proverbios, poesias populares, lendas, superstições, etc. que remontam á edade média. Na Hespanha o celebre marquês de Santilhana, um dos espiritos mais notaveis do seculo XV, reuniu os *Refranes que dicen las viejas tras el fuego*. Hernan Nuñez publicou em 1555 os seus *Refranes*, contendo proverbios em diversos dialectos peninsulares, entre os quaes se acha o português, e nesse seculo salvam-se nos *Romanceros* muitas das perolas da epopea castelhana [1]. Só no seculo XVII é que em Portugal appareceram collecções de proverbios, a independente de Antonio Delicado (1651) e a reunida, com a traducção latina, por Bento Pereira á sua *Prosodia*. Em França, no seculo XVII, Ducange no seu immenso *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, em que os nomes são apenas um pretexto para o *estudo das coisas*, reune numero considerabilissimo de documentos relativos aos costumes e ás crenças populares na edade media.

Na Inglaterra no seculo XVIII, Brand compila com singular diligencia e erudição, mas de modo um tanto indigesto, as suas *Popular antiquities*. Bluteau, entre nós, enriquece o seu *Vocabulario* com grande copia de proverbios colligidos da tradição oral, noticias de costumes, festas populares, de jogos de rapazes e até algumas rimas infantis. Fr. João Pacheco, rhapsodista de Bluteau, no seu *Divertimento erudito*, augmenta alguma coisa com relação aos jogos infantis. Citamos só alguns factos bibliographicos, e exclusivamente dos que se referem a uma colleccionação das tradições sem fim utilitario, legal ou religioso, como se dá nos *indiculi superstionum*, nos livros dos medicos, nos processos inquisitoriaes e civis, na legislação, etc.

Muitos dos grandes espiritos dos seculos XVI, XVII e XVIII, além dos eruditos já mencionados, reconheceram, sob um ou outro ponto de vista, o valor das tradições populares. Luthero dizia que não se privaria por nenhum ouro do mundo das historias maravilhosas que ouvira na sua infancia, e Leibniz falla da aguda e inimitavel força d'invenção que se acha nos jogos tradicionaes. Mas só em o nosso seculo, e depois dos trabalhos dos celebres philologos allemães Jacob e Guilherme Grimm, é que o estudo das tradições populares entrou numa phase verdadeiramente scientifica, e a sua importancia foi reconhecida sob todos os aspectos. O movimento iniciado na Allemanha propagou-se primeiramente aos países scandinavos e slavos, em que se formaram grandes collecções

---

1 Sobre os *Refraneros*, vid. D. José Amador de los Rios, *Hist. crit. de la lit. esp.* II, 582 ss.

dos diversos ramos das tradições populares e se lhes consagraram valiosos trabalhos de comparação e de interpretação.

As nações romanicas foram as ultimas a seguir esse movimento, pelo menos em toda a sua extensão, porque não desappareceu nunca completamente nellas o interesse pela vida intellectual e moral do povo, tal como se reflete na sua poesia epica e lyrica, crenças, costumes, festas, lendas, cantos, proverbios e enigmas. A Italia foi a primeira a entrar nesse movimento e é, das nações romanicas, a que nessa direcção mais tem feito em menos tempo. Bastaria conhecer as duas collecções *Canti e racconti del popolo italiano*, pubblicati per cura di D. Comparetti ed. A. d'Ancona (ed. Ermanno Loescher) e a *Biblioteca delle tradizioni popolari siciliane*, per cura di Giuseppe Pitré (Palermo, Pedone Lauriel, editore) para ter idéa das riquezas desenterradas pelos investigadores italianos do solo da tradição; mas o numero de volumes e principalmente de folhetos que elles teem publicado nestes ultimos annos sobre a materia, um tanto desordenadamente, em verdade, além d'essas collecções, é consideravel; ha tambem muitos materiaes espalhados pelos jornaes e foi emprehendida até a publicação de duas revistas especiaes: *Rivista di letteratura popolare*, diretta da G. Pitré e F. Sabatini, que não sobreviveu ao primeiro anno, e *Archivio per lo studio delle tradizioni popolari, rivista trimestrale diretta* da G. Pitré e S. Salomone-Marino, que se começou a publicar este anno em Palermo e á qual desejamos melhor sorte que á primeira.

A Italia não possue só colleccionadores de tradições populares: conta alguns eruditos de primeira ordem em materia d'estudo comparativo, e historico d'essas tradições; taes são d'Ancona, Comparetti e Pio Rajna. O estudo sobre as *Sacre rappresentazioni* e as fontes do *Novellino* do primeiro, sobre o *Livro de Sendebad* (ou dos sete sabios) e *Vergilio nel medio-evo* do segundo, sobre as epopeas cavalheirescas e as fontes do *Orlando* do terceiro, além de muitos outros trabalhos dos mesmos dão a elevada medida do seu largo saber e raro engenho. Ao douto reitor da Universidade de Pisa, Emilio Teza, devemos alguns estudos comparativos sobre contos populares, aos quaes o vasto conhecimento de linguas que o seu auctor possue dá um valor particular.

De G. Pitré, o sympathico doutor siciliano, inquestionavelmente o mais activo de todos os collecionadores italianos, recebemos ultimamente as seguintes publicações: *Catalogo e descrizione di costumi e utensilii siciliani mandati alla esposizione industriale italiana di Milano* 1881 (4.º Palermo, 1881); *Delle tradizioni cavalleresche in Sicilia, brevi cenni per l'espozisione industriale italiana di Milano* 1881 (4.º Palermo 1881); *Biblioteca delle trad. pop. siciliane*, vol. XII; *Spettacoli e Feste* (Palermo 1881, 8.º); *Il Vespro siciliano nelle tradizioni popolari della*

Sicilia (Ibid. 1882, 8.º). As duas primeiras publicações, simples opusculos, mostram como o elemento popular, ethnographico, vae penetrando nas exposições, e attrahindo portanto o interesse publico; essas publicações de Pitré devem ser tomadas em consideração, quando entre nós se trate de uma exposição do mesmo genero. O que figurou na exposição das industrias caseiras, organizada pela Sociedade de instrucção do Porto, representou muito pouco, a julgar pelos jornaes, o elemento verdadeiramente popular.

O volume XII da *Biblioteca* de G. Pitré é não menos interessante que os precedentes, e feito com egual zelo e amor do completo. Ha ali parallelos para quasi todas as festas do povo português, assim como dos outros da Europa, cujas tradições são communs. O douto e intelligente collector não evitou, porém, completamente um escolho que este volume offerecia. Nos volumes da poesia, dos contos e dos proverbios, Pitré tinha que reproduzir fielmente as palavras do povo, o que elle fez sempre, juntando variantes, e inserindo notas muito valiosas de diversa materia; mas aqui tratava-se de descrever, contar com as proprias palavras do collector, que se transformava em autor.

Havia dois systemas a escolher: ou o collector descrevia á maneira do que fazem em geral os viajantes, etc. as festas e costumes do povo, em discurso seguido, buscando o tom pittoresco e soccorrendo-se, portanto, das minudencias, dos accidentes que completam o quadro; ou, pondo de parte tudo o que é secundario, accidental, indicava apenas os pontos essenciaes, os que interessam á sciencia e ao estudo comparado, historico e genetico das tradições, e indicava-os em paragraphos destacados, numerados até, para maior commodidade. Em a nossa *Revista de ethnographia e de glottologia* seguimos o segundo systema, adoptado por homens como Adalbert Kuhn; é o systema que convem quando se attende só ao valor d'essas tradições para a sciencia e se quer ministrar aos especialistas materia commodamente disposta para os seus estudos. Pitré, que attendeu, sem duvida a um publico geral, quis evitar a seccura da enumeração e dá-nos assaz minuciosas descripções, que podem impacientar, por vezes, os que querem ver a medulla das coisas e não teem muito tempo para estar a quebrar o osso. Muitas das particularidades referidas por Pitré teem, além d'isso, caracter mais ecclesiastico, ou que revela influencia ecclesiastica, que verdadeiramente popular.

Nos diversos volumes da sua magnifica *raccolta* tem tido G. Pitré occasião de explicar numerosas allusões a factos historicos que se encontram nessa litteratura popular. O povo siciliano é vivo, intelligente, interessado pelas coisas do passado, como pelas do presente. Quando, ha alguns annos, um certo numero de homens de sciencia, entre os

quaes havia Renan e Gaston Paris, se reuniram em Palermo, num congresso improvisado, o povo siciliano saudou-os pelas estradas, clamando: «Vivam os sabios!» A vivacidade caracteristica dos antigos siceliotes não abandonou ainda os seus modernos representantes: exemplo não raro de persistencia de caracteres ethnicos, através de uma accidentada vida politica. Concebe-se, pois, como em tal povo o grande episodio das Vesperas sicilianas deixasse uma impressão profunda, inextinguivel talvez, emquanto as condições de vida da Sicilia não experimentarem alguma transformação, que por assim dizer, submerja esse povo original. Pitré já na sua *Biblioteca* dera algumas tradições ácerca das Vesperas; a sua monographia sobre o assumpto é valiosissima: achamos nella reunidos a lenda principal, as tradições locaes, proverbios e phrases proverbiaes, cantos populares, jogos e usos relativos ou explicaveis pelo facto historico. Ha aqui um campo excellente de exploração para quem estuda as relações entre a lenda e a historia, e entre a poesia popular e a historia.

São de bom conhecedor da historia da poesia popular, como elle sempre nos mostrára ser, as observações de Pitré na sua *Avvertenza*, em que considera a maior parte das peças poeticas que publicou, como tendo nascido posteriormente ao successo: umas, as mais antigas, são talvez apenas a apropriação pelo povo de cantos do seculo XIII, de origem em rigor não popular; outras sairam das lendas em prosa pelo trabalho dos Homeros campesinos, perfeitamente analphabetos; do ultimo caso, dá-nos a collecção um exemplo perfeitamente authentico — a transformação da lenda oral num poemeto de sete oitavas por um poeta campesino d'Alcamo, nosso contemporaneo. É do estudo detido dos factos d'esta natureza que póde sair uma séria theoria da poesia tradicional, sobre a qual tantos disparates se teem escripto.

Pitré dá alguns echos das Vesperas fóra da Sicilia e ainda da Italia. Em Portugal, país tão avesso a tradições historicas, não cremos que se encontre nenhum.

Vestru, scene del popolo siciliano, por S. A. Guastella (Ragusa, 1882, 8.º), livrinho que nos envia o seu autor, faz-nos ainda demorar um pouco com o povo siciliano. O signor Serafino Amabile Guastella publicou, em 1876, *Canti popolari del Circondario di Modica*, que só conhecemos por algumas noticias, por exemplo, a de F. Liebrecht, na *Zeitschrift fuer romanische Philologie*, I, 434-442; agora dá-nos um poemeto da sua lavra, interessante pelos costumes que descreve, pela linguagem plebéa em que está escripto, pelas notas e observações diversas que o acompanham. Essas notas, que teem maior extensão que o texto, comprehendem um bom numero de lendas e contos stenographados da boca popular.

O signor Guastella cita na sua *prefazione* um facto muito interessante, com quanto não particular á Sicilia, mas que nella se apresenta num grau mais intenso: é a distinção phonetica entre a linguagem colloquial, a do conto e a da poesia. O autor dá-nos os seguintes exemplos de Chiaramonte:

Linguagem colloquial: *Uzzumaò. — Capicciavi lammasciarà.*

Linguagem do conto (as mesmas phrases): *'u zzu mónucu 'a vo'. — c' a za Vita l'ha massciu Arà.*

Linguagem da poesia (as mesmas phrases):— *Lu zu mònucu la voli. Ccu la za Vita mastr' Aràziu l'havi.*

Para fazer idéa clara do processo comparem-se as formas portuguesas: *você, vocemecê* e *vossa mercê.*

Como se vê, das formas perfeitas conservadas na poesia saem por um processo de alteração phonetica crescente (apherese, apocope, syncope de certos sons e contracções subsequentes) as formas da linguagem do canto e d'estas as da colloquial.

O signor Stanislao Prato, professor no lyceu real de Como (Italia), fez-nos offerta de diversos seus estudos: *Quatro novelline popolari livornesi accompagnate da variante umbre... con note camparative* (Spoleto, 1880, 8.º max.); *Una novellina popolare monferrina... illustrata con note comparative e preceduta da una prefazione sull' importanza della novellistica popolare comparata* (Como, 1882, 8.º); e diversos artigos de jornal, comprehendendo um *saggio critico* sobre o *homem na lua.* O sr. Prato revela nesses estudos uma erudição já extensa no dominio das tradições populares, comquanto evidentemente nem tudo nessa erudição seja de primeira mão. O servir-se das citações alheias, sem um salvador e consciencioso *apud*, que a ninguem deve envergonhar, dá muitas vezes em resultado erros e confusões que é de honra evitar. Assim o signor Prato, que não viu as *Poesias e prosas* de Soropita, publicadas pelo sr. Camillo Castello Branco, nas quaes ha uma allusão ao conto das *Tres cidras do amor*, nem o livro do sr. Th. Braga, *Estudos da edade media*, em que ha uma versão do conto, e só teve conhecimento d'essas obras pela prefação dos nossos *Contos populares portuguezes*, faz a pag. 62 das *Quatro novelline* o sr. Th. Braga autor das *Poesias e prosas!*

Os trabalhos do sr. Prato offerecerão ricos materiaes aos que estudarem os contos sob um ponto de vista superior e verdadeiramente scientifico, ponto de vista a que muito poucos teem até hoje subido de modo completo.

O que nós entendemos por esse estudo scientifico tentámos mostral-o praticamente no ensaio comparativo, historico e genetico sobre o conto do *Justo juizo* na nossa *Revista d'ethnologia*, ensaio que não nos

atreveriamos a citar, se elle não tivesse ganho a approvação de um juiz competentissimo, M. Gaston Paris, que neste campo nos precedêra. O sr. Gustav Meyer, professor na universidade de Gratz, num artigo do *Beilage zur Allgemeinen Zeitung* (n.º 199, 18 julho, 1882), em que nos dirige algumas expressões muito amaveis e lastima o pouco interesse que em Portugal se manifesta pelos nossos estudos e esforços, dá noticia de uma publicação recente de K. Varnhagen *Sobre um conto indiano na sua migração pelas litteraturas asiaticas e europeas*, e allude a outro livro publicado em 1873 por Griesebach *Sobre a matrona de Epheso*, conto que já se acha em Petronio e se descobriu na China; não conhecemos esses estudos, que, segundo o sr. G. Meyer, se filiam nas tendencias que aspiramos a representar.

Quem não conhece alguma das fórmas da lenda com que o povo explica as sombras da lua? Entre nós conta-se geralmente que na lua está um homem com um feixe de vides por castigo de as andar a cortar ao domingo. Todos os povos da terra explicam por mythos, com maior ou menor concordancia ou divergencia, aquellas sombras.

A tradição tem sido estudada varias vezes, por exemplo por O. Peschel num artigo da *Allgemeine Zeitung* (n.º 313, 1869), reproduzido nas suas *Memorias de geographia e ethnographia*, publicadas por Loewenberg (*Abhandlungen*, etc. Neue Folge, pag. 327-337). O signor Prato, que não sabe da existencia do artigo do deplorado ethnographo allemão, occupou-se do assumpto no *Preludio* (Ancona-Bologna, v., n.º 2) e numa folha avulso, reunindo muitos dados interessantes, entre os quaes uma versão nova popular de Livorno. Ao transcrever a nota de R. Koehler á versão agenense (em Bladé, *Contes pop. recueillis en Agenais*, p. 158-9), o signor Prato fundiu o titulo d'uma obra de Kuhn com uma de Curtze. Nos trabalhos de bibliographia a exactidão é uma condição indispensavel.

Além do artigo de Peschel não vemos citados nem pelo signor Prato, nem por Koehler, o maior conhecedor da litteratura tradicional, as seguintes obras em que a lenda se encontra:

Otto Sutermeister, *Kinder-und Hausmaerchen aus der Schweiz* (Aarau, 1873, 8.º), n.º 57 e nota, pag. 230; Brand, *Popular antiquities* (ed. 1877), III, 153-4; J. P. Hebel, *Alemannische Gedichte* (Aarau, 1859, 8.º), p. 36-38; P. Sébillot, *Contes des paysans et des pêcheurs*, n.º 64. Suttermeister e Brand indicam muitas outras obras, com que se pode completar a bibliographia da lenda, sobre a qual, ha ainda dados interessantes em *The archeological Journal* (London, 1848, 8.º), v., 66-67.

Do signor Mattia di Martino recebemos duas pequenas publicações, de que fallaremos a proposito d'outra hespanhola do mesmo genero, em

um futuro artigo. O doutor Giuseppe Bellucci, sympathico perugino que o congresso anthropologico de 1880 nos fez conhecer pessoalmente, envia-nos *Catalogo della collezione di amuleti inviata all' esposizione nazionale di Milano*, 1881. O signor Bellucci tem feito estudo especial das superstições relativas aos amuletos e já no congresso nos deu a conhecer alguns d'esses amuletos, provando-nos o emprego ainda vivo de fragmentos craneanos, repetição do das rodellas craneanas obtidas na epoca neo-lithica pela trepanação. A trepanação prehistorica foi estudada de modo muito completo por Broca numa memoria lida no congresso de Buda-Peste (*Revue d'antropologie*, VI, n.os 1 e 2).

O uso dos amuletos em geral remonta ás camadas mais antigas das crenças humanas.

III

O estudo das tradições populares na Hespanha

1.

A Hespanha, país evidentemente riquissimo de tradições populares, é ainda hoje um dos mais mal explorados na Europa, nesse sentido; mas, como vamos vêr, ha boas razões para esperar que em breve nos seja accessivel, de modo assaz completo, o estudo d'essas tradições.

Reunido no *Romancero general* de Duran (2.a ed. Madrid, 1849-51, *Biblioteca de autores esp.*, vol. X e XI,) quasi tudo quanto as antigas impressões tinham salvo da velha poesia epica popular da Hespanha, completado o trabalho de Duran por investigações posteriores, restava reunir o que d'aquella poesia existia na tradição oral para o comparar com as versões dos *Cancioneros, Romanceros* e *folhas volantes do seculo* XVI. Para a Catalunha deu exemplo nesta direcção Milá y Fontanals com o seu *Romancerillo catalan (Observaciones sobre la poesia popular, etc.,)* e mais tarde Pelay Briz publicava as *Cansons de la terra* (1866-77); J. Amador de los Rios colligiu *romances asturianos*, mas das outras provincias ha muito pouco conhecido. A lyrica popular tem sido mais feliz, sem duvida pela sua maior frequencia e facilidade de a colligir. É bem conhecido o *Cancionero popular* de Lafuente y Alcantara (Madrid, 1863, 8.o,) a que pódem juntar-se muitos outros productos lyricos da inspiração popular contidos em diversos volumes e publicações periodicas, alguns dos quaes abaixo mencionaremos. Citaremos (por as termos á mão) as seguintes obras em

que ha romances que faltam em Duran: *Ueber eine Sammlung spanischer Romanzen in fliegenden Blaettern auf der Universitats Bibliothek zu Prag*, von Ferdinand Wolf (Wien, 1850, 4.º), e *Romancero del Cid*, nueva edicion etc., por Carolina Michaëlis (Leipzig, 1871, 8.º,). O riquissimo *refranero* hespanhol espera ainda um trabalho de colleccionação e organização que satisfaça as exigencias da sciencia, caso em que não está a volumosa obra de Sbarbi, como mostrou muito bem M. Morel-Fatio na *Zeitschrift fuer romanische Philologie* I, 447-453.

A colheita dos contos populares foi começada por catalães, que, se politicamente pertencem á Hespanha, pela lingua pertencem ao dominio do provençal. Milá y Fontanals, o sabio professor de Barcelona, autor de importantes trabalhos sobre a litteratura dos trovadores e a poesia epica medieval, inseriu alguns contos nas suas *Observaciones sobre la poesia popular* (Barcelona, 1853), livro que ainda não logramos vêr. Maspon y Labrós começou depois a publicação de *Lo Rondallayre, quentos populars catalans*. A distincta romancista que se assignava Fernan Caballero inseriu nalguns dos seus romances diversos contos populares, numa fórma por vezes pouco genuina, os quaes F. Wolf traduziu em *Beitraege zur spanischen Volkspoesie aus den Werken Fernan Caballero's*, no Boletim das sessões da academia de Vienna, classe hist. phil. vol. XXXI, 133-218. Em 1866 saiu na *Coleccion de autores españoles* de Brockhaus (Leipzig) um volume de *Cuentos y poesias populares andaluces* colleccionados por Fernan Caballero, de que se fez em Madrid em 1877 nova edição, que ainda não vimos.

Não cabe aqui a menção de productos litterarios de autores, a quem apraz classifical-os com a designação de populares, como os *Contos* de Trueba, lendas e romances de muitos outros. Seja qual fôr o seu valor litterario e ainda que se baseiem sobre tradições populares, são de interesse inteiramente secundario para o ethnologo.

Não conhecemos volume algum hespanhol exclusivamente consagrado aos costumes, festas, e superstições populares ou a uma d'essas especies; não fallamos, está claro, das obras em que os costumes populares são apenas um pretexto para bordados e phantasias de litteratos. Naquelle genero ha muita coisa aproveitavel espalhada pelas publicações periodicas, etc.

Fôra em extremo conveniente organizar uma bibliographia das obras e artigos sobre as tradições de Hespanha, ou colligir em volumes o que anda tão espalhado. As revistas provincianas sobretudo, como *La Galicia*, *La Ilustracion gallega y asturiana*, devem ser especialmente exploradas. Uma das que dão mais ampla colheita é *La Enciclo-*

pedia, de Sevilha; esta revista tornou-se até o ponto de partida d'um consideravel movimento no sentido dos estudos de que nos occupamos, no reino vizinho.

Um dos collaboradores mais assiduos da *Enciclopedia* na secção especial nella inaugurada de litteratura popular foi Don Antonio Machado y Alvarez, que usa de *Demófilo*, como adequado *nom de plume*: é um mancebo cheio de zelo e enthusiasmo pelas tradições populares, infatigavel na propaganda dos seus sentimentos, mas a quem falta direcção scientifica: tem, porém, o respeito da genuina forma popular, que falta nalguns dos collaboradores da *Enciclopedia*, que evidentemente nos dão *rifacimenti* das narrativas populares. Alvarez esforçou-se com louvavel empenho por conhecer os trabalhos dos collectores e mythologos dos outros países; mas é evidente que os seus recursos bibliographicos são muito menores do que os de que dois ou tres investigadores em Portugal dispõem.

Entre os artigos dos numeros da *Enciclopedia* de 1880, que possuimos, citaremos: *De la poesia popular gallega*, *El juego de recotin-recoton*, *El garbancito*, *Dos romances tradicionales*, de Alvarez; *e Los trovos* e *Cinco contezuelos populares*, de F. Rodriguez Marin, e *Las saetas*, de Sbarbi, que offerecem todos muito interesse pelos materiaes.

Recebemos ha dois annos de Demófilo *Coleccion de enigmas y adivinanzas en fórma de diccionario* (Sevilha, 1880, 8.º peq. preço 3 pesetas), a que pelo genero juntamos dois opusculos que nos envia o signor Mathia de Martino, *Enigmes populaires siciliennes* (Paris, 1878, 8.º, 12 pp.) e *Indovinelli popolari* (Notto, 1882, 4.º, edizione di soli 60 esemplari). A collecção de Demófilo é a mais rica que conhecemos. Em verdade nem tudo nella é popular, mas a parte litteraria tem interesse e serve para esclarecer a popular. São muito valiosas as indicações bibliographicas com que o autor acompanhou a sua collecção. Em folhetins de *El Mercantil Sevillano* (1881) comparou Demófilo as *adivinanzas* hespanholas com as francesas, servindo-se para estas da bella collecção de Eugène Rolland *Devinettes* ou *Enigmes populaires de la France* (Paris, 1877, 12.º), a que um prefacio de Gaston Paris e ricas notas comparativas do collector dão um valor inestimavel. M. Rolland deu tambem nesse volume uma assaz completa bibliographia, a que sairam addições de H. Gaidoz na *Mélusine*, periodico destinado ao estudo das tradições populares, que infelizmente durou só um anno (1877). As seguintes indicações que as nossas leituras nos ministraram servirão para alargar o quadro d'essa bibliographia (é possivel que algumas d'ellas se encontrem num artigo sobre as *Devinettes* de Rolland que G. Pitré fez inserir numa revista italiana que não temos á mão):

— Milá y Fontanals, *Anciens énigmes catalans* em *Revue des langues romanes*, 1877, n.º 1. — G. Ferraro, enigmas em *Rivista de filologia romanza* II. — Enigmas diversos nas *Piacevole Notte* de Straparola. — Enigmas allemães em A. Schleicher, *Volksthuemliches aus Sonneberg* (Weimar, 1858) pp. 87-90. — Enigmas gaelicos em J. F. Campbell, *Popular tales of the Highlands* (Edinburgh, 1860), II, 394-409. — Sauvé, *Devinettes bretonnes* em *Revue celtique* IV, 60-103. — Diversos enigmas da Suissa (não de caracter verdadeiramente popular) em A. Godet, *Echos du bon vieux temps* (Neuchâtel et Genève, 1881, 4.º). — Eugen Prym und Albert Socin, *Syrische Sagen und Maerchen* (Goettingen, 1881); o appendice n.º LXXXVI é formado por enigmas populares syrios. — Enigmas em creolo francês da ilha Mauricio, publicados por C. Baissac, *Étude sur le patois créole mauricien* (Nancy, 1880), p. 204-231; os negros chamam-lhes *sirandanes*. — Nós publicámos enigmas creolos de Cabo-Verde no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, nova serie, n.º 3, pp. 135-6, e enigmas de Portugal em *Zeitschrift fuer romanische Philologie* III, 1877. — Numerosos enigmas portugueses reunidos por Th. Braga e J. Leite de Vasconcellos foram publicados na *Era Nova* I, 241-255 e 433-442. — Na *Mélusine* achamse espalhadas varias devinettes e na col. 200 dá-se noticia d'uma collecção de enigmas populares serbos. — O *Archivio* de Pitré, *El Folklore andaluz*, de que vamos fallar, contribuem tambem para a litteratura dos enigmas populares, cujo interesse é consideravel para o ethnologo. — Os enigmas populares teem muitas vezes relações com os mythos; revela-se nelles a imaginação poetica espontanea e, como com os outros generos da litteratura tradicional, dá-se com este o facto de que os mesmos productos se encontram em diversissimos povos e em tempos diversos. As publicações de Demófilo e de Martino são pois bem vindas, como uma contribuição mais para os conhecimentos ethnologicos.

Um dos factos que a comparação d'essas diversas collecções de enigmas nos permitte tambem afirmar, é que em muitos casos os productos d'esta especie, como outros que falsas theorias fazem considerar como genuinamente populares, tem origem puramente litteraria. Ouvimos ha annos na Foz do Douro o seguinte enigma do *gallo*:

Á meia noite — se levanta o francês;
Sabe d'horas — não sabe de mês;
Tem esporas — não é cavalleiro;
Tem serra — não é carpinteiro;
Tem picão — não é pedreiro;
Cava no chão — não acha dinheiro.

A origem litteraria d'este enigma é provada claramente pelo jogo de palavras *gallo* animal, e francês; o povo não sabe nada da Gallia. Pouco depois achámos nas *Noites* de Straparola (trad. franc.), contista fallecido em 1540, variante da seguinte forma:

Sur la minuict un se vient à lever,
Du tout barbu, et barbe ne fait croistre,
Notant le temps sans astres observer,
Portant couronne, et n'est ne roy ne preste;
Les heures chante et se sent résonner,
Esperonné ains que chevalier estre,
Il paist enfans sans femme rien avoir.
Bien est subtil qui le pourra savoir.

Nas *Devinettes* de Rolland (p. 28 ss. 153), nas *Adivinanzas* de Demófilo (n.os 465 ss.), no *Archivio* de Pitré (I, 407), ha outras variantes do enigma; mas em nenhuma das estrangeiras que conhecemos o *gallo* é chamado francês, o que prova para a portuguesa a transmissão litteraria.

Eis uma versão marchigiana, bastante completa (*Archivio* loc. cit.):

O Lisabetta cos'è st'animel;
Porta la bretta, e n'è un cardinel;
Porta la barba, e n'è un capuccin;
Porta'l baston, e n'è un pellegrin;
Ha du' pall', e n'è un cannonier;
Chiude i buch, e n'è um murador.

Mais uma vez se vê ainda, do nosso enigma, que é falsa a opinião dos que asseveram que o povo não repete coisas que não entende.

Á actividade de Demófilo se deve a fundação d'uma sociedade, tendo Sevilha por sede, destinada ao estudo das tradições populares da Andaluzia, a qual se constituiu em novembro de 1881 sob a denominação de *El Folk-lore andaluz*. *Folk-lore* é a expressão com que os ingleses significam as tradições populares no seu conjuncto, o *saber popular*: é uma expressão que designa pois com perfeita justiça o seu objecto, e não com desprezo, como tantas outras que ás vezes se applicam a essas tradições. A falta d'uma boa designação correspondente noutras linguas vae fazendo adoptar essa; em francês vemos até já a expressão, em verdade barbara, de *folkloriste*. A sociedade nomeou seus socios honorarios em Portugal os srs. Z. Consiglieri Pedroso, T. Braga, Antonio Carvalho Monteiro e o signatario d'este artigo. Ignora-

mos quem seja o sr. Monteiro, cujo nome, apesar das nossas investigações, não vimos figurar em publicação alguma relativa a *folk-lore*, que chegasse ao nosso conhecimento. Haveria equivoco da parte da sociedade andaluza, ou haverá simplesmente ignorancia da nossa?

El Folk-lore andaluz é o titulo do orgão da sociedade, cuja publicação começou em março do corrente anno, e de que temos presente cinco numeros. Ha nelles muito interessantes materiaes para o conhecimento das tradições do reino vizinho, mas em geral muito fragmentarios: preferiamos artigos mais extensos, onde se reunissem numerosas peças do mesmo caracter ou genero. Algumas peças teem um valor muito subordinado, como os pregões modernos de Sevilha. Sob o ponto de vista scientifico, o nivel da revista está abaixo do que se desejaria. Os methodos scientificos de investigação no dominio das linguas e das tradições populares são lettra morta para uma grande maioria dos doutos de Hespanha. A erudição dos *folk-loristas* de Sevilha parece-nos demais em extremo fraca. Ora convem que todos os *folk-loristas* fixem como regra de proceder o principio enunciado já mais de uma vez de que não são obrigados a ser eruditos, a fazer notas comparativas; mas sim a colligir com a maior fidelidade as tradições populares e a publica-las de modo que facilitem as investigações dos eruditos especiaes que sobre ellas teem que basear os seus estudos comparativos, geneticos e historicos. Muito poucos podem accumular os dois officios. Se a um *folk-lorista*, que modestamente reuniu e ordenou com simplicidade e intuição do seu valor, as tradições de uma cidade, de uma provincia ou nação, sem commentarios, damos os nossos sinceros applausos, poderemos nega-los ao que, sem preparação sufficiente, se mette em especulações comparativas e mythologicas.

Quereriamos ver supprimidos de *El Folk-lore andaluz* os artigos do sr. Garcia Blanco, douto hebraista que em materia de glottologia está atrasado mais d'um seculo. As suas etymologias são por via de regra simples desconchavos. Um exemplo: «*Vulgo* es palabra hebrea, compuesta de dos: *goi—gente, y vol o vul—volver, revolver, traer á rastra; de suerte* que *vulgo* es como decir *gente revuelta, descompuesta inculta, incola*, dicen los diccionarios, habitante del campo, gente inculta, *revoltosa, voluble (bol, bul, balal)*, etc.». Qualquer diccionario hebraico diz-nos que *goi* significa *confluxus hominum, gens, popolus;* emquanto á raiz *bol* ou *vul* temos duvida que exista em hebreu com a significação que o sr. Blanco lhe attribue; mas não somos hebraista; póde ser que o escriptor hespanhol tenha seus fundamentos para a asserção; todavia d'um *bolgoi* ou *goibol* é que não cremos que elle nos possa provar a existencia em hebreu; e ainda quando a provasse, isso não provava nada para a etymologia do latim *vulgus*, a menos que

não se admitta a torre de Babel. *Vulgus* vem d'uma raiz indo-europea *varg*, que nada tem que ver com o hebreu; é o que admittem os discipulos de Bopp, de cuja existencia o sr. Blanco parece ter uma ignorancia absoluta. Em sanskrito, por exemplo, ha o thema *varga*, reunião, fileira de coisas, classe, ordem. Mas esse exemplo não é das mais phantasiosas explicações do philologo sevilhano. Eis uma outra mais curiosa.

Segundo o sr. Blanco, o *n* de *asín*, *asina*, originarios do latino *sic*, tem uma explicação muito facil, oriental, para quem saiba o que era o *n* nas linguas orientaes: chamava-se *nun*, e esta palavra era como quem dizia *augmento*; de modo que o vulgar andaluz *asín* ou *asina* vem de que os andaluzes, advinhando, sem duvida, por algum processo extraordinario que o autor não nos explica, apartam-se do *c* de *sic*, e do *t* e *u* de *sicut*, juntam ao *si* o *n* que vale por *nun*, que quer dizer augmento, para exforçar mais a idéa ou relação de similhança! Lastimamos sinceramente que uma tão sympathica sociedade inserisse na sua revista taes erros.

A sociedade sevilhana serve de typo a outras sociedades que nas diversas provincias de Hespanha se vão formando para o estudo das tradições populares: é bom que o typo se aperfeiçoe, reduzindo-se ao seu campo proprio — colligir as tradições sem commentarios, nem philologias.

Juan del pueblo, Historia amorosa popular, ordenada e ilustrada por Francisco Rodriguez Marín (Sevilla, 1882, 8.º), é um livrinho elegantemente impresso, obra de um infatigavel investigador do circulo sevilhano. Não discutiremos a forma de narração seguida que o sr. Marin entendeu convinha dar ao seu livro, em vez de limitar o seu trabalho a uma simples classificação e agradecer-lhe-hemos a valiosa collecção de coplas populares andaluzas que nos ministra, como amostra da vasta collecção de *Cantos populares españoles* que prepara.

Da *Coleccion de Cantos flamencos*, recojidos y anotados por Demófilo, publicação que interessa sob muitos pontos de vista, fallaremos a outro proposito.

Todas as publicações de que fallamos offerecem numerosos parallelos das tradições portuguesas. Sabia-se já que o nosso romanceiro quasi por inteiro viera da Hespanha; agora demonstra-se que grande numero das coplas lyricas, quasi todos, senão todos os jogos de rapazes, muitos ensalmos são communs aos dois povos peninsulares e, em geral, communs numa forma que póde chamar-se peninsular, por opposição á forma com que as mesmas tradições occorrem fóra da peninsula. As explorações dos folk-loristas hespanhoes interessam-nos pois tanto como as dos nossos.

2.

Cantos populares españoles, recojidos, ordenados y ilustrados por Francisco Rodriguez Marin, 5 vols. 8.º, Sevilla, Francisco Alvares & C.ª editores, 1882-1883.

O movimento a favor do estudo das tradições populares, propagado até a Hespanha e Portugal [1] continua desenvolvendo-se. No reino vizinho multiplicam-se as sociedades do *Folk-lore*, graças á energica iniciativa do sevilhano Antonio Machado y Alvarez. O jornal *El Folk-lore andaluz*, orgão da sociedade do mesmo nome, terminou no I volume, cujos primeiros cadernos aqui apreciei, sempre com as mesmas qualidades e infelizmente com os mesmos vicios; mas o essencial por emquanto, a reproducção sincera pelos typos d'um consideravel numero de tradições populares, é um serviço inquestionavel prestado pelo mencionado jornal. *El Folk-lore frexnense*, orgão da sociedade extremenha de Folk-lore, com a séde em Fregenal, provincia de Badajoz, passou a ser orgão commum d'essa sociedade e da andaluza com o titulo de *Folk-lore betico-extremeño*, revista que tem aproximadamente o caracter de *El Folk-lore andaluz*.

Entre as sociedades folk-loricas [2] de mais recente fundação mencionarei a castelhana, que tem por presidente Nunes de Arce, e conta entre os seus membros muitos dos mais distinctos litteratos e professores de Madrid, e a toledana. A castelhana acha-se dividida em secções: litteraria, juridica, de bellas artes, botanica, zoologica, matematica, etc., etc. É mister não distender tanto o folk-lore pelas secções que pertencem ao dominio da verdadeira sciencia, sob pena de o desacreditar pelo exagero.

---

[1] Vidé neste jornal [*J. do Commercio*] os artigos sobre o estudo das tradições populares em Italia (n.º 8:656), na Hespanha (n.º 8:680), na França (n.º 8:715) e em Portugal (n.ºs 8:706 e 8:726). Não fallei da litteratura popular rumenica, cujos productos me são quasi inacessiveis. A obra de M. Gaster, *Litteratura popular romana* (Bucuresci, 1883), é a mais importante sobre esse assumpto.

[2] O termo *folk-lore* e os seus derivados parecem ter recebido de vez o direito de cidade em a nossa peninsula. E porque não? Vale elle menos que o termo *thalweg*, por exemplo, que nenhum engenheiro hesita em empregar? Os allemães não repellem o termo, como eu vejo em um artigo, entre outros, do dr. Gustavo Meyer de Graz, na *Allgemeine Zeitung*.

Não confundamos as ingenuas crenças do povo com a sciencia. Que terá que fazer, por exemplo, uma secção de saber popular geologico?

A collecção de D. Francisco Rodriguez Marin, um joven advogado de Ossuna, de que já aqui annunciei um pequeno escripto folk-lorico, *Juan del Pueblo*, é por emquanto o mais consideravel producto do movimento recente dos hespanhoes a favor das suas tradições populares. Essa collecção, pela riqueza dos materiaes e sinceridade da reproducção, vem tomar um digno logar ao lado das mais importantes dos outros povos. O collector está apenas no começo dos estudos comparativos e num país onde os methodos rigorosos das investigações da glottologia e da litteratura comparada são ainda quasi inteiramente desconhecidos; mas é novo, intelligente, de rara modestia e ardente fé; diz-nos que ao cabo da sua primeira empresa é que lhe affluiram os materiaes para os estudos comparativos; ha pois as maiores razões para esperar que a parte comparativa das suas ulteriores publicações seja muito superior á dos *Cantos españoles* e sobretudo que alguns erros que se acham nas suas notas não se reproduzam nos livros futuros do collector.

Custará sem duvida aos discipulos do sr. Garcia Blanco, o celeberrimo hebraista, escapar inteiramente á influencia de tal mestre; mas ainda que lhe seja doloroso faze-lo, é mister praticar o acto de coragem. Com franqueza — o sr. Garcia Blanco é um fossil philologico, uma pura curiosidade de outros tempos. É deixa-lo em paz, e estudar Diez e sua escola, Bopp e seus discipulos e os outros verdadeiros mestres da sciencia. *Time hominem unius libri.* O sr. Garcia Blanco que acha tudo na Biblia, até os ciganos, é de se lhe fugir a vapor.

Da insufficiencia da informação do Sr. Marin resultou, por exemplo, reproduzir o denominado *Canto de Lelo*, sem dizer que esses versos em que se quiz vêr um antiquissimo canto iberico, são apenas uma falsificação moderna, como o canto de Altabiscar, etc. Depois do que sobre o assumpto escreveram Bladé, Vinson e outros, a questão está liquidada. De proposito começo pelo lado criticavel da obra para não ter no resto senão que louvar. Feitas essas reservas, é de justiça dizer que as notas conteem muita doutrina e materiaes uteis.

Emquanto ao texto, ao que respeita propriamente a colleccionação, os nossos leitores farão idéa exacta pela seguinte *estatistica*, que extraio do post-scriptum de Demófilo á obra e que indicará ao mesmo tempo a divisão d'ella; 41 nanas (cantos de berço), 204 rimas infantiles, 697 adivinanzas, 25 pegas, 105 oraciones, ensalmos y conjuros, 598 requiebros, 337 declaracion, 937 ternezas, 282 constancia, 183 serenata y despedida, 138 ausencia, 109 celos, quejas y desaveniencias, 91 odio, 359 desdenes, 671 penas, 31 reconciliacion, 29 matrimonio, 539

teoria y consejos amatorios, 56 cariño y penas filiales, 183 religiosas, 348 sentenciosas y morales, 87 fiesta y baile, 14 columpio, 456 jocosos y satiricos, 624 estudiantes, etc., 113 carcelarios, 38 historicos, 280 locales y 43 varios. As notas conteem mais de 800 variantes e uns 160 ou 180 cantos gallegos, asturianos, catalães e malhorquinhos. A numeração da obra sobe até 8:174. E apesar d'essa riqueza o collector diz-nos ainda ter para publicar mais de 11:000 cantos. É mister observar que esses cantos são geralmente curtos, em grande numero simples quadras ou tercetos. Faltam os cantos épicos.

O primeiro volume contém a parte mais interessante da obra sob o ponto de vista da tradição: é nelle que encontramos em geral o que tem mais fundas raizes no passado: os jogos e rimas infantis, as adivinhas e os ensalmos. Os parallelos com as tradições portuguesas offerecem-se numerosos, e não escasseam com as de outras nações. Eis alguns exemplos.

Na Andaluzia os rapazes dizem as seguintes palavras rapidamente fazendo riscos num papel correspondentes a uma ou duas syllabas, que no fim são contadas:

Quince son quince,
Quince, quince, quince,
Quince son quince,
Quince, quince son.

Na Catalunha ha exactamente o mesmo jogo e com as mesmas palavras. Em Portugal diz-se:

Una, una, una,
Una, duna, tena,
Eram dois irmãos,
Mataram duas rezes,
Depois d'ellas mortas
Contaram vinte e tres.

Na Silesia ha um jogo correspondente:

Eins, zwei, drei
Firlerfirlefei
Firlefirle firlefirle firlefirlefei
Wer kan zwanzig zaehln, zwanzig stehn da.

Na Sicilia:

Unu, dui e tri
Fila, fila fa,
Fila, fila, fila
Fila, fila fa,
Te ren fan sin ze len ca
An sche, ten sche
Anali da.

Na Suissa:

Quinze font quinze; je parirais bien quinze
que quinze font quinze. Comptez les y
voilà (= 15 mots).

Nos *Cantos populares do Brazil*, colligidos pelo sr. dr. Sylvio Roméro, ha um em que se trata de um casamento, para cujo enxoval cada um de diversos animaes dá uma peça:

— Velha bizunga,
Casai vossa filha,
P'ra termos um dia
De grande alegria.

— Eu, minha filha,
Não quero casar,
Pois não tenho dote
Para a dotar.

Saiu a *Preguiça*
De barriga lisa.
— Case a menina,
Que eu dou a camisa.

Depois figuram a cabrita, o veado, o cabrito, o bezouro, a cachorra, a trahira (pequeno peixe), o coelho, etc.

Publicarei brevemente uma versão elvense d'esta tradição, que diverge da brasileira para se aproximar da andaluza, da collecção que examino. Esta começa da seguinte fórma:

La purga y er piojo
Se quieren casá;
Por farta de trigo
No lo han hecho ya

Arrunrun
Que delarma'rrunrun.
Salió una jormiga,
De su jormigá:
— Hágase la boda;
Yo daré un costá.

Nas *Rimes et jeux de l'enfance*, volume publicado em 1883, diz E. Rolland:

«De todas as partes do Folk-lore aquella cujas origens mais difficilmente se desvendarão é a litteratura das rimas e jogos que as crianças se transmittem desde os tempos mais afastados, que é a unica que as diverte, a unica que convenha ao seu desenvolvimento mental, e que differe tão completamente do que os nossos pedagogos utilitarios querem a toda a força ensinar-lhes. Não se explicará a genese da tradição infantil senão quando cada povo tiver recolhido a sua».

Felizmente, apesar do riso estolido de muitos que são incapazes de comprehender certa ordem de questões, as collecções da litteratura dos jogos e rimas infantis multiplicam-se. Eu dei já um pequeno volume de *Jogos e rimas infantis portuguesas* e tenho uma larga collecção inedita que em breve verá a luz. A França possue o volume citado de Rolland, a Allemanha e a Inglaterra possuem diversas collecções, principalmente a primeira; a Italia offerece-nos varias collecções coroadas ha pouco pelo abundantissimo volume de Giuseppe Pitré, *Giuochi fanciulleschi*, vol. XIII da sua *Biblioteca delle Tradizioni popolari siciliane.*

Clemencin deu nas suas notas ao D. Quijote o seguinte ensalmo contra as dôres de dentes:

A la puerta del cielo
Polónia estaba
y la Virgen María
allí pasaba.
Diz: «Polónia ¿qué haces?
Duermes ó velas».
—Señora mia, ni duermo ni velo,

que de un dolor de muelas
me estoi muriendo. —
— Por la estrella de Venus
y el sol poniente,
por el Santisimo Sacramento
que tuve em mi vientre,
que no te duela mas ni muela ni diente.

Marin reproduz da tradição esse ensalmo apenas com as seguintes ligeiras modificações: verso 4: La consolaba; verso 13: Que estuvo en mi vientre. R. Köhler reuniu na *Germania* XIII (I) 178-184 numerosas versões do mesmo ensalmo, das quaes uma deriva de um manuscripto italiano do seculo XIV. Numa sentença inquisitorial do seculo XVII (*Ethn. port., Crenças e costumes populares*, n.º 304) encontra-se uma versão muito pobre da oração de Santa Apolonia.

Na mesma sentença ha uma oração a Santo Antonio, para achar as coisas perdidas, que tem parallelos nos *Cantos esp.* (n.os 1:057 a 1:059).

É conhecidissima em toda a Europa a oração dos anjos, de que Marin dá variantes (1:029-1:033); eis uma d'ellas:

A'costarme voy
Aquí en mi cama;
Nueve ángeles me la guardan;
Tres á los piés,
Tres á la cabecera,
Tres á los lados.
La Virgen María está'mi costado
Y me dice: — Duerme,
Descansa, reposa
Y no tengas miedo de ninguna cosa.

Nós publicámos versões portuguesas na *Romania* (III, 267) e na *Zeitschrift* de Gröber (III, 149).

Na *Germania* (XI-435-45) de Pfeiffer ha um estudo de Köhler sobre a oração, e no vol. XII, 234-236 addições de Maurer. Um novo estudo do primeiro foi inserto no *Jahrbuch* de Lemcke VIII, 409-417. Temos notadas numerosas versões, dadas a conhecer em obras posteriores a essas publicações, por exemplo na *Mélusine*, I, 308, 390 (cf. 390); *Rivista de filologia romanza* II, 208; Bernoni, *Preghiere popolari veneziane;* J. v. Zingerle, *Usos e costumes do povo tirolês*, pag. 235; *Revista celtica*, V, 180.

Köhler cita as observações do professor Paganini que tornam verosimil que a oração fosse redigida por um franciscano de Pistoia e que franciscanos a tornassem conhecida fóra de Italia.

Marin dá o seguinte responso por pessoa que se ausenta (n.º 1:068):

Con er belo del Espirito Santo seas cubierto;
Que no seas preso ni muerto,
Ni de mala persona perseguido,
Ni de mala jo hezido.
Er Señó te dé tan gûena guia
Como se la dió á la Birgen Maria
Desde la casa de Belen
A la de Jerusalen.
Y te yebe y te traiga con bien
A tu casa. Amén.

O collector cita uma tradição portuguesa similhante, que eu publiquei no *Jornal de Groeber* (III, 193); mas a seguinte que dei na *Romania* (III, 268) offerece mais intima relação com a hespanhola:

Fulano (o nome da pessoa) foi para fóra:
Annel de Santa Helena
Levou por gloria;
O manto de Nosso Senhor Jesus Christo
Levou coberto.
Fulano, Deus te crie e Deus te salve
E te livre de teus inimigos,
Mortos e vivos.
Olhos tenham e não te vejam;
Bocas tenham e não te fallem;
Mãos tenham e não te offendam;
Pés tenham e não te alcancem.
Fulano tu faça-la ida que fez
O Filho da Virgem Maria
Da Santa casa de Belem
Para a de Jerusalem.

Eis uma tradição similar d'uma tribu turca da Siberia:

Chegue até a ti o olhar do Senhor!
Deite sobre a tua cabeça o velho a sua benção!
Chegue até a ti o olhar do alto Deus!

Deite sobre a tua cabeça o homem grande a sua benção!
Seja o teu lar rico em cinzas!
Mais numerosa que a ovelha com seus cordeirinhos
Seja a tua posteridade!
Esteja festiva a terra em que tu passares!
Mais numerosa que a da ovelha seja a tua posteridade!
Seja ella como as hervas do prado e gomos das arvores!

Brilhe a lua diante de ti!
Brilhe o sol por detrás de ti!
Seja a tua casa sobre a collina!
Paste o teu gado na montanha!

As composições que se acham reunidas nos volumes II a IV merecem um estudo detido, que não cabe nos limites do folhetim. Esse estudo devia ser comparativo, psychologico e genetico, e como tal exigiria, primeiro que tudo, largo conhecimento das coplas lyricas populares de todos os povos europeus, e especialmente dos povos romanicos. Existem já materiaes para um tal estudo, mas acham-se muito dispersos, e além d'isso as investigações preliminares são ainda muito escassas. O que passo a indicar é apenas uma serie de observações soltas que tenciono desenvolver num estudo ligado sobre a materia.

Um grande numero de coplas amorosas são communs a Hespanha e a Portugal, embora diversas, por vezes, na forma.

Exemplo:

¿Cual de los dos amantes
Tendra más pena
El que se ausenta libre
O el que se queda?
El que va de camino,
Va caminando;
Y el que se queda, queda
Siempre pensando.

Tomára que me dissesses
Onde a pena mais s'augmenta,
S'em coração de quem fica,
Se nalma de quem se ausenta?
Onde a pena mais s'augmenta
E' no peito de quem fica;
Quem se ausenta logo acha
Amor's com quem se divirta.

O sr. Marin indicou bom numero d'esses parallelos, servindo-se das collecções portuguesas; e maior numero poderá indicar-se, quando o sr. A. Th. Pires tiver publicado a larga collecção de quadras do Alemtejo, que começou a dar na *Sentinella da Fronteira*, e tenha saído a lume o *Cancioneiro do archipelago da Madeira*, do sr. Alvaro Rodrigues de Azevedo.

Em muitos casos o parallelismo póde explicar-se por emprestimo directo; noutros haverá coincidencia determinada pelo mesmo estado psychologico. Conclue-se que é difficilimo destrinçar os dois casos.

O sr. Schuchardt publicou no *Folk-lore andaluz* um artigo sobre a similhança entre os cantares alpinos e os cantares andaluzes. O engenhoso professor de Graz dá, entre outras, a seguinte traducção de um canto dos Alpes allemães e o seu correspondente hespanhol:

Si yo fuera cazador
Tiraria una paloma
De aquellas con ojos negros
E con megilitas rojas.

Em Lafuente:

Si yo fuera cazador
Y tuviera una escopeta
Cazaria una perdiz
De las que gastan peineta.

Schuchardt observou no citado artigo que nos povos meridionaes, como entre os habitantes do país de Galles, se encontra a copla de quatro versos como forma verdadeiramente popular da poesia improvisada. É um facto hoje reconhecido, e que tem servido de partida para interessantes investigações sobre o desenvolvimento das estrophes populares. Na Grecia, o disticho resultou da fusão de quatro versos dois a dois, de oito e sete syllabas (8 a, 7 b, 8 c, 7 b). Na mais antiga poesia hespanhola de forma lyrica observa-se um facto similar, como já F. Wolf observara. Num poema do seculo XII, a *Disputa da alma e do corpo*, que é uma traducção do francês, a parelha obtem-se pela fusão de quatro versos em dois:

Mesquinho mal fadado! — tan mal hora fuest nado
Que tu fu tan rico — agora eres mesquino.

D'ahi resulta o facto da rima ser interior.

O metro e o rythmo variam: na Italia prefere-se o endecasyllabo, entre nós e na Hespanha, etc., o octosyllabo com o ultimo accento na setima, mas com liberdade com relação á posição dos outros accentos. No Friul ha tendencia para seguir o principio da alternação regular dos accentos, o que é o principio rythmico na poesia germanica.

Pela reducção dos dois primeiros versos da quadra a um só, ou pela simples suppressão do primeiro, produz-se o terceto popular. Exemplos:

a.

Ya se murió mi madre;
¡Qué dolor de madre mia!
¿Donde encontraré otra madre
Como la que yo tenia?

Se murió la madre mia,
Ya no hay en er mundo madres;
¡Madre, la que yo tenia!

b.

Er que quiere á una flamenca
Y sin motivo la orbia,
Es que tiene mala sangre,
Ó la bergüensa perdia.

Er que quiere y luego orbia,
Ó tiene mardita sangre
Ó la bergüensa perdia.

c.

Es mas grande mi queré
Que la bonluntá e Dios,
Porque Dios no te perdona
Lo que te perdono yo.

Tengo mas poé que Dios
Porque Dios no te perdona
Lo que te perdono yo.

Na maioria dos casos é evidente que o terceto representa o typo derivado, porque a idéa se exprime nelle d'um modo mais imperfeito, que na quadra correspondente. E' quasi desnecessario dizer que em muitos casos o terceto faz desapparecer a quadra de que nasceu e que elle até se constituiu em typo independente. Na poesia italiana, o terceto dantesco, como mostrou Schuchardt, nasceu do *rispetto* ou estro-

phe de quatro versos. Nalguns casos póde restabelecer-se uma quadra d'um terceto.

Ao lado das estrophes de quatro versos octosyllabicos (com ultimo accento na setima) ha na collecção do sr. Marin numerosas quadras em que alternam os versos de sete syllabas (com o ultimo accento na sexta) e de cinco (com o ultimo accento na quarta).

Amor es como um pleito
Que se defiende
Y con vista y revista
Suele perder-se.

Estas estrophes desenvolvem-se com frequencia em estrophes de sete versos, dos quaes os tres ultimos mostram em geral com perfeita clareza que são addições, com caracter de estribilho, que nada accrescentam d'essencial á idéa expressa na quadra que forma a base.

Exemplos:

Tus ojos no son ojos
Que son saetas:
Cada vez que me miras
Me dejas muerta.
    Mira-me mucho,
    Que ya que muera, quiero
    Morir á gusto.

La cosa que yo quiero
Mas que a mi vida
Son tus dos ojos negros
Que me asesinan.
    He de mirar-te
    Y con tal que me mires,
    Aunque me mates.

No te muerdas los labios
Que es mal maña,
Y le quitas al oro
La filigrana.
    Y si le quitas
    La filigrana al oro,
    No estás bonita.

Como se vê, esses versos addiccionaes são como que um commentario ou um corollario da quadra fundamental, mas esse não é sempre o caso; muitas vezes são elles apenas uma variante, ou uma repetição tautologica dos versos da quadra.

Exemplo:

Esse lunar que tienes
Junto á la boca
No se lo des á nadie,
Qué a mi me toca.
  Junto a la nariz
  No se lo des nadie
  Qué me toca a mi.
  (*ou* Que ese es para mi).

A la mar que te vayas,
Querido Pepe,
A la mar que te vayas
Me voy por verte.
  Moreno mio,
  Ala mar que te vayas
  Me voy comtigo.

Cerrado está el convento
Que adoro e miro:
Dentro está la paloma
Por quien suspiro.
  Convento santo!
  Dentro está la paloma
  Por quien yo canto!

Si per mi sales, luna,
Luna, no salgas,
Que esta noche no tengo
Que pelar paba.
  No salgas, luna,
  Que esta noche no tengo
  Paba ninguna.

Si los besos de anoche
Lunares fueran,
Tuvieras en tu cara
Dos mil docenas.

Fueran lunares,
Tuvieron en tu cara
Dos mil millares.

O processo de composição d'essas estrophes é illustrado pelo facto de que algumas das quadras figuram independentemente; assim canta-se tambem:

Si los besos de anoche
Fueran lunares,
Tuvieras en tu cara
Diez mil millares.

A independencia, e portanto a anterioridade da quadra fundamental, prova-se ainda com a existencia de estribilhos diversos para uma mesma estrophe. Assim a seguinte:

El confessor me ha dicho
Que no te quiera
Y yo le dije: Ay padre,
Si usté la viera!

apresenta-se com alguns dos seguintes estribilhos:

Es tan bonita,
Que solo em mirarla
Las penas quita.

Es tan bonita,
Que las animas muertas
Las resucita.

Y ayer me dijo:
— Haces bién en quererla,
Que ya la he visto.

Y el religioso,
Apretando los dientes,
Cerró los ojos.

O processo que examino é o mesmo pelo qual nos *cantes flamencos* ou cantos dos gitanos andaluzes uma *cuarteta* se alarga em *siguidya*:

Exemplo:

Quadra:

Hermana Malena,
Dile á Pae Bastian
De que me traiga um confesorsito,
Que quiéro confesá.

Seguidilha de 7 versos:

Hermana Malena,
Dile al pae Bastian
De que me traiga um confesorsito,
Que quiéro confesá.
I dile al pae Diego
De que me traiga um confesorsito,
Confesar-me quiero.

Esses versss addicionaes apresentam-se, pois, na maioria dos casos como parasitas das quadras fundamentaes, o que não tira ás estrophes compostas o caracter da graça e elegancia. Descobrem-se, de mais, processos similares na poesia popular de muitas outras nações; é evidente que a esses processos devemos os typos das composições de caracter popular que se encontram nos antigos cancioneiros portugueses descobertos na Italia e publicados por Ernesto Monaci.

Marin offerece-nos a seguinte quadra:

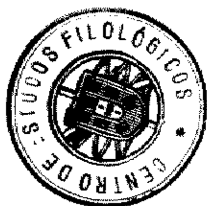
— Que tienes en ese pecho,
Que tanto trasmina y huele?
— Albahaca de las Indias,
Mata de romero verde

que se converte numa estrophe de sete versos de metros diversos alternados:

— Que tienes en el pecho,
Que tanto huele?
— Azahar de las Indias,
Romero verde.
— Que huele tanto?
— Azahar de las Indias
Romero blanco,

a qual é comparavel de perto, pelo seu artificio, com varios dos referidos antigos cantos portuguezes e com varias serranilhas que o nosso grande poeta dramatico e profundo conhecedor do povo, Gil Vicente, incluiu nas suas composições, taes como a seguinte:

— D'onde vindes filha,
Branca e colorida?
— De lá venho, madre,
De ribas de um rio;
Achei meus amores
Num rosal florido.
— Florido, enha filha,
Branca e colorida.
— De lá venho madre,
De ribas de um alto;
Achei meus amores
Num rosal granado.
— Granado, enha filha,
Branca e colorida.



Como se explicará essa similhança de typos? Por emprestimo, por origem commum ethnica, ou por identidade dos mesmos processos espontaneos? A monomania ethnica foi até querer explicar a origem d'esses typos de cantos de caracter popular por uma origem em determinada raça humana, sem temer o riso dos que teem alguma idéa séria do que seja ethnologia e historia da poesia popular; mas o facto d'esses typos se reproduzirem espontaneamente e a muita distancia no tempo e no espaço prova-se com documentos, como os que nos ministra a poesia popular hespanhola. A' psychologia popular e á historia da musica popular é que devemos ir buscar a explicação d'esses phenomenos.

A lyrica popular tem em geral curto alento. A's idéas e sentimentos que nella se exprimem offerecem um quadro sufficiente, na grande maioria de casos, a estrophe de quatro versos; muitas vezes até esse quadro é já de si largo de modo que é mister adoptar versos bordões, repetições de palavras ou de versos para conseguir encher o quadro. Quando a lyrica popular quer ir além dos limites do quarteto, o que succede principalmente em virtude da influencia da musica, recorre normal e espontaneamente aos expedientes do genero dos que indiquei.

« Forte mania, diz algures Victor Hugo, é essa de ir buscar no Nilo as fontes do regato que corre á nossa porta!»

Eis ainda, para terminar, uma *serrana* flamenca que sae de uma quadra que se encontra independente, e cujos versos indico com o italico:

Por la Sierra Morena
Bienen bajando
Unos ojitos negros
De contrabando.
Bajando bienen
Unos ojitos negros
Muerto me tienen.

Eis agora duas estrophes de uma composição do *Cancioneiro da Vaticana:*

Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la egreja de Vigo
hu é o mar salido,
e miraremos las ondas!
Mha irmana fremosa
treydes de grado
a la egreja de Vigo
hu é o mar levado,
e miraremos las ondas!

Se eliminarmos os estribilhos inicial e final, deixando apenas o inicial da primeira quadra, teremos uma estrophe de sete versos similhante ás andaluzas que examinei e com o mesmo artificio de algumas nas repetições:

Mha irmana fremosa,
treydes commigo
a la egreja de Vigo
hu é o mar salido;
treydes de grado
a la egreja de Vigo
hu é o mar levado.

A bella collecção do sr. Marin offerece, como se vê, materia para observações muito interessantes, e é mister observar que toquei apenas nalguns pontos que respeitam á forma. O estudo dos assumptos mesmos d'esses cantos levar-nos-hia longe.

IV

O estudo das tradições populares em Portugal

1.

Z. Consiglieri Pedroso, *Contribuições para uma mythologia popular portuguesa*. Fasciculos I-VI. Porto, 1880-1881. 8.º — Idem, *Tradições populares portuguesas* (continuação da collecção precedente). Fasciculos VII-XII. Ibidem, 1881-1882. — Idem, *Mythographia portuguesa*, 1 fasciculo sem data. — Idem, *Ensaios criticos*. Fasciculos I-III. Ibidem, 1880-1881. — *Portuguese Folk-tales* collected by Consiglieri Pedroso, and translated from the original ms. by Miss Henriqueta Monteiro. With an Introduction by W. R. S. Ralston, M. A. London, published for the Folk Lore Society by Elliot Stock. London, 1882, 8.º.

A série de trabalhos que acabamos de indicar e cujo conjuncto daria um bom volume em oitavo, demonstra o zêlo com que de ha tres annos para cá se tem applicado ao estudo das tradições portuguesas, e ainda das tradições comparadas, o sr. Consiglieri Pedroso. Parte d'esses opusculos, reproduzidos, com excepção da publicação em inglês, da revista portuense *O Positivismo*, foi já apreciada favoravelmente por autoridades competentes do estrangeiro.

Como o autor se aproveitou d'aquelle meio de publicidade que se lhe offerecia, e começou a publicação quasi no começo da colheita, os fasciculos apresentam naturalmente inconvenientes emquanto á distribuição da materia, que augmentam e se tornam mais sensiveis ao passo que o seu numero cresce. As repetições tornam-se tambem inevitaveis; os fasciculos intitulados *Superstições populares* (varia), são os que exigem mais trabalho prévio de quem os quer aproveitar para os seus estudos comparativos. Não podemos todavia deixar de agradecer ao autor, mesmo nesta fórma provisoria, os excellentes materiaes, para o estudo das nossas tradições que elle nos offerece, desejando que possa um dia fundí-los numa obra regular. Emquanto essa obra não vem, podia o autor atenuar os inconvenientes da publicação, organizando de tempos a tempos indices alphabeticos da parte já publicada.

O fasciculo I das *Contribuições* occupa-se de *As superstições populares na legislação religiosa*; com esse trabalho e investigações proprias organizei um digesto alphabetico que foi publicado no *Boletim da Sociedade de geographia*, 2.ª série, n.º 6. Pouco resta a accrescentar a este capitulo do estudo das nossas tradições. O sr. Leite de Vasconcellos deu-me noticia da existencia de umas constituições synodaes mais antigas que as de Coimbra de 1521.

O II fasciculo intitula-se as *Bruxas na tradição do nosso povo*. Aqui o autor começa a dar-nos algumas notas comparativas intermittentes, que se encontram tambem nos fasciculos III *(Algumas superstições e crenças populares relativas á noite e ao dia de S. João)*, VII *(O lobis-homem)*, IX *(As mouras encantadas)*, e XI *(O Diabo)*, sendo menos incompleto na parte comparativa o n.º X. Os fasciculos IV, V, XII e XIII *(Superstições populares)* e o VI *(As superstições populares num processo da Inquisição)*, que é um extracto do processo do celebre feiticeiro Luis de la Penha, queimado pela inquisição d'Evora em 1626, não contém parte comparativa.

Do exame d'essas notas comparativas vê-se que os conhecimentos do autor em tradições comparadas (admittindo mesmo que elle quis apenas dar-nos amostras) são ainda muito fragmentarios; não parece até que elle tenha estudado ao menos convenientemente o que para as tradições portuguêsas ministram as obras nacionaes. Assim o A. no fasciculo I falla-nos dos «medicos populares dos seculos XVII e XVIII» como fonte para o estudo das nossas superstições; se o autor tivesse visto esses medicos, de que só mais tarde cita um, não os chamaria populares, porque elles se apresentam carregados de prodigiosa erudição, e não escreveram para o povo. Se o seu espirito não se elevava acima das superstições do seu tempo, isso dependia das condições da sciencia da epoca, e não era só entre nós que se escreviam sabios tratados sobre o quebranto, o mau olhado; no seculo XVII defendia-se ainda uma these (pelo menos) na universidade de Strasburgo sobre o mesmo assumpto com toda a gravidade. Quem conhece os processos de feitiçaria, de possessão demoniaca, tão numerosos em quasi toda a Europa naquelle seculo, sabe com que enorme camada de erros o espirito scientifico teve que luctar. Esses medicos eram tão pouco populares quanto o são os modernos espiritistas que pretendem elevar as velhas superstições á altura d'uma sciencia.

Na *Mythographia portuguesa*, p. 18, traslada o A. uma interessante lenda de dois ferreiros, que atiravam o unico martello que possuiam um ao outro, de monte a monte. O sr. Th. Braga déra já uma versão minhota da lenda nas *Epopeas mosarabes* p. 102-3, a que o sr. Pedroso não allude, classificando a lenda entre as que «não teem fundamento historico, mas se formam para explicar um certo e determinado phenomeno physico». «Os dois ferreiros, diz-nos elle, eram gigantes, porque só assim podiam ter força para arremeçar o martello a tão grande distancia. Um dia zangou-se o Jerumello (nome de um d'elles), com o companheiro, e atirou-lhe o martello com tanta violencia, que, desencabando-se este no ar, foi cair o ferro na encosta do Monte Mello, e logo d'ahi brotou uma fonte de agua ferrea; e o cabo, que era de ma-

deira de zambujo, foi espetar-se na terra, a mais de dois kilometros de distancia, reproduzindo-se um zambujo, que deu o nome a uma povoação que fica a quatro kilometros dos referidos montes, e que por isso se chama hoje Zambujal. No cimo do Monte Mello vêem-se ainda agora umas ruinas, que são da forja de um dos ferreiros».

A lenda não se formou naquelle local; adaptou-se a elle, desenvolveu-se, como tantas outras, sobre particularidades topographicas. Bastava a versão do Minho para o provar. Mas é ella de formação ao menos portuguesa? O sr. Th. Braga olha-a como um vestigio da lenda do ferreiro Veland; mas nella ha *dois*, não *um* ferreiro. Essa lenda é distincta da nossa, que é apenas um reflexo da dos dois gigantes ferreiros, que circula na Alemanha em numerosas versões, e que J. Grimm, A. Kuhn e outros estudaram. Eis uma versão westefalense:

«Perto de Ruespe, ao sul de Ober-Hund, vêem-se os vestigios de um velho castello, em que outr'ora habitou um gigante; a cerca de meia hora d'alli habitava num monte, em Wittgenstemisch, outro gigante; eram ambos ferreiros. Tinham um só martello: quando um se tinha servido d'elle, atirava-o ao outro».

Noutras versões apparecem alguns dos outros elementos da bella versão publicada pelo sr. Pedroso. É evidente que não póde dar-se um passo fóra da simples colleccionação sem um estudo desenvolvido dos trabalhos dos mythologos allemães.

O numero X *(O homem das sete dentaduras)* occupa-se da conhecida tradição do demonio meridiano. Conheciamos a tradição das *horas abertas,* do perigo da hora do meio dia, em que se apanha ar mau, em que andam no ar maus espiritos; mas não encontramos nunca em a nossa tradição a lenda clara do demonio meridiano; o sr. Pedroso diz-nos que no Algarve se crê que apparece ao meio dia uma coisa má, chamada o homem das sete dentaduras, que devora quem encontra, etc. É, apparentemente, o unico vestigio claro do demonio meridiano; o resto refere-se á tradição das horas abertas, horas em que os maus espiritos estão em liberdade e da qual o demonio meridiano é uma particularização.

O sr. Pedroso publica uma tradição do *entreaberto,* que segundo lhe communicou o sr. Th. Braga, apparece (na crença popular) nos Açores ao meio dia. O sr. Th. Braga contou-nos o caso de modo diverso ha annos, tal qual o referimos em a nossa *Revista de ethnologia*, p. 184, a que se refere o sr. Pedroso. Este poderia ter alli visto, ou no *Almanach Açoriano* para 1868, que, cremos, teve á mão, que os entreabertos nada teem que ver com a tradição meridiana. É mister ter as maiores precauções com relação ao que nos contam as pessoas eruditas, em cuja memoria se confunde o que leram com o que ouviram

da tradição popular. Outras particularidades reunidas pelo sr. Pedroso não teem ainda nada que ver com a tradição meridiana. «É crença que no dia de S. Bartholomeu (24 de agosto) anda o demonio solto, do meio dia para a uma hora». Ouvi sempre essa tradição sem a menção da hora; que evidentemente passou para ella por influencia da tradição meridiana. A fixação do dia de S. Bartholomeu bastaria para mostrar ao sr. Pedroso que aquella superstição nada tem que ver com a hora meridiana, excepto por influencia secundaria. É conhecida a significação mythica do dia de S. Bartholomeu, e as lendas que se lhe ligam noutros povos explicam claramente a nossa do diabo ás soltas. Demonstrarei isso se aqui chegar a resumir um estudo inedito sobre a mythologia asturiana [1].

Particularmente interessantes são os dados comparativos que o sr. Pedroso nos dá, com relação ás tradições slavas. O A. dedica-se ao estudo do russo e das outras linguas da mesma familia, apropriando-se assim da chave de riquissimos thesouros mythologicos, fechados até á maior parte dos mythologos da propria Allemanha. O que elle nos dá d'essa mina é ainda muito pouco; mas faz-nos esperar que realizará em breve os nossos desejos de nos dar em português tudo ou quasi tudo o que na tradição slava sirva para commentar a tradição portuguesa. Será um serviço assignalado.

Os *Ensaios criticos* occupam-se de trabalhos mythologicos de Girard de Rialle, A. de Gubernatis e da collecção de tradições sicilianas de Pitré, de que já aqui nos occupámos. O artigo sobre o segundo autor é o melhor; ha nelle severidade, mas justiça.

Os *Portuguese folk-tales* introduzem o nosso folk-lorista deante d'um publico vasto, a que nunca poderá aspirar o que escreve em português, condemnado, se se dedica a trabalhos sérios, a não ser lido senão por um pequenissimo numero dos seus compatriotas e por alguns especialistas estrangeiros. Não conhecendo os originaes, só posso apreciar a traducção de miss Monteiro, pelo que sei das outras versões; parece-me geralmente fiel. A seccura que em geral nella se nota, provém indubitavelmente dos originaes. O A. poderia talvez ter escolhido melhor na sua vasta collecção inedita, e sobretudo dar aos estrangeiros uma amostra mais variada. Os seus XXX contos deviam representar typos perfeitamente diversos, e não serem em parte apenas variantes

---

[1] Num artigo *De algumas tradições de Hespanha e Portugal* (*Revue Hispanique*, tomo VII, 1900) tratei da tradição do diabo em dia de S. Bartolomeu e do ciclo vasto a que pertence, mostrando que o *demonio meridiano* é uma lenda literaria, resultado da má tradução dum passo da Biblia. (*Nota do auctor* em 1912).

uns dos outros. Dir-se-hia que o sr. Pedroso tirara ao acaso um punhado do meio da sua collecção.

Quando, abstrahindo do interesse que sob o ponto de vista ethnico e mythologico offerecem as tradições populares, consideramos que rara, se alguma, das superstições condemnadas nos concilios, nos escriptores ecclesiasticos, na legislação, nos processos da inquisição, desappareceu da crença viva do nosso povo, e observamos ao contrario que elle, como o dos outros países da Europa, se acha envolvido numa rede enorme de superstições, que ás antigas accresceram novas, não podemos deixar de ter um sentimento de grande tristeza, a que muitas vezes escapa o collector no seu enthusiasmo de descobrimento. E quando dizemos povo, não significamos só as classes proletarias, a gente do campo, os incultos: no seio da sociedade que se suppõe culta vamos encontrar vivazes os mesmos ou erros similhantes aos que dominam ainda o espirito d'aquella outra parte da nação.

No Porto conheci a celebre bruxa do Codeçal, que enriqueceu com as suas praticas, bem pagas por gente das classes abastadas! Em Lisboa ha factos similares. O numero treze aterra muita gente. A superstição da terça-feira, do cão a uivar, da agua bebida com luz na mão, observam-se aqui passim. A' meia noite de S. João as meninas chegam á janella com o bocheco d'agua para ouvir o primeiro nome que será o do seu noivo; esta superstição como a das alcachofras, não é tão brinquedo como apparentemente se apresenta. Só se brinca inteiramente com o que se domina. Em summa, julgada a nossa sociedade por o que d'ella diz o folk-lore, conclue-se que domina só nella uma falsa educação, quando não ha absoluta falta d'educação. Ouvimos já enunciar o principio de que a educação é impotente neste caso; e de que tudo depende da organisação. Não acceitamos. A boa educação é difficil, difficillima; eis tudo. O espiritismo que ha pouco invadiu Lisboa, ao que parece para desapparecer logo, mostrou como pessoas que pareciam ter um espirito regularmente educado escondiam no fundo d'elle, disfarçando-a com um scepticismo apparente, a superstição, a tendencia para o maravilhoso.

A superstição prende-se ao pobre espirito humano por innumeros laços. O desejo de alcançar diversos fins fóra da lei do trabalho, o desejo de se ver livre d'um mal incuravel, por exemplo, perturbam o espirito, arrastam-no ao jugo da superstição, e muitas vezes ao crime baseado sobre a superstição. Uma parte dos estupros infames de que os periodicos nos dão conta, resulta de certa crença com relação á cura da syphilis. O espiritismo é um sonho de vaidosos que desejam alcançar uma superioridade ainda que ficticia, illudindo os outros e illudindo-se a si proprios. A superstição é, pois, immoral. Na estrada paral-

lela em que ella corre, encontram-se os sonhos de dominio, de titulos vãos, as theorias de reforma social, baseadas não sobre o trabalho lento e progressivo, mas sobre simples mudanças de etiquetas politicas.

As formulas vazias dos monarchicos ou dos republicanos teem sobre os espiritos a mesma influencia que os psalmos dos benzedores: a realidade substancial escapa á acção de umas e de outras.

É essa realidade substancial que devemos estudar, e o *folk-lore* considerado como um dos instrumentos para a conhecer; não é só um estudo curioso de eruditos, é um capitulo do maximo interesse para a sciencia social; um verdadeiro capitulo *ethnographico*, pois elle nos descreve uma phase importante da vida intellectual e moral do povo.

Todo o que se apresenta como apostolo de reformas sociaes devia pensar bem no que esse capitulo ensina, devia pensar bem que ia fazer conceber esperanças irrealizaveis, e lançar por fim de novo os espiritos na duvida; devia ver que a primeira obra a fazer era educar, esclarecer a consciencia nacional com o desinteresse maximo da sciencia.

2.

J. Leite de Vasconcellos, *Bibliotheca ethnographica portuguesa*. I. *Tradições populares de Portugal*. (Volume unico). Porto, livraria portuense de Clavel & C.ª 1882, 8.º XVI-320 pp. — *Annuario para o estudo das tradições populares portuguesas*. Ibidem. 8.º IV-96.

Diversas publicações de que pouco e pouco iremos fallando aos nossos estimabilissimos leitores provam que acompanhamos as outras nações romanicas no interesse que nellas se tem despertado nestes ultimos tempos pelas suas tradições populares. O autor da primeira das publicações cujos titulos acima transcrevemos e director da segunda, occupa já um logar distincto entre os que se occupam na peninsula d'esse dominio, e competia-lhe o primeiro logar na nossa revista, porque o volume das *Tradições de Portugal* reune numerosos artigos, espalhados primeiro por diversos jornaes e precedendo na data, em parte, as outras publicações de que teremos que fallar.

O sr. J. Leite de Vasconcellos é um estudante da escola medico-cirurgica do Porto, que se estreou no estudo do *folk-lore* português nuns artigos do *Academico* (Porto 1878), e da *Aurora do Cavado* (Barcellos, 1878): não podemos exigir portanto dos seus trabalhos a madureza que muitos investigadores nem na idade em que a reflexão é mais intensa e a sciencia póde ser mais completa chegam a attingir. O exame attento das diversas publicações do sr. Leite de Vasconcellos permitte-nos considerar o autor como um espirito progressivo, ani-

mado de um grande e sincero zêlo pela sciencia. Ha pouco lêmos d'elle um ensaio sobre um interessante dialecto hispano-português, o dialecto fallado nos campos de Miranda do Douro, phase intermedia entre o português e o leonês, e folgamos de vêr que o sr. L. de Vasconcellos tem uma vocação, bem rara entre nós, para as investigações dialectologicas, que, alimentada pelo estudo, lhe dará em breve um logar distincto na pleiade dos dialectologos peninsulares.

Numa *Introducção*, cuja doutrina nos parece em geral muito acceitavel, o A. indica com clareza e precisão as considerações que dão importancia scientifica ao estudo das tradições populares, e indica-nos as diversas fontes oraes, escriptas e monumentaes que consultou, as pessoas que o auxiliaram nas suas investigações, entre as quaes figuram algumas já conhecidas, como *folk-loristas* portugueses. Enumera-nos ainda a *Introducção* as causas a que o A. attribue a quasi completa identidade das tradições nas diversas partes do país; essas causas, porém, referem-se sobretudo aos cantos populares portugueses; para periodos mais antigos e para as tradições que a elles remontam, as causas são mais complexas e em grande parte diversas; basta observar que contos, superstições, festas, cantos epicos, adivinhas populares, etc., se acham não só as mesmas nas diversas provincias de Portugal, mas em toda a peninsula, mas em toda a Europa, e em parte em todo o mundo. O A., que não ignora isto, restringiu pois muito as suas considerações. A *Introducção* não nos indica, porém, claramente, que caracter o autor quis dar a este volume, a que secção ou que secções do *folk-lore* é elle especialmente consagrado; o titulo da obra refere-se em verdade á totalidade do *folk-lore*; mas o autor promette-nos outros volumes: *Fastos populares e jogos infantis — Poesias populares — Bellas-artes populares — Contos populares*; o vol. I dá-nos mostras de tudo isso, além de proverbios, linguagem e industria popular; mas preponderam as crenças e usos supersticiosos. E' evidente que é bom ter tudo isso publicado e reunido; é facto que investigadores como E. Rolland, na sua *Faune populaire*, seguem um plano similhante; mas prefeririamos, visto o sr. L. de Vasconcellos nos prometter aquelles volumes e nós esperarmos d'elle ainda outros, que separasse tão nitidamente quanto possivel as secções diversas das tradições portuguesas, para nos evitar escusadas repetições ou forçar a percorrer para cada secção quasi todos os volumes. As cantigas populares dadas no I vol., por exemplo, serão reproduzidas no volume das *Poesias*? No plano do sr. L. de Vasconcellos haverá pois inconvenientes resultantes d'elle proceder simultaneamente por generos e classes de objectos: um plano uniforme, eis o que lhe recommendamos, ou o de Pitré, por exemplo, ou o de Rolland.

O livro do sr. L. de Vasconcellos é uma verdadeira mina; o A. colligiu muitas tradições já publicadas, mas espalhadas em desconnexas collecções e considerabilissimo numero de outras de primeira mão, em grande parte novas para nós. A composição do livro é compacta, e o editor dá-o ao publico por 500 réis! Não conhecemos nenhum livro estrangeiro do mesmo genero por similhante preço. Os volumes de E. Rolland teem menos materiaes e custam o triplo. Devemos louvar o editor.

O plano geral da obra é, no estado actual d'estes estudos, perfeitamente acceitavel, e aproxima-se do de outras obras similhantes; eis as divisões: I. Os astros. II. Fogo, luz e sombra. III. A atmosphera. IV. A agua. V. A terra. VI. As pedras. VII. Os metaes. VIII. Os vegetaes. IX. Os animaes. X. O homem e a mulher. XI. Seres sobrenaturaes. Comprehende-se que esta divisão natural é muitas vezes um leito de Procrusta para as tradições; mas o ponto essencial é, emquanto a mythologia comparada não tiver progredido, classificar os materiaes reunidos, de modo que o investigador os ache facilmente; só essa consideração desculpa taes classificações provisorias, em que submettemos os restos das crenças primitivas, ou de espiritos ingenuos, nas quaes os phenomenos da natureza inteira se transformam e assimilam aos quadros das nossas concepções scientificas! Exemplifiquemos. Ha no Minho a superstição, que provavelmente nunca levou a tentativa pratica, de que, se uma virgem do nome de Maria pozer o pé sobre a cabeça de uma serpente, a mata immediatamente, sem que o reptil lhe faça mal. E' obvia a explicação d'esta crença. O christianismo aproveitou como symbolo muitos mythos antigos. O mytho do dragão ou serpente que teve um sentido primeiramente solar ou meteorico (Apollo e Python, Hercules e a hydra, Horus e Apaphis, Thor e Midgard, etc.) torna-se um symbolo da victoria de igreja sobre o diabo, o mal. A phrase de S. Paulo: «E o Deus da paz esmagará a Satanaz em breve debaixo de vossos pés» e outras similhantes da Biblia, transformar-se-hiam em imagens plasticas tanto mais facilmente quanto a inconographia pagã lhes dava apoio; assim foi representada a Virgem, calcando aos pés a serpente, o mal. O povo tomou á letra a imagem e reconstruiu um mytho sobre ella: a Virgem teria realmente esmagado o diabo sob a fórma de uma serpente. A superstição minhota é um alargamento do mytho. A imposição baptismal do nome de Maria liga-se primariamente á idea de invocação da protecção da Virgem, subsidiariamente á de communicação ao neophito de certas qualidades da Virgem. Em qual dos capitulos do livro do sr. L. de Vasconcellos collocar agora a crença minhota? E' facil de ver que sob um ponto de vista estrictamente scientifico em nenhum fica bem; fical-o-hia, sim, num

capitulo sobre as *Crenças que se ligam ao symbolismo christão;* mas um tal capitulo só caberia numa obra de outro plano, que seria prematuro tentar fazer emquanto os materiaes não estivessem reunidos e sujeitos a uma classificação provisoria.

Poder-se-hia adoptar tambem a fórma de diccionario, o que fizeram já diversos autores; mas é preferivel, em a nossa opinião, a classificação adoptada pelo sr. L. de Vasconcellos, com uma ou outra modificação, completando a obra com um index analytico muito completo que infelizmente falta no I vol. da *Bibliotheca,* mas que provavelmente o A. tenciona fundir com os indices dos outros volumes.

Sem discutirmos mais a admissão na obra de diversas (quasi todas) especies de tradições, não podemos deixar de ver inconvenientes em o autor não ter separado ao menos, tão claramente quanto possivel, nas subdivisões essas diversas especies.

Algumas coisas deviam ser riscadas, por não pertencerem ao *folk-lore,* a não ser que façamos entrar no *folk-lore* tudo quanto existe nos nossos costumes, usos e praticas caseiros. E' preciso um limite ao *folk-lore* e é preciso muita circumspecção mesmo em relação ao que se nos afigura á primeira vista como devendo entrar na categoria de superstição, mytho, etc. «Quando ha eclipse do sol *(Sol cris),* diz-nos o A. a pag. 13, põe-se uma bacia com agua e vê-se nella o Sol a passar pela Lua (Moncorvo, etc.). Quem collocar deante dos olhos um lenço de seda sem ramos ou uma peneira, vê a nevoa que cobre o Sol. (Leça do Balio, etc.)» E numa nota: «O céu, mythicamente, é representado como um crivo». Veja-se como a mythomania póde arrastar um escriptor que aliás em geral se nos mostra prudente, e já quasi completamente emancipado de certas tendencias phantasistas dos primeiros escriptos. Onde o sr. L. de Vasconcellos julgou vêr uma superstição, um ecco mythico, ha apenas commodas praticas caseiras, que teem por variante o vidro fumado, etc., para observar a marcha dos eclipses solares sem que os raios solares nos offusquem a vista.

Comquanto os fins do A., como nos declara, fossem apenas recolher os factos e classificá-los mais ou menos methodicamente, elle não se contenta inteiramente com isso. Cada capitulo é precedido de uma *parte historica,* se assim devemos dizer, em que o A., reune diversas passagens dos antigos escriptores gregos e romanos, e dos autores portugueses, concilios, legislação, etc., em que ha superstições do povo português ou dos seus antecessores ethnicos. Comquanto seja facil alargar essa parte historica, não podemos deixar de a agradecer ao A., que nella dá testemunha da sua erudição, assim como nas notas comparativas que accidentalmente acompanham algumas tradições. Não

percebemos, porém, o que é que motivava essas notas tão intermittentes. Com tres ou quatro obras das que o A., teve á mão, annotava elle uma parte muito consideravel dos costumes e crenças supersticiosas que reune; bastariam simples referencias, não havendo tempo e espaço para mais; ou então o A. poderia reduzir-se a trasladar algum texto mais raro, mais fóra do caminho usual da maioria dos *folk-loristas*; ou então não dar nota nenhuma comparativa, que ninguem, com o seu programma, lhe exigia. Se essas notas não tivessem outro inconveniente além da intermittencia, a nossa observação poderia parecer um tanto hyper-critica; mas aqui e alli as notas testemunham que o A. não está ainda sufficientemente habilitado para a parte comparativa e interpretativa, caso em que a abstenção completa seria o mais prudente. Vejamos um exemplo.

Acha-se muito espalhada em Portugal e em toda a Europa romanica (sem o podermos asseverar positivamente para o dominio romeno) d'onde passou para a Inglaterra e Allemanha, a superstição de que uma mão de morto (em regra d'um enforcado), preparada de certo modo, ardendo ou com uma vela accesa segura, serve aos ladrões para conservar no somno as pessoas cujas casas querem roubar. O sr. L. de Vasconcellos transcreve, sem refutação, como quem a acceita, de Cox, *The Mythology of the Aryan Nations*, uma explicação estapafurdia, no genero de muitas outras do mesmo autor, segundo a qual a *mão de gloria* (*hand of glory*), nome com que aquella mão magica é conhecida na Inglaterra, seria o *relampago que sae da nuvem tempestuosa, a luz vermelha de Jupiter, com que elle abala as sagradas cidadellas, a rubens dextera* de que falla Horacio. Cox e A. de Gubernatis, o ultimo dos quaes não passa em mythologia d'um compilador com grandes pretensões, levaram a explicação dos mythos por estes expedientes ex-machina ao abysmo do ridiculo, á beira do qual outros de maior merito a deixaram. Como é sabido, a parodia surgiu como arma contra os exageros da mythologia comparada, sciencia que exige tão largo numero de conhecimentos, quanta reserva: um jornal de Oxford provou *á evidencia*, pelo methodo Max-Muelleriano, que o sabio indianista era um puro mytho solar, e pelo mesmo methodo o glottologo americano Whitney resolveu num mytho *solar da variedade septentrional* o presidente Grant. As obras de A. de Gubernatis são hoje assaz conhecidas entre nós, por estarem traduzidas em francês e diversas publicações de cá revelam a sua influencia; Cox surge-nos numa nota do sr. Leite de Vasconcellos; torna-se pois necessario mostrar a falta de methodo d'esses AA. O sr. Consiglieri Pedroso escreveu já um artigo a respeito da mythologia de Gubernatis, com cujos topicos concordamos em parte (*Positivismo* 1, 308-317); algumas

observações bastarão por agora emquanto a Cox e á sua *theoria da hand of glory*.

É evidente que foi a palavra *glory* o ponto de partida para aquella explicação. Que pode ser uma *mão de gloria* senão alguma coisa celeste, divina, e se ella brilha, que pode ser, senão o raio, a *rubens dextera* do pae dos deuses e dos homens? Como coisa tão alta caiu na mão dos larapios e se tornou uma mão de defunto é que Cox não nos explica. O caso é mais intrincado do que fazer uma phrase pomposa e citar Horacio; para se chegar a alguma conclusão séria neste caso, era mister estudar todas as tradições que se liguem á *mão de gloria*, em todas as variantes, todos os nomes que lhe são dados, e tentar determinar pela comparação a fórma fundamental da crença; ora, até sem ir muito longe nessa investigação, ver-se-hia que a *mão de gloria* é só chamada entre nós *mão de defunto*, de *finado*, ou ainda *mão refinada*: uma inspecção dos textos reunidos em Ducange-Henschel e no diccionarlo de Littré mostraria que *main-de-gloire* é uma alteração de *mandragore*, *mandragora*, por etimologia popular, como a de *mão de finado*, em *mão refinada*; e que o nome de *mandragora* foi transferido para a *mão magica de finado*; restaria então determinar, de um lado, d'onde veio a tradição da mão magica de finado, d'outro, porque motivo ella foi aproximada ou assimilada á mandragora; mas bastam estas observações para fazer cair a explicação de Cox e mostrar a superficialidade com que elle procedeu.

Estamos certos que o sr. Leite de Vasconcellos será no futuro mais cauteloso na escolha das suas auctoridades, e se porá inteiramente ao corrente dos solidos methodos em mythologia.

E' claro que o livro fica como um quadro aberto para addições, grande parte das quaes nos virão do infatigavel autor. Entre outros assumptos esperamos que elle estude de modo completo o capitulo tão interessante da linguagem infantil, para o qual nos dá algumas notas a pag. 259. As fórmas hypocoristicas, como *Lélé*, *Beto*, foram estudadas por nós no *Boletim da Sociedade de Geographia* (2.ª serie n.º 3). O autor podia tambem mencionar a giria das crianças (e adultos) que se fórma por intercalação de lettras (em geral p) e repetição de vogal; exemplo: éu-péu qué-pé-ró-pó, eu quero, ou por inversões; exemplo: *ut aon bases*, tu não sabes. São processos que se encontram não só em toda a peninsula, mas talvez em quasi todo o mundo. Assim os ciganos dos Pyrineus bascos, que fallam a lingua do país, intercalam o p, e dizem, por exemplo, *jau-pau-na-pa* por *jauna*, senhor. Os circassos teem uma giria em que intercalam *r*. Os bazigar, tribu nomada da India, teem duas girias, uma usada pelos cabeças, outra commum aos homens, mulheres e crianças, em que a base é o industani, e em

que ha inversão e troca de lettras: assim as palavras industanis *ag*, fogo, *dum*, alento, *mas*, mez, *omr*, edade, *sona*, oiro, tornam-se na primeira giria *ga*, *mudu*, *samu*, *murvo*, *naso*; e na segunda *kag*, *num nas*, *nona*.

Em summa: o livro do sr. Leite de Vasconcellos, apesar dos nossos reparos e d'outros que a critica teria o direito de lhe fazer, é muito valioso e faz-nos conceber as mais lisonjeiras esperanças sobre o futuro litterario do autor. O *Annuario*, collaborado por todos os *folk-loristas* portugueses, é um util complemento da obra principal.

APENDICE AO ARTIGO PRECEDENTE

(PARTE III, CAP. 2)

O paralelismo na poesia popular

I

A *repetição* do fenomeno é uma lei universal, e os seus tipos principaes são a *repetição vibratoria* ou *fisica*, a *repetição organica* ou *hereditaria*, a *repetição social* ou *imitação* (G. Tarde). Mas o que se repete começou por não ser repetição, por surgir como *novo*, por ser *invenção*, como nota o citado sociologo [1]. A repetição pode não ser completa, combinar-se com a *invenção* e nesse caso é uma *variação*. A lei da repetição tem como complemento a da *oposição universal*. *Repetição-oposição* dão origem ao ritmo: tempo fraco e tempo forte, *arsis* e *thesis*. O ritmo é tambem uma lei universal. Os pitagoreos falavam da harmonia das esferas. A natureza inorganica tem ritmos que se reflectem na vida organica. Tal é o ritmo *nictemeral*, a successão do dia e da noite, o ritmo *hiberno-estival*, o ritmo *estual*, fluxo e refluxo da maré. «A natureza inteira está cheia de movimentos ritmicos de toda a especie de graus e durações. Todos os movimentos e todas as funções dos seres vivos são periodicos: o crescimento e a reparação, a assimilação e a perda sucedem-se alternativamente. Todos os nossos orgãos estão sujei-

---

1 G. Tarde desenvolveu essas leis nos seus livros; vide principalmente *Les lois sociales*, 6.ª ed. Paris, 1910; *Les lois de l'imitation*, 6.ª ed., 1911; *La logique sociale*, 3.ª ed. 1904; *L'opposition universelle*, 1897.

tos á fadiga e exigem repouso. Todas especies de estimulantes devem ser de curta duração, sob pena de serem funestas. Daí, a vantagem da obscuridade, por isso que, então, os estimulantes da luz e do calor são parcialmente suprimidos... As plantas, como os animaes, tiram proveito do repoiso nocturno, uns e outros são beneficiados igualmente pelos periodos mais longos do estio e do inverno, das estações secas ou chuvosas» [1].

Se a variação aparece como uma oposição ao que se repete, tambem é certo que ha manifesta tendencia para oposição a que se continue a modificação iniciada, para a volta á forma, ao tipo anterior. A isso se chamou a *lei* dos fenomenos reciprocos. Pretendeu-se até que a *Natureza tem horror á variação*, apesar de todas as variações que nela se observam [2].

Tarde escreveu: «Não ha instituição social que não se ligue a um orgão do corpo de que é apenas a *continuação social*. A linguagem, com seus prolongamentos antigos ou recentes, escrita, imprensa, telegrafia, telefone, é apenas o desenvolvimento do grito e do gesto, da laringe, e dos membros, em tanto que são expressivos e meios de comunicação... As *necessidades* continuam as *funções*, os pensamentos continuam as sensações, os ritmos dos versos continuam o ritmo respiratorio».

Um economista foi levado a estudar as relações entre o ritmo do trabalho e o ritmo do canto e da poesia com que nas fases primitivas e nas modernas populares, assim como no drama lirico, desde as formas mais modestas até ás mais complexas das obras d'um Wagner, aparece fundida. Os resultados desse estudo deu-no-los o referido economista, Karl Bücher num belo livro [3]. A dança aparece de longe e persistentemente em ligação com a palavra cantada: de exemplo proximo serve toda a nossa peninsula. As composições de caracter popular do nosso velho *Cancioneiro* dos seculos XII a XIV eram destinadas não só a serem cantadas, mas, pelo menos em grande parte, a serem dançadas. Aristoteles distinguiu triplice especie de ritmo: a das *formas* que se manifesta nos movimentos da dança, a dos *sons*, que, com a harmonia, se exprime na canção, e a do discurso, que *tem por partes* o metro. O ritmo era para êle natural ou congenito no homem.

O paralelismo no discurso, e particularmente na poesia, é um feno-

---

1 Wallace, *La place de l'homme dans l'univers*, apud Georges Bohn, *La naissance de l'intelligence* (Paris, 1910), p. 153.

2 G. Bohn, *Ob. cit.*, p. 160, seg.

3 Karl Bücher, *Arbeit und Rhythmus*, 3.te Auflage, Leipzig, 1902.

meno analogo ao do ritmo, o qual se encontra por toda a parte em que ha uma poesia; um filologo eminente em um livro muito notavel considera o paralelismo como uma forma primitiva da poesia, *Urform der Poesie* [1]. Ha povos para os quais o canto é entoado sobre uma só palavra ou até umas silabas sem sentido. Depois as palavras cantadas formam frases, exprimem pensamentos, dispostas simetricamente, ritmadas; surge o estribilho, elemento paralelistico, aparece a repetição com variação. Os retoricos inventaram o termo *anafora* para designar as repetições retoricas e distinguiram variedades nelas.

Norden admite que as formas da poesia passem nalguns casos de povo para povo e exemplifica com factos da historia da poesia persa, antiga italica e medieval e moderna cristã. Os persas sacrificaram as suas formas originaes dos versos ás arabes. Na Italia introduziram-se pelo ano 200 a. C. as formas metricas gregas, que chegaram a popularizar-se, fazendo desaparecer as antigas. A poesia dos povos modernos recebeu a rima do canto hinico latino. Mas o mesmo investigador diz que o substrato da rima é o paralelismo e que o paralelismo é talvez o mais importante «pensamento etnico» que existe, isto é um elemento espiritual comum a todos os povos, saido espontaneamente das tendencias do homem como tal, segundo o inventor da expressão *(Völkergedanke)*, o etnologo alemão Adolfo Bastian.

Uma tendencia, aliás comum aos diversos povos, explicavel pela unidade fundamental do espirito humano, pode todavia tomar formas particulares a este ou áquele povo e transmitir-se em seguimento a outro ou outros povos, sendo aceite facilmente em virtude da tendencia comum.

E' absurda a explicação da comunidade de elementos, da natureza dos que se consideram aqui, por comunidade de origens etnicas ou antropologicas dos povos em que nos aparecem, explicação de que é exemplo a chamada teoria turaniana. Nesses casos trata-se realmente de *Völkergedanken*, explicaveis sem transmissão, noutros de transmissão de povo a povo, sem mistura ou até identidade de sangue. A teoria turaniana pode aplicar-se a muita coisa, por exemplo aos *automoveis*, que encontramos na America, povoada, segundo certos cultores dessa teoria, primitivamente por turanios, e varios países da Europa, onde não é dificil demonstrar pelos processos dos ditos cultores que ha mongoloides (estes são necessariamente turanios), e se na China virmos girando automoveis o negocio é certo.

---

[1] Eduard Norden, *Die antike Kunstprosa* vom XI. *Jahrhundert* v. *Chr. bis in die Zeit der Rennaissance* (Leipzig, 1898), pp. 810 e segg.

Para o estudo das relações das formas paralelisticas da nossa poesia popular ou de caracter popular apresento aqui exemplos diversos colhidos nas minhas leituras; mas reconheço que a colecção só permite chegar a conclusões de caracter muito geral.

II

Na primeira das coleções de cantos portugueses dos seculos XII a XIV que foi conhecida, o *Cancioneiro* chamado primeiro do *Colegio dos Nobres* e depois *da Ajuda* [1], dos locaes do seu paradeiro, havia, entre algumas composições de estructura analoga, mas mais imperfeitas, as seguintes:

Eu sei la dona velida
que a torto foi ferida...
ca non ama.

Eu sei la dona loada
que a torto foi malhada...
ca non ama.

Ca se oj' amig'amasse,
mal aja que'-na malhasse,
ca non ama.

Se se d'amigo sentisse,
mal aja que'-na ferisse,
ca non ama.

Que a torto foi ferida,
nunca eu seja guarida,
ca non ama.

Que a torto foi malhada,
nunca eu seja vingada,
ca non ama.

---

[1] 1.ª ed.: *Fragmento de hum Cancioneiro Inedito*, etc., publicado por Carlos Stuart, Paris, 1823; 2.ª ed.: *Trovas e cantares de um codice do seculo* XIV, publicado por Francisco Adolpho Varnhagem, Madrid, 1849; 3.ª ed.: *Cancioneiro da Ajuda*, edição critica e commentada, por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Halle a. S., 1904.

O ultimo editor, a douta romanista D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, classifica essa composição de: «cantigas de refram, de contextura parallelistica» e dá uma reconstrução dela com oito estrofes de tres versos (incluindo o estribilho em cada uma).

No *Cancioneiro de D. Dinis* [1], encontraram-se cantos analogos, como os seguintes, na secção de *Cantigas d'amigo:*

1.

Bom dia vi, amigo,
pois seu mandad'hei migo,
louçana.

Bom dia vi, amado,
pois mig' hei seu mandado,
louçana.

Pois seu mandad' hei migo,
rogu'eu a Deus e digo:
louçana.
Etc.

2.

Amad' e meu amigo,
valha Deus!
Vede-la frol do pinho
e guisade d'andar.

Amigu' e meu amado,
valha Deus!
vede-la frol do ramo
e guisade d'andar.

---

[1] 1.ª ed.: *Cancioneiro d'El-Rei D. Diniz,* publ. pelo Dr. Caetano Lopes de Moura, Paris, 1847; *Das Liederbuch des Königes Denis von Portugal,* ed. critica por Henry R. Lang, Halle a S., 1894; *As composições de D. Diniz,* reproduzidas por Lopes de Moura, foram extraidas do grande *Cancioneiro português* da Biblioteca Vaticana, publicado integralmente por Ernesto Monaci em 1875. Lang reproduziu criticamente as composições de D. Dinis do Codice da Vaticana e juntou as do mesmo auctor do Codice da Casa Brancuti, publicado na parte que falta no *Cancioneiro do Vaticano,* por Enrico Molteni, Halle a. S. 1880.

Vede-la frol do pinho,
valha Deus!
selad'o baiozinho
e guisade d'andar.

Excertos novos do *Cancioneiro da Vaticana*, antes da publicação total deste por Monaci, como os *Canti antichi portoghesi*, do mesmo, o *Cancioneirinho de Trovas Antigas*, de Varnhagen, e depois aquella publicação mostraram que o genero da poesia que se chamou paralelistica e que em geral apresenta sabor pupular ou parece imitada de tipos populares, fôra muito cultivada entre nós no primeiro periodo da nossa cultura poetica. Diez notou a semelhança dessas composições com algumas intercaladas por Gil Vicente nas suas peças teatraes [1]. Por 1873-1877 afirmou-se que esses cantos portugueses correspondiam a um tipo generalizado na Europa meridional, mas não se tratou de demonstrar a existencia de tal tipo colhendo paradigmas. O dr. Teofilo Braga por esse tempo teve a felicidade de ler Fr. Lenormant, *Les premieres civilisations*, como eu li tambem o livro do mesmo autor *La Magic chez les Chaldéens* (Paris, 1874), onde achei um canto classificado pelo autor francês de *popular acadico*, de Babilonia, talvez entoado por ocasião das sementeiras:

«Le blé qui s'élève droit, arrivera au terme de sa croissance prospère; le nombre (pour cela) nous le connaissons.

«Le blé de l'abondance, arrivera au terme de sa croissance prospère; le nombre (pour cela), nons le connaissons».

O citado autor português traduziu esse canto do modo seguinte:

O trigo que direito crece
No fim dará boa messe;
O segredo, nós sabemo-lo.

O trigo que dá fartura
Daria a boa cultura;
O segredo, nós sabemo-lo.

Achou ainda o dr. Th. Braga num livro do sinologo Pauthier traducções de versos do Chi-King, que apresentam tambem analogo parale-

---

[1] Friedrich Diez, *Ueber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie* (Bonn, 1863), p. 100. Cf. José Joaquim Nunes, *As cantigas parallelisticas em Gil Vicente* (Lisboa, 1910: *Separata da Revista Lusitana*, vol. XII).

lismo de formas. Isto basta-lhe para explicar a unidade (ainda não provada) das formas do lirismo dos povos romanicos: esse fenomeno é «uma revivescencia etnica», provem do «elemento turaniano» desses povos da Europa e da Asia. E como hoje já ninguem fala da *teoria turaniana* de Max Müller e outros, que combinada com a teoria mongoloide de Pruner-Bey, que tambem passou para o dominio da historia e como teriamos, demais, para admitir a tese do historiador da literatura portuguesa, de julgar que em longinquo, estupendamente longinquo periodo prehistorico, já havia cantos com dois versos rimados, repetições paralelas e um estribilho, relembrando essa tese de passagem, não perderemos mais tempo com ela, embora vamos talvez ministrar ao seu autor, em textos que aqui se reunem, argumentos novos [1].

Já em 1876, o historiador da literatura alemã Wilhelm Scherer chamara a atenção para os cantos aludidos do Chi-King, cujo genero é chamado Hing, e que ele conhecia da tradução do jesuita Lacharme e lembrou terem uma estrutura semelhante á de cantos europeus; frequentemente aparece em tres estrofes o mesmo pensamento com tres variantes [2].

III

Ha quadras populares que são variantes doutras pelo processo da repetição paralelistica. Eis alguns exemplos:

1.

O' Senhor da Piedade
Na vossa capela o digo,
Não volto cá outro ano
Sem trazer o meu marido.

O' Senhor da Piedade,
Eu bem alto vo-lo digo,
Não torno lá outro ano
Sem levar amor's comigo [3].

---

[1] Dr. Teofilo Braga, *Parnaso portuguez moderno* (Lisboa, 1887), p. XXVIII e *Cancioneiro portuguez da Vaticana. Edição critica* (Lisboa, 1878), pp. CI e seg. Cf. do auctor do presente artigo *Notas mitologicas. O Tangro-mangro e os Turanianos*, extraído de *A Renascença*, vol. I. pp. 165 a 167 (Porto, 1881).

[2] Cit. por H. R. Lang, *obr. cit.*, p. CXLII.

[3] A. Tomás Pires, *Cantos populares portuguezes*, I (Elvas, 1902), n.os 303 e 304: a primeira quadra é do Alemtejo, a segundo do Doiro.

2.

Senhora do Bom-Despacho,
Senhora do Livramento,
Eu perdi o meu amor,
Trazei-m'o ao pensamento.

Senhora do Livramento
Senhora do Bom-Despacho,
Eu perdi o meu amor
Eu perdi-o, não o acho [1].

3.

S. João se adormeceu
Nos braços de sua tia,
Acorda, João, acorda
Que amanhã é o teu dia.

S. João se adormeceu
Nas escadinhas do coro,
Deram as freiras com êle,
Depenicaram-no todo.

S. João se adormeceu
Nas escadas do colegio,
A justiça não deu com êle,
S. João tem privilegio.

S. João se adormeceu
Nas escadas do colegio
E acordou aos tres dias,
S. João tem privilegio [2].

4.

S. João perdeu a capa
No caminho do jardim,
Ajuntem-se as moças todas
Façam-lhe uma de setim.

[1] Idem, *Ibidem*, n.os 444 e 445: ambas as quadras são do Doiro.

[2] Idem, *Ibidem*, n.os 569-572: todas do Alemtejo. A terceira é a mais vulgarizada no país.

S. João perdeu a capa
No caminho do estudo,
Ajuntem-se as moças todas,
Façam-lhe uma de veludo [1].

5.

S. João me prometeu
De me dar uma capela,
Eu tambem lhe prometi
Toda a vida ser donzela.

S. João me prometeu
Uma capela me dar,
Eu tambem lhe prometi
Ser solteira... até casar [2].

6.

S. João, por ver as moças,
Fez 'ma ponte de cortiça,
As moças não vão á ponte,
S. João todo se riça.

S. João, por ver as moças,
Fez uma ponte de prata,
As moças não vão a ela,
S. João todo se mata [3].

7.

S. João, quando entrou,
Quando entrou á porta falsa,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na praça.

---

[1] Idem, *Ibidem* n.os 576 e 577: ambas do Alemtejo.
[2] Idem, *Ibidem*, n.os 580-581: ambas do Alemtejo.
[3] *Ob. cit.* n.os 585 e 586: ambas do Alemtejo.

S. João, quando entrou
Pelas portas da Carreira,
Perguntou ao seu alferes
Se havia trigo na eira [1].

Varios outros exemplares do paralelismo tem sido colhidos na poesia popular moderna portuguesa. Juntaremos as rimas seguintes ouvidas ha muitos annos em Coimbra, em que aparece o tema do *lirio:*

Ó do lirio branco!
Quem é mulher do coxo
E' mulher do manco.

Ó do lirio roxo!
Quem é mulher do manco
E' mulher do coxo.

Nos romances epicos, um tanto esquecidos pelo que respeita aos versos paralelisticos, ha alguma coisa que colher, por exemplo na *D. Silvana:*

—Mama, mama, meu menino,
Deste leite de paixão;
Amanhã por estas horas
Está tua mãe no caixão;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite de pesar;
Amanhã por estas horas
Está tua mãe a enterrar;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite de amargura,
Amanhã por estas horas
Está tua mãe na sepultura;
Mama, mama, meu menino,
Deste leite derramado,
Que amanhã por estas horas
Está meu corpo sepultado [2].

---

[1] *Ob. cit.* n.os 592 e 593; ambas do Alemtejo. Na coleção de Tomás Pires encontram-se ainda outros exemplos do processo.

[2] Teofilo Braga, *Romanceiro geral portuguez*, 2.a ed. (Lisboa, 1906), traz muitas variantes do romance, pg. 488-556.

Cf. D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos em *Revista Lusitana*, II, 215.

IV

Da poesia popular, propriamente dita, dos povos da antiguidade classica pouco chegou até nós, e isso explica por que quasi não possamos apontar exemplos de versos paralelísticos desses povos. Percorrendo o que nos resta dos bucolicos sicilianos só descobrimos um exemplo em Teocrito, no famoso idilio da sedução (n.º XXVII), v. 12-14:

DAPHNIS: Vim aqui sob os zambujeiros para te contar uma historia.

PASTORA: Não quero ouvir; já uma vez me enganaste com as tuas doces palavras.

DAPHNIS: Vim aqui sob os ulmeiros para te fazer ouvir a minha flauta.

Aqui temos a menção das arvores (o zambujeiro, o ulmeiro), frequente na poesia popular, como mostram os exemplos que daremos abaixo e os que podem colher-se no *Cancioneiro português* dos seculos XII a XIV.

Em varios idilios de Peovrito e Mosco ocorre um estribilho.

Nos cantos amebaicos seria talvez frequente o paralelismo.

V

Os seguintes exemplos são da poesia popular italiana [1].

1.

Me voglio maridar: so' maridada;
Credeva de star ben: so' sassinada;
Credeva che l'amor fusse un zoghetto,
Ma invece l'è un tormento maladetto;
Credeva che l'amor fusse un zogar,
Ma invece l'è un tormento da crepar [2].

---

1 Esses exemplos foram tirados da obra de Alessandro d'Ancona, *La poesia popolari italiana*. Studj. Livorno, 1878.

2 D'Ancona, *ob. cit.* p. 148, de Medico, *Canti del popolo veneziano*, 2.ª ed. Venezia, 1857.

2.

In alto in alto vo' fare un palazzo,
In alto in alto sulla bella altura.
A ogni finestra vo' tendere un laccio,
A tradimento, per tradir la luna:
A tradimento, per tradir le 'stelle
Perchè restai tradito dalle belle;
A tradimento, per tradir il sole,
Perchè restai tradito dall' amore [1].

3.

E' mi son messo a fabrica' un castello,
Credevo d'esser vero castellano:
Quando l'ho fabbricato e fatto bello,
M'hanno levato le chiave di mano.
Ed io, meschino, che l'ho fabbricato,
Con pianti e con sospiri l'ho lasciato;
Ed io, meschino, che lo fabbricai,
Con pianto e con sospiri lo lasciai [2].

4.

Facciam la pace, caro bene mio,
Che questa guerra non puo più durare:
Se non la ouvi far, la farò io:
Fra me e te non ci è guerra mortale;
Fanno la pace principi e signori,
Così la posson far due amatori;
Fanno la pace principi e soldati,
Così la posson far due innamorati:
Fanno la pace principi e tenenti,
Tanto la possono far du' cor contenti [3].

---

1 D'Ancona, ob. cit. p. 156, de G. Trigri, *Canti popolari Toscani*, Firenze, 1869, n.º 1128.

2 *Rispetto* toscano, lição ms. apud D'Ancona, p. 158.

3 D'Ancona, p. 159, de Tigri n.º 810.

5.

— Dove sei stato, o giovenin, d'inverno,
Che bianco e rosso siete sull'estate?
— Stato sul giardin di là dell' Elmo,
Dove son quelle viole imbalsamate;
E tu sei stato sul giardin del sole,
Dov'hanno imbalsamato le viole [1].

6.

Vado cercando, e non posso trovare
Un fiume che ribocchi alla marina;
E se lo trovo, mi ci vo' buttare,
L'acqua me menerà contro rovina;
I pesci me verrano a visitar,
E mi diranno: Povera meschina!
'Sta penitenza chi te la fa fare?
Me la fa fare un giovine crudele,
Che m'ha lasciato, e non me vuol più bene:
Un giovine crudele me la fa fare,
Che m'ha lasciato, e non me vuol più amare [2].

7.

Ch'hai mecco, brutta, che me miri in torto?
Mirami dritta, tu possa accecare,
E m'hai mandato le capre nell'orto,
E l'insalata m'hai fatto mangiare.
E m'hai fatto mangiare l'insalata,
Civetta che civetti fuori e in casa.
E m'hai fato mangiar il pitorsello,
Civetta che aveti questo e quello.
E m'hai fatto mangiare l'erba mora,
Civetta che civetti in casa e fuora [3].

---

[1] D'Ancona, p. 193, de Tigri, n.º 710.

[2] D'Ancona, p. 269, de Oreste Marcoaldi, *Canti popolari inediti umbri, liguri, piceni, piemontesi e latini* (Genova, 1855): canti piceni, n.º 77.

[3] D'Ancona, p. 276, de Tigri, n.º 798.

Alessandro d'Ancona anota a essas formas de canto: «La ripresa è, dunque, forma essenziale e caratteristica del Canto populare toscano, o *Rispetto:* e quando si rinviene in Canti di altre regioni si pùo ben dire che ciò provi derivazione od imitazione. Di essa pùo trovarsi qualche imperfetta immagine anche nella poesia dell'arte, alla quale probabilmente è passata pel tramite dei *Cantari di piazza*, e certo è forma che fa molto comodo al genero narrativo. Lo Schuchardt ne ha trovato trace anche nell'Ariosto; e el più notevole è questo.

E fa crollar si il mirto ov'è legato
Che delle frondi intorno il piè gl'ingombra:
Crollar fa il mirto e fa cader la foglia,
Nè succede però che se ne sciogli a[1].

A observação de Alessandro d'Ancona de que as repetições se acomodam ao genero epico acha confirmação no que já foi notado relativamente ao romanceiro e num poema muito interessante *La Baronessa di Carini*, lenda historica popular siciliana do seculo XVI. Daremos só uma amostra do emprego do processo no poema. Narra-se o assasinio da infeliz Catarina, filha do barão Vincenzo di Carni, pelas mãos do proprio pai, por causa das relações amorosas secretas dela, que tinha dezoito annos, com o barão Vinzenzo Vernagallo (vv. 183-194):

Oh chi scunfortu pri dd'arma 'nfilici
Quann 'un si vitti di nuddu ajutari!
Abbauttuta circava l'amici,
Di sala in sala si vulia sarvari:
Gridava forti: *Ajutu, Carinisi!*
Ajutu, ajutu, mi voli scannari!
Dissi arraggiata: *Cani Carinisi!*
L'ultima vuci chi putissi fari;
L'ultima vuci cu l'ultimu ciatu,
Ca già lu sò curuzu è traspassatu;
L'ultima vuci e l'ultimu duluri,
Che già versi lu sangu e lu culuri[2].

---

[1] D'Ancona, p. 303.

[2] Foi publicada por Salomone-Marino, 2.ª ed. Palermo, 1873. Vidè os artigos de Felix Liebrecht em *Göttingische Gelehrte Anzeigen*, 1870 pg. 1035 e segg. e em *Jahrbuch für romanische und englische Sprache und Literatur*, XIV Band (Leipzig, 1875), pag. 240 e segg.

VI

«La musica vocale zingara si compone di canzoni brevi e di stornelli. I più abili in queste composizioni sono gli Zingari di Rumenia, i quali, musicando pei rumini loro padroni, cantano in lingua zingara per dolersi, per maledire, per rallegrarsi. Ed hanno successo specialmente talune strofi, un pó scollacciate, in cui entra in scena quasi sempre un tal brigante Bonjor e che finiscono coll' invocazione alla Luna (Lado). Ad esempio:

Qui sotto alla fontana, due vergini lavano il grano.
Bonjor le tiene per mano.
Lado! lado!
Qui sotto alla fontana, due vergini lavan la lana.
Bonjor le tiene per la vita.
Lado! lado!

Negli stornelli, se la strofa è battagliera, si fa precedere l'invocazione alla foglia verde di quercia; se ditirambica, alla fogli verde di vite; se erotica, alla foglia verde di rosa; se consolatrice, alla foglia verde di nagara:

Foglia verde di quercia!
Bonjor è in campagna, etc.» [1].

A poesia dos ciganos da Hispanha não parece em geral assentar numa base tradicional que remonte á patria indiana. Para os *Cantos flamencos* mostrou H. Schuchardt que os ciganos de Hispanha foram impregnados de elementos do meio peninsular.

A semelhança dos exemplos citados por Colocci com as composições analogas portuguesas é das mais proximas que encontramos nos paradigmas reunidos, no meio tambem de diferenças importantes que revelam adaptações diversas segundo tendencias particulares dos povos. O tema das «donzelas lavadeiras» encontra-se numa canção de D. Dinis:

Levantou-s' a velida,
levantou-s' alva
e vai lavar camisas
e-no alto.
Vai-las lavar alva.
Etc.

---

1 Adriano Collocci, *Gli Zingari* (Torino, 1889), pp. 279-80.

Trata-se dum tema que se oferece com a maior facilidade á Musa popular.

O tema «lavar os cabelos» surge noutras composições antigas portuguesas do mesmo genero; como na de Pero Meogo (*Canc. da Vaticana*, n.º 794):

E-nas verdes ervas
vi andá-las cervas,
meu amigo.

E-nos verdes prados
vi os cervos bravos,
meu amigo.

E con sabor delas
lavei mias garcelas,
meu amigo.

E com sabor delas
lavei meus cabelos,
meu amigo.

O estribilho Did-Lado na poesia popular dos slavos

(Nota ministrada pelo snr. Alfredo Apel, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa).

O estribilho *Did-Lado*, aparece com muita frequencia na poesia popular dos slavos, e principalmente nas canções russas. Ora um estudo atento destas canções, comparadas ainda com algumas canções analogas lituanas, mostra positivamente que se trata duma divindade leto-slava. Esta era uma divindade da primavera, relacionando-se directamente com o sol, fonte de toda a fecundidade.

Assim, existe ainda p. ex. na Russia uma festa vernal com uma dança circular, acompanhada de canto coral, e na qual se invoca aquela divindade. Essa festa intitula-se *Krássnaia Gôrka*, e provem dum antigo culto pagão, que se realizava em honra do sol. *Krássnaia Górka*, significa «o vermelho ou brilhante monticulo», pois primitivamente, a festa do mesmo nome era celebrada, ou pelo menos, inaugurada no alto duma colina iluminada pelo sol [1].

A referida festa vernal realiza-se no primeiro domingo depois da Páscoa, inaugurando-se assim uma serie de danças circulares *(Korovód)* e periodicas, acompanhadas de canto coral, que duram até o fim de julho. Ora já a fórma

---

[1] O epiteto *Krassnoe* (vermelho, bonito) acompanha constantemente, nas canções populares russas, a palavra Sólnuixko (solzinho).

dessas danças em roda, com o seu movimento circular, simbolizando o movimento do sol, mostram que devem a sua origem a uma festa agricola que se realiza em honra do sol, e que tinha primitivamente uma significação religiosa. Isto vê-se p. ex. pelo conteudo duma canção relativa áquelas danças que se conservou, e na qual se invoca *Did-Ládo* (o sol):

E nós limpámos a roça;
Ò, Did-Ládo, limpámo-la:
E nós semeámos milho, semeámo-lo.
Ò, Did-Ládo, semeámo-lo, semeámo-lo, etc.

Em muitas localidades da Russia é uso chamar-se, em Março, a primavera em canções, para ela vir; semelhantes canções denominam-se *vessnhänka* (canções da primavera, de *vessná*, a primavera). Ora em algumas dessas canções alterna o nome de Ládo com o de Deus:

Abençôa, mãe [1],
Ò mãe Lada [2], mãe,
Para chamarmos a primavera,
Para acompanharmos o inverno;

Ou:

Abençôa, Deus,
Abençôa, mãe,
Para chamarmos a primavera,
Para acompanharmos o inverno! etc.

Em algumas canções lituanas, *Láda* invoca-se assim:

Láda, Láda, dido musu deve: (Láda, Láda, nossa grande deusa!) Em uma dessas canções aparece o nome de *Ládo* junto com o do sol. Um pastor canta assim: «Não tenho medo de ti, ó lobo! O Deus com os caracoes luminosos não ha-de deixar-te chegar. Ládo, ó sol-ládo [3]...»

VII

Eis um *canto de moinho* de Jerusalem:

Sus, escuta o mocho,
Ele piava e dizia:
Dizia: O' Zmicna,
As noites felizes passaram.

---

[1] Afanassief. *A maneira poetica de os slavos encararem a natureza* (Em russo), vol. III, pp. 690 e 721.

[2] A forma Lada, divindade feminina, encontra-se a pár de *ládo*.

[3] W. R. S. Ralston, *The Songs of the Russian People* p. 105.

Sus, escuta o mocho,
Ele piava em a noite;
E dizia: O' Zmicna,
As noites felizes acabaram [1].

VIII

O seguinte exemplo é um canto popular, muito espalhado na Alemanha, relativo á cultura do linho e em que o paralelismo é imposto pela designação das varias operações a que a planta é sujeita.

Wenn der Flachs gesäet ist,
So will er auch gejätet sein.
Lieber Mann,
Jätet dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gejäet ist,
So will er auch gerupfet sein.
Liber Mann,
Rupfet dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gerupfet ist,
So will er auch gebunden sein.
Liber Mann,
Bindet dann,
So seh'ich meine Freude dran
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gebunden ist,
So will er auch gerefft sein.
Lieber Mann,
Reffet dann,
So seh'och meine Freude dran,
Ich kann Flachs sä'n.

---

1 De Dalman, *Palästinischer Diwan* em Karl Bücher, *Arbeit und Rythmus*. Dritte Auflage (Leipzig, 1902), p. 69.

Und wenn der Flachs gerefft ist,
So will er auch ins wasser hinein.
Lieber Mann,
Wässert ihn dann,
So seh ich meine Freude dran,
Ich kann Flachs sä'n.

Und wenn der Flachs gewässert est,
So will er auch gewaschsen sein,
Lieber Mann,
Wascht ihn dann,
So seh'ich meine Freude dran.
Ich kann Flachs sä'n [1].

Analogo a esse canto é o da apanha e preparação do lupulo, de que reproduzimos só duas estrofes:

Und was sagte denn der Hopfen,
Kriechend aus der Erde?
  Era ritamta,
  Faladroti kumferta!
Wirst du mich micht gut aufbinden,
Keim'ich auf der Erde.

Und was sagte denn der Hopfen,
Auf der Stange rankend?
  Era ritamta,
  Faladroti kumferta!
Wenn du mich nicht zeitig abpflückst,
Werde ich verstäuben [2].

As repetições que podemos chamar cumulativas encontram-se em muitas tradições populares, como nas portuguesas: *A Carochinha*, *A formiga que prendeu o pé na neve*, *A Romanzeira do macaco*, etc. (vid. os meus *Contos populares portugueses*, 1879, n.os 1 a 4); *As doze palavras retornadas*, de que publiquei variantes na *Romania*, III (1874), pp. 269-273, na *Revista Lusitana*, I, pp. 246-254, no *Boletim*

---

1 Simrock, *Die deutschen Volkslieder*, nr. 265, apud Karl Bücher, *Arbeit und Rythmus* (3.te Auflage; Leipzig 1902), p. 77.

2 *Ob. cit.*, p. 119.

da Sociedade de geographia, 2.ª serie, n.º 6; o jogo *A chave do Castelo de Chuchwrumelz*, etc.

IX

Os seguintes exemplos são de cantos de sequencia dos indigenas (Navajos) do norte da America, em traducção livre ingleza:

1.

The sacred blue corn-seed I am planting,
In one night it will grow and flourish,
In one night the corn increases,
In the garden of the Home God.

The sacred white corn-seed I am planting,
In one day it will grow and ripen,
In one day the corn increases,
In its beauty it encreases.

2.

Shall I cull this fruit
Of the great corn-plant?
Shall you break it? Shall I break it?
Shall I break it? Shall you break it?
Shall I? Shall you?

Shall I cull this fruit
Of the great squash vine?
Shall you pick it up? Shall I pick it up?
Shall I pick it up? Shall you pick it up?
Shall I? Shall you?

3.

From the East
Through the middle of your field,
Your corn moves. It walks.
From the West
Through the middle of your field,
Your plants move. They walk [1]

[1] *The Journal of American Folk-lore*, vol. VII, pp. 187, 193, 194.

X

Dou na tradução alemã, para não o alterar mais por uma segunda tradução, o seguinte canto dos esquimós:

Den grossen Koonak Berg in Süden drüben,
Ich sehe ihn.
Den grossen Koonak Berg in Süden drüben,
Ich schaue ihn.
Den leuchtenden Glanz im Süden drüben,
Staune ich an.
Jenseits von Koonak
  Dehnt es sich aus,
Dasselb was Koonak
  Seewärts umschliesst.
Schau, wie sie (die Wolken) ins Süden
  Wogen und wechselm,
Schau, wie sie im Süden
  Einander verschönern;
Während er (der Gipfel) seewärts umhullt ist
  Von wandelnden Wolken
Seewärts umpüllt,
  Einander verschönernd [1].

No original esta canção como outras duas, reproduzidas pelo mesmo auctor, têm um estribilho sem sentido.

XI

Eis um canto paralelistico, como muitos dos finlandeses, em tradução inglesa:

A maiden walked along the air's edge
  a girl along the nuvel' of the sky.
Along the oultine of a cloud
  along the heaven's boundary,

[1] Ernst Grosse, *Die Anfänge der Kunst* (Freiburg i. B. und Leipzig, 1894), p. 234 (de Rink, *Tales and Traditions of the Eskimos*, pp. 66 ss).

In stockings of a bluish hue,
  in shoes with ornamental heels,
A wool-box in her hand,
  under her arm a hairfilled pouch,
etc. [1]

O traductor inglês desse canto diz: Em finlandês a segunda linha duma copla é quasi sempre uma repetição, noutras palavras, da antecedente e está em oposição com ela [2].

XII

Segue uma amostra do paralelismo biblico, extraída do *Evangelho* de S. Mateus, cap. VII.

v. 13-14 Intrate per angustam portam:
quia lata porta et spatiosa via
quae ducit ad perditionem,
et multi sunt qui intrant per eam.

Quam angusta porta
et arcta via
quae ducit ad vitam
et pauci sunt qui inveniunt eam.

v. 16-19 a fructibus eorum cognoscetis eos,
Numquid colligunt de spinis uvas
aut de tribulis ficus?
Sic omnis arbor bona fructus bonos facit,
mala autem arbor fructus malos facit,
Non potest arbor bona fructus malos facere,
nec arbor mala fructus bonos facere.
Omnis arbor quae non facit fructum bonum exciditur,
et in ignem mittitur.
v. 24-27 Omnis ergo qui audit verba mea haec et facit ea
assimilabitur viro sapienti,
qui aedificavit domum suam supra petram:

---

1 J. Abercormby, *Magic songs of the Finns* em *a Folk-lore quaterly Revew of Myth*, etc. I (London, 1890), p. 26.

2 *Ob. cit.* p. 22.

et descendit pluvia
et venerunt flumina
et flaverunt venti
et inruerunt in domum illam,
et non cecidit;
fundata enim erat supra petram.
Et omnis qui audit verba mea haec et non facit ea
similis erit viro stulto,
qui aedificavit domum suam supra arenam;
et descendit pluvia
et venerunt flumina
et flaverunt venti
et inruerunt in domum illam
et fuit ruina ejus magna.

O paralelismo biblico é sobretudo um paralelismo de pensamentos principalmente de pensamentos que se opõem (antiteses), como observa Eduard Norden, que o distingue fundamentalmente do paralelismo da prosa artistica grega e latina, que é formal e a que os gregos chamavam παρίσωσις. [1]

F. ADOLFO COELHO.

---

[1] Eduard Norden, *Ob. cit.*

FALAS E TRADIÇÕES

DO

DISTRITO DE VIANA-DO-CASTELO

(Vid. REVISTA LUSITANA, XIII, 72)

II

a) VOCABULARIO

apresigar — presigo — apresigo: ... «um caixão de cajú, pitanga e goiabada, golosinas que os velhos apresigavam com brôa, pesarosos, ao que parecia, de não poderem apresigar tambem um papagaio e um saguí, bichos que distrahiam Angelica do trabalho. — CAMILO, *A Bruxa de Monte-Córdova*, Lisboa, s. d.; pág. 11.

E na mesma página, em nota:

«Creio que o termo *apresigar* não corre auctorisado pelos diccionaristas portuguezes. *Apresigo*, nas provincias do norte, diz o mesmo que *conducto*. É boa palavra, porque tem a chancella do mais classico povo de Portugal.»

Apresigo ou *presigo*. Esta última forma é a mais usada por aqui.

barrela — barrelona, mulher porca. Mais raro ouvir-se *barrelão*, homem porco.

barroneira, = *varroeira* (de *varrão*). Diz-se da porca que procura o porco. (Comp. **boieira.**)

bate. Nas *Apostilas* (pág. 133, I) lê-se:

«O que é singular é que *bate* seja o nome que em Caminha se dá ao *pão-de-ló*, outra locução de origem obscura» ...

Efectivamente, *bate* é por aqui, por toda esta região do norte, *pão-de-ló*, ou, mais justamente, a *rosca de pão-de-ló*.

A *rosca* é pequena, ou grande como a roda de um carro (comparação popular), e em geral não é furada no centro. Mais próprio neste caso era chamar-lhe *bôlo* que *rosca*. Mas também chamam *roscas* a uns *folares* de pão que teem a forma de U e se usam pela Páscoa.

Bate é, a meu ver, o substantivo verbal de *bater*. O *pão-de-ló* é muito *batido*; faz-se *batendo* muito a massa de que é preparado, antes de ir ao forno.

(Comp. *bater manteiga*, *bater ovos*, etc.) De *bate de pão-de-ló*, ficou simplesmente *bate* (Comp. **pique**).

beto. Jôgo com uma *tala* e uma *bola*, etc. Pronuncia-se *béto*.

Pelo que se vê nas *Apostilas* (pag. 144, I), em Trás-os-Montes chamam *beto* a uma espécie de meia-pá de madeira com que se joga o *toque-em-boque*.

Não sei se o jôgo será o mesmo. Aqui chama-se *beto* a um jôgo em que se usa uma *tala*. Para *tala* serve uma tàboazinha estreitada numa ponta para se poder pegar nela fácilmente e apropriada a arremessar longe, por pancada, uma bola que outro jogador lança verticalmente ao ar.

belfa, prosápia, bazófia. *Hei de tirar-lhe a belfa. Tem muita belfa:* frases populares.

Não sei se advirá esta acepção a «belfa» de em regra trazerem os «bazófias» as bochechas *inchadas*, cheias, e o lábio inferior saído desdenhosamente. (De *belfo*);

Bazófia é também o que tem *bazófia: Aquilo* é que é *bazófia* ou *bazófias*! [1]

bico: 1) = *beijo*.

O sr. Gonçalves Viana, nas *Apostilas* (I, pág. 146), já menciona *bico* nesta acepção. Mas não é só em Caminha. É em todo o norte, e ainda em galego.

Semeei na tua horta
a semente dos cuminhos,
a quem lhe deste os abraços
dá-lhe também os biquinhos.

E ao lado desta cantiga, que ouvi a uma senhora de Viana, estoutras galegas:

A estopa non é lan:
¡quen me dera ser estopa
que tantos bicos lle dan!

Dechesme un anillo de ouro
todo roído dos ratos:
A quen lle dechel-os bicos
Dalle tamen os abrazos [2].

Há uma poesia de R. Lopez intitulada «un bico» e cujo primeiro verso é — *ay, Maruxiña, por Dios dam, un bico*

E esta rima popular:

— Dás-me um bico?
— Não que me pico.

2) = renda estreita, aos bicos. *Vai comprar uma peça de bico.*

Há ainda outras acepções de *bico*, espalhadas pelo país:

3) = aparo
4) = bôca. *Cale o bico! Bico-aite!*
5) = bebedor de vinho
6) = bebedeira

Veja-se êste passo:

Nos grandes do vinho o effeito
Dizem todos: — é *spleen!*
No pobre . . . a queixa de peito
É vinho! . . . Vae tudo assim! . . .
É *perua* . . . é *cabelleira* . . .
Carraspana . . . *borracheira*
Turca . . . *porco* . . . e que sei eu? . . .
É inda *bico* . . . *moafa* . . . — FAUSTINO XAVIER DE NOVAIS — *Poesias*; Pôrto, 1855, pág. 300.

E já que se fala de sinónimos de *bebedeira*, mais êste passo:

«E porque o beber em tal dia, tanto agoniou o governo, e apanhar á segunda ou terça-feira um pifão de tumba e caldeirinha — não irrita os escrupulos da consciencia ministerial?» — *A Voz Publica* (Pôrto), 25-agosto-1907.

Por aqui diz-se: BÊBEDA, CAMUECA, NASSA, PIFÃO, PITEIRA, TACHADA, TURCA, CARRASPANA, PIELA, ROSCA, PERUA, TIORGA.

7) = pessoa (como se diz «bôca», «cabeça»):

«Parece que há já muitas inscripções para o banquete de amanhã. O preço é de 2$500 cada bico, fóra os vinhos». — *A Luta* (Lisboa), 24-agosto-1907.

8) = dificuldade, questão embaraçosa:

. . . «com um bocadinho de boa vontade, arrumando-se na ultima categoria o *bico* da padralhada estrangeira» . . . —

[1] Sôbre outros significados de *belfa*, vid. *Apostilas*, pág. 139, I.

[2] Cantares populares de Galicia in «*Boletin de la Real Academia Gallega*. V — pag. 90 e 91.

Educação Nacional (Pôrto), 2-setembro-1911.

9) = «Os porcos em Mondim-da-Beira chamam-nos *bico! bico!* ou *bicá! bicá! bicá-tó*, tó, tó...» — *Tradições*, do sr. Leite de Vasconcelos, pág. 190.

E há as expressões:

10) = *bico d'obra*

...« promete degenerar n'um serio *bico d'obra*». — *O Primeiro de Janeiro* (Pôrto), 23-novembro-1911.

«Lisboa, 26...

...embora andem preocupados (os chefes monárquicos) com o caso da sucessão, que tem bico d'obra.» — *A Voz Publica* (Pôrto), 27-julho-1907.

11 = *água no bico*

«Olha que na vila já perguntaram se cá na casa estavam hóspedes, porque vinham p'ra cá muitas comidas. Que não vão elles pegar a desconfiar... Esta pergunta á moça traz água no bico. — CAMILO, *A Brasileira de Prazins* — in-*Norte* (Pôrto), 15-abril-1908.

12) = *Virar o bico ao prego.*
13) = *bico do peito* = mamilo.
14) = *grão de bico.*
15) = *pau de dois bicos.*
16) = *melro de bico amarelo.*
17) = *bico da rótula* (anatomia).
18) = *bico-incandescente.*
19) = *bico-de-grou* (espécie de erva), etc.

boieira, diz-se da vaca que procura o boi. (Cfr. *barroneira*).

candeia: é a flor do castanheiro, em Paredes-de-Coura.

carrela, = padiola. (Areosa)

chieira, vocábulo registado nas *Apostilas* (pág. 291, I). Quere dizer *bazófia, vaidade*. Usado no Pôrto e tambêm por aqui. Póde-se dizer que é empregado pelo povo do norte.

Vem de *chiar*. Provávelmente assim:

A gente do povo ao domingo, ou em ocasião de festa, enfarpela-se o melhor que pode. Ter uns sapatos ou umas botas novas é o cúmulo da satisfação. E se êsse calçado *chia*, indicio de que é novo, — a gente classifica a satisfação do proprietário do calçado pelo que nele mais sobressai: a *chieira*.

E como o nosso povo tem, como todos, a sua vaidadezita, ela vem-lhe ao rosto e às maneiras, ao sentir o efeito da *chieira* do calçado. O vocábulo passou a designar essa *bazófia* e, depois, *bazófia* em geral.

chòninha, chòninhas, = maricas; pessoa, no geral homem, amaricada. De *Joaninha*, talvez.

condesseiro, homem que faz condessas.

«*Condeceiros* — Manuel Gonçalves»... — *Almanaque de Viana e seu distrito* para 1912, pág. 100.

curador. Ouvi chamar assim ao «curandeiro», na Abelheira, perto desta cidade.

empalhador, o que *empalha*, que põe a *palhinha* nas cadeiras, canapés, etc.

«*Empalhador* — João Dias».. — *Almanaque de Viana*.. para 1912, pág. 103.

esgadunhar = esgadanhar, arranhar. De *gadunha, gadunho*, termos com que o povo indica as unhas crescidas. *Tira lá as gadunhas! Gadunho* é usado mais no sentido de *dedos, mãos: está lá quieto com os gadunhos!*

espalho, substantivo verbal de *espalhar* (= distrair ou distrair-se. *Vou espalhar* = vou-me distrair. *Vou espalhar a tristeza*).

Tomar um espalho.

estardalho = estafermo. Ex: «O diabo do estardalho!».

estendal: o argaço depois de apanhado é *estendido* na praia a secar; espalham-no, em geral, numa camada de forma rectangular. A praia fica assim aqui e ali coberta de toalhas de argaço: são os estendais. Cada uma dessas toalhas para assim dizer — é um *estendal*.

feirão, feira pequena. A *feira* é o mercado mais importante da semana — se a *feira* fôr semanal como em Viana.

Em alguns dias da semana há o *feirão* = feira pequena, meia-feira.

O dia em que é a *feira* chama-se o *dia-de-feira*.

[Comp. *corda* > *cordão*].

grabalho: a um meu aluno de português no Liceu ouvi *grabalho* (*gravalha* aqui). É de Paredes-de-Coura (Cossourado).

mamar (termo popular e familiar) = *comer*, ou *beber*, aliando-se-lhe idea *de grande quantidade*, *de deleite* ou de *sofreguidão*. Devorar. Tragar.

É de uso geral.

« Se Hercules passava por hum gigante, porque a cada jantar mamava um boi inteiro » ... — JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Motim literário* — Lisboa, 1811 — tomo II, pág. 52.

mata-bicho: *matar o bicho* é beber em jejum um pouco de aguardente, cana, genebra, ou qualquer bebida alcoólica. Por extensão, é tomar qualquer coisa, bebida ou comida, de manhã, antes do almôço.

Em Tui ouvi *matar o bicho* e *matar o becho*.

O que serve para *matar o bicho* chama-se *mata-bicho*.

Matar o bicho provém de, em jejum, o vazio do estómago se manifestar como se dentro dele estivesse um bicho que o *mata-bicho* mataria. A sensação de vacuidade do estómago também é comparada ao roer de ratos dentro daquela viscera. *Já sinto ratos no estómago. Lá me estão os ratos a roer no estómago.*

Assim, parece-me acertado dar tal origem á expressão *matar o bicho*, confirmada pela expressão popular espanhola *matar el gusano*:

« ya había oído misa y matado el gusano com un sorbo de aguardiente y un bollo de aceite cuando el alba se acordaba de saludar al pueblo ». — ANTÓNIO FLORES — *Ayer, hoy y mañana*, Barcelona, 1893 (nueva edición ilustrada), I, pág. 186.

... « los vemos (aos « criados del coche ») antes de amanecer á la puerta de la casa tomando el aguardiente, para *matar*, como ellos dicen, *el gusano de la madrugada*, *ó echando la mañana* que es frase de que también se valen esas gentes ». — *Ibidem*, II, pág. 365.

— Observa-me Leite de Vasconcelos que já em tempo assim explicou *matar o bicho*, — e cita-me RIEGLER, *Das Tier im Spiegel der Sprache*, p. 290

mondilho. Completando o que escrevi nesta Revista [1] sôbre *gravalha*, recebi os seguintes informes:

Em Gondomil (Paredes-de-Coura) chamam-lhe *pinho*, em Sanfins (P.-de-C.) *mondilho*.

Em Paredes-de-Coura diz-se *fasco*, e a *uma* fôlha de pinheiro sêca chamam *fasqueiro* [2].

Em S. Pedro-da-Tôrre (P.-de-Coura), chamam-lhe *cisco*.

pente-dos-bichos: é *pente fino*, *pente meúdo*, pente de tirar os *bichos*.

... « e ella, arrebitando o dedo minimo branquinho e papudo, sulcava-lhe as rêpas lustrosas com o pentesinho dos bichos » ... — EÇA DE QUEIROZ — *O Mandarim* (Pôrto), 1880, pág. 5.

pique: a renda-de-bilros é feita, numa almofada cilindrica especial, sôbre uma tira de papel grosso, pintado de amarelo e que tem desenhado a tinta preta o caminho do *cordão*. Essa tira de papel é *picada*, isto é, tem muitos furos, através dos quais se espetam

1 XIII, págs. 82-88.

2 Vid. *Rev. Lus.* XIII, 89, nota 2.ª.

na almofada os alfinêtes que seguram e dirigem os pontos da renda.

Chama-se a essa tira picada — o *pique* (de *picar*. Comp. *bate*).

postoiro: é o lugar onde se esconde, se *põe*, ocultando-a, a chave da casa. (Perre [Viana], Venade [Caminha]).

Como na aldeia as casas teem uma só chave, combinam os que moram nelas o lugar onde a chave *é posta*, para dela se servirem sem o risco de outrem a encontrar.

réins é como o povo chama às *cadeiras*, — «flancos» ou «ilhargas» em anatomia topográfica.

Ao *rim* chama, em geral, *ril*.

... «o meu homem pediu a baixa do serviço... Foi ferido cinco vezes e ganhou doença dos réins» ... — CAMILO, *A Bruxa*... Lisboa, s. d.; pág. 140.

Neste passo está *reins* como masculino: *réins*, no sentido que dissemos, é feminino. *Tenho uma dor nas réins*. Na citação que fazemos está *reins* por *rins* e, por isso, no género masculino.

revendedeira: é a *revendedora*, *revendona*. ... «achar-se-hão nella os vilissimos sentimentos de huma revendona da Praça» ... JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO, *Motim Literário*, II, pág. 74.

Tambêm se lhe chama *contratadeira*. Compram às *vendedeiras*, fazem *contratos* com elas, *para revender*.

robalo: êste peixe tem nomes diversos, segundo o tamanho.

De meio palmo, pouco mais ou menos, chamam-lhe *còrninho*.

Quando tem um palmo, chamam-lhe *palmeiro* (de *palmo*).

Acima do *palmeiro* há o *chaliço*; depois, já maior, o *robaliço*; depois, entre o *robaliço* e o *robalo*, o *meio-robalo* [Viana].

tapo: o que serve para tapar. *Pôr um tapo na pipa* (de *tapar*).

Já nesta revista (vol. 13.º, pág. 89) registei esta adivinha:

— O qui é ũa coisa, redondinho, redondo, que num téim tapo néim betóque?

— De *tapo* > *tapulho*.

Numa pia o *tapo* é um farrapo; pode-se pôr numa garrafa um *tapo* de papel, etc.

tarôco = bocado, naco. *Taroco de pão*, por exemplo. Paralelo a *tanóco*.

tarócos são os *sócos*, tamancos.

O *Novo Dicionário* inclui *taroca*, f., que não ouvi ainda.

vinagrada — sangria: *vinagrada* é o *refrêsco* de vinagre.

«Existe uma grande variedade [de refrescos], desde os refrescos inglezes á modesta vinagrada». — *Jornal de Viana*, de 26-setembro-1907.

*

O refrêsco de vinho chama-se *sangria*:

— «O vinho tinto com agua eis um bom refrigerante... chamando-se-lhe vulgarmente «sangria». — » — *Ibidem*.

venda = taberna.

... «lembrei-me com os olhos humedecidos, da minha aldêa do Minho, do seu adro assombreado de carvalheiras, a venda com um ramo de louro á porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos» ... — EÇA DE QUEIROZ, *O Mandarim*; (Pôrto), 1880, pág. 110.

vidro, frasco, garrafa pequena.

b) ADIVINHAS

5. Qui-é, qui-é,
que d'alto-istá
e d'alto mora,
todos o bêm
ningueim o adora? [1]

(Sino).

6. Qui-é ũa coisa que nace c'as mãos atadas na cabeça?

(*Fénto*).

7. O qui-é ũa coisa que bai fazer chorar a gente a casa? [2]

(Caixão de defunto).

8. O qui-é que bai c'as tripas arrasto p'rò monte?

(As *bérgas do carro. Bêrgas* [vergas] são *atilhos* de carvalho, feitos de vergas retorcidas, e que servem para atar o *tojo* nos carros).

9. O qui-é que bai co rabo p'ra diênte e a bôca p'ra tras?

(É o *forcado*. "*Forcado*" — diz a mulher — *é uma coisa de agarrar nas panadas para as botar no carro. Panadas de tojo são montes de mato: com o forcado* atira-se *a panada* p'ra cima do carro).

10. Cais é mais dura: é quéim na fura ou quéim na dependura?

---

[1] As adivinhas 5-9 foram ouvidas a uma mulher de Beiral (Ponte-do-Lima) há bastantes anos em Viana. Ela às adivinhas chama *contos*.

[2] A mesma adivinha ouvida a uma môça de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima): «Qui-é uma coisa que nace no monte e béim fazer chorar a gente a casa? — Sõu os pinheiros». Percebe-se agora bem a adivinha. Dos pinheiros fazem-se os caixões de defunto.

(Irgola [*argola*], espécie de brincos: *argolas*).

11. Qui-é uma coisa comprida como uma corda de carro e redonda como uma dorna?

(Poço). [1]

---

c) CANTIGAS

4.

Teinho cárta no correio,
ai, Jesus! de quéim será?!
Si-é d'Antone num a quéro,
si-é de José trágà cá. [2]

5.

José ámo, José quéro,
José trágo no sentido,
por causa de ti, José,
trago-o meu sono perdido.

6.

Antone, lindo Antone,
cabelinho aos aneis,
por causa de ti, Antone,
passo tormentos crueis.

7.

Antone, belo Antone,
tu és um belo rapaz;
hei de dar-te umas calcinhas
abèrtinhas po'detrás.

---

1 As adivinhas 10 e 11 foram ouvidas a uma môça de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima), há anos nesta cidade.

2 *Traga-a cá.*

8.

Assênta-te aqui, Antone,
rapaz que béins infadádo,
nesta cadeirinha noba,
feita da raiz do crábo.

9.

Assênta-te aqui, Antone,
tu numa pédri-eu noutra;
aqui choraremos ambos
a nossa bentura pouca.

10.

Abaixa-te Serra d'Arga
donde o penêdo caiu;
ninguéim digò-que num sábe,
néim afirm'o que num biu.

11.

Bai-te carta f'liz boando,
que lindos olhos bais bêr;
carta, põe-te de joeilhos
q'ando te forem a lêr.

12.

Rapazes e raparigas,
Olhai lá porond'andais,
s'a honra é comò bidro,
cobrando num solda mais.

13.

Papagaio louro,
de bico dourádo,
leva-m'esta carta
ao meu namorado [1].

---

[1] De 4 a 13, ouvidas a uma rapariga de St.ª Maria-de-Rebordões (Ponte-do-Lima).

*

14.

O papagaio téim pênas,
sõu brancas ou negras,
de bárias côres.

O' mamá,
eu béim le dezia,
qo andar de noite
era tolaria

15.

Rapazes da lialdade,
falai a berdade
aos bossos amores.

O' mamá,
eu béim le dezia,
que papas à noite
fazíum azia [1].

16.

Assubi ò limoeiro,
cheguei ó meio, caí:
o limoeiro é-a morte,
ai de mim! que já morri.

17.

Assubi ò limoeiro,
cinco fôlhas le tirei:
cinco sentidos qu'eu tinha
todos im ti impreguei.

---

[1] 14 e 15, letra de um cantar do povo. Ouvi-o às raparigas de Anha, na apanha do argaço. Note-se *mamá*, que é como o povo diz, por influência de *papá*. E também *irmá*.

Os substantivos como *tolaria*, de formação popular, são freqùentes: *fidalgaria*, *zelaria* (zêlos).

18.

Bai carta onde te mando,
responde, sábe falar;
os olhos que te *notarum* [1]
já-'stõu fartos de chorar.

19.

Por Antone dou a bida,
por José peixes do mar,
por Manuel a mim mesma
que num teinho mais que dar.

20.

Olibeira do Brasil,
bota-me p'ra cá um rámo;
meu amor é teimoso
dúrum-las teimas um ano.

21.

Bai de roda, bai de roda,
cada q'al sua cantiga,
eu tambéim cánto-a minha
q'a nessidade m'òbriga.

22.

Foi à figueir'òs figos,
corri-a toda òs ramos;
ninguéim se fie nos homes,
falas deles sõu inganos [2].

---

1 *Notar cartas.* Expressão tambêm popular em Espanha:

. . . no habrá un hombre que pueda gloriarse de tener una carta escrita por ninguna de ellas. Cierto es que sobre no saber *notarlas* (y esto era entonces una ciencia al alcance de pocos), no había en la casa más tintero que el de la escribania» . . .—ANTONIO FLORES: *Ayer, Hoy y Mañana*, 1 pág. 83-84.

«Asi se lo escribió á sus padres en la primera carta que *notó* a un paisano suyo» . . .—*Ibidem*, pág. 283.

2 16 a 22 ouvidas a uma mulher de Beiral (Ponte-do-Lima).

23.

O anel que tu me déstes
no domingo do Senhor
era-me largo no dêdo
e apertado no amor [1].

24.

Ai! ai! ai!
eu sou comò cuco:
de di'é qu'eu cánto,
de noite trabuco [2].

---

d) COMPARAÇÕES POPULARES

amarelo como a cera.

amargo como fel.

azêdo como rabo de gato.

bêbedo como um cacho, como um carro, como um nabo.

beber como uma esponja (= beber muito).

bom como o bom melão.

branco como a cal.

bruto como um sóco.

burro ou tapado como uma porta, como um seixo, como um tamanco.

cair como um tordo (= «cair redondo»).

caro como fogo.

chato como uma espadela [3].

comer como um lavrador, como uma frieira [4].

contente como um cuco.

doce como mel.

dormir como um porco (= dormir muito).

esperto ou fino como um alho, como um coral.

falar como um doutor (= falar muito bem).

---

1 Viana.

2 Ouvida em Darque, na festa da Senhora das Areias. De uma canção.

3 Ouvida a uma rapariga de S. João-da-Ribeira (Ponte).

4 Aproximação dos dois significados de *comer*.

feder como uma poupa (diz-se do que «fede que tresanda»).

feio como um bode.

forte como uma tôrre, como as armas.

fulo como uma barata, como uma bicha (=muito zangado).

gordo como um batoque, como um chino («porco-chino»), como um abade.

lindo como uma flor, como um amor, como os amores, como uma estrêla, como um céu aberto.

magro como um cão.

mau como as cobras.

molhado como um pito.

negro como um tição.

parir como uma bácora (=ter muitos filhos).

pernas gordas como cepos.

pernas magras como palitos, como cabos de faca.

sêco como as palhas.

suar como um boi.

triste como a morte.

vermelho como um tomate.

Cf. *Selec. comp. alentejanas*, do sr. A. TOMÁS PIRES.

---

e) RIMAS, ESTRIBILHOS E DITADOS

— Adeus, meu amor.
— Abra-me a porta quando eu lá fôr.

— ... afinal de contas ...
— Linhas quebradas tudo são pontas.

= Doutor da mula ruça, tira o chapéu e põe a carapuça.

= A quem Deus não dá filhos, dá o diabo sobrinhos.

= Pelo visto e pelos autos (ou altos), andam as pulgas aos saltos.

= Chegou e disse, tirou o chapéu e foi-se [1].

---

[1] Diz-se de quem larga uma sentença ou faz aviso ou admoestação com ar de enfado.

= Quem te fez que te ature.

= Adeus, Viana, que vou p'rò norte! [1]

= Quem te não conhecer que te compre.

= Bem te conheço que és de Carreço.

= És de Darque vais p'rò fundo [2].

= Troque-me a porta mas não me troque o nome [3].

— Como se chama?
— *Justa* ou *sempre-assim* ou *chamo-me com a bôca*. São as respostas vulgares das raparigas.

= Com (*ou* por cima de) melão, vinho de tostão (= «com melão vinho muito bom»).

= Com peras vinho bebas, e tanto êle seja que nadem as peras.

= Espirram os cabritos (as cabras, os carneiros, os bodes), temos bom tempo.

= Minha rica flor do tojo, quando te vejo metes-me nojo.

= Não há carne como a do carneiro nem amor como o primeiro.

= O luar de janeiro alumeia como o candieiro.

= Depressa e bem há pouco quem.

= Muito e bem não faz ninguém.

= Falai no mau, aparelhai o pau.

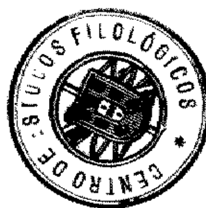
= Dá-o Deus na eira e tolhe-o Maria na masseira [Ancora].

---

1 Exclamação de enfado.
2 Alusão à gente de Darque da qual se conta que, em certa ceremónia religiosa, foram enterrar o Senhor *na areia* (na margem do Lima), pelo que vão para *o fundo*, para o inferno.
3 Diz a pessoa a quem trocam o nome.

= Um tostão, cento e dez, nunca chega a três vinténs [1].

= Falo eu ou chia um carro? [2]



---

f) FRASES DO POVO

1) *Estar a rastos de barato.*
2) *Estar pelas portas da morte* (= muito caro).

> ... «ó mulheres, se me trazeis a ponta do nariz d'esse ladrão pago-vos duas canadas de vinho maduro, e mais elle está pelas portas da morte». CAMILO, *a Bruxa* ..., Lisboa, s. d., pág. 142.

3) *Ir à pavana a alguêm* (= bater-lhe).

> «Ora meu velhote, não se vá fazer fino com palavriado lá para o meio do povo, que lhe vão á pavana!» *Ibidem*, pág. 143.

4) *Fazer de fino, fazer fino.* (Vid. citação antecedente), o mesmo que *dar ares* ou *tomar ares.*

5) *Fazer alguêm de fel e vinagre* (= desesperá-lo, enraivá-lo).

6) *Arrotar postas de pescada* (= bazofiar).

7) *Por* ou *para descargo de consciência.*

> ... «descarguo da minha consciencia»... (Testamento de 20-nov. 1587: mss. n.º 77 do Tombo das capelas de Viana. Fl. 381).

8) *Pancada de criar bicho.*

> «E, afinal, com o pretexto dos bichos levaram mas foi pancadaria — de criar bicho». *Fôlha de Viana* (Viana-do-Castelo), de 28 nov.-911.

9) *Andar de costas direitas.* Andar a vadiar, sem trabalhar. Alia-se a trabalho a idea de corpo curvado.

---

[1] Diz-se a quem coxeia, arremedando o ritmo da claudicação.

[2] Diz quem fala, quando outros falam ao mesmo tempo.

g) SUPERSTIÇÕES

A respeito de *crianças*.

Em Alvarães, as mulheres não cortam o cabello nem as unhas aos filhos antes de falarem porque, cortando-lhos, ficam *tardeiros na fala, gagos e pouco faladores* [1].

*

Há dias — diz-me um amigo de Alvarães — entrando numa casa em que estavam a lavar uma criança de uns 10 a 12 meses, observei que a mãe depois de lhe lavar o corpo bastante sujo e tendo a criança ainda posta no alguidar «começou a apanhar água na mão e a deitá-la pela bôca da criança». Quis mostrar os inconvenientes daquela porcaria e a mãe atalhou: «tenho deitado água na bôca todas as vezes que lavo êste menino e minha mãe tambem a nós nos fazia o mesmo e nem para mim nem para ela conheço melhor remedio para tornar as crianças *humildes*».

*

...«eu disse-lhe que aqui (em Alvarães) e para este povo só as crianças eram vítimas de três doenças: *aguar, bichas e mau ar*. No *mau ar* é comprehendido: *olhaduras* de mulheres que com a vista podem fazer mal ou bem. A inveja tambem pode tolher as crianças; isto por elas serem bonitas ou mais gordas do que as de qualquer outra.

É muito freqùente uma mãe, quando tem um filho nutrido, não o querer mostrar a ninguém, e se o mostra com facilidade, olhando-se para o braço direito da criança [é muito freqùente] ver-lhe preso ao mesmo uma saquinha, ordináriamente feita de flanella vermelha, tendo dentro um bocadinho de alecrim, mirra, incenso, cera virgem, sal e um bocado de barro ou bosta do forno [2] e palha de alhos com esta mistela a criança está livre de tudo quanto fôr más-vistas ou invejas.

A tal saquinha, assim composta, tambem é ordinario ver-se pen-

---

1 Nas *Tradições pop. de Portugal*, pag. 204, regista-se: «Se antes das creanças fallarem, estas se mirarem num espelho, ou se alguem lhes cortar o cabello, ficam sem falla (Minho)».

Em Darque (Viana) não lhes cortam as unhas antes de falarem, senão nunca falam. O mesmo acontece se se olham a um espelho (Viana), ou se se lhes põe o pente na cabeça (Viana. Beiral [Ponte-do-Lima]).

2 As portas dos fornos são barradas com *bosta*, ou com cinza e água.

durada ao pescoço das vacas leiteiras e isto para que as donas das outras vacas ao verem a vaca com *êste enorme apparelho* (úbere recheado de leite) não lhe façam *com a vista* secar o leite.

Se o leite seca por as vacas não trazerem a tal saca, o primeiro remédio a fazer é esfregar o corpo do animal da cabeça para o rabo com o colete do dono. Chamam a esta operação *esfregar ao repêlo*».

Apenas modifiquei a pontuação e a ortografia, e pus entre ganchos uma expressão necessária para inteligência fácil da leitura e que o informador tinha com certeza em mente, não a repetindo por estar no principio do periodo.

*

Com a *criança ao peito*, não se pode passar por cima de água, senão dá-lhe a *gôta* [Beiral (Ponte do Lima)].

*

Por causa dos *maus ares*, ao toque das Trindades, cobre-se a cabeça da criança com o chapéu do pai ou com outra qualquer coisa dele (Beiral).

*

Quando uma criança *aguou*, o remédio é mandar fazer um bolinho de farinha triga ou de farinha milha à madrinha da criança para esta o comer detrás de uma porta sem que ninguém veja; assim perde a *agùice* [1] [Alvarães].

Uma criança, que estando a morrer dá muito soluços, morrerá mais fácilmente se vier o padrinho e a madrinha deitar-lhe a bênção [Alvarães].

*

Por causa da gota, as mães dão aos filhos, antes dos 7 anos, leite de mãe e filha, isto é: de uma vaca e filha, de uma ovelha e filha, etc. [Alvarães].

---

1 A pessoa que me contou isto disse *aguou* e *agùice*. Já foi estudante. Popular é *ougou* e, naturalmente, *ouguice*.

Aguar no sentido em que é tomado o vocábulo por gente deixada de superstições — é *crescer água na bôca*, *aguar-se a bôca*, e diz-se principalmente das crianças (Comp. *Trad. Pop. de Port.*, pag. 204 u).

*

Para tirar a mania do roubo às crianças, dá-se-lhes papas de farinha milha onde tenha sido cozido um rato vivo, até êste se desfazer.

Segura-se o rato por um fio atado á cauda.

Desfeito o rato e cozidas as papas, tira-se o esqueleto do rato.

A criança deve comer sem ter conhecimento do rato, senão o remédio de nada vale [Alvarães].

*

Desde que nasce até ser bàtizada, a criança deve ficar de noite com luz acesa, porque senão vem o diabo e as feiticeiras e não querendo que a criança se bàtize esganam-na, antes de que o *bàtismo lhe faça a alma santa* [Alvarães].

*

Quando uma criança mama até grande, por ex. até aos quatro anos, é porque há de ser muito esquecida e ter pouca memória [Beiral (Ponte-do-Lima)].

*

Quando uma criança já é grande e ainda não fala, o padrinho e a madrinha metem-na num fole e vão pedir nove esmolas que dão a comer à criança.

Ao pedir, dizem:

Quem dá esmolinha á criança do *fol* que quer falar e não pode. —(Comp. *Trad. Pop. de Port.* pag. 206-207).

*

Na pag. 112 das *Tradições Pop. de Port.*, vem notícia da passagem da criança através de um vime, para curar hérnias.

Como a tradição que colhi é um pouco diferente, vou expô-la:

Criança quebrada, no dia de S. João ao meio-dia, é levada ***adonde*** houver vimes, racha-se um ao meio, sem o cortar fora, na presença de três raparigas com menos de sete annos, estando elas a fiar; passa-se a criança através da abertura do vime, acompanhando a ceremónia de ***resas*** e ***ladainhas***. Depois, une-se o vime, atando com o fio que as três raparigas, três Marias, fiaram. Se o vime soldar, a criança fica boa, e, se não soldar, repete-se a ceremónia no S. João seguinte [Alvarães].

*

A's crianças, principalmente, costuma dizer-se: *Deus te faça um santo!*

É costume geral no país, e que também nalgumas terras espanholas observei.

D. António Florez, na obra que tenho ocasião de citar várias vezes neste artigo [*Ayer, Hoy y Mañana*, I, pág. 28], diz:

«Por próxima que estuviese al convento la casa á que iban (os frades) de visita, no se libraban de un besamanos general de cuantos chicos y mujeres les salian al paso, haciendolo también algunos hombres muy granados, con especialidad los que tenian alguna posición oficial en la corte.

— Dios le haga un santo — era la frase obligada del fraile después de dar á besar su mano».

Efectivamente, a frase de ordinário é proferida quando se dá a mão a beijar ou como resposta ao pedido de bênção. O trecho que transcrevo diz respeito aos frades em Madrid, no ano de 1800.

*

Sôbre os *prodigios infantis*, já o sr. Leite de Vasconcelos falou nas *Tradições*, pág. 209.

Aí se transcrevem passos de Camões e Garcia de Resende, apontando-se crianças prodigiosas, e ainda versos do romance de «D. Silvana» e dos ***Rom. pop.*** do sr. L. de Vasconcelos.

O Padre Feijóo diz:

«De esta grande diferencia, que hay en la constitucion individual, vienen aquellos prodigiosos adelantamientos de algunos jovenes à quienes ordinariamente no igualan los literatos octogenarios.

Sabido es lo de Juan Pico de la Mirandula, el Escocés Jacobo Criton, el Español Fernando de Cordoba, Gaspar Scioppio, Hugo Grocio, el Españolito, que hoy se admira en Paris, y otros. Pudieramos añadir à estos vulgarizados exemplos otros muchos, no tan comunes, y no menos admirables; pero nos contentaremos con señalar dos, los mas sobresalientes. Gustavo de Helmfeld, hijo de un senador de Suecia, de diez años sabía doce Lenguas, la Sueca, la Moscovita, la Polaca, Francesa, Española, Italiana, Alemana, Flamenca, Inglesa, Latina, Grieca y Hebréa: sobre esto era Filosofo, tenia alguna tintura de Theologo, y posseía algunas partes de las Mathematicas.

Pero à quanto hasta ahora se ha visto, excedió un prodigioso niño,

nacido em Lubeck el año de 1721. y muerto el de 1725. llamabase Christiano Enrico Heinecken. Copiaré lo que de él dicen los Autores de las Memorias de Trevoux en el Tomo primero de 1731. como testificado en diferentes impressos por varios Autores fidedignos de la misma Ciudad, y País. Este niño à los diez meses empezó à hablar. A los doce sabia los principales sucessos contenidos en el Pentateuco. A los trece, la Historia del Viejo testamento. A los catorze, la del Nuevo. A dos años y medio respondía oportunamente à las preguntas que se le hacían sobre la Historia Antigua, y Moderna, y sobre la Geografia. Muy luego habló con facilidad la Lengua Latina, y passaderamente la Francesa. Antes de empezar el quarto año sabia las Geneologías de las principales Casas de Europa, y explicaba con entendimiento, y juicio las sentencias, y passages de la Sagrada Escritura. Luego aprendió à escribir, no pudiéndo apenas sostener la pluma. Aborrecía todo otro alimento que leche, y ese havía de ser de la propria Ama que empezó a criarle; de modo que no le destetaron hasta pocos meses antes de morir. Era de debilíssima complexion, y frequentemente enfermaba. En fin murió el dia 27. de Junio del año de 1725. llenando de admiracion à todos la constancia y resignacion heroyca, que mostró en todo el discurso de la enfermedad . . .

Yá veo que puede haver mucho de exageracion en esta Historia, pero nada de impossibilidad»... *Discurso* I, do tomo VI do «Theatro Critico Universel» — Nueva edición, Madrid, 1781.

---

h) PRÁTICAS RELIGIOSAS

Os «clamores»

Sôbre os «clamores» na festa da Senhora das Areias (em Darque) fiz eu um artigo em 5 de agosto de 1907, que foi publicado na *Aurora do Lima* nesse ano, e reeditado no mesmo jornal de 24 de Julho de 1911.

No ano seguinte (1908) não pude assistir aos «clamores», e êsse foi o último ano em que os houve.

Registo portanto, a tal propósito, o artigo a que aludo, porque mais não consegui saber dêsses já acabados *clamores*:

«Por uma manhã fria, qual foi a de ante-ontem, lá calcámos a ponte, quási escondida em umidíssimo nevoeiro, que se arrastava densamente por sôbre o rio.

Pouco longe do termo dela, principiou de distinguir-se o maçanetar dos zabumbas, revezado com as gaitadas das filarmónicas, logo se lhe juntando o estalejar dos foguetes.

Era a procissão; em breve se confirmou o juízo de que ela fôsse, enxergando-a a recolher-se à capelazinha, através de o rarear do nevoeiro que rastejava na margem já batido pelo sol, cujo calor se coava até nós frouxamente, mas fazendo antever já a sua intensidade no passar do dia.

No sítio do arraial, quando o alcançámos, tocavam alternadamente duas músicas d'aldeia, de farpelas marciais, cercados os coretos respectivos por algumas dúzias de lavradores boquiabertos; havia uma rodinha de camponeses azevieiros, ao meio da qual três ou quatro pares bailavam animados pela harmónica, pelo cavaquinho e pandeiros; e de onde em onde alapavam-se os que ainda não haviam esvaziado o taleigo do almôço.

Era gente de várias freguesias, de além rio, pouco ataviadas as mulheres, de lenços brancos ou amarelos com ramagens vermelhas, cruzados sobre o peito; na coroa da cabeça outros de igual jaez; descalças quási todas; chambres de chita, e saias tecidas, sem côres berrantes, pelo meio da canela.

Tinham vindo para os *clamores* à Senhora das Areias, pela manhãzinha, vendo-se ainda os *mordomos-da-cruz* com as cruzes envoltas nas suas opas vermelhas, como que aleitando-as.

Era-nos quási perdida a esperança de assistir às manobras de um dêsses «clamores» — caíram já 8 horas — quando se nos deparou um bando de aldeãos em redor do cruzeiro, erecto a algumas dezenas de metros da capela.

Um labrosca idoso, mas de aspecto rijo ainda, encapado numa opa vermelha, encaixava uma cruz numa vara metálica como ela, enquanto um moço com feitios de *seminarista-sopeiro*, enfiada a batina, lhe sobrepunha com embaraço *a copa*.

Era um *clamor*.

O campónio da cruz, único enfeitado de opa, empunha a cruz d'irmandade e perfila-se de costas voltadas para o cruzeiro e frente para a entrada da capelazinha, ladeando-o dois outros com tocos de cera.

Rodeando o cruzeiro, ajoelham os restantes sócios do *clamor*, modulando um triste *orà prè nóbis*, em resposta ao latim que o da copa mastiga num librecozinho.

Rodado pouco tempo, metem-se a caminho da capela, entoando sempre a ladaínha, e dão umas quatro voltas em redor dela, pisando as sardinheiras e as hortênsias que juncam o terreno, — entrando

ao depois na capela, onde ainda fazem ouvir por tempos o *orà prè nóbis*, melancólicamente entoado num alongamento demoradíssimo de sílabas.

Fôra o *clamor* de Santa Leocádia: não viera quando aos outros, perdendo por isso muito em interêsse que é como quem diz em operações.

(Em parêntese, diga-se que *clamor* é não só o acto de conjuntamente orar [clamar], senão também o bando que o faz, sendo o *clamor* formado por um grupo de indivíduos da mesma freguesia, e tendo o nome desta).

Os outros *clamores* tinham chegado aí pelas 5 da manhã em carro e a pé, vindo das freguesias que tal costumam dedicar á Senhora das Areias, em grandes tocatas e cantorias, trazendo as cruzes em cestas de alvas toalhas de rendas.

Toda aquela gente, ganhando a breve carvalheira ao pé da capela, aí continuara na cantata batendo os pandeiros com as nocas dos dedos, sacudindo as cordas da viola e desfranzindo o fole da harmónica, até que alguém deu sinal de começarem os *clamores*.

Então amontoam-se todos em roda do cruzeiro, os *mordomos-da-cruz* encadernam-se nas opas de paninho vermelho, hasteiam as cruzes flanqueados por aldeãos de velas de cera acesas.

Faz o clamor (quere dizer, é como que chefe da ceremónia), um padre, ou qualquer homem solteiro, lendo a ladainha, a que responde o povo com o monótono *orà prè nóbis*.

O fazedor do «clamor» pode ser um para cada freguesia, ou o mesmo fazer vários «clamores» a um tempo. O seminarista, ou coisa que o valha, que vimos fazer o último clamor, fizera oito conjuntamente de manhã cedo, ganhando 800 réis, pois que cada *clamor paga um tostão*.

Depois de curta demora, ladainhando ajoelhados junto ao cruzeiro, marcham para a capela em roda da qual dão algumas voltas, após do que se ajoelham todos em frente à capelazinha, onde acabam de fazer o «clamor».

Cada qual vai em seguida dar a esmola que entender à Senhora, e fazer-lhe as suas orações, findo o que, quem ainda não *fizesse romaria*, vai fazê-la, isto é, vai rezar dando voltas à capela.

Depois, os romeiros de cada freguesia agrupam-se em torno da respectiva cruz (em bandos distintos para cada freguesia), e, uns de joelhos outros de pé, rezam *segundo a sua devoção*. A meio destas rezas, passam de mão em mão um raminho de buxo que todos beijam. A espaços, ergue-se alguma voz *pedindo* orações que nomeia, para qualquer fim ou por alma dêste ou daquele.

Acabado isto, dispersam alegremente, não faltando quem logo vá encher de vinho o vazio deixado por tanta reza; armam danças, cantam ao desafio ou em côro, com acompanhamento dos tocadores, diferençados dos mais romeiros por uma vassourinha de flôres e manjerico na botoeira; os *mordomos-da-cruz* despem as opas e nelas embrulham as cruzes, trazendo-as em geral aconchegadas ao peito, em posição de pequerrucho a amamentar-se.

Estes *mordomos-da-cruz* são os que levam as cruzes: são numas freguesias os casados mais antigos, de ordinário com mais de 30 anos de aliançados, e noutras os casados que primeiro tomam mão delas. Os mordomos teem de pagar um tanto de vinho a cada um da sua freguesia que vier ao clamor (para o nosso entrevistado *é do legado da freguesia* pagar um quartilho), êles, porém, pagam vinho á farta.

O nosso interlocutor, lavrador de muitas falas, mas mal se sabendo explicar, disse-nos que o vinho que lhes competia nas Areias o iam beber às Neves, onde também faziam um clamor por causa dos «milhos tardeirinhos». Faziam ainda «clamores» na Senhora da Boa Nova, *clamor que paga*, e em Balogães, que *não paga*, isto é, em que o mordomo não é obrigado a pagar o vinho.

O aldeão contou a seguir que era crença antiga pousarem as areias na fôlha do milho, e que as freguesias daquelas bandas faziam então os *clamores* à Senhora das Areias para ela lhes livrar os milhos daquele mal. Outros dizem que é para o bicho não dar nos milharais, e diferente invocação lhe fazem os que cantam

Da minha janela rezo
à Senhora das Areias,
que me traga o meu amor
que anda por terras alheias.

*

— «São *nesta conformidade* os *clamores* dêstes sítios, com pequenas variantes, *havendo-os tàméim mudos* — dizia-nos um labrosca de ar incrédulo.

— Clamores mudos?

— «*Clamores mudos*», sim senhor.

— «Beim p'r'aí em bando onde á Birgem, a que tàmeim chamam Senhóra do Mar, e num abrem boca; é uma coisa supina...»

— E que quere dizer aquilo de beijarem um raminho de buxo?

— «Eu sei! aquilo é qualquer balda das rezas».

*

Há também *clamores* para Carreço, Afife, Âncora, Ponte, Barca, etc., sendo de maior importancia o que se faz em Afife ao S. João, com muitas freguesias, pagando multa *a cruz* que não comparecer.»

---

i) TEATRO

Auto da Floripes

(NAS NEVES)

O «Auto da Floripes» é uma representação popular que se faz no lugar das Neves (concelho de Viana), ao ar livre.

Últimamente o «auto» tem sido muito desfigurado, já não havendo quem o represente a preceito, àparte alguns velhotes que ainda vivem, actores apaixonados da velhíssima representação e que se esforçam por que a rapaziada desempenhe agora os seus papéis como os desaparecidos actores. *Dantes, sim!* diziam-me os aldeãos mais idosos. *Dantes é que isto era levado a primor. Agora falta F., falta C.*

E, de feito, vivem na memória daquela gente velha os homens que noutros tempos eram as personagens principais do antiqùíssimo auto. Emquanto vivos, eram êles sempre que desempenhavam as mesmas figuras. Depois, os papéis foram *herdados* pelos descendentes como já êles os haviam herdado de seus ascendentes.

Vi o auto em agosto de 1910. Corri o arraial à cata dos papéis por onde se guiariam os actores: não me souberam dar razão deles, ou me enganaram. Aquela gente é desconfiada, não admitindo sombra de troça à sua tradicional peça. Mais que um ano ali tem havido rija pancada com gente da cidade que lá vai rir-se da simplicidade dos aldeãos. Mais estúpidos são êstes urbanos em levar de chalaça o «auto» do que os lavradores das Neves em levá-lo a sério.

Antes de começar a representação já os figurantes andavam pelo arraial exibindo os trajes garridos. De manhã haviam-se encorporado na procissão, fazendo trejeitos e pantomimas.

Pouco pude saber do «auto», nem mais do que soube é possível saber-se numa só assistência. Os aldeãos declamam muito artificial-

mente, de modo que se percebe muito pouco do que dizem. Ainda assim, uma velhota, à beira de quem assisti à representação, deu-me bastantes explicações.

Vão os apontamentos como os colhi na ocasião:

«Vão-se representar *as comédias*. São 5 e meia da tarde, chega o *partido christão*. Uma filarmónica, tocando uma marcha, dirige-se com os cristãos para o tablado construído no *souto das Neves*, à sombra de frondosos carvalhos.

Os *cristãos* são uns quantos velhotes, enfarpelados de cabos-de-infantaria, roupa do último modêlo [1], de espingardas de carregar pela bôca, com as duas divisas muito vermelhas no azul-escuro dos braços. Vem com êles o *rei cristão* e o esforçado *Oliveiros*. O *rei cristão*, de saio e manto de côres berrantes, na cabeça um cilindro de cartão pintalgado, traz uma espada; Oliveiros, sempre em passo de dança e com trajo semelhante ao do rei, traz uma lança. Veem porta-bandeiras; as bandeiras são lenços-da-cabeça, dos que para aquêles sítios usam as mulheres. Sobem o estrado, sempre ao som da marcha da música, que se vai colocar no extremo direito do largo tablado.

Vem depois o *partido mouro ou turco*. Outra música à frente a tocar com valentia. Os guerreiros, gente mais môça, trazem mantos e saios de côres vistosas e mitras cilíndricas na cabeça. Trazem espadas. Entre êles, vem, além dos porta-bandeiras, o *rei mouro* e o *Ferrabrás*.

Ao passar o *partido mouro* junto ao estrado, os cristãos dão tiros, e Oliveiros passeia a dançar o tablado, manejando a lança. Como o partido contrário, — êste, antes de subir, dá uma volta ao estrado. Coloca-se no extremo da esquerda (de quem vê).

Depois os reis cantam demoradamente: não se percebe o que dizem, — esclarece-me porém uma velhota que é a exortarem *os vassalos para a batalha*. A seguir a cada rei, cantam todos os do partido em côro.

Eis uma cantiga do côro *turco*:

Meu rei, meu senhor, não tema
nem tenha mais que temer;
vamos lá para a batalha,
suceda o que suceder.

---

[1] De então.

Após as prègarias dos dois reis, avança o *Ferrabrás* com o seu *ajudante*. A velhota diz-me que cantam o seguinte (o que não se percebe bem):

Vai Ferrabrás para o campo
e vai bem aparelhado,
para dar batalha ao turco (?),
pois que tanto tem chamado.

Ao encontro de Ferrabrás vem Oliveiros com o seu *ajudante*, que parece um polícia de revista teatral com os seus bigodes ferozes e a farda da corporação.

Ferrabrás, com a espada, e Oliveiros, com a lança, teem longa conversação. Cuido que Ferrabrás desafia o outro.

Nesta altura uma mulher (que por sinal é mãe do que faz de Ferrabrás) sobe ao estrado com uma trouxa; vai fazer a cama, onde se deitará o Ferrabrás: sai do saco um lençol com entremeios rendilhados e uma travesseira — peças que, pelo asseio e luxo, provocam forte sussurro de pasmo e de comentação no auditório.

Estendido o lençol, e ajeitado o travesseiro, Ferrabrás depois de altos brados deita-se, e com êle o ajudante.

O *rei cristão* vem então até junto de Ferrabrás que dorme, e dá-lhe uma espadagada. O ajudante de Ferrabrás enxota o rei.

A seguir vem Oliveiros, a cantar, ter com Ferrabrás deitado.

É nesta altura que entra em cena *Brutamontes* a dar no soalho pancadas com a *cacheira* (moca) de feitio pitoresco, e enorme.

O *Brutamontes*, explica a velha, é o *gardador da fêmea* (Floripes) *e é o bobo da comédia.*

O primeiro dito de Brutamontes, que produz grande gargalhada, é: — *Mais bale tarde de que nunca!*

Brutamontes traz cartola, sobrecasaca com voltas de côr e grandes botões, calção branco, polainas de *rapão* até ao joelho, e a tiracolo um rosário de maçãs verdes para uma banda, e para a outra um saco de palha entretecidà; à cinta uma chave de pau (ou cortiça) e um espadagão de madeira. É um velhote que de vez em quando faz caretas e diz chalaças.

Oliveiros, como se ia dizendo, canta para Ferrabrás. Este senta-se na tal cama. Trava-se um diálogo cantado, como sempre, na mesma toada. Diz a velhota que estão a dizer *lindas doutrinas*, e que *é a vêr se Oliveiros converte Ferrabrás.*

Passado tempo, Oliveiros ajuda Ferrabrás a levantar-se, e dispu-

tam os dois largo tempo. [Tiram a cama. Brutamontes desce do tablado e vai buscar Floripes].

Oliveiros e Ferrabrás batem-se em duelo, ao som de um tambor. A lança de Oliveiros cai ao chão. Recomeçam os dois a conversar, passeando juntos.

Voltam a bater-se, agora Oliveiros com uma espada; Ferrabrás tira a espada a Oliveiros. Outra vez conversam os dois, — Oliveiros em tom suplicante dirige a Ferrabrás uma *oração*. Ferrabrás quere ouvir essa *oração* segunda vez. Oliveiros di-la (explicações da velhota). Passeiam os dois; Oliveiros quere *bàtizar* a Ferrabrás.

Chega a Floripes com Brutamontes num carro de fraldetas, trazendo adeante uma filarmónica. Os christãos apresentam armas. Oliveiros percorre o tablado em passo de dança. Dão os recém-vindos uma volta ao tablado, depois do que sobem para êle ao som do *hino da Carta*, que a música do *partido cristão* toca.

Floripes traz uma *mantinha* na cabeça e cujas franjas lhe encobrem a cara. Saia de pano preto, chambre verde com rendas. Um chale amarelo no braço, um leque de senhora ao pescoço, e na mão um guarda-solinho de cidade. No chambre, ao peito, um broche de oiro. — E' um rapaz vestido domingueiramente, com o luxo de uma sombrinha e de um leque de *fidalga* (senhora da cidade).

A Floripes fica no campo mouro.

Oliveiros continua as cantigas a Ferrabrás. E outra vez se batem ficando desta vez Ferrabrás preso. O ajudante de Oliveiros e êste põem as pontas das espadas ao peito de Ferrabrás, que pede que o soltem.

Trava-se batalha. E Oliveiros fica preso. Passa-se com êle a mesma cena. Põem as espadas ao peito de Oliveiros, que roga que o deixem em liberdade.

Ao fim de cada cantiga, rufa o tambor, e os guerreiros dão uma volta ao preso.

Ferrabrás é levado para junto do *rei cristão*.

Dois *concubinos* (alcoviteiros) *cristãos vão aonde ao rei turco* [1] *buscar a moça*.

A môça canta com Oliveiros, que diz a velhota, enganando-se, ser o *fêmeo* (namôro) dela.

Floripes passa para o campo cristão, a abanar-se com o leque. Há tiros. Brutamontes chora.

O *rei turco*, entre outras, canta esta cantiga:

---

1 *Ir aonde a alguém* (expressão minhota) «ir aonde está alguém».

Minha filha Filoripe,
que tánto me falseaste;
deixaste'la minha lei,
meus inimigos soltaste.

Responde Floripes:

O senhor pai me perdôi,
qu'isto num foi consirdado,
se le fiz algũa ofênsia
foi p'ra ser mulher casada.

Os dois reis disputam, marcham um para outro a esgrimir com as espadas mas sem que as toquem.

O tambor acompanha sempre — êste duelo a distância.

A certa altura, os reis dão um brado e veem guerreiros dum lado e de outro: os *turcos* esgrimem com as espadas e os *cristãos* dão tiros para o ar.

Esta cena repete-se umas dez vezes, enfadonhamente. É a batalha. O *rei cristão* por fim cinge com os braços o *rei mouro* e trá-lo para o campo mouro. Os *mouros* fazem roda, com as costas para os reis, e os guerreiros cristãos passeiam ao redor de êles — e repentinamente fogem.

Os reis travam duelo.

Vão agora os reis para o *campo cristão;* os cristãos, de costas para os reis, fazem roda. Os mouros passeiam em volta — e subitamente fogem.

Os reis continuam o duelo.

Veem dois guerreiros de cada campo e batem-se também; os dois mouros ficam presos.

Os reis continuam a combater.

Veem mais dois guerreiros de cada campo, pelejam, e ficam presos os mouros.

O duelo dos reis continua, e a cena aquela vai-se repetindo, sendo, dois a dois, presos todos os guerreiros mouros, que antes de se deixarem agarrar fazem momices várias, correndo e careteando.

Os reis, presos os combatentes *mouros*, agarram-se num abraço.

Avança o porta-bandeira cristão para o porta-bandeira *mouro:*

Ó porta-bandeira disgraçádo,
da bandeira faz intréga
Ou-intom morres degoládo.

Batalham os porta-bandeiras, sendo afinal preso o *mouro*.

No campo *turco* está agora o Brutamontes sòzinho.

Vem um cristão (o que faz de ajudante do seu rei) e trava-se longo diálogo entre Brutamontes e êle, fazendo aquêle rir os espectadores com chôro, caretas e ditérios.

Parece que o cristão quere que Brutamontes se renda e lhe entregue — diz a velhota — a chave do cárcere. Brutamontes chora e não quere entregar a chave que mostra à cinta. Batem-se, puxando Brutamontes pela enorme espada de pau.

Oliveiros e Floripes aproximam-se e Brutamontes cai dando-lhe o *flato*.

Floripes ajuda a levantar Brutamontes e vão os dois para o campo cristão. Brutamontes retoma o papel de bobo.

Ferrabrás passeia com Oliveiros. Floripes vem de um lado a cantar; do outro lado vem Oliveiros.

Depois, cantam todos:

Nossa Sinhora das Neves
é estrêla de Portugal;
já se renderam os turcos,
Vivam todos em gèral!

Nossa Sinhora das Neves
é guia de toda a terra,
já se renderam os turcos,
já se acabou toda a guerra.

Há danças combinadas. O rei cristão anda entre o ajudante e Oliveiros. Floripes entre Ferrabrás e o rei mouro.

As músicas tocam juntamente. A toada dos cantares é especial, lenta, melancólica.

Êste ano não cantaram no fim esta quadra — observa a velha:

Dêmos fim a êste baile
Q'a nós assim nos conbéim;
regale-se meu senhor
até o áno que béim.

Eram 7 e 20 da tarde, quando acabou o *auto*».

*

A seguir a estas notas, vou dar a interpretação das *comédias*, para melhor entendimento do espectáculo; assim, — à falta da letra que ainda espero obter, se porventura a representação continuar a efectuar-se —, far-se há melhor idea do que é a peça teatral das Neves:

A peça diz respeito à guerra entre o imperador Carlos Magno e o almirante Balão, isto é: entre cristãos e pagãos.

De um lado, Carlos Magno com os doze pares de França, entre êles o Conde Oliveiros. De outro lado o almirante Balão *(rei mouro)* com a sua tropa e Ferrabrás, filho dele e rei da Alexandria.

Ferrabrás soube que Carlos Magno estava com o seu exército em Mormionda e para lá partiu, arrogante, fiado na sua fôrça e coragem, a desafiar êle sòzinho os doze pares de França.

No *auto*, as cantorias iniciais dos dois *partidos* dizem respeito à rivalidade e ao desejo de guerra de cristãos e pagãos.

Depois, embora a representação não siga fielmente a narrativa popular que do assunto corre, percebe-se que Ferrabrás vai desafiar os doze pares de França, deitando-se não à sombra de uma árvore mas no lençol de que nos apontamentos atrás fiz menção.

A *História do Imperador Carlos Magno e dos doze pares de França* [1] conta que Ferrabrás, não encontrando ninguém em Mormionda, começou a gritar desafiando Carlos Magno e os pares de França, — depois do que atou o seu ginete a uma árvore, tirou o elmo e se estendeu no chão, «alçando pouco depois a cabeça para ver se algum guerreiro se aproximava, não descobrindo ninguém», pelo que repetiu os brados de desafio agora aos doze pares todos juntos.

No *auto*, Oliveiros vem ter com Ferrabrás antes de êste se deitar, o que se explica, naturalmente, por a mulher da trouxa... não entrar a tempo em cena.

Oliveiros, que foi o único que se prestou a batalhar com Ferrabrás, apesar de ferido, deveria, pois, avançar quando Ferrabrás dormia já.

Segue-se a conversação de Oliveiros e Ferrabrás a quem aquêle acordara. Ferrabrás admira-se da pequenez e aparente fraqueza do cristão, que ainda por cima está ferido. Oliveiros finge ser um guerreiro sem renome.

---

1 *Biblioteca para o povo*, n.º 14. Pôrto, 1875 — na Tip. de António J. da Silva Teixeira; Cancela Velha, 62.

Por fim, Oliveiros ajuda Ferrabrás a levantar-se e a armar-se. E trava-se o duelo que no *auto* tem as peripécias acima notadas. Oliveiros é quem vence: «sentindo o turco... mortal ferida, e conhecendo não poder resistir mais a Oliveiros, iluminado da graça do Espírito Santo, conheceu o êrro dos pagãos e, posta a mão esquerda na ferida, disse ao cavaleiro francês: Nobre Oliveiros, rogo-te por amor do teu Deus, que me não deixes morrer até que receba o bàtismo. Tanto gôsto houve Oliveiros de ver Ferrabrás convertido, que lhe saltaram as lágrimas dos olhos, e com grande amor lhe ligou a chaga o melhor que pôde. Então disse Ferrabrás a Oliveiros: Cumpre montes no meu cavalo, e me ponhas de ancas, porquanto se te detiveres, temo não possas levar-me, pois deixei dez mil turcos atrás daquele outeiro, os quais acudirão vendo-me vencido» [1].

Veem os *turcos*, e Oliveiros, depois de combater com êles, fica preso — tendo vindo também em auxílio dele os cristãos. Oliveiros vai para o *campo* pagão e Ferrabrás, que é encontrado pelos cristãos, é levado por êstes.

Depois, vão os embaixadores cristãos ter com o almirante Balão para que êste restitua as relíquias santas (que Ferrabrás roubara de Roma) e os cavaleiros franceses que aprisionara.

Floripes, filha do almirante e namorada do cristão Gui de Borgonha, par de França, dá liberdade aos presos de que era carcereiro Brutamontes. Entre os presos, encontram-se os embaixadores, um dos quais é Gui de Borgonha.

Os franceses com Floripes escapam-se para junto de Carlos Magno, — havendo grande batalha entre cristãos e pagãos, a qual ocupa grande parte do auto. Vencem os cristãos.

*

Aí fica interpretado o *auto*, como posso com as deficientes notas que consegui tomar e aproximando as cenas — dos respectivos passos da história popular de Carlos Magno.

Naturalmente, o *auto* não é todos os anos igual, — como sucede nas representações populares. Não há *ponto*. Os *papéis* são decorados. Apenas uns dois ou três paisanos, solícitos, percorrem o tablado ajudando a movimentação dos actores.

Considerando o depoimento da velha, junto a quem assisti á re-

---

[1] Pág. 6.

presentação, esta não é encarada com justeza, notando-se que o tempo, a necessidade de adaptação e a errada interpretação da *História de Carlos Magno* foram decerto os factores dessa perversão de sentido e de desempenho.

---

j) FESTAS TRADICIONAIS

O Natal

A *noite de Natal*, na véspera do dia 25 de Dezembro, é reservada à «festa da familia».

Todos procuram juntar-se no lar da sua família, para *consoar*, para se reunirem na grande ceia dessa noite: a *ceia de consoada*.

Nessa refeição festiva há pratos tradicionais, como: bacalhau cozido com batatas e troços, batatas guisadas com bacalhau, pasteis de gerimu, bolinhos de bacalhau, e, quanto a pratos doces, rabanadas, mexidos e formigos. Entre os mexidos e os formigos há, em rigor culinário, a sua diferença. Os *mexidos* fazem-se com sopas de trigo, leite, ovos e açúcar. Os *formigos*, com meolo de trigo (pão de trigo) esfarelado (aos bocados pequenos), mel, ovos, leite e açúcar.

Ainda há o «vinho quente» com açúcar, ou mel, e às vezes ainda com canela.

Depois da ceia, um dos entretenimentos é o jôgo dos pinhões — *par e pernão*, e o *rapa* (pitorra). Tambêm se jogam as cartas, ou se passa o tempo fazendo adivinhas ou contando histórias. Na lareira, põe-se um *canhoto* de carvalho que arde nas três noites de Natal, Ano Novo e Reis, segundo uns, — e nas noites de Natal, Ano Novo e Páscoa, segundo outros. Este cepo, assim como o casco das pinhas que se assam na noite de Natal, tem a virtude de, posto ao fogo quando troveja, livrar do raio.

O sr. dr. Leite de Vasconcelos nas *Tradições Populares de Portugal* (pág. 64) diz: «Põe-se no lume o casco das pinhas queimadas no Natal: aonde chegar fumo não cae raio (Famalicão)».

Tambêm o sr. dr. Leite de Vasconcelos se refere ao *cepo de Natal*, posto ao lume para afugentar a trovoada, — no livro citado, e mesma página.

N*O Positivismo* (IV ano, pág. 283), o sr. Consiglieri Pedroso, tambem mencionou: «As pinhas, meio queimadas na noite de Natal, deitam-se no lume quando trovôa, para passar a trovoada».

Tenho noticia de que na Galiza se usa o *cepo de Navidad* [Forcadela (Tui)] para afastar os raios.

Esta tradição, portanto, é muito espalhada, — notando-se aqui e ali pequenas variantes.

Em Alvarães (Viana) e freguesias próximas, na noite de Natal, põe-se ao lume um pedaço de madeira-de carvalho desde as 6 da tarde à meia-noite. Esse canhoto tem depois a *virtude de afugentar trovões, coriscos e sarriscos* quando se queima e o fumo sobe.

[*Sarriscos* — explicou o informador — são os «riscos da faísca». Também há a palavra *sarriscar*].

Em Beiral (Ponte-do-Lima), — diz-me uma camponesa —, põe-se o *cépo* de carvalho ao lume nas três noites de consoada: Natal, Reis e Páscoa. Depois, para livrar do raio, basta queimar o *cépo*.

Pelo que aí fica dito, vê-se que, se há quem considere de consoada só a noite de Natal, também há quem considere noites de consoada as de Reis e Páscoa e, como atrás se disse, também a de Ano-Novo.

Em muitas povoações há tocatas e cantorias na noite de Natal, e fazem-se visitas.

Em S. Gregório (Melgaço) «ouvem-se *orquestas* de todas (as) espécies por toda (a) parte; depois da ceia vão visitar e dar as boas-festas aos amigos. Também se baila ao som das *orquestas*».

[Para aquêles lados, tira-se o artigo que, actualmente, quási sempre se coloca depois de *todo*. A verdade é que *todo*, em português, ora deve ser seguido do artigo ora não, conforme o sentido].

«Os mais pobres vão cantar as suas canções usuais, denominadas *loas*, dando as boas-festas para que lhes dêem a consoada. As famílias mais abastadas fazem a *árvore do Natal*, formadas por pequenos pinheiros (ou ramos) onde dependuram brinquedos, luminárias, diversas gulodices, para entretenimento das crianças». (Valença).

A's crianças metem-lhes na cabeça que o *pai Natal*, ao cair da meia-noite, lhes traz brinquedos e bonecos.

É por ocasião do Natal que *se pede* e *se dá* a consoada: presente de Natal [1].

Viana-do-Castelo, Dezembro, 1911 — Janeiro, 1912.

CLÁUDIO BASTO.

---

[1] Em Figueira-de-Castelo-Rodrigo, as crianças ao fim da ceia vão dar os *convites* ao pobres que à porta da casa cantam as *fèstinhas*. Os *convites* são nozes, castanhas, maçãs, etc. (Informação).

VOCABULARIO ALEMTEJANO

A

abananado, adoentado.
abocanhar, abocar.
abondar, abundar.
abraçadêra, braçadeira.
abrido, aberto.
abusamento, abuso.
açafra, safra.
acêfa, ceifa.
adenunças, denuncias.
agàchís, choça pequena, que se construe para quando armam aos passaros.
Ágada, Águeda.
ajnêra, asneira.
agostinha, variedade de ameixa.
aia, haja.
á la mula, jogo de rapazes, tambem conhecido pelo nome de *encho.*
alavôso, aleivoso.
alcanforado, camphorado *(alcoro alcanforado).*
al-de-menos, ao menos («Sequer *al-de-menos* dá-me *amêtade*»).
alegrête, semi-embriagado. («Está *alegrête*...»)
alentada, arrancada, esforço. («D'uma *alentada*»).
alevante, augmento no preço de qualquer genero.
alforjêro, homem rustico.
algramassa, argamassa.
almiscre, almiscar.
alonso, parvo. («Não te me faças *alonso!*»).
alvarilho, variedade de damasco.
alvo-rico, casta de uva branca, cuja cepa tem muita vara.
alvo-pobre, casta de uva branca, pobre de vara.
amêjas, ameijoas.
anamite, dynamite.
Anjolo, Angelo.
anninhas, maricas.
anôas, variedade de ervilhas.
antrevallo, intervallo.
apanha-gallegos, jogo de rapazes, tambem conhecido pelo nome de *dáu.*
aporrinhado, vexado, opprimido.
apregoar as pazes, andar devagar, a passo grave. *(«Aquelle anda apregoando as pazes»).*
aragonez, casta de uva preta.
arengo, arenque.
arrecuão, reprehensão.
arrelicas, reliquias.
arrepêso, arrependido, repêso.
àscanéve, ar espesso, carregado de vapores. («Está um dia *àscanéve*»).
ascordar, recordar, lembrar.

assenhorar, assenhorear.
assirío, casta de uva branca.
augada, aguada.
autual, actual.
avargar, vergar.

B

babósa, variedade de ameixa.
bacalhoêro, amigo de bacalhau. (*«Ê sô munte bacalhoêro»*).
bacorinhos, variedade de figos.
badoem, homem de pouco prestimo.
báia, apupo.
balancé, dança de roda.
balha, baila. («Trazer á *balha*»).
balho, baile.
bandilibós, jogo infantil.
barquinho, jogo infantil.
barrête de clerigo, variedade de morango.
bassôrão, aug. de vassoira.
bastimento, abastecimento.
bastinha, pouco asseada, porca. (*«É mulher muito bastinha»*).
batoques, solavancos.
bêbras de rainha, variedade de figos.
bêjinhos, variedade de ameixa.
bél-barrete, jogo de rapazes.
berado, brado.
berando, brando.
beraza, braza.
betão, jogo de rapazes.
bical, variedade de azeitona e de limão.
bicho, jogo de rapazes.
bolusia, blusa.
bom barquêro, ou **Dom barquêro,** jogo de rapazes.
bornal, estomago.
bovetada, bofetada.
Brabacena, Barbacena.
bravito, dim. de bravo.
bretoldo, homem baixo e gordo.
brinca tudo, dança de roda.
bulrrão, burlão.
burúxa, lamparina de luz mortiça. (Cfr. *bruxulear*).
búzio, brusco. («Está hoje um dia *búzio*»).

C

cachudo, casta de uva branca.
cagaçal, olival pequeno.
cagadinha, variedade de romã.
caganitas, esterco de borregos.
cagarola, medroso.
caguinchas, medroso.
caiados, caiaduras, caiadellas. («Hoje é dia de *caiados*»). E' frequente no Sul caiarem as casas.
caiôrro, pião sem cabeça.
cairela, courella.
calavinas, clavinas.
calha-calha, jogo de rapazes.
camastralho, cama pobre, feita no chão.
campanairo, campanario.
camponezas, dança de roda.
camprichão, caprichoso.
caniço, rêde de canas para secar queijos, e que se pendura do tecto das despensas.
cantaro, jogo de rapazes.
caracol, jogo de rapazes.
carançо, conchego.
carguita, dim. de carga.
caridosa, dança de roda.
caroçuda, variedade de romã.
carôna, cabeça do pião.

carranquinhas, amuos.
carrapachina, carraspinha, caspinha, dim. de caspa.
carrapatas, variedade de bagens.
carrasquenha branca, variedade de azeitona.
carrasquenha tinta, variedade de azeitona.
carrasquinha, dança de roda.
carripana, carro pequeno e ordinario.
cartaxinho, homem de baixa estatura.
carvoêras, dança de roda.
castanhada, doce de castanha.
castanhos, variedade de alhos.
castellan, ou **trincadêra,** casta de uva preta.
casuco, casinhólo.
catalão, variedade de pimentão.
catolco, de boa saude. («—Que tal de saude?—*Nam 'stô lá munto catolco*»).
catramonho, mólho mal atado.
cerrandêro, panno em que se faz a barrela.
cêta, casta de uva encarnada.
cevadêra, campo semeado de cevada.
chafariz, variedade de romã.
chamarilho, chamariz.
chapotas, ramos das arvores que se chapotam (i. é, de que se cortam os ramos inuteis).
charavascal, campo inculto, chavascal.
charaviscar, farejar.
charutear, fumar charuto.
chêra-fraldas, maricas.
chica-la-fava, jogo de rapazes.
chilico, chilique.
chinico, gato pequeno.
contidade, quantidade.
chuvada, chuva forte, mas de pouca duração.
cinamôco, tropêço.
cinôra, cenoira.
ciranda, dança de roda.
ciumêra, ciume exaggerado.
climes, climas.
cobra, jogo infantil.
cocégas, cócegas.
coldres, estomago. («Ao jantar encheste bem os *coldres*»).
colherinha, variedade de castanha.
colhoal, variedade de ameixa.
comprir, cumprir.
com-ermão, co-irmão.
condesça, variedade de pera.
conrroncudo, carrancudo.
conserva, variedade de azeitona.
contrabandistas, jogo de rapazes.
conzestencia, consistencia.
coração de gallo, casta de uva.
coradinha, dança de roda.
corburtura, cobertura.
cordovil, variedade de azeitona.
cordovil nocal, variedade de azeitona.
corna, pequena vasilha para azeitonas, feita de corno.
cornizo de cabra, variedade de malaguêta.
corodão, cordão.
corrupío, variedade de uva.
coscuvilhice, bisbilhotice.
còsquinhas, cócegas.
cotòsinho, homem pequeno.
cremence, kermesse.

crespadinha, variedade de alface.
cúca! vae-te!
curesma, quaresma.
curralório, pequeno curral.

D

dârá-s'ó cáso, dar-se-ha o caso.
dàvante, diante. («E assim *por dàvante*»).
déca, decalitro («— Que porçam t'rá vomecê d'azête? — T'rê 'mas duzentas *décas*»).
decinquintina, sécca, maçada. («Que tal 'stá a *decinquintina!*»)
dêdo de dama, casta de uva.
Delaidinha, dança de roda.
Denildes, Leonilde.
desapear, apear.
desaranhisse, falta de geito.
desatre, desastre.
desbandar, debandar.
descaidella, descahida.
desensoffrido, insoffrido.
devaluto, devoluto.
d'i, d'ahi («— Então vossemecê está limpando o prato á saia? — *E d'i? E d'i?*»)
dia, jogo de rapazes.
Diaba e **Diabôa,** «*mulher do Diabo*».
Diabinho, dim. de Diabo.
Diacho, Dialho, Diantre, Diantro e **Diátre:** Diabo.
diazinho, dim. de dia. («Que tal está o *diazinho* hoje!»).
dinhêral, dinheirama.
disbulhar, debulhar.
Dom Solidon, dança de roda.
Dona Brites, casta de uva.

E

embérica, iberica.
empespinhar, abespinhar.
empalagozisse, rabugice.
empandinar, empanzinar.
emposturice, impostura.
encaròchado, adoentado.
encultura, agricultura.
enfranque, a parte da meia (entre os crescidos e os mates) que abriga a barriga da perna.
enfrascado, embriagado.
enfremêro, enfermeiro.
engivas, gengivas.
enjura, injuria.
enlastico, elastico.
enréda, enredador.
enredadela, intriga.
entretengas, entretenimentos.
entrufinhado, zangado.
enzequias, exequias.
enzorcismos, exorcismos.
escalda-favaes, rapaz turbulento.
Escolata, Escholastica.
esconde-esconde, jogo de rapazes.
escondidas, jogo de rapazes.
escorchice, pedintaria. («Aquelle anda na *escorchice*»).
escrição, descripção.
escrivôa, escrivã.
escur'cer, esquecer.
esformigar, dispersar-se a multidão.
esfregados, esfregaduras. («Hoje é dia de *esfregados*» Cf. *caiados*).
esfumaçar, esfumear, desfazer-se em fumo.
esgalhada, airosa. («A rapariga não é mal *esgalhada*»).

espapaçado, balôfo.
estartalado, estatelado.
estevêra, variedade de figos.
Estevo, Estevão.
estôrazo, estoiro.

F

farfalhuda, variedade de alface.
fardulagem, farandulagem.
farinéla, flanela.
fazer caras, fazer monetes, caratear.
fédito, fétido.
felosa, mulher muito magra.
ferade, frade.
fergidêra, frigideira.
Fernão Pires, casta de uva branca.
Fernã-quêmado e *Ferrê-quêmado*, jogo de rapazes.
ferral de Borba, casta de uva.
ferral d'Olivença, variedade de romã.
ferral de Tamara, casta de uva.
fêxota, grande mólho (uma *fêxota* de piorno).
fiche, fixo.
folarmonica, philarmonica.
folgazão, casta de uva branca.
fondiça, homem abjecto, miseravel.
fosso, jogo de rapazes.
framacia, pharmacia.
framacêtico, pharmaceutico.
franel, farnel.
franzelinho, franzinho.
friolento, friorento,
fura-bolos, dedo index.

G

gaivôto, ave pequena, maior que a andorinha. (Gaivão?).
gallega ou *galleguinha*, variedade de azeitona.
gallego, variedade de trigo molle.
gallinhas, jogo de rapazes.
gallo, variedade de ameixa.
gingo, dança de roda.
glosinha, variedade de azeitona.
gorsura, grossura.
gostos da vida, variedade de ameixa.
granal, seara de grão de bico.
gratúte, gratuito.
grelar, querellar.
grenha, variedade de couve.
grillo, jogo de rapazes.
guiné, lugar ventoso. («Foste atravessar aquella *guiné* e podias-te constipar»).
guisantes, variedade de ervilhas.

H

heredadita, dim. de herdade.
humildêza, humildade.

I

ímpados (esdruxulo), impetos.

J

joêlhar, ajoelhar.
judaica, variedade de azeitona.

K

kilomis, kilometro.

L

lampos, ~~variedade~~ de figos.
landonas, adulações.
laranjêro, variedade de feijão.
lavados, lavagens. («Hoje é dia de *lavados*»). Cf. *esfregados e caiados.*
lempar, limpar.
librâme, quantidade de libras.
Lisboa, variedade de alface.
lizença, licença.
lôba, terreno junto do pé da oliveira, que tem de ser cavado por occasião das lavouras, pois que o arado, ou charrua, não deve ali chegar. («Vou cavar as *lobas*»).
lojêro, que tem loja de capella.
lombarda, variedade de couve.
lombrigar, lobrigar.
lontana, lantana (arbusto).
luar, jogo de rapazes.

M

maçanilha, variedade de azeitona.
machadasa, pancada de machado.
màlacára, homem de má catadura.
malatéca, pequena herdade.
malcreadão, superlativo de malcreado.
malhão, jogo de rapazes.
malvazia grossa, casta de uva branca, de cacho grande.
malvazia meuda, idem, de cacho ordinario.
mancêbo, toro de madeira, de que dependuram as balanças de braço, nos mercados e feiras.
manchina, mão cheinha. («Uma *manchinha* de sal»).
mangralhão, homem mal vestido e grosso.
marcadoria, mercadoria.
marfina, morphina.
Marí-chorosa, choramigas.
marmorial, memorial.
marqueza, variedade de pera.
marranita, corcovado.
massêrão, grande gamella.
matizagem, matiz.
matracla, matraca.
megíte, meningite.
melanconia, melancholia.
mentiradas, acervo de mentiras.
mestêro, mosteiro.
m'nina casadôra, dança de roda.
micobio, microbio.
midida, medida.
misèrinhas, sovina.
molares, variedade de nozes.
manipolio e
monipolio, monopolio.
montaréco, pequeno monte.
morêto, casta de uva preta.
môrisco, casta de uva branca.
môros, jogo de rapazes.
mortalização, amortização.
moscaría, grande numero de moscas.
mosaique, mosaico.
move, movel.
munchica, jogo de rapazes, tambem conhecido por jogo *da maçã*.

N

narigueta, homem de nariz grande.
negrão, variedade de azeitona.

negrilha, variedade de couve.
nominado, denominado.
notavle, notavel.

O

objéto, vegeto. (Agua *d'objéto.*)
oh vendima, dança de roda.
ôi em dia, hoje em dia.
olhica, espreitador.
ombrêra, humbreira.
orgo, orgão.
orquesta, orchestra.
ôrredores, arredores.
ôtramar, ultramar.

P

padre-cura, jogo infantil.
pae-de-todos, dedo grande.
palacio contra palacio, jogo de rapazes.
panento, embaciado, empanado. («O vidro não ficou bem lavado, ficou *panento*».)
panzêro, amigo de pão.
pão, variedade de pera.
papa-açorda, fracalhão, lorpa.
papa-formigas, lorpa.
parolice, falatorio.
partelêra, prateleira.
parvoa, parva. Mas dizem parvo, porque *parvoa* vem do lat. parvŭla.
parvoela, pateta.
paschoa, variedade de couve.
paspalhão, dança de roda.
pásua, pausa.
pata, jogo de rapazes.
pato, jogo de rapazes.
pé-coxinho, jogo de rapazes, tambem conhecido por *jogo do dia.*
pé-de-pombo, variedade de pera.
pelém, magrizela.
pelôtro, menino amimado. (*«É o pelôtro da casa»*).
penteadêra, cabelleireira.
pepino-choco, homem fraco, doente.
pera, variedade de melão.
peraça, praça.
perato, prato.
per'la, variedade d'uva.
peremio, premio.
permenente, permanente.
per monde, por amor de...
perrada, desfeita, pirraça.
perrum, casta de uva branca.
pescorenço, namoro. («Está primeiro o *pescorenço,* que o trabalho»).
pessegal, variedade de ameixa.
pèzinhos, piugas.
pellota, jogo de rapazes.
picão, carvão meudo, feito de chapotas.
piconêro, vendedor de picão.
pinche, jogo de rapazes, tambem conhecido por *jogo do papa-marcas.*
pincuinhas, homem sem prestimo; de *picuinhas.*
pioguinha, pião pequeno.
piornal, campo de piorno.
pórros, variedade de alhos.
pomponête, pompenête, pompunhête, pumonête, jogo infantil.
pôr, sobrevir. («De q'alq'ér côsinha *punha-se-me* d'antes dôr de cabeça»).
Por pés: Não se cabia lá *por pés,* estava muita gente.

pôse-o, pô-lo. (Este *pôse-o* a assar).
prescentage, percentagem.
prodoar, perdoar.
promoroso, primoroso.
propéto, perpetuo.

Q

q'és? queres?
quassa, quassia.
quatro-cantinhos, jogo infantil.

R

rabêta, rapariga experta.
rabisco, rebusco («Andar ao *rabiscos*». Cf. Leite de Vasconcellos, *Respigos Camonianos*, I, 47 ss.).
raiadella, dor violenta, mas momentanea, nos intestinos.
ramage, ramagem.
ran, variedade de melão.
raparigagem, rancho de raparigas.
rapinança, rapinagem.
raspapés, rapapé.
rastrolhice, restolhada.
ravasca, zanga.
rê (rei), variedade de ameixa, e variedade de figos.
rebaldios, variedade de figos.
rebote, rabote.
rê-coxo, jogo de rapazes.
redanho, redenho.
redonda, variedade de malagueta.
redondil, variedade de azeitona.
refertorio, refeitorio.
regalona, variedade de ameixa.
rênação, reinado.
renguens, rengalhos.
1. **rênól,** variedade de ameixa.
2. **rênól preta,** idem.
repatanado, repimpado.
repeniques, repiques.
répito, rapido.
reprezarias, represalias.
repullo, repugnancia. («Tenho *repullo* nisso»).
resonadela, acto de resonar.
retablo, retabulo.
rosada, variedade de romã.
runião, reunião.

S

sabedorença, sabedoria.
saco, variedade de cereja.
sacho-marisacho, jogo de rapazes.
saias, dança de roda.
saluço, soluço.
San Bertholomeu, jogo de rapazes.
San Guergorio, variedade de pepino.
San João, variedade de maçã.
San Martinho, jogo de rapazes.
Sant'Antonho, variedade de pera.
Santa Batuta, jogo de rapazes.
Santa Cat'rina, variedade de bagens.
sarça-parrilha, salsa-parrilha.
sarrilha, serrilha.
'scariote (escariote), velhaco.
segueredos, segredos.
seladêro, amigo de salada.
selho, sello.
sendicancia, syndicancia.
senisga, magrizella.
sergir, serzir.
seromenhos, variedade de pera.
sevilhana, variedade de azeitona.
scrâpintim, rapaz aspero, mau.
semicuplo, semicupio.

sola-sapato, jogo infantil.
somana, jogo de rapazes.
somblante, semblante.
sonorento, sonolento.
soquir, alcançar, conseguir. («Não foi lá, por isso não *soquiu* vinho e doces, como eu *soqui*»).
soparar, separar.
sujêtação, sujeição.
sumítico, avarento.

T

tabacoso, lenço tabacoso: lenço de côr, que serve para limpar o pingo do rapé que cáe do nariz.
taloca, toca, buraco no tronco duma arvore, no chão, numa rocha, etc.
tal ó quê (tal ou que), regular. («Está hoje um dia *tal ó quê*»).
tamarês, casta de uva branca.
taniça, tamiça.
taniças, homem fracalhão.
tambaque, tambaca.
taranta, mulher aparvalhada.
tax, tacho.
tempradura e **trempatura,** temperatura.
tentelhêra, variedade d'azeitona.
tentura d'odio, tintura de iodo. Cf. F. A. Coelho, *A lingua portuguesa*, 2.a ed., p. 58.
tinturêra, casta de uva preta.
tinta-fina, casta de uva preta.
tomba-lobos, homem muito gordo.
transauntos, transeuntes.
trapacices, trapaçaria.
tremês, variedade de trigo.
treslida, mulher sentenciosa.
trinque, trinco.
trôchada d'agua, grande aguaceiro.
trólis-bólis, troca-tintas, trapalhão.
tronchuda, variedade de couve.
truque-mandruque, jogo de rapazes, tambem conhecido por *jogo do homem*.

U

úsios i fructus, usofructos.

V

valverde-ladrão, dança de roda.
varridos, varreduras («Sabbado é dia de *varridos*»). Cf. *esfregados*.
Vaselisa, Basilisa.
verdeaes, variedade de figos.
verdeal, variedade d'azeitona.
verdelho, ou *arinto*, casta de uva.
verdum, verdete.
veve, vive («Quem *veve* lizo, morre leso»; mas dizem *viver*).
virdrado, e *vridado*, vidrado.
viuvinha, dança de roda.
vizó-verso, viceversa.
voletar, voltar.

X

xaravascal. Vid. *charavascal*.

Z

zamel das frêras, homem affeminado.
zé-piégas, pateta.

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.

Costumes e festas populares dos seculos XV e XVI

(DOCUMENTOS)

A publicação dos setenta e nove documentos que se seguem adiante vem satisfazer nalguns pontos os desejos dos etnografos, oferecendo-lhes material novo e seguro com que possam fazer subir as tradições ainda existentes a alguma antiguidade. Os documentos que pertencem ao sec. XV, são em tão pequeno numero que quasi não valeria a pena mencioná-los no titulo desta compilação; todavia pareceu-me mais exacto fazer a menção. A maioria porem pertence ao sec. XVI.

Dividi os documentos em cinco grupos:

A — *Assuadas e transgressões*, 8 documentos.

B — *Festas do natal*, 5 documentos.

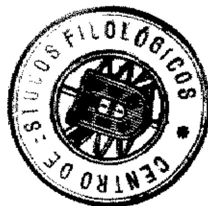
C — *Festas de entrudo e pascoa*, 8 documentos.

D — *Festas religiosas e romagens*, 21 documentos.

E — *Banquetes, danças, descantes, jogos, toques e touradas*, 37 documentos.

Uma divisão destas nunca póde ser completa; um documento por exemplo, que se refira a uma assuada que se deu num jogo em ocasião de uma festa tem direito a pertencer a tres grupos. Por isso para uma consulta sobre determinado assunto, toda a collecção terá de ser examinada.

PEDRO DE AZEVEDO.



DOCUMENTOS

A

Assuadas e transgressões

1

Dom Sebastião etc. Faço saber que Manuel Ribeiro mancebo solteiro filho de Dioguo Ribeiro já defunto morador na villa de Mõforte preso na cadea de Villa Viçosa Me enviou dizer por sua

pitição que elle fora preso e acusado pelo oficio da Justiça por se dizer que de noyte andava pella dita villa tãogendo bozinas aos christãos novos e pondo-lhe cornos e osadas as portas e asy tão-bem ferira a hũ Manuel Ribeiro çapateiro e a hũa filha de Afonso Pinto de preposito e asuada com outros... Dada na cidade de Lixboa aos xxiiijº dias do mes de Julho... de mil bᶜ lxij annos... (Liv. 3 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 73 v.).

II

Dom Sebastyam etc. Faço saber que Andre Alluez morador na villa de Sousel me enujou dizer per sua petyção que elle fora acusado pela Justiça por se contra elle dizer que depois de ser tomada Residencia ao Licenciado Manuel de Lucena ouvidor que foy na dita vila lhe forão de noyte camtar camtyguas Injuriosas e pôr á porta cornos e cousas çujas e por Imdicios que ouuera elle suplicante tyvera allgũa cullpa no dito caso e fora condenado per sentença da Rolação em hũ anno de degredo pera as guales cõ baraço e preguão pela villa e estava preso em vylla Visosa e por que elle suplicante hera de boa geração e de paremtes homrados e cavaleiros e que amdavão na governamça da terra etc. Dada na cidade de Lixboa aos dez dias de dezembro... de mil bᶜ lx b anos (Liv. 15 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 407 v.).

III

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Domyngos Gonçalvez laurador, morador em Almofalla termo da vylla de Castell Rodrigo me enviou dizer per sua pytição que o ouvidor que fora na dita vylla o mandara como camynheiro cõ hũa carta do pouo e moradores do lugar dEscarigo termo dą dita vylla pera mym sobre ho Insulto e ofensa que pelos crystãos nouos do dito lugar fora feyto a hũm padre pregador estando pregando na Igreja dele dia de Nosa Senhora de Março do Ano passado de j bᶜ lx b a qual carta eu vyra e a Remetera a santa Inquisyção e os Inquisydores vemdo a pasarão provysão que o suplicante levara pera o dito ouvidor tirar deuasa sobre o dito caso como a tirara e a mãdara outro sy pelo dito suplicante a mesa do dito santo Oficio como constaua das certidões que dos ditos Imquesydores apresentava pelo qual cryme e delyto em ofensa de deus feyta estauã presos quatro na dita sãta Inquesyção e por ele ser parte fez esta delygencia em serviço de noso senhor e meu e o Juiz de fora da dita vylla por ser crystão

nouo e fauorecer os crystãos nouos e dar lhe vyngança dele o prendera e fezera dele hu auto dizendo que a sua noticia vyera que ele soplicante e algũas pesoas de que não era sabedor diserão em sua ausencia sobre seu oficio que o não fazia bem etc. Dada na cidade de Lixboa a bij dias do mes dabril de mil b^c lx bj anos... (Liv. 2 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 76).

IV

Dom Sebastião etc. ffaço saber que Manoel Roiz morador na vylla do Redondo me enviou dizer por sua pitição que ele fora preso e acusado pelo prouenciall da ordem de sã Paulo por se contra ele dizer que ele e outras pesoas se amotinarão contra a dita ordem e diserão contra ela palauras descandolo pelas quaes culpas fora cõdenado pelo Coregedor de minha corte em seis meses de degredo fora da uylla e seu termo etc. Dada na cydade de deuora aos iiij^o dias do mes dabryl e feyta aos cymquo... de j b^c lxx anos (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 73).

V

Dom Sebastião, etc. faço saber que Jeronimo Roiz, moço, menor de Idade me enuyou dizer por sua pitição que elle fora acusado pella Justiça a fallecimento de partes por se dizer que Indo o capitão da ordenamça Lopo Godinho cõ a gente della elle soplicante cõ outros se Ryão e zombarão da dita ordenança e officiais e solldados que nella hyão e lhe apuparão e se embuçara dizendo corrydos vão pello qual caso se processarão autos pello capitão etc. Dada em Allmeyrim aos xbiij^o de abril e feyta em Lixboa aos cinquo de mayo... de j b^c lxxij (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 99).

VI

Dom Sebastião, etc. faço saber que Symão da Fomsequa, morador na vylla de Trancoso me enuyou dizer por sua pitição que elle fora preso e acusado pela Justiça por se dizer que elle suplicante era principall em bandos e cõpitencias que havia em a dita vylla e que cõ a muyta liança de parentes que tinha sobornaua as enlejções da Mizericordia e camara e por esta razão aver odios e deferemças na dita vylla pelas quaes cullpas por fynall sentemça da alçada fora cõdenado em dez cruzados e hu anno de degredo

pera fora da dita vylla e termo os quaes dez cruzados etc. Dada em Evora a xxbij de fevereiro e feita a ij de março... de j b^c lxxiij. (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 310).

VII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Pero Diaz, moço menor, filho de Domingos Fernandez, morador nesta cidade me enuiou dizer por sua pitição que elle fora acusado pela Justiça por se dizer ser culpado em hua deuassa que o Corregedor Ruy de Matos tirara nesta Cidade sobre se dizer que avia nela hua casa que se chamaua de Mallta em a quall casa se fazyão muitos ajuntamentos de mancebos e desordens e cõsulltos pera fazerem mal e que sendo preso saira condenado por sentença da Rellaçam em hum anno de degredo pera hum dos lugares dafryca cõ pregã na audiencia etc. Dada em Lixboa a xix de Julho... de j b^c lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 150).

VIII

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Tomas Diaz, morador em a villa de Figueiró dos Vinhos me envyou dizer per sua petição que no mes doutubro pasado de b^c lxxiij mandara vimdimar hua sua vinha por se perderem as uvas de podres e por auer na dita villa postura que não vimdimasem sem licença da camara lhe fora pelos officiaes carregada a penna que herã mill reaes da cadea pelo que fora dado em culpas ao alcajde amtes de ser ouvjdo etc. Dada em Almeyrim a xxx de março... de j b^c lxxiiij. (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 308).

B

Festa do natal

I

Dom Sebastião etc. Faço saber que Pedro Velho melgaceiro, filho dantonio Pirez Velho, morador na villa de Viana Foz de Lyma me enujou dizer per sua petição que elle fora preso por mandado do Corregedor da comarca da dita villa em os vinte e nove dias do mes de dezembro pasado deste anno presente de j b^c lxiij por allgũas pesoas da dita villa fazerem queyxume ao dito Corregedor

delle soplicante e doutros mancebos dizendo que a noyte do natal pasado andando elle follgando como era costume solltarão allgũas pallavras oçiosas e de mancebos etc. Dada na cidade de Lixboa a xix dias do mes doutubro e feyta nella a xxij dias do dito mes doutubro.. de j b^c lxiij. (Liv. 5 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 279) [1].

II

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Ruy gramaxo homem que vive per sua fazenda e lauoura, morador na villa de Laguos do Allgarve me enviou dizer per sua petição que elle fora preso e acusado pela justiça por se contra elle dizer que bespera de natal do ano de j b^c lix elle suplicante e outros andarão pela dita villa de noyte ffazendo travesuras a molheres e lamçando-lhes as portas fora do couce e fortarão hũ mãto de casa de hũ João da Costa jmdo embuçados e desconhecidos e pela cullpa que se mostrou elle suplicante ter no dito caso foy condenado per sentença da Relação em dous anos de degredo pera Africa... vindo novas do cerquo de Mazaguão foi elle suplicante a socorro da dita villa no primeiro navyo que do Allguarve foy, em companhia de Francisco Porto carreyro etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xj dias do mes de dezembro de j b^c lxij e feyta nella aos xiiij dias do mes dagosto... de j b^c lxb... (Liv. 15 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341 v.).

III

Dom Sebastyam etc. faço saber que Lazaro Memdez e Matyas Roiz, moradores na alldea de Sãto Alleixo termo da vylla de Moura me enujaram dizer per sua petyção que amdando elles folguamdo na dita alldea cõ outros homens hũa oytava do natal do ano de setenta he hũm pera darem ordem a seu folguar pera ajuntarem hua sea como hera custume ffizerão hum presydente como muitos fazyão em folgos hum Rey o qual elle Lazaro Mendez hera o presydente e Matyas Roiz meyrynho e hum homem que a elles supricantes lhe queria mall denuciaram delles a allçada dizendo que elles se fazião presydente he meyrynho e por elles suplicantes não fazerem o

[1] No Liv. 6, fl. 406 existe outra carta de perdão àquelle individuo sobre o mesmo assumpto.

açima declarado em despreso da justiça se não folguamdo e comemdo he bebendo e premdendo e soltando e não em despreso porque em sua companhya amdava o pryol da dita alldea e outros padres etc. Dada em a cidade d'Evora aos xxbij dias do mes dabril... de j b^c lxxij. (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 6 v.).

IV

Dom Sebastiam, etc. faço saber que João Ceruera me emvyou dizer per sua petição que Indo elle ouvir missa do guallo a noyte do natal este agora pasado ao mosteiro de São Francisco da cydade de Coymbra ha emtrada da pomte o premdera o Corregedor e meirinho da allçada que ora estava na dita cydade por lhe achar hua espada mais da marca e pela dita allçada fora dado a elle suplicante sua casa pro *(sic)* pryssão da qual se vyera a esta corte a pedir perdão do dito caso e amtes de o ter prendido a dita allçada sentenceara a que pagase seys mil reaes e perdese a espada e huas callças imperiaes de crise preta etc. Dada em Euora a xbij de fevereiro... de j b^c lxxiij... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 32 v.).

V

Dom Sebastião etc. faço saber que Manuel Gomez, morador na cidade da Guarda me envyou dizer por sua petição que sendo como era esposado na villa de Trancoso Indo ver sua esposa e sogra na festa do natal passado elle soplicante alem do mais vistido que leuaua por ser mancebo esposado e que hya ver sua esposada pidira huas callças de velludo pjcadas emperyais os quais erã sem antre forros e hum chapeo forado de tafeta de dentro e fora a modo de agora as quais callças e chapeo lhe coutara andre Nogueira, meirinho da dita villa de Trancoso e por asy ser mancebo menor e jr ver sua esposa que se Requerya aos mançebos esposados irem louçois e bem tratados pello que me pidia etc. Dada em Setuval a seis de abril e feita nella a dez delle... de j b^c lxxbj... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 9 v.).

C

Festas de entrudo e pascoa

I

Dom Sebastiam, etc. Faço-vos saber que Belchyor filho de Francisco Fernandez sarralheiro morador na villa de villa Reall me enviou dizer por sua pytyção que dia dentrudo do ano de b^c lxj de noite sayndo hũ Joam Roiz çapateiro, morador na dita villa de sua casa a hũa travesa junto da dita sua casa certos homes lhe lançarão farelos e por ho dito João Roiz bradar com elles lhe derão hua estocada de que o matarão e por auer allguas testemunhas que dyserão que ouvyram dizer que fora elle supricante no dito insulto etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxbij dias de Junho . . . de j b^c lxij anos (Liv. e de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 91).

II

Dom Sebastião etc. faço saber que Chrístovão Fernandez lavrador morador em Monte Redondo termo da vylla de Tores Vedras me enviou dizer por sua pitição que estando a dita vylla empedida dos ares maus de que deus nos livre ele soplicante bespora de pascoa florida do presente ano de b^c lxx nã sendo sabedor do preço a que se talhava a carne de vaqua na villa por ser como era Rustico e viver fora da dita villa hũa legoa etc. Dada na villa dAlmeirim a ix dias de maio . . . de j b^c lxx annos (Liv. l o de Legit. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 96).

III

Dom Sebastião, etc. faço saber que Gomes Pirez, morador e cacereiro do Concelho de Unhão me enviou dizer per sua petição que servindo elle o dito officio de cacereiro do dito Concelho da correcção do Porto tinha preso a hum Tomas de Moraes o qual acusava por querella que delle dera de cometer falsydade hum Gonçalo Coelho de Sequeira, morador em o mesmo Concelho e estando elle suplicante hum dia deste fevereiro pasado que hera quinta feira das comadres segundo sua llembrança em hũa camara que se fazia no forall do dito concelho por ser obriguado a yso pera fazer as delligencias que sobcediã o dito Tomas de Moraes preso lhe fogira da cadea ahonde o tinha preso e se acolhera a

hũa Irmyda de sãtylafonso onde ficara... e tinha o preso cõ huns grilhoes grosos que por outro nome ella se chamavão adubis [1] etc. Dada em Euora primeiro de mayo... de j b[c] lxxiij... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 70).

IV

Dom Sebastião, etc. faço saber que João Diaz, laurador, morador no Concelho de Vylla Pouqua me enviou dizer por sua petição que ele fora acusado per hum Fernão Gonçalvez do propio Concelho dizendo que na era de setenta e hum por ele Fernando Gonçalvez, lançar farelos a molher dele suplicante pelo tempo do entruydo que ele suplicante ouvera diso paixão e ameaçara logo ao dia seguinte depois do entruydo sayndo da Egreja aquelles o asaltarão cõ ele cõ outros tres parentes e o feriram de tres feridas etc. Dada em Euora a biij° de Julho... de j b[c] lxxiij. (Liv. 19 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique fl. 41).

V

Dom Sebastião etc. Faço saber que Sypryão Gonçallvez, morador no termo de Coruche me enviou dizer por sua petição que elle fora ellegido por allferez da dita villa pera leuar a bandeira della nas procissões e festas da villa e ora os Juízes fyzerã autos contra elle pera o cõdenarem em penas dizendo que não quizera jr na procissão da pascoa e na festa de sam Joam e asy que elle soplicante em ausencia dos officiais da camara fallara pallauras de escandallo pello qual caso o Juiz o prendera em menagem e lhe dera hũa casa por prysão na dita villa etc. Dada em Allmeyrim a xxix de Janeiro... de j b[c] lxxiiijo (Liv. 13 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 164 v.)

VI

Dom Sebastião etc. Faço saber que João Pereira Cayolla morador em a villa de Campo Major me emvyou dizer per sua petição que amdando o suplicante folgando hum dia demtrujdo e Jugando as farelladas acertara a fazer cõ hũa tesoura hũa feridinha do tamanho de hum dedo em traues na maçã do Rosto a hũa Maria

---

[1] Adobes.

Franco molher de João Gonçalvez etc. Dada em Almeyrim a xxbij de março... de mil e b^c lxxiiij^o... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 288 v.).

VII

Dom Sebastyam, etc. faço saber que João Fernandez, morador no lugar de aldea do Allcayde, termo de Couilhã me enviou dizer por sua petição que Antonio Afonso Fevereiro no mesmo lugar morador denunciara delle dizendo que sendo quadrilheiro acodira hũa noyte dentrudo a hũa vollta que o supricante tinha cõ outros e dizendo lhes que estivessem quedos da minha parte o sopricante lhe chamara nomes feyos e jnjuriosos e lhe quebrara a vara de quadrilheiro etc. Dada em Lixboa a xxj de feuereiro... de j b^c lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 155 v.).

VIII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Filipa Mendez e Luis Allvez, filho de Diogo Allvez, morador na cidade de Bragança me enviarã dizer por sua pitição que andando folgando dia de entrudo passado sobre farelladas tiverã brygas cõ hum Pero Affonso, filho de Anrrique Affonso, çapateiro de que sayra ferydo de hũa feryda na testa etc. Dada em Lixboa a xiiij de março... de j b^c lxxbiij (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341).

D

Festas religiosas e romagens

I

Dom Afonso, etc. Sabede que Afonso Fernandez, escudeiro do Ifante dom fernando meu mujto preçado e amado Irmãao morador em fronteira nos enviou dizer que poderia ora aver dous anos pouco mais ou menos que hum Vasco dooliueira criado do Ifante dom Pedro hia pera Castella e levava certas cartas a dom pedro as quaees lhe forom filhadas dizendo que eram contra nosso serviço. E que esto fora em Maruom no qual elle hia em companha do dito Vasco doliveira por quanto hia em rromaria a santa maria da estrella e o achara em caminho e que algũuas pesoas que lhe bem nom queriam diserom que elle hia com elle por ho auer de

pooer em saluo etc. Dante em a dita çidade deuora xb dias do mes dabrill... ano do nascimento de noso Senhor Jhesu x.º de mjl iiij. ᶜlij (Liv 12 da Chancell. de D. Affonso v, fl. 45 v.).

II

Dom Affonso, etc. A todollos Juizes e Justiças etc. que Joham Gonçallvez do Freyxo, termo de Fonte Arcada nos enviou dizer que a elle era dito que Joham Affonso ferreiro Juiz e Lopo Affonso tabelliam querellarom aas nossas Justiças dizendo que poderia ora auer dous ou tres messes que hindo muytos a hum clamor que sse fazia no Julgado de Caria e vijndo ja do dito clamor dentro no dito lugar de Freixo sse levantara hum arroydo etc. Damte em a cidade de Lixboa vinte e quatro do mes dabrill... de mill e quatrocentos e cinquoenta e cinquo annos (Chanc. de D. Affonso v; xv, 35 v.).

III

E ao que dizees que mandastes trazer de Framdes hũa bandeira por que a outra era já Rota a quall custou quarenta e tantas corroas que ainda som por pagar. Pidindo nos por merce que mandassemos que todos tribuissem pera sse pagar.

A esto rrespondemos que por sse ora nõ dar mais opresom ao pouoo o nom entendemos fazer. E se as pesoas que pididos nom pagam quiserem esto pagar a nos praz dello. E quando nom quiserem mandamos que se paguem pellas Rendas do concelho que Renderem pellos annos e tempos. (Capitulos de Viseu nas cortes de Lisboa de 1455, Chanc. de D. Affonso v; xv, fl. 134.).

IV

Dom Joham, etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que por parte da comfraria de sam Joham bautista do lugar dalhandara nos foy apresentado hum alvara dellrey meu Senhor e padre que deus aja de que o theor tall he:

Nos ellrey fazemos saber a uos almoxarife das nosas liziras de villa franca e a outros quaes quer a que o conhecimento desto pertemçer que a nos praz por esmola darmos licemça e lugar a comfraria de sam Joham bautista do lugar dalhandra que da feitura deste alvara em diante posa trazer em as ditas liziras atee quinze cabeças de gado vacum daquelle que lhe for dado pellos laurado-

res ou por outros quaes quer pesoas por Esmola pera a dita comfraria e esto sem embargo de nosa defesa e mandado que sobre ello tenhamos dado em contrario que nen hum gado nõ posa andar nas ditas liziras soomente os dos nosos lauradores que em ellas laurarem e esto se entenda que nõ faça dano nas valas das ditas liziras e fazendo o que se tenha cõ ella aquella maneira que se teuer cõ o outro gado dos ditos nosos lauradores o que asy compri sem outro embargo. Feito em Portalegre a xxbj dias de mayo. Diogo Lopez o fez anno de iiij^{c} lxb.

Pidindo nos a sobre dita comfraria que lhe comfirmassemos o dito alvara e visto per nos seu Requerimento por lhe fazermos esmola temos por bem e comfirmamos lho em carta. E asy mãdamos que se guarde e cumpra ymteiramente sem duuida nem embarguo algũu por que asy he nosa mercee. Dada em Lixboa a dous dias de mayo Ruy de Pina a fez ano de iiij^{c}lRj e esto em quanto nosa merçee for. (Liv. 7 da Chancellaria de D. João II, fl. 55 v.)

V

Dom Sebastyam, etc. Faço saber que Gonçalo Roiz, morador na villa de Marvão me enviou dizer per sua petyção que na prjsyção que na dita villa se fizera por ha vesytação do anno presemte os mãcebos ordenarão seu emperador e festa como costumauão e se forão a ella e no couçe puserão sua bamdeira e emperador e o Juiz de fora mãdara mudar a bamdeira pera diante e elles quyserão tão bem mudar cõ ella ao emperador e por ho Juiz lhe mandar que deyxasem o emperador e elles enssystyrem njso e lhe não obedecerem o Juiz prendera a elle suplicante etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos dous dias do mes de setembro ... de mil b^{c} lxbj ... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 131).

VI

Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Francisco Roiz morador na Jurdição dos Padroes me enviou dizer por sua pitição que sendo ele alcayde e casereyro na dita Jurdição ho ano presente na entrada do mes doutubro fazendo-se hũa feira na dita Jurdição que chamão de Santa Barbora e estando nela o Corregedor da comarqua e Jacome Coelho, meirinho da dita correição o dito meirinho prendera a hũu Amador Dias, morador em Bringel por dizer ser Jugador de cartas e lhas acharão nallJebeira ao tempo da prisão pelo qual caso somente fora mandado a cadea e entrege

a ele etc. Dada na cidade de Lixboa a xxij de dezembro de ... j b^c bx bíj ... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 10 v.).

VII

Dom Sebastião, etc. saude. Faço saber que Gonçalo Roiz Vyla Real e Diogo Lopes ho nouo, morador na cidade de Braga me envyarão dizer por sua pitição que eles forão cõ suas molheres e criados em hum dos dias do mes de Junho ou de Julho deste ano de sasenta e seis tempo que na verdade fose achado em Romarja a Nosa Senhora da Graça que esta no couto de Tibaes junto do Rio do Cabado e depois de terem feyto sua Romarya não lhes lembrando que era defeso casar cõ coqua por eles e outros que hião em sua cõpanhia a levaram cõsyguo e a lançáram no Rio e matarão alguns peixes que erã myudos que todos não valyam dous vymtejs etc. Dada nesta cidade de Lixboa a xxiij dias do mes de Janeiro ... de j b^c lx biij ... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 8).

VIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Pedro homem solteiro, lavrador nAboboreira, do cõcelho de Gouvea da comarca de Trallos Montes, orffão, filho de Pedre Annes, que deus tem, me enuiou dizer per sua pitição que seruindo (sic) elle em Romagem a feyra de São Bertollameu de Campello, em o mes dagosto do anno passado, o meirinho da dita comarca lhe coutara hum gibão de Londres vermelho cõ hum manteo e dianteiras guarnecido de hũa fitinha azul pespontada a dous pespontos de seda e as ombreyras cozidas cõ seda a tres pespontos e no pe da manga junto da escava ficava a maneira de gollpe guarnecydo da mesma seda e mangas e as casas de seda e outro sy lhe contou huns callçõis de guardallate cõ duas barrinhas de seda por junto dos giolhos de largura de dous dedos pespontados a dous pespontos e cõ a barguylha barrada da mesma seda e pespontada etc. Dada na villa dAlmeyrim aos xxxj de Janeiro... de j b^c lxix... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 285 v.).

IX

Dom Sebastião, etc. faço saber que os mordomos e confrades da cõfraria do Esprito Santo do lugar dAzinhaga me enviarã dizer por sua pitiçã, os deste anno presente de b^c lxix, que sempre fora costume de mais de çinquoenta annos e tanto tempo que a memoria dos homens nã era em contrario de fazerem na festa do pintecoste hum vodo em omra e louuor do Espryto Sãto pera o qual sempre se tirarã esmollas pello lugar dAzinhagua e no campo e conforme ao dito costume o fizerã elles soplicantes este anno que tirarão esmollas pera o dito dia no qual se gastarão todos cõ muyta festa e deuoção e por que elles supricantes se temem que o prouedor e memposteiro dos cativos da comarca da villa de Santarem os prendão e avexem por pidirem sem terem carta mjnha pera fazerem o dito pidido etc. Dada na cidade de Lixboa aos ix dias de mayo... de j b^c lxix... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 380 v.).

X

Dom Sebastião, etc. ffaço saber que Antonja, moça que não he casada, me enviou dizer por sua pitição que ela fora presa na cadea da cidade de Beja e acusada por a justiça por se dizer que estando por soldada cõ Cosmo Roiz, morador na dita cidade jndo elle cõ sua molher ver hũas festas que se fazião deyxando suas portas fechadas e leuando a dita sopricante cõsyguo vendo como os ditos seus amos ficauã seguros pera tão prestes não tornarem a casa ela suplicante tornara a casa e por as portas da Rua estarem fechadas se fora por de trás e entrara dentro por hũa ganelynha que decia sobre o telhado cõ dous homens de Resgardo e Roubara muitas peças douro e prata cõ as quaes se sayra pela dita ganelinha e sendo tomada as deixara cayr no chão e erã, quatro colheres de prata e dous canudos douro cõ cymquo graos dalgofere e hũa medalha cõ hum camafeo douro e hum bohão de prata sobredourado o que tudo ualeria xiiij reaes etc. Dada na cidade de Lixboa aos xbij dias do mes de Junho... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 365).

XI

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Jeronimo Martinz, morador na cidade de Braga filho de Bastiam Afonso me enviou dizer

por sua pytição que jndo ele suplicante em Romaria ao bem aventurado sam gonçalo damarante encontrando Ruy Borges meirinho da coreição, de tras os Montes no concelho de gouvea lhe coutara hum faragoylo preto por ser somente gornecido despigylha pelo cabeção e ao Rodor e asy hum gibão que trazia dolanda crua gornecido despigilha de Retroz pelo cabeção e mangas e ao Redor as quaes espigilhas asy do feregoylo como do gibão forão avalyadas em trimta reaes etc. Dada nesta cidade devora as ix de Janeiro... de j b^c lxx (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 6).

XII

Dom Sebastyão, etc. faço saber que Cateryna Tates, molher de Francisco Pires homem que vive por sua fazenda, morador na onra de Lordello me enviou dizer por sua petição que Indo ella suplicante a hũa Romaria de são Gonçalo fora na dita villa achada per Ruy Borges meirinho da correyção e por elle presa por a achar cõ hum chapeo todo forrado de tafeta por dentro e fora e cõ hum Roupão de pano Roxo e debruado de velludo Roxo a hum debruu per as diamteiras, mangas, Roda e bocais, aberturas, ombros e pegamentos das mangas, collar e as meas e hum dos pegamentos cinquo debruns e hum viuo de pano no pegamento das mangas cõ vinte e tres debruns de velludo e collar do dito Roupão guarnecido de dentro e de fora de velludo de largura de tres dedos e pellas dianteiras guarnecido do mesmo velludo de comprymento de hum pallmo e no çimo da guarnisão de dous dedos em largo e no baixo de largura de dedo e hu gibão de velludo preto cõ dous pespontos por diante e hu feraguello de pano preto forrado pello collar e dianteiras da banda de dentro de velludo de largura de cinquo dedos e da banda de fora no collar guarnecido cõ cinquo espeguilhas de Retroz preto que todo fora avalliado, a saber: o chapeu em cento e quarenta reaes e o Roupão em tres cruzados e o gibão em quatro cruzados e cinquenta reaes e o ferraguello em mil e b^c reaes etc. Dada na cidade de Lisboa a xix de dezembro... de mill b^c lx x. (Liv. 18 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 14).

XIII

Dom Sabastião etc. faço saber que Pero e Bastião Joam moços solteiros moradores no concelho de Seuer me enviarão dizer per sua petição que estando muita gente em hũa Romagem de Nosa Senhora dAgosto em Seuer se armara hũa brigua de que sairão fe-

ridos Maria Gonçalvez no nariz de hũa pisadura que aiuntara sangue e eytor Gonçalvez seu filho em a sombracelha do olho direito quasi nada e francisco alvez em a mão direita e dedos della etc Dada em almeirim a x do mes de Janeiro... de j b^c lxxj (Liv. 9 de Legitimações de D. Seb. e D. Henrique, fl. 334).

XIV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Diogo Fernandez, morador na Quintãa d'Allcarya do Concelho do Couto da Irmyda me envyou dizer por sua pityção que dia de Nosa Senhora das Neues do anno de b^c lxx em hũa Romagem que se no dito fazia em a Ermyda de Nosa Senhora da Ouuyda, termo da villa de Crasto Dayro o prendera Domingos Lourenço que então seruia de meirinho na dita villa dizendo que trazia hũa guarnição de seda em hũu sayo azul que trazia vistido guarnecido de serrilha de seda amarella e os botõis e casas dellas da mesma seda e guarneçido o dito sayo de tafetá preto nos bocais e collar e dianteiras de largura de tres dedos e tendo o asy preso etc. Dada e feyta na villa dAllmeirym a xbiijo de março... de j b^c lxxij... (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 80).

XV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Maria Gonçalvez moça sollteira, filha de Frausto Gonçalvez e de Ines Calada Já defuntos moradores que forão no Lodejro, termo da vjlla de são Tiago de Casem me envyou dizer por sua pitição que ela suplicante por ouuyr dizer que dia de são Bertolameu que era no termo da dita vylla se gajnhavão muitos perdoes e se fazia alardo e se aJuntava muita gente ela suplicante pedira hum saio emprestado por ho não ter por ser orfã e muito pobre e se fora cõ outras pesoas a dita fregesya a gainhar os ditos perdões e ver o dito alardo e gente muita por cousa nunqua vista e levava o dito saio o qual era debruado de tafeta e por ela suplicante ser moça crjada a mõte e não ter paj nem maj que aconselhasem não sabia dito debrum de tafeta era defeso etc. Dada em Lixboa a x do mes de mayo... de j b^c lxxij... (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 45).

XVI

Dom Sebastiam etc. faço saber que Gaspar Fernandez marinheiro natural da vylla de Vyana e morador em Lixboa me envyou dizer per sua petyção que este Anno veyo da Imdia na nao Bellem que elle fora em Romarya a Sanctiago e da vymda vyera por Vyana da Foz de Lima pera ver seus paremtes e ymdo pela dita vylla o meirinho della o prendera por trazer no ferragoulo preto que trazia cuberto o capelo forrado por dentro de veludo e o pellote guarnecido de demtro de tafeta as diamteyras e o cabeção e chapeo cõ a copa forrada de tafeta por demtro e não mais de dous dedos da fralda do dito chapeo etc. Dada em Euora xxj de Janeiro... de j b^c lxxiij. (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 10).

XVII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Diogo Garcia o Moço, meu moço da camara, morador em Lixboa me envyou dizer que ele fora preso e acusado pela Justiça por se dizer que sobre palauras que tivera cõ hum Manuel Fernandez e outros homens que estauã armãdo a Rua das Esteyras pera a festa do santo Sacramento saltara cõ eles levando cõsygo outros homens de preposyto etc. Dada em Evora a xxiij de fevereiro... de j b^c lxxiij. (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 303 v.).

XVIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Esteuã Mateus, morador em vylla de Guarução me enviou dizer que ele fora preso e acusado ante o Corregedor de Portalegre por hum Bacias Nunez, alcayde da vara da dita vylla por dizer que tendo preso hum Gaspar Roiz, seu cunhado por o achar no mosteiro de Nosa Senhora da Estrella onde se fazia hũa Romagem e ser posta pena de duzentos reaes e arma perdida per postura da camara da dita vylla as pesoas dela que hy fosem achadas e ele suplicante lhe tirara do poder e lhe disera palauras Injuryosas etc. Dada em Evora a bij de março... de jb^c lxxiij (Liv. 20 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 323).

XIX

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Maria Gonçalvez, molher de Gaspar Fernandez, lauradores, moradores na freiguesia de são Lourenço de Romão termo da vylla de Barcellos me envyou dizer por sua petição que indo ella dia de sancto Amaro que foy aos xb de Janeiro deste anno de lxxiiijº em Romarja ha Igreja do dito santo que esta na freiguesia de Santiago da Carreira que he de o mesmo termo hum belchior Pereira allcayde pequeno da mesma villa a achara vistyda com hum sayo alto de pano Roxo todo debruado de debrum barrado de fita de seda parda e com as manguas golpeadas da mesma maneira e o collar e diamteiras forrado de tafeta pardo e o collar de fora com muitos debruns do mesmo e bocaes e outro debrum pelo fundo das manguas forrado pelas diamteiras até baixo cõ tafeta a pardo de tres dedos em largo cõ botões do mesmo tafeta pespomte *(sic)* e hum gibão de tafeta cramesim com suas diamteiras e cabeção forrado do mesmo panno de largura de tres dedos cõ botoes do mesmo pespontado de Retroz vermelho que todo poderia valler ate dez cruzados e a prendera e fezera auto da dita seda e a suplicante por ser dia de festa vestira os ditos vestidos e os não trazia em outro tempo etc. Dada em Almeyrim bj de fevereiro... de jbᶜ lxxiiijº (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 251 v.).

XX

Dom Sebastião, etc. faço saber que Domingos do Sabugal, bombardeiro, e sua molher Alldonça Fernandez de Melgaço e ora preso na cadea della me enuiarão dizer por sua pitição que elle o fora por não fazer o São Jorge na dita vylla nas festas hordinarias pello qual fora condenado em quinhentos reaes e que os pagase da cadea e prendendo hum Gaspar dAmorim, allcayde e carcereiro na dita villa e elle soplicante lhe pedira que o leuase perante os Juizes que o comdenarã o que não quisera fazer e por esa causa trabalhara por lhe fogir das mãos delle allcayde e o ajudara a dita sua molher liando se ambos cõ elle e por feitos delle fogir ao quall ella chamara bebado, cagado e outras palavras desta calidade etc. Dada em Lixboa a xxb de feuereiro... de jbᶜ lxx bij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 157 v.).

XXI

Dom Sebastyão, faço saber que Antonio Gonçalvez, morador no Julgado de Lagomel e Margem me enviou dizer per sua pitição que no anno de b^c lxxbj no mes de Janeiro per dia de são Sebastião se fezera hum ajuntamento e vodo a onra do dito santo em a Igreja do dito Julgado em a qual Igreja e ajuntamento se fizera hũa volta e aRancamento dentro da dita Igreja aonde elle sopricante aRancara hũa espada na guarda della etc. Dada em Lixboa a iiij^o de março e feyta aos xij dagosto... de jb^c lxxbij... (Liv. 22 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 228).

E

Banquetes, danças, descantes, jogos, toques e touradas

I

Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças... ssaude. Sabede que Meen dafonso criado de Johã Vaaz dAlmadaa nos enviou dizer que podia ora auer dous annos pouco mais ou menos estando em a çidade dEuora hindo hũua noute do paaço pera as poussadas elle e outros tangendo hũua violla e cantando ssayra a elle e aos outros Vicente Martinz escripuã da poridade da Rainha minha muyto prezada e amada molher cõ quantos homeens tijnha hindo armados de beestas e escudos e lanças dizendo contra elles mata mata rrapazes e que jndo elle e os outros ja açima da cassa e poussada do dito Vicente Martinz que os sseus desfecharom beestas a elles. E que veendo aquello elle e os outros parçeiros sse começarom a defender a espadas que algũus delles leuauã em tall guissa que os homeens do dito Vicente Martinz sse meterom em cassa. E que hum Tristam naturall de Ponball fora ferido nõ ssabia sse o ferirom os outros homeens do dito Vicente Martinz na volta sse o ferirom da ssua parte da quall ferida sse depois veera a finar da vida deste mundo. E que esso meesmo o dicto Martinz ouuera hũua pedrada em hũua maao. E que o dito Vicente Martinz querellara delle e dos outros dizendo que lhe mataram o dito sseu homem e o feriram polla qual Razom sse elle amorara cõ temor da nossa Justiça. E ouuera carta de sseguranca pera sse por elle poer a direito da quall nõ sseguira os termos e sse fora a Frandes em a nossa naao. E da tornada sse fora a Cepta em conpanhia dAlvaro dAlmaadãa. E lla esteuera com elle E ora andaua amoorado etc.

Dada em a nossa cidade de Lixboa xij dias dabrill... de mil iiij^c lb. (Chanc. de D. Affonso v; xv, 23). — A fl. 78 v. do mesmo Livro está outra carta de perdão a *Anrrique Froez*, criado de J. Vaz d'Almada por elle e outros, *tangendo em huua violla e cantando passante das onze oras da noyte depois que o dito Johan Vaaz era no paaço*, se terem envolvido em desordem com um outro bando do qual resultou uma morte.

II

E ao que dizees que auees por enformaçom que por hordenaçã de nosos Reynos he que quaes quer touros que quiserem correr em carro que lhe cortem os cornos sob certa pena pera a nosa chancellaria e que seja nosa mercee de nos darmos licença que os posamos *(sic)* correr cõ pontas segundo demos a Eluas e Estremoz. A esto rrespondemos que nos praz e daqui endiante nos damos licença e lugar que os possaes correr sem lhe cortardes as ditas pontas sem enbarguo de quall quer hordenaçom sobre ello em contrairo feito. (Capitulos de Monte-Mor-o-Novo nas cortes de Lixboa de 1455, Liv. XV da Chanc. de D. affonso V, fl. 75).

III

Dom Joham etc. Saude. Sabede que Gonçalo Andres, morador, em Mesegena do Cãpo dOurique nos enuyou dizer que hum Gonçalo Gomez, morador na dita vjlla querellara delle e doutro das nossas Justiças dizendo que por elle querer decepar hum touro que corriã e agarrochauã em a dita ujlla elle cõ outros forã sobre elle em asuuada e lhe derã pedradas... etc. Dada em Euora dous dias do mes doutubro... de mjll iiij^c lxxxij. (Liv. 3 da Chanc. de D. João 2.º fl. 64.)

IV

Dom Sebastiam, etc. Faço uos saber que Antonio Lopez me emvjou dizer per sua pytyçam que serujmdo por eleyçam em ausencia do Juiz que sajra per pelouros do dito officio em Alldea gualegua o anno passado de j b^c lix e asy o enlegyram este presente em ausençia doutro que da mesma maneyra saymdo se achara fora hacusado pela justiça que em hum aRoydo que aconteçera em as oytauas de natall pasado em hum Joguo de choqua em que sayra ferido hum Bastyam Fernandez que loguo faleçera não premdera aos

cullpados etc. Dada na çidade de Lixboa aos bj dias do mes dabrill e feyta na dita cidade aos ix dias do dito mes... de j b^c lix... (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 59 v.)

V

Dom Sebastyam etc. Faço uos saber que Ruy Freyre dAndrade, fidallgo de mynha casa morador na çidade de Beja me enuyou dizer per sua pytyçam que no mes de Julho pasado se ordenara na dita çidade touros e canas geraees e outras festas por homra do casamento e bodas que dom Pedro de Sousa do meu conselho e allcayde mor de Beja ffazya emtão de hũa dona Miçia AmRiquez sua filha cõ Jorge Furtado de Mendoça e amtre os amyguos e parentes do dito dom Pedro amdaua o soplicante a cauallo na praça luguar pubriquo e deputado emtão pera as ditas festas e nella se costumara sempre juguar canas e selebrarem semelhamtes festas e coremdo a cauallo em companhya de Gomez Freyre outro si fidallgo a quem lamçarya hũa cana por sima de hũa tore allta como se fazya no Jogo das canas cõ a fadygua que o soplicamte e companheyros dauão aos cauallos o cauallo em que o soplicante corya sendo damtes muito sofrido e aRemdado se sayra desmãdado e com furya e dera grande pancada cõ a cabeça em hũa parede tam Rijo que o cauallo cayra a hũa porta sem bulyr cõsiguo e elle suplicante da outra sem dar hacordo de sy e desta pancada tornou hatras o dito cavallo topara hum Moço de nove te dez anos que se atrauesara ffilho de Allvaro Gonçalvez cirjeiro e da pancada forte que lhe dera loguo morera etc. Dada na cidade de Lixboa aos xb dias de novembro de j b^c lx anos e feyta na mesma cidade aos xxij dias do mes de feuereiro... de j b^c lx anos (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 233.)

VI

Dom Sebastiam, etc. Faço-uos saber que grjgorjo moço crjado de Antonio Mendez de Castro me enviou dizer per sua pytyçã que o allcayde Marcos Lopez o prendera bespora de são Joham deste ano de b^c lxj as nove oras da noyte ffora da porta de santa Catarina Imdo elle soplicante cantãdo e folguando cõ outros mãcebos sem fazerem cousa perjudiçall a nynguem soomente hya em trajos de molher pareçemdo lhe não ser defeso e da prisão delle suplicante se fezera auto... não pasaua de xb anos e a ordenação no Livro 9 titulo 31 falamdo dos que se uestyam em trajos de molher

loguo exceptuaua festas e Jogos em que parecia que se devia emtender a bespora e dya do bem aventurado são Joham etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xb dias do mes de Julho... de j b^c lxj... (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 317).

VII

Dom Sebastião etc. Faço saber que Antonio Fernandez, çapateiro, morador em Peras Alluas, termo da villa de Monte-mor-o-Velho, me enuiou dizer por sua pitição, que em hum dos dyas do mes de Julho do anno presente de mil b[c] lxj o dya e tempo que vyesse em verdade, hum Andre Gomez, porteiro do couto de Veride, lhe fora a sua casa tomar um penhor por cinquenta reaes, por dizer que não fora dançar hũa festa de Santa Isabel, como lhe fora mandado pello Juiz e vereadores do dito couto; e o dito porteiro o quisera penhorar nas tisouras de seu officio, e lhe não quisera tomar hum castiçall, por dizer que era velho e quebrado, e pello sopricante lhe lançar mão as tysouras por ter dellas neçessidade pera seu offycio, e o porteiro bradou a minha voz etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos biij[o] dias do mes dagosto . . . de j b[c] lxj anos (Liv. 4 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 359 v.).

VIII

Dom Sebastião etc. Faço saber que Saluador Eanes laurador e morador em Monteroso do Concelho da Llousada me enuiou dizer por sua pitição que elle andaua amorado por ser culpado em hũa deuassa que o Juiz do dito concelho tirara no mes de Janeiro pasado deste anno presente por se dizer casando elle suplicante cõ hũa orfã proue pera tomar sua casa Rogara a alguas pessoas seus parentes que o fosem omrrar e lleuar a sua casa dos quaes algũs lhe leuarão hum alqueyre de pão cada hum e outros algum binho que na dita terra chamão viadalhas e que elle suplicante lhes dera de Jantar casy outro tanto e por que era omem pobre e casara cõ orfã me pedia ouuese por bem de lhe perdoar a cullpa que no dito caso tinha da maneira que dezia e Receberia merce etc. Dada em a cidade de Lixboa aos xxiiij dias do mes doutubro do ano pasado de j b[c] lxj e feyta nella aos xbiij dias do mes de março deste ano presente... (Liv. 3 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 19.)

IX

Dom Sebastiam etc. Faço saber que Guaspar Corea morador em Villa Reall me enuiou dizer por sua pytyção que elle fora acusado pela Justiça por não ter parte que o acusase dizendo que elle cõ outros que cõsigo aJuntara em certos dias e procisõees ordenara Jogos pela dita villa cõ mascaras desfarçadas e asy de noyte dando brados e pregões em odyo e desprezo de cristãos novos Injuriando-os e desonrãdos e a jso acodira Simão Tauares ouuydor da dita villa e que lhe posera penas que taees jogos não fizesse e dyso mãdara lançar preguão e que elle não dera preito mas contynuando em seus Jogos Injuriando ao dito ouuydor e dyserão contra elle palavras Injuriosas he de noyte lhe poserão ha Janella donde elle vyvya hum cão morto ... e o dito ouuidor fizera os autos a sua vomtade por ser casado cõ hũa cristã nova etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xxbij dias do mes de novembro ... de j b^c l x j (Liv. 8 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 380 v.).

X

Dom Sebastyam, etc. Faço uos saber que Pero Correa, caualeiro de mynha casa, morador na vylla de Sãta Marynha me enuyou dizer per sua pytyção que elle fora preso pela Justiça a falecimento de partes que acusar não quyserão dizendo que em xbiij° dias do mes de dezembro do ano de jb^c lix tempo que na boa verdade vyese estãdo hum Pero Fernandez em hum quintall de hum Jeronimo Fernandez folguãdo cõ outros homens o suplicante o chamara e tendo-o fora da porta o imjuriara chamãdo-lhe Rujm vylão Roym e outras palauras e sobre isto se arremesara a elle e o levara pelas barbas e o enchera de bofetadas e couçes etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos ij dias do mes de Junho ... de jb^c lxij annos. (Liv. 1 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, 115).

XI

D. Sebastião, etc. Faço saber que Jacome Diaz e Bastião Afonso e João Pirez lauradores e moradores na fregezya de Faldejaes, termo da vylla de Pomte de Lyma me enviaram dizer por sua pytição que eles estauão presos no castello da dita villa por que casando hum Ruy Pyrez cunhado dele João Pirez sopricante hũa filha eles leuarã a voda cada hũa sua fogaça e cabaça de vinho pera eles comerem e por serem muito parentes da noiva não sendo pera

yso cõvidados nem Rogados da parte do dito Ruy Pirez e por que elles erão Rusticos lauradores que nem sabiam ser defeso levar as ditas fogaças e cabaças a voda etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xbiijº dias do mes dagosto ... de jbᶜ lxij anos. (Liv. 6 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique fl. 142).

XII

D. Sebastião, etc. Faço saber que Gonçalo Aranha çapateiro morador na vylla de Aronches me enuiou dizer por sua pytição que poderia auer dez ou onze meses pouco mais ou menos o tempo que vyer em verdade andando elle suplicante e outros Jugando a pella e asy hum Francisco Marquez mancebo solteiro filho de Garcja Roiz morador na dita villa se vyerão a trauar em Rezõis e elle soplicante e o dito Francisco Marquez sobre o Jogo vyerão aRancar das espadas etc. Dada na cydade de Lixboa a biij dias do mes de feuereiro e feyta nella aos xb dias do dito mes ... de jbᶜ lxiij (Liv. 5 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 200).

XIII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que João Fernandez morador nesta Cidade de Lixboa me enviou dizer per sua pitição que elle fora nella preso e acusado pella Justiça por se dizer que a vinte e nove de Junho do anno passado de mil bᶜ lxij andando no terreyro do Passo da dita Cidade o allcayde Nycollao Muniz a cavallo afastando a gente pera se corer hum touro que se corya por cordas estando eu nas varandas elle soplicante lhe tirara hũa pedrada da qual lhe deribara a vara da mão e lhe tirara outra e o não açertara e por o dito allcayde saber que ao tall tempo elle soplicante não estava em seu Juizo natural lhe perdoara livremente pela qual culpa elle soplicante fora cõdenado per sentença final que com pregão na audiencia fosse degredado hum anno pera Afryca... elle soplicante era homem de corenta e e sete annos e mais era muito enfermo e carecido da vista... Dada nesta cidade de Lixboa a x dias do mes de março... de jbᶜ lxiij. (Liv. 5 de Leg. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 210.)

XIV

Dom Sebastiam, etc. Faço saber que Amtão Gil homem pobre trabalhador morador no luguar dAllcayns termo da villa de Castello

Brãquo me enuyou dizer per sua pityção que seruyndo elle de Juiz no luguar dAllcayns o anno passado de b^c lxij hum Alvaro Gonçalvez e Antonio Pirez mãdarão os ditos Juizes trazer hum touro pera o correrem em dya do sãtysymo Sacramento e mãdarão lançar preguão que pesoa allgũa não fferyse o dito touro nem lhe lançase guarocha e lhe fizesse nojo per allgũa maneyra soomente ho coresem per vya de desenfadamento e por fazerem festa e andando o dito touro no corro por elle suplicante lhe dar certas pancadas o dito Alluaro Gonçalvez Juiz lhe dyse que estyuese quedo e não dese no dito touro e por elle suplicante não deixar de lhe dar desemdo o dito Juiz de hũa escada homde estaua pera o prender a elle suplicante escoregara e cayra no chão e quando asy cayra se lhe solltara a vara da mão e fora dar nas costas delle suplicante e tomara elle suplicante a vara e a lançara por hy halem e fogyra etc. Dada em a minha cydade de Lixboa aos xxb dias do mes de mayo e feyta nella aos xbiij^o dias do mes de setembro de jb^c lxiij anos (Liv. 1 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 330 v.)

XV

Dom Sebastyam etc. Faço saber que Fernãode Anes e Gaspar seu Irmão homens solteiros e Domingos de Barrimão e Lamçarote Pirez todos moradores no couto de Louzada Jurdição do duque de Braguãça que vyndo elles de Guimaraees donde fforão em Romarja em hum dos dias do mes de mayo deste ano presemte de lxb cõ outra muita gente do dito couto Rimdo folguãdo hũus cõ outros e vymdo asy todos em festa e por muito amigos abaixo da hermida de samto Amaro que estava no dito couto se hallevantou amtre todos hum muito grande haroydo e volta em ho quall tambem amdava he acodyra hum Antonio Gonçalvez hy morador e andavam cõ espadas nuas e elles suplicantes arramcarão das suas e forão pera a parte domde estaua o dito Amtonio Gonçalvez sobre elle e lhe atyrarão cotiladas e golpes de maneyra que lhe deceparão ha mão esquerda pela Jumta domde peguava no braço que loguo cayo no chão etc. Dada nesta cidade de Lixboa aos xxbiij^o dias do mes de novembro... de jb^c lxb. (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henriques fl. 289 v.)

XVI

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Fernando Roiz morador na vylla de Vylla Frol da comarqua da Tore de Mencoruo me enviou

dizer por sua pitição que sendo ele suplicamte de Idade de dez annos pera doze no Ano de jb^c lj anos estando cõ outros dez ou doze moços da dita Idade acabando todos de Juguar a choqua estando folgãdo e brinquãdo entraram todos em hum lagar velho de fazer vinho que fora de Joam de Moraes, morador na dita vylla s. hum Francisco de jdade de xij ou xiij anos filho de Vasco Fernandez o Velho morador na dita vylla se asemtara no peso da pedra do dito lagar e se aRimara ao fuso e estando o dito Francisco asy asentado e andãdo ele suplicante cõ ele e outros moços brymquãdo demtro no dito lagar ele suplicante cõ hum cajadinho que tynha na mão por andar Jugando a choqua dera symprezmente hũa pamcadynha ou duas em hum espeque que estaua debayxo da vyga do dito lagar e cõ ha dita pamcadynha que asy dera no espeque que estaua podre por Rezão das augoas que derã nele por o lagar estar descuberto as chuvas e o dito Francisco nysto se acostar ao fuso que estava posto na dita vyga corera a vyga por diante e desmentio (?) o espeque e decera a vyga pelo fuso abaixo ate dar no peso e tomara amtre o dito peso e a vyga o dito Francisco e o matara e asy dera ao dito suplicante na cabeça e por o não acolher em cheo se salvara pela qual morte se tirara devasa pelo que ele suplicante avia xiiij^o anos que andava amorado por não ter posebelydade pera se lyurar etc. Dada na cydade de Lixboa a xxbiij^o dias do mes de Junho... de jb^c lxbj... (Liv. 2 de Legit. de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 148).

XVII

Dom Sebastyam, etc. ffaço saber que Johão Symão, morador nas Tynalhas, termo de são Vicente da Beyra me enuiou dizer per sua petyçam que elle fora preso na cadea da dita villa por se dizer que contra mandados do Juiz o suplicante andaua de noyte com guitara pelo dito luguar cantamdo camtyguas em despreso da Justiça e Repicava os synos e em ausencia do Juiz dysera comtra elle palauras de Imjuria e que lhe cortaria hum braço etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxiiij^o de março. . de jb^c lxbij... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 241 v.).

XVIII

Dom Sebastyam, etc. Faço saber que Nuno Alluez e Francisco Pinto, moradores, em Cucanha me enviarão dizer per sua petiçam que aos xxx dias do mes de julho do ano de jb^c lx iiij^o ou

o que na uerdade se achase ffazemdo se festa do Santysymo Sacramento na dita villa e servimdo elle suplicante Francisco Pymto de mordomo da dita festa e de allmotaçe da dita villa andamdo mandando tapar hum aro em que se avyam de corer touros hum Rodrigo Moreyra, morador na dita villa e Juiz ordinario que servia em ausencia do Antonio Mendez, por ser Imyguo delle suplicante se vyera a tomar cõ elle em pallauras sobre os quaees o dito Juiz quysera prender a elle dito Francisco Pimto e elle ao dito Juiz e peguando hu no outro temdo ambos as varas nas mãoos acodyra elle suplicante Nuno Allvez de hũa Janella etc. Dada na cidade de Lixboa aos xj dias do mes dabril... de j bᶜ lxbij anos. (Livr. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 246 v.).

XIX

Dom Sebastiam etc. Faço saber que Briatiz Vaaz dona vyuua me enviou dizer per sua petyção que hum seu filho per nome Dyoguo moço menor ffora acusado per hum Alluaro Fernandez, Juiz na villa dAllter do Chão dizendo que elle suplicante com outros moços ffora da porta do queyxoso de noyte de suada pedindo lhe sua fylha camtamdo camtyguas desonestas e que fora a outras partes ffazendo união etc. Dada na cidade de Lixboa aos xb dias do mes dabrill e feyta aos xbj... de j bᶜ lx bij anos... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 251) (... Antonio de Cimas e Dyoguo Diaz, lauradores, moradores na villa dAlter do Chão me enviarão dizer per sua petyçam que elles andauão amorados por que estando presos na dita villa por andarem de noyte cantando cantyguas defamatorias e irem a porta do Juiz, pedymdo lhe sua filha e a porta doutros homens he molheres casadas... Lisboa, 14 de abril de 1567 Id. fl. 258 v.).

XX

Dom Sebastyam, etc. Façouos saber que Antonio Fernandez, seareiro, morador no Pomball, termo de Santarem, me enviou dizer per sua petiçam que Imdo elle ao luguar dAzynhagua de cuja freyguesya elle hera pera foliar por ser folyão dominguo xbij dias de Julho do ano presente e por se fazer no dito luguar prosyção solene do Santysymo Sacramento e festas he folguares e tresfoliares leuaua na cabeça hum chapeo forado por dentro da copa de tafeta e sayrya fora da dita copa dous dedos he meio que elle suplicante leuaua por festa e com elle folyar como o leuara todo de veludo

se ho achara emprestado pera homra he louvor de deus e de sua festa e o allcayde do dito luguar ho premdera cõ ho dito chapeo asy forrado de tafeta pespomtado com Retros pela borda do dito forro etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxbj dias do mes de setembro... de mill b^c^ lxbij... (Liv. 26 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 341 v.).

XXI

Dom Sebastyão etc. Faço saber que Antonio Diaz, de Lamarosa, termo da villa de Torres Nouas me enuyou dizer por sua pitiçã que em hum dos dias do mes de Janeiro que ora pasou que serya por são Sebastyão pouco mais ou menos sendo Domingo depois de Jantar por aver hum desposoryo no dito lugar ouvera aly follgos e bayllos donde se Recrecera a vir ter brygas cõ elle suplicante Symão Leytão e outro seu Irmão etc. Dada na cidade de llisboa a xxij dias do feuereiro... de jb^c^ lxbiij^o^... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 37 v.)

XXII

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Manuel Fernandez, morador no Casall de Nogeiro, termo da villa dArouqua me enviou dizer por sua pitição que no primeiro dia doutubro deste ano presente de j b^c^ lxbiij^o^ as duas oras amdadas da noite estando Susana Pirez, molher solteira sua vizinha fiando ao serão cõ outras molheres e estando outrosy hũus mãcebos camtando ele suplicante comesara de sua casa a tomar se de Rezões cõ a dita Susana Pirez, dizendo lhe que fazia tourarias e que já o touro vynha pera a vaqua. Respondendo ela que não tiuese de ver cõ Iso logo ele suplicante saira de sua casa cõ hũa chusa nas maos e se fora donde a dita Susana Pirez estaua e lhe dera cõ a dita chusa hũa pamcada na moleira da cabeça que logo dera cõ ela no chão e lhe fizera hũa ferida aberta em samgue de compridão de huu dedo de que estiuera em cura dizendo que avya de castigar putas e que o aviã de conhecer etc. Dada nesta villa de dAlmeirim aos xj dias do mes de março... de j b^c^ lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 266 v.).

XXIII

Dom Sebastião, etc. ffaço saber que Joam Toscano, mãcebo. morador em Villa Ruyua, filho de Vasco Roiz, outrosy morador

na dita vylla me enviou dizer por sua petição que em dia de Nosa Senhora dAgosto do ano pasado fazendo se festa a omra de Nosa Senhora o suplicante cõ outros mãcebos quyserã fazer huua dança e folgar como por tall dia se costuma sempre fazer e trazendo elle suplicante huns callsões de tafeta preto callsados Jorge Martinz, alcayde da dita villa ho prendera por asy o achar cõ os ditos callsões etc. Dada nesta vylla dAlmeyrim aos xxbj dias do mes de março... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 294).

XXIV

Dom Sebastião, etc. Faço saber que Manuel Diaz Moreno, morador no termo da villa de Monforte, homem que vive por sua fazemda e lavoura me enviou dizer por sua pitição que dia do Amjo Costodio do ano de jb^c lxbiij^o ãdando ele e outros homes a cavalo por fazerem festa coremdo a hum pato como se costumava na Rua dEvora ate a Rua do Moesteiro omde comumente era costume corer acõtecera que levando ele suplicante a cabeça do pato jndo correndo pela Rua abaixo encontrara per desastre hum menyno de tres anos que hia... per nome Alvaro, filho de Domyngos Pirez, morador na dita villa que atravessara de hũa parte da Rua pera a outra cõ o estribo o ferira na cabeça da qual ferida ho dito menyno vyera a falecer dahy a hum mes etc. Dada nesta cidade de Lisboa aos xx dias do mes de mayo e feyta nella aos xxb... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 335.)

XXV

Dom Sebastião etc. faço saber que Amrryque Lousado, morador no Concelho dAtey me enviou dizer por sua pytição que ele foy preso na cadea do dito Concelho per hum feito crime e querendo se lyvrar da cullpa que lhe punhã de huu aRoido que se fez no dito Concelho sobre o Jogo da choqua que se Jugara pelos moradores do dito Concelho em hum dia de festa pondo-se em huua parte hũa fregesya contra outra sobre ho que ouvera hũa volta e aRoido em o qual morerão quatro pesoas e ouve algũs outros feridos etc. Dada na villa de Mõte Mor o Novo aos biij^o de novembro... de j b^c lxix... (Liv. 24 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 411 v.).

XXVI

Dom Sebastião etc. Faço saber que Gaspar Fernãdez, morador, na cidade de portallegre me emvyou dizer por sua petição que elle ffora preso e acusado pella Justiça da dita cidade por se dizer que nas festas do espryto santo que se na dita çidade fazião e fizerão o anno pasado elle suplicante cõ outros em desprezo das festas tomarão hum Joane omem ensensato e o despirão nu e lhe poserão em suas vergonhas huas nespras e andarão cõ elle pella cidade de que ouvera escandallo pello qual caso per sentença da Rellação saira cõdenado em hum ano de degredo pera a afryqua cõ pregão na audiencia etc. Dada na cidade devora aos xxbij dias do mes de janeiro e feyta aos trinta... de j b^c lxx. (Liv. 9 de Legitimações de D. Sebastião e D. Henrique, fl. 17).

XXVII

Dom Sebastião etc. faço saber que Manoel dOliveira e Gaspar Gonçalvez e Manuel Gonçalvez moradores na villa de Mourão me enviarão dizer por sua pitição que eles forã presos e acusados pela Justiça por se dizer comtra eles que despojs do sagrado cõcilio que defendeo corerem se touros em cerqua eles levarão hum touro a dita vylla e o corerão em bastidas e por yso sairão cõdenados em mjll reaes cada hum deles e em seis meses de degredo pera fora da vjlla e termo cõ pregão em audiencia etc. Dada em a cidade devora aos xbj dias do mes de março... de j b^c lxx. (Liv. 10 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 53 v.).

XXVIII

Dom Sebastião, etc. faço saber que Antonio Pirez da Nobrega, mestre pilloto, morador em Leça de Matosynhos me envyou dizer por sua pitição que ó anno de j b^c lx tres que avia agora dezoyto annos sendo allmotacés no dito lugar hum Francisco Pirez e Pedro Annes e meirinho hum Jeronimo Diaz. andando pello lugar cõ danças e pello dia de Corpo de deus depois dacabar a presyção e acompanhando os ditos allmotaces e meirinho as ditas danças e Regendo as e governando as acõtecera que elle soplicante e outros que andarã cõ outras festas e danças de Leça se forão encontrar cõ os ditos allmotaces e meirinho junto da praça do dito lugar de Matosjnhos e por ser o lugar estreyto e elle soplicante e os mais de Leça andarem de diferença sobre hũa dança cõ os de Matosi-

nhos se travarão em brigas etc. Dada na cidade de Lixboa aos xxxi dia dagosto... de j b^c lxxj... (Liv. 25 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 498 v.).

XXIX

Dom Sebastião, etc. faço saber que Johão de Varis, laurador, morador no lugar das Duas Egrejas termo da cidade de Miranda me enuiou dizer por sua pitição que elle fora cõ outros muitos ao lugar da Freixinosa termo da dita cidade em Romarya a Nosa Senhora da Madre do dito lugar por ser dia de sua festa no dito lugar e sendo já ditas as missas estando muita parte da gente que a dita Romarya forão junto ao dito lugar follgando começarão tirar hũa pedra por ver quem a deitaria a mais longe de sy como se tirar a hũa bara (?) e tendo tirado a dita pedra hum Francisco Lourenço, lavrador, morador em Villa Chã, termo da dita cidade elle suplicante fora tomar a dita pedra pera tirar cõ ella e mostrar suas forças e estando muitos homens ao Redor que vião como tiravão e fazendo seus meneyos pera deitar de sym a dita pedra disera e asy os que estavão a Roda diserão em voz allta: guarda, pera que se guardasem aos quais brados o dito Francisco Lourenço que estava fallando cõ outro homem se descvydara e se não guardara nem arredara, etc. Dada na villa dAllmeida a quatro dias do mes de fevereiro... de j b^c lxxij. (Liv. 18 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 27 v.).

XXX

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Balltesar Diaz Malldonado Cavaleiro, morador no coutio *(sic)* de Vall Lomgo, termo da cidade de Tavyra me enviou dizer per sua pitição que averya perto de cymquo anos que sendo ele cortanheiro no dia do esprito samto na freguezia da Cõseyção que está no dito coutio do Vall Lomgo e antre os ditos cortanheiros fora enlegido ele suplicante por mais suficiente pera ir busquar hũa vaqua pera a festa do esprito sãto e ele suplicante a fora busquar e cõprara dahy a hũa legoa que era no termo da vylla de Cacela a Domingos Lourenço, morador na dita vylla e a trouxera e a cortara entre todos o dia da festa como era costume a omra do esprito santo e por descuydo do suplicante perdera a carta de gia que era obrigado apresentar na dita vylla de Çacela onde comprara a dita vaqua e por se temer por tempos lhe peção etc. Dada em a cidade dEvora

a xxbij de março de... j b^c lxxiij... (Liv. 19 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 105).

XXXI

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Tome Cardoso, morador no lugar de Formynhão termo da cidade de Vyseu me envyou dizer per sua petyção que fazendo se este ano de lxxiij a festa do Santysymo Sacramento no dito luguar allguns homens por homra da dita festa se haJuntarão he fazyão amtre sy bolsa de dous mill reaes pera comprarem hum boy novo com que se desemfadasem e Roguarão ha elle supricante por ser laurador e emtender dyso que o quysese jr comprar e foy e depois de com elle se terem desemfadado por ho dinheiro ser de muitos se detrjmjnarão de o matar pera se destrebuir amtre elles conforme ao que cada hum tynha dado e elle suplicante ho matara e estando asy partindo amtre sy acodyo gemte que a querya comprar e lhe derão da dita carne conforme o preço que a elles lhe sahya que foy a bij reaes e meo o arratel valemdo no dito luguar a bj reaes ha carne gorda e porque se temja que allguas pesoas por lhe fazerem mal denunciasem etc. Dada em Allmeyrym a tres de dezembro... de j b^c lxviij^o (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 109, v.).

XXXII

Dom Sebastião etc. faço saber que Pedro, morador em Nysa, me envjou dizer por sua pitição que jndo elle soplicante cõ outra muita gente dia de são sebastião do anno passado aconpanhando a bandeira do esprito santo o Juiz ordinario da dita villa o prendera a elle soplicante por hua coima de que se avião de pagar tres ou quatro tostõis de cadea e preso o entregara a Gaspar Ribeiro e a Jorge Gonçalvez que vinhão folliando no dito acompanhamento pera o averem de levar a cadea e ficando asj entregue preso aos sobreditos se chegarã outros mancebos e homens pera ver o que era e se começarão impurrar huns a outros e elle soplicante na dita envolta se solltara delles e fogira de suas mãos etc. Dada em allmejrym a iiij^o de março e feyta aos cinquo... de j b^c lxxiiij (Liv. 13 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 184.).

XXXIII

Dom Sebastyam, etc. faço saber que Jeronimo de Miranda, morador em Villa de Torres Vedras me enujou dizer per sua petyção que andando os moços folgãdo cõ hum gualo dya demtrudo que ora pasou de lxxiiijº trazemdo Rodellas espadas paaos como custumão o tall dya os moços pera matarem o guallo amdamdo Johão Irmãao delle suplicante na volta por não ter outra cousa que levar se não hũa bestynha de pelouro a leuaua e por não ter pelouro lhe posera huu torrão de call na corda e Imdo todos com gramde matynada de folguar pasamdo pela porta do mestre da gramatyca homde o dito Joham seu Irmão hapremdya cheguarão outros moços doutra escolla he aly se haJuntarão huus com outros homde tyuerão os seus pasatempos e brjmcos de brjgas sobre o guallo como sempre ouve e temdo o dito Johão a besta na mãao armada elle lhe dise que tyrase ao gualo e em lhe dizendo jsto em zombarja e por Rirem tomou a besta ao dito Johão seu Irmão que tynha o dito torrão na corda e por desastre tyramdo ao guallo hacertara de dar com elle em huu moço per nome Johão crjado de jurdão luis, barbeyro, morador na dita villa em hum beiço etc. Dado em Almeirim a xxix de março... de j bᶜ lxxiiij.º (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 168.)

XXXIV

Dom Sebastiam, etc. faço saber que Domingos de Seixas, morador em Pinhel me emujou dizer per sua petição que elle fora preso e acusado pela Justiça por se dizer ter culpa de cõ outros corer huus touros comtra prohibição do Juiz e outros officiaez e pelo caso fora condenado per sentença da Relação em seis meses de degredo pera fora da villa e termo etc. Dada em Almeirim aos xb dabril... de jbᶜ lxxiiijº... (Liv. 17 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 309).

XXXV

Dom Sebastião, etc. faço saber que Lourenço Aires Rodovalho contador e destrebujdor na cidade da Ponta Delgada da Ilha de são Miguel me enviou dizer per sua pitição que domingo xxiiij dias de majo do ano passado de lxxiij em que se fazia na dita cidade presysão do sãtisymo sacramento solenemente ãdando ele suplicante cõ os prjncipaes da tera a cavallo pela cidade despois

de terem Jugado canas e estar... por omra da festa se forã todos a careira publica omde se custumaua corer estamdo ahy muita gente e temdo alguns de cavalo pasado a careira coubera tão bem a ele suplicante a sua ves e vyndo no meio da careira em huu cavalo muito ligeiro cõ toda a furia saira supitamente de hũa trauesa huu moço de jdade de oyto ate nove anos filho de hũ João Vaz trabalhador e atravesãdo a careira o tempo que ele suplicante emparelhaua cõ a dita travesa encontrara cõ o dito cavallo etc. Dada nesta cjdade de Lixboa aos xbj dias de Junho... de jb[c] lxxiiij. (Liv. 12 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 36).

XXXVI

Dom Sebastyam, etc. faço saber que Antonio Fernandez, homem solteiro, morador na villa de Valldygem me enuiou dizer per sua petyção que Domingos Corea Juiz ordinario nella ho premdera andamdo com outros em hũa damça na prjsyção do samto sacramento que se fezera ho terceiro domimguo do mes de Junho deste ano por amdar com mascara semdo mandado com penas que não andasem mazcarados he premdemdo o asy ho emtreguara a Gonçalo Gonçalves he Manuel Diaz [1] quadrilheyros aos quaees elle supricante de demtro da Igreja homde estava peramte a gemte que hera muita se sahyra e lhes fogjra etc. Dada em Lixboa a bj dagosto e feyta a ix... de jb[c] lxxiiij°. (Liv. 16 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 261 v.).

XXXVII

Dom Sebastiam etc. faço saber que Gonçalo Gonçalvez morador na vylla de Baldigem e nella quoadrylheiro me enuiou dizer por sua pitição que Domingos Corea Jujz ordinarjo nele em hũu domingo 3.° do mes de Junho deste ano ãdando a presysão cõ o samto sacramento arredor da Igreja premdera huu Antonio Fernandez homem mãcebo sollteiro por ãdar emmazcarado cõ outros em hũa damça e tendo o asy preso o entregou a ele suplicante e a hũu Manuel Diaz tão bem quoadrylheiro e ele por a jemte ser muita lhe fugio perante a gemte e o não poderão tornar a tomar etc. Dada em Lixboa a bj dagosto e feita a xi do dito mes... de jb[c] lxxiiij°. (Liv. 12 de Legit. de D. Seb. e D. Henrique, fl. 68).

---

[1] Tem carta de perdão no mesmo Livro a fl. 268.

CANTIGAS DOS "SETES"

I

Génese do «SENHOR SETE» de Trindade Coelho

Esta longa serie de cantigas, onde figura o numero «7», tem, como tudo no mundo, uma historia; por que ella não deixará de ter algum interesse para os que outr'ora acompanharam as evoluções do cabalistico numero no *Reporter*, e tambem porque ao contá-la evocarei um dos vultos de maior prestigio na litteratura portuguesa nos ultimos annos, — Trindade Coelho —. Vou contar essa historia:

Um dia de abril de 1896, quando menos a esperava, recebi de Trindade Coelho uma carta, onde me dizia:

«Ando agora com a mania dos 7 — dos *setes*, devo dizer para ser claro. Ando com a mania dos setes! E' um numero symbolico, um numero cabalistico, um numero... feiticeiro! Já tenho uma soffrivel collecção, mas venho pedir-lhe que m'a acrescente, pois desejo perfilar tudo isso n'um trabalho litterario. Temos, para lhe dar o lamiré: — Os 7 peccados mortaes; os 7 cães a um osso; os 7 pobres n'um palheiro e o homem dos 7 instrumentos, vizinho do outro dos 7 officios; as 7 partidas do mundo e as 7 cores do espectro; os 7 sabios da Grecia e as 7 maravilhas do mundo, — não fallando nas 7 mulheres do Gungunhana, nos 7 palmos de terra, nos 7 passos, nas 7 dôres, nas 7 pedras na mão, nos 7 dias da semana; nas 7 pyramides do Egypto; nas 7 notas da musica; nas 7 figuras da dita; nas 7 vaccas magras; nas 7 gordas; nas 7 semanas de quaresma; n'aquelles que fallam por 7; etc., etc., etc.) Ora tem a palavra. E dictados. E historias, e tudo isso. Manda? A ver vamos.»

Era tarefa urgente — e de circumstancia! E para contentar o meu amigo, emquanto não iam as cantigas e os *setes* genuinamente populares, que eram os que eu mais facilmente podia colligir, alguem, que ao meu lado estava — e que já não vive [1], — improvisou após a lei-

[1] A poetisa D. Maria José Furtado de Mendonça.

tura da carta, e para seguirem na volta do correio, as seguintes quadras:

Recebi a sua carta
Que eu abri sem mais demoras,
Na sexta-feira de tarde,
Era já quasi 7 horas.

E como o numero sete
São agora os seus anhelos,
Lembrei-me logo da pera
Que tem 7 cotovellos.

S. João Evangelista
Viu, e não teve terror,
7 lampadas ardendo
Junto ao throno do Senhor.

Inda nos falla em mais setes
Nos seus livros, podem lê-los:
As 7 igrejas da Asia,
O livro dos 7 sellos.

Christo proferiu na agonia
7 palavras de paz;
Deu 7 quédas do horto
Até á casa de Annás.

Perdoae aos inimigos,
Se q'reis bens que Deus promette,
Não só até 7 vezes,
Mas 70 vezes 7.

7 filhos teve a santa
Felicitas, assim é;
7 mysterios a corôa,
7 gozos S. José.

7 mulheres a um homem
Dizem: «dá-me o nome teu».
7 maridos a Sara
Matou o fero Asmodeu.

Sómente 7 capitulos
Tem o livro de Michéas,
Daniel 7 e mais 7,
E outro tanto o de Oséas.

Do bom Tobias o livro
7 capit'los tem só;
7 pragas no Egypto
Em tempo de Pharaó.

Tres vezes 7 capit'los
Tem o livro dos Juizes;
Canonicas são 7 horas,
Os que as rezam são felizes.

Covados tres vezes 7,
Reparem com attenção,
Tinham de altura as columnas
Do templo de Salomão.

Para obter as filhas
De Labão — isto faz dó, —
7 annos e outros 7
Guardou ovelhas Jacob.

7 buracos na cara
Tem qualquer simples mortal;
Veem-se 7 castellos
Nas armas de Portugal.
etc., etc., etc.

Immediatamente dei principio ao rebusco escrupuloso e porfiado de todas as quadras, todas as orações, romances, contos, superstições, ditados, historias, — tudo, emfim, em que houvesse allusão ao magico numero 7.

Longos meses levou a colheita, que eu ia fazendo em parcellas maiores ou menores, e que ia enviando ao seu destino. Em seguida á primeira remessa escrevia-me T. Coelho, em 11 de Maio:

«Não tenho tempo para uma carta longa, porque isto é escripto no Tribunal, emquanto fumo um cigarro para descansar da lufa-lufa dos autos; mas sempre lhe quero gabar o contingente

de *setes* que tem mandado para o meu celleiro! Sim, Senhora; eu bem sabia a que porta batia quando me dirigi á minha amiga..

As quadras, sobretudo, são admiraveis, e darão a parte decorativa do meu trabalho. Mande mais; isso deve ser inexgotavel, e estou a ver que vale muito a pena continuar a agradabilissima excavação. Algumas phrases ha que precisariam de commentario e por isso e para isso conto comsigo. Valeu? E contos, e historias?.. o Theophilo, traz umas quatro nos *Contos tradicionaes do povo portuguez*..

..Sobre setes é d'uma pobreza franciscana outro livro d'elle que consultei. Mandei a minha collecção para a minha terra, a ver se aquelles suggerem outros, e se alguns teem variantes, minhas conterraneas, para seguir essas de preferencia.»

Meses depois, em 23 de Dezembro — a animar-me no proseguimento da empresa, e a combater possiveis esmorecimentos, recebia eu a seguinte carta:

«Acuda-me! Veja se me manda quanto antes o commentario, ou explicação, breve, a alguns d'estes setes: — Sete é conta do mentiroso. — As 7 partidas do mundo (alguma versão popular, exemplo, ou coisa semelhante) — Leitões de 7 semanas. — Os setemesinhos, ou os que nascem aos 7 meses: (que teem?) — As As setes badaladas do signal da Santa Uncção (tambem ahi?) — Um bicho de 7 cabeças — Sete, diabo te espete: (Mais locuções rimadas n'este gosto, como: *Tres, conta que Deus fez*. Conhece mais?) — Agua de 7 fontes na noite de S. João: que tem? — Quem tem 7 filhas, a ultima é feiticeira; quem tem 7 filhos, o ultimo é lobishomem: (differença entre feiticeira e lobishômem?) — Sete semanas demoram as feiticeiras na aprendizagem: — (com quem aprendem? As *lições* em que consistem? Onde são dadas? etc.) — Para ajudar a uma missa na falta do *macho* são precisas 7 virgens. — E' ao fim de 7 semanas que se apartam da mãe os leitões: (contractos de meias? Epocha? Duração? Condições?) — Pêra de sete cotovellos. — Aos meninos aos 7 meses busca-se-lhes o dente e o assento: (alguma cantiga, alguma lenga-lenga para os aguentar sentados, como: *Tem, tem, meu menino, tem tem.*) — O uso da razão vem aos 7 annos. — Sete boccas tem a Fama. — O mundo é fechado a sete cadeados. — Vinagre de 7 ladrões. — A varinha das 7 mandingas. — Feijões de 7 semanas. — Herva de 7 sangrias: (d'antes os homens não se sangravam periodicamente? Chamava-se isso...? Logar da sangria?) — Sete montes,

sete fontes, 7 pontes, 7 portellos e 7 encruzilhadas: (isto é negocio de bruxas...) — Fome de 7 rabos. — Rosa de 7 folhas. — O jogo dos 3 setes (de cartas? como é?) — No dominó, o jogo dos matadores: como é? — O homem dos 7 chapeus: (quem era este figurão?) — De sete que eramos só a mim levava: (d'onde é isto?) — Os 7 dormentes: (isto é da Biblia? que é isto?) — Os 7 filhos de santa Felicidade: (Nomes? A santa de que é advogada?) — As 7 irmãs de St. Quitera: (idem!) — A carapuça dos 7 botões. — Sete juizes comeram os figados d'um enforcado: (quem me dera esta historia)! — Rainha d'Hungria não pare nem cria, teve 7 n'um dia: (que é isto?) — Fernando VII foi degredado, por namorar não é peccado. — As 7 pontas dos bois do Preste João das Indias. — Sete fadas boas e 7 fadas más. — O conto dos 7 cabellos d'oiro do diabo. — A alegria do pae que tinha 7 filhos e que quebrou 7 varas. — O conto do ladrão a quem o Papa deu de penitencia comer 7 annos com os cães. — Tenha paciencia! Já agora, ha-de me ajudar n'esta linda tarefa. O melhor é pôr cada Sete n'um *quarto* de papel, e commentar por baixo. E' como eu tenho isso: em verbetes. Tenha paciencia, mas isso á lareira, com *filhóses*, é um regalo! Um commentario simples, quatro palavras, o bastante *para não ficar calado* diante de cada coisa. Percebe? E tem gostado?»

E esclarecia em P. S.:

«Bem intendido: não é preciso vir tudo isso junto. Tres a tres e de quando em quando. De vagar que tenho pressa.»

Interessará saber, como leve pormenor d'esta veridica *historia*, que todos, ou grande parte, d'estes «setes» os ministrára eu a T. Coelho, como simples thema para elle desenvolver, absolutamente *seccos*, sem commentario, — já por ignorar a «historia» de uns, já por ser a de outros tão corrente, que suppus ninguem a desconhecesse (por exemplo, a dos 7 dormentes, a das 7 varas, etc., etc.), já, finalmente, para que Trindade Coelho não imaginasse que eu queria installar-me nos «Echos» do *Reporter*, enxotando-o a elle...

Mas, como ia contando: chegou-me esta carta ás mãos na vespera do Natal de 1896.

Justamente nessa occasião andava *Ch. A. Hysson* [1] envolvido em amigavel discussão com certo «abrantino», que na *Tarde* appare-

[1] Pseudonymo com que T. Coelho assignou os «Echos» no *Reporter*.

cêra tambem com uns *setes* glosados em verso — muito bonitos, mas litterarios em demasia para serem julgados ethnographicos, como o seu auctor pretendia, ou fingia pretender. A poetisa, a que acima alludi, para quem o improviso era coisa simples e facil, ditou-me — levada pela suggestão dos *setes* do «abrantino» — as seguintes quadrinhas, onde, como se vê, arranjou modo de esclarecer um dos *setes* que o meu correspondente desejava:

DESGARRADA

— Menina do bom cabello,
Venha-se aqui assentar;
Quero ensinar-lhe a cantar
Cantigas ao sete-estrello.

— Cantigas ás sete estrellas
Vou dizer-lh'as num instante,
Mas você é ignorante
Não poderá entende-las.

— Bem entendo o sete-estrello
E mais não sou sabichão;
Menina, o seu coração
E' tão frio como o gelo.

— Não sou fria como o gelo,
Pois aqueço-me á lareira;
Você passa a noite inteira
A olhar p'ró setestrello.

— Vão gósto de ouvir tonilhos,
Mas diga-me na verdade
Os nomes dos sete filhos
De Santa Felicidade.

— Já que assim é necessario
Vamos a ver se me engano:
Vá ouvindo: Januario,
Felix, Fillippe, Silvano.

— Conte tambem um Vital,
E veja com quem se mette;
Alexadre, Marcial
E aqui tem o senhor sete.

Quem quiser, póde ver no *Reporter* de 30 de Dezembro de 1896 como Trindade Coelho ficou contente e louvou esta breve «desgarrada» —; e se ficou ou não contente com a remessa, que juntamente com essas quadras enviei, é elle que vai dize-lo tambem:

«Oh, quem me dera ser agora como as feiticeiras, e voar, voar, por cima de toda a folha, para lhe ir agradecer muito o seu lindo presente de hoje! Nem sabe como eu fiquei contente; — nem sabe como eu fiquei triste, por causa d'aquellas perguntas: — *Quer? Quer?* Pois já se vê que quero! Quero tudo, quero isso tudo, quero todo esse seu espirito e da Mamã [1], n'este capitulo dos setes, cá fora, espalmado em papel, e o papel a correr por esse caminho, da Rapa até ás minhas mãos! Ouviu? Ouviram? Eu não sei nada, o Theophilo não sabe nada: a Rapa é que sabe tudo..

«Acabei agora de fazer os *setes* para amanhã. Mas por este caminho, os *Echos* vão ser todos para o Senhor Sete, e d'aqui a dias não me chega o *Reporter* todo! Melhor! O Pereira já me disse que queria ser, no fim da ladainha (terá fim?!) o editor de tudo aquillo em volume! Vamos a elle, que os *aficionados* do genero devem estar cançados d'aquelle feitio mazorro com que tem sido tratado o assumpto pelos intendidos, — chineses na paciencia e pouco mais!

Eu estou tentado a copiar-lhe as perguntas que hoje me faz; não vá esquecer-lhe responder a alguma.. E' preciso? Pelas almas, minha Amiga, vamos a esse thesouro! Mas ouviu? escreva cada coisa em separado, em verbetes. Uma folha de papel dá-lhe 4 verbetes, e é melhor assim, para eu regularizar a *catalogação*... Estou a escrever-lhe com muita pressa, que é como eu escrevo tudo, menos o Senhor Sete...» etc., etc.

Como se vê, exaltava-se a pobre, mesquinha e obscura Rapa, e tratavam-se irreverentemente os «sabios». E' que Trindade Coelho era de extremos; quando queria ser amavel, não punha limites á sua

1 [Vid. adiante, pag. 154, nota. — J. L. DE V.].

amabilidade, — e, no enthusiasmo dos *setes*, quis ser amabilissimo para a minha aldeia...

Poucos dias passados, e não se lhe varrendo da ideia os receios do meu possivel esquecimento, nesta carta manifestados, — recebi um *enveloppe* registado, cheio de verbetes, tendo cada um, no cimo, escripto o *sete* que eu deveria glosar. Acompanhava-os um simples bilhete de visita:

«Queria escrever-lhe, mas não tenho tempo. Já percebe: um commentariosito a cada coisa. Breve e intenso, como V. sabe.»

Muitos d'esses verbetes foram preenchidos e logo enviados; alguns d'elles, ou por eu não saber desenvolvê-los, ou por o assumpto não se poder limitar ás suas exiguas dimensões, ainda os conservo.

Respondeu a minha aldeia, por um intermedio, no que lhe tocava, conforme soube e poude... Quando ella nada tinha que dizer, por o assumpto do *sete* não ser alguma oração, superstição, etc. —, fallava eu; e quando nenhum de nós sabia, franca e lealmente nos declaravamos inscientes, e *conscienciosamente* nos remettiamos ao silencio, — a minha aldeia e eu. «Inventar» ou «estropiar,» — nunca [1].

Bem sabia eu que Ch. A. Hysson confiava em mim e na probidade com que lhe dava os esclarecimentos que, no meu escasso ambiente, podia ministrar-lhe; bem sabia elle tambem que em mim podia fiar-se... Numa carta, escripta em *papel do officio*, como elle mesmo disse (*linguados* de imprensa), assim me escreveu:

«.. E que lindas coisas me mandou sobre setes! Verá agora como eu enfeito aquillo com o guarda-roupa da casa, — o que não quer dizer que fique melhor, senão que em *corpo* 8, rende mais... Aquelle conto dos 7 *testamentos de* S. *Matheus* é de primeira ordem! Fica para os *Contos*, quando lá chegarmos; — e os outros quero-os *por extenso*, ou ao menos em *summula que diga tudo*, e que eu cá repuxarei com o meu estylo..

Coisas em verso, tenho muitas, rebuscadas no Garrett, mas eu preferia dar versões differentes das d'elle.. Isso, porém, será difficil, porque essas lindas coisas em verso custam mais a conservar de memoria do que as simples quadras, — e agora só se na Rapa-

[1] Assim me dizia T. Coelho que faziam alguns sabios do genero em Portugal...

se souberem algumas. Eu indico as que fallam em sete, das que vi no Garrett, e naquelle livrinho da *Bibliotheca do Povo e das escolas.* — *Helena* (Garrett, III, pag. 58); *A bella infanta; Romance do soldado e da namorada;* — *Xacara do soldado;* — *D. Garfos;* — *D. Lizarda;* — *D. Beltrão; Bernal-francez;* — *D. Gaifeiros;* — *Santo Antonio e a Princeza;* — *D. Aleixo;* — *Donzella enfeitiçada; O caçador;* — *D. Sylvana* (Romanceiro geral, pag. 30); — *Infanta de França* (Ib., pag. 26; 2 versões); — *D. Martinho d'Avisado (sic)*, (Ib. pag. 8; Garrett, III, pag. 80, 4 versões); — *Prisão de Virgilios.* (Hist. da poesia portuguesa, 1.º, pg. 178); — *Xacara de D. João* (Revista do Minho, 9.º v., pg. 180, n.º 21); — *Lenda de N.ª S.ª dos Martyres* (Ib., 7.º, pg. 78); — *As sete irmãs de D. Sylvana* (Ib. v. 9.º, pg. n.º 21); — *Nau Catharineta* (Cancioneiro, Th. Braga, III, pg. 58; no folheto da *Bibliotheca do Povo*, outra); — *Lenda de Santa Helena*, (Cancioneiro, III, 127); — *Trova de Santa Iria;* — *Toureiro namorado;* — *Romance da Alma;* — *Romance da Romeira;* — *Romance do Cura; D. Pedro; D. Ausenia.*

Tenho estas; mas vejo agora que em muitas não indiquei os logares onde os li e d'onde extrahi a passagem do *sete*, o que me obrigará a repetir o trabalho, pois resolvi dar tudo: todo o texto, de cabo a rabo! Estou convencido que já não ha livro que não esteja feito: *excepto o do Senhor Sete.* E' por isso que vou faze-lo... Sobretudo o mais, ha livros! Faltava este, e enfeito-me eu com a honraria de fechar a porta.

Não se esqueça de me ir mandando as folhinhas avulsas que lhe mandei, e de reparar tambem n'aquela carta cheias de setes, pois não sei se lá estará algum que escapasse das folhinhas avulsas..

Então, Argus não tem 7 olhos?! Que me importa a mim o que dizem os sabios?! Eu n'isto dou muito mais pelo João-correio, e a esse é que eu peço que consulte, ou a outro que tal.. Tambem a Fama não tinha 7 boccas para os sabios, tinha-as para o Povo..

Olhe que o conto dos 7 lobos a comerem a abelha, é muito bonito! Eu acho-o, e aquillo ha de ter a sua philosophia. Mas como foi capaz, minha amiga, de metter tudo n'aquella follinha? Se puder fazer os outros com a mesma precisão, n'aquelle espaço, é quanto basta! E' admiravel. Nem Tacito era capaz de tal concisão e de tamanha clareza!

..E se em vez de dar as *poesias* (xacaras...) eu as descrevesse como V. fez?! Mas eu saberia fazer aquillo tão bem com V. fez na *D. Sylvana?* Que diz a isto? Descrever a xacara á sua maneira, e dar só o texto em verso na passagem onde entrasse o

Senhor Sete. Seria talvez mais pittoresco... Mas seria mais util para o livro?..»

Em 18 de Janeiro escrevia-me:

«Que rico serão, hontem á noite! Tirei o peitinho de miserias, dei-lhe um fartote de prazer como tem tido poucos! Imagine eu ao cavaco com a Mamã [1] desde as 7 1/2 até depois da meia noite! Lembrava-me dos que á mesma hora estavam em S. Carlos, e tinha dó d'elles! Pobres pelintras! Não lhe digo mais nada. —..Só que não encarreirámos o *Generardo* todo! Elle como é, ó bibliothecasinha de coisas lindas?—E o conto dos *7 cabellos d'oiro do diabo?*

—«Rainha da Hungria não pare nem cria, teve sete num dia». Isto que será?

—Tambem não encarreirámos com a outra: Sete fadas me fadaram. No ventre de madre seria, etc.—O jogo dos 3 setes (de cartas) como é?—E a dos *matadores* ao dominó?—Certas mèzinhas são formadas de 7 folhas de varias hervas medicinaes. E isto?» etc., etc.

Mas tudo tem fim. Em 10 de Fevereiro escrevia-me desalentado em carta, o amigo do *senhor sete:*

«..O *Senhor Sete* não tem remedio senão mudar de casa... Ah! minha amiga, como isto da imprensa é horroroso, visto por dentro! Já hoje não saíram os *Echos*, e não tornarão mais a sair em similhante jornal.. De resto, felizmente, eu tenho todos os jornaes á minha disposição, porque são todos meus amigos, e em toda a parte me receberão, e ao Senhor Sete, de braços abertos..»

Dera-se o incidente que determinou a saida de T. Coelho da redacção do *Reporter*,—e nesta carta e na seguinte me fez elle um curiosissimo relato dos factos, em que nada tem a lucrar cousas e pessoas do moderno jornalismo e da litteratura; apenas extráio o seguinte tre-

1 [Trindade Coelho refere-se a D. Maria José Furtado de Mendonça, cujo nome já acima foi citado: preclara Senhora, que com a graça e prontidão com que poetava, com essas mesmas exercia as maiores virtudes, e que dotada, alem d'isso, de grande memoria, cativava quantos ouviam a sua conversação intructiva e agradavel.—J. L. DE V.].

cho da sua longa carta de 14 de Fevereiro (3 grandes folhas), abstendo-me de dar publicidade a outros, bem mais interessantes, onde elle me descrevia as evoluções e cambiantes de um grande diario da capital:

«..ha males que vêm por bem: reputo-me contente e indemnizado.. pelas amabilidades com que toda a imprensa cobriu a minha sahida do *Reporter*. Não me faltaram logo portas a abrirem-se deante de mim; e entre ellas as da *Tarde*, a pedido do João Franco e do Urbano de Castro. Mas disse-lhes que não podia, que antes d'elles, um collega me fallara, etc.

«E' *O Jornal*, na mesma casa do *Reporter*, e até no mesmo andar: o *Reporter* é do lado direito: *O Jornal*, do lado esquerdo. Para alli irei com o Senhor Sete, pelo menos emquanto durar este até ás ferias do verão..

«Agora estou a arranjar o *In illo tempore*, que deve estar prompo por estes 8 dias. Depois, vou á 3.ª edição dos *Meus amores*, e depois então volto a esse *regalo d'inferno* que se chama o jornalismo diario».

Não sei se realmente o illustre escriptor passou para *O Jornal*, e lá continuou a exhibir o senhor sete. Sei que ulteriormente o continuou na *Tradição* [1], mas a esse tempo haviam já cessado as minhas relações literarias com Trindade Coelho, e perdi-o de vista e aos *setes*. Cousas da vida.

Que eu saiba, porém, nunca chegou a pôr em pratica essa ideia, que tão alvoraçadamente me annunciára em uma das suas primeiras cartas:

«Estão todos os livros feitos, quero eu enfeitar-me com a honraria de fechar a porta, fazendo o livro dos setes».

Eis como se formou a collecção de cantigas, que, em grupos de tres, se encontram no *Reporter* de 4 de Novembro de 1896 por diante, e dos outros *setes* que esmaltam o mesmo jornal, até 9 de Fevereiro de 1897.

A pedido do redactor da *Revista Lusitana* são essas cantigas aqui reeditadas; e eu entendi que devia juntar-lhes a sua veridica historia.

---

1 Cfr. *Revista Lusitana*, VI, 191-192, e VII, 155.

II

Cantigas populares em que entra o numero «7»

1.

O meu amor, coitadinho,
Inda hoje não comeu nada!
Comeu sete pães á ceia,
Dois alguidares de salada!

2.

O' que ranchinho de sete,
Bem pudera ser de nove!
Bem pudera quem é rico
Repartir com quem é pobre!

3.

Jesus, Maria, José,
Muita mentira se diz!
Afogarem-se sete homens
Dentro d'um almofariz!

4.

O' vida da minha vida,
Ha sete vidas sou tua:
Não o digas a ninguem,
Nem ás pedrinhas da rua.

5.

Ha sete annos a buscar-te,
O' querida Marianinha,
Sem te poder encontrar...
Sempre foi desgraça minha!

6.

Adeus, largo da Avenida,
Rua das sete janellas;
Oh! quem fora passarinho
Que moràra numa d'ellas!

7.

Mariana diz que tem
Sete lenços de assoar;
Rompe, rompe, Mariana,
Caixeirinho ha de pagar.

8.

Mariana diz que tem
Sete saias de balão,
Que lh'as deu um caixeirinho
Da gaveta do patrão.

9.

Na fonte das sete bicas
E' que eu matei minha sede,
Onde me deitaste o laço;
Mas eu não fiquei na rede!

10.

Eu casei-me c'uma velha
Que até usava de touca;
Era canêja das pernas,
Com sete palmos de boca.

11.

Eu casei-me c'uma velha
Por causa da filharada;
Lá ao fim de sete meses
Teve dez d'uma ninhada!

12.

Sete vezes fui casado,
Sete mulheres conheci;
Pois, amor da minha alma,
Inda estou como nasci!

13.

Fui-me contar ás avessas
As pedras d'uma columna:
Oito, sete, seis e cinco,
Quatro, tres, duas e uma.

14.

Sete annos andei na guerra,
Muita batalha venci;
Sempre das balas ausente,
Inda estou como nasci.

15.

As grades do Limoeiro
São sete, que eu as contei;
Tres de ferro, tres de bronze
E uma d'oiro, que é do rei.

16.

Sete milhões de diabos
Eram p'ra mais, não p'ra menos,
Sem contar com batalhões
De diabitos pequenos [1].

17.

A flor que da cinza nasce
A todo o mundo espanta:
De sete manas que eram
Só uma é que foi santa [2].

18.

Correm no ceu sete nuvens,
Eu bem as vejo d'aqui:

---

[1] Creio ser esta quadra um fragmento de conto, ou romance popular.
[2] Adivinha, allusiva á quaresma e semana santa.

Não vejo o amor ha sete annos
— E inda hontem o vi! —

19.

Com tres pernadinhas d'aipo
E outras sete de *argibento,*
Faz-se mudar o amor
E conseguir o intento [1].

20.

Eu fui a deitar de môlho
Sete pernadas de arruda
Para te dar a beber
E ver se te tenho segura [2].

21.

Eu quero-te, e não t'o digo,
Bem me podes entender,
Nestes setes que te faço
O que te quero dizer.

22.

Lá te mandei um raminho
De sete rosas iguaes;
No meio ia um suspiro
De muito que me lembraes.

23.

Escrevi-te sete cartas
Com letra miuda e grave,
Para que os nossos intentos
Se aviem com brevidade.

---

[1] Allude-se talvez á composição de algum philtro, nesta e na seguinte cantigas. A arruda é uma das hervas mirificas; o *argibento* é a *verbena officinalis*.

[2] Vide a nota anterior.

24.

Abana, casaca, abana,
Abana, não tenhas dó;
Sete casacas eu tenho
Em casa de minha avó.

25.

Eu tenho sete casacos
Todos elles de filó,
Fechados a sete chaves
Em casa de minha avó.

26.

Quatro com tres são sete,
Meu amor já sei contar;
Já me enganaste uma vez,
Não me tornas a enganar.

27.

Sete silvas em meu peito
Fizeram sociedade:
Todas sete me prenderam,
Só uma foi de vontade.

28.

Eu tenho sete lencinhos,
Todos sete são de linho,
Tambem tenho sete amores,
Só um é o meu bemzinho.

29.

Algum dia, por te ver,
Saltava sete quintaes;
Agora por te não ver,
Salto vinte, que são mais.

30.

Eu tenho sete colletes,
Todos elles bem talhados;
Tambem tenho sete amores,
E trago seis enganados.

31.

Sete e sete são quatorze,
São duas contas iguaes;
As mocinhas de servir,
São tão boas como as mais.

32.

Mariana diz que tem
Sete saias de cambraia;
Mariana mentirosa,
Que não tem nem uma saia!

33.

Mariana diz que tem
Sete saias de velludo;
Rompe, rompe, Mariana,
Que o dinheiro paga tudo.

34.

Mariana diz que tem
Sete saias de filó;
Mariana, mentirosa,
Que não tem nem uma só!

35.

Mariana diz que tem
Sete saias de setim,
Que lh'as deu um caixeirinho
A' saída d'um jardim.

36.

Sete palavras me deste,
Outras sete me queres dar;
Com ellas tu me enganaste,
Com ellas queres-me enganar.

37.

Tres vezes nove vinte e sete,
Mais amores tenho eu;
Quantos mais tenho mais quero,
Foi fado que Deus me deu.

38.

És sete vezes ingrato,
Ingrato e enganador;
Sete vezes me enganaste
Com palavrinhas de amor.

39.

Sete raios tem o sol,
Hei-de me lá ir sentar,
Para de lá perceber
A quem tu queres amar.

40.

Eu tenho no meu jardim
Sete rosas em botão,
Para dar ao meu amor,
Quando for ao dar da mão.

41.

Em sete portas de ceu
Hei de mandar escrever;
Só ás estrellas confio
Amizade e bem querer.

42.

A morte tem sete aneis
Que a todo o mundo brindou;
E foi sempre tão cruel
Que até a Christo matou.

43.

Fui a sete juramentos,
Sempre jurei a verdade;
Se te quero bem ou não,
Deus do ceu é quem o sabe.

44.

Não te quero para mim,
Podes d'ahi descansar;
Nem que tu dês sete voltas,
Comigo has de casar.

45.

Sou a mãe de sete rosas
Que tenho no meu caixão;
Escolhe entre todas ellas,
Tens agora occasião.

46.

Sete flores de qualidades
Eu tenho no meu jardim;
A mais linda dellas todas
Tenho-a guardada p'ra ti.

47.

Sete prendas, doce encanto,
Por ti soffro o meu degredo;
Ainda que a morte venha,
Hei de te amar sem ter medo.

48.

Dizeis que não pode ser
Ter o amor repartido;
Eu bebo em sete fontes,
Só numa tenho o sentido.

49.

Quem me dera ver um bem
Trinta dias cada mês,
Sete dias na semana,
Em cada instante uma vez!

50.

Lá te mandei um raminho
De sete amoras, que é luto;
A do meio ia dizendo:
—Meu amor, quero-te muito.

51.

Sete ratos num celleiro,
Sete pobres num palheiro;
Anda cá minha menina,
Que te quero dar dinheiro.

52.

Já o ceu não tem estrellas,
Só tem sete, a um cantinho;
É a estrada do amor
Que não tem outro caminho.

53.

O setestrello vae alto,
Mais alto vae o luar;
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

54.

O setestrello caiu
No espelho da viola;
Compadeça-se, menina,
Deste rapaz que a adora.

55.

O setestrello vae alto,
A lua já embarcou;
Abra-me a porta, menina,
Que ha sete horas que aqui 'stou.

56.

O setestrello vae alto,
Vae direito á Trindade;
Oh! quem dormira um soninho
No teu collo em liberdade!

57.

O setestrello nasceu
Virado para o poente;
Oh! quem dormira um soninho
Comtigo, rosa innocente!

58.

O setestrello caiu
No meio do meu regaço;
Não faças caso de mim,
Que eu de ti já o não faço.

59.

Setestrello, que rondaes
Lá por esse Douro fora,
Recolhe-te, ó setestrello,
Que eu quero rondar agora.

60.

O setestrello vae alto
Na cobertura do ceu;
Em tudo és do meu gosto,
Até no pôr do chapeu.

61.

Setestrello que rondaes
De noite, nessas alturas,
Dae-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

62.

O setestrello vae alto,
Vae alto, que eu bem o vi;
Quando me for desta terra,
Não me despeço de ti.

63.

Eu hei de me ir assentar
No setestrello da lua;
Ella mesma vae dizendo:
— Descansa, amor, que sou tua.

64.

O setestrello vae alto,
Menina, vá-se deitar,
Que eu vou fazer o mesmo,
Pois temos de madrugar.

65.

Setestrello vae em pino,
A lua já vae tombada;
As ovelhas de meu amo
Não querem tomar malhada.

66.

O setestrello caiu
Mesmo á beirinha do tanque,
Quem vem aqui p'ra te ver,
Já te tem amor bastante!

67.

Setestrello vae em pino,
A lua já empinou;
Diga-me, ó minha menina,
A que horas se deitou.

68.

Setestrello vae em pino,
A lua de banda em banda;
Quem me dera adivinhar
Quem no teu sentido anda!

69.

Setestrello, setestrello,
Que passeias lá no ceu;
Se me deixas, setestrello,
De paixão me mato eu.

70.

O setestrello caiu
No espelho do taboado;
Desengane o seu amor,
Não o traga enganado.

71.

O setestrello gabou-se
Que me havia de enganar,
De noite pelo escuro
Ou então pelo luar.

72.

O setestrello gabou-se
Que me enganou uma vez;
De noite, pelo escuro...
Olha o milagre que fez!

73.

Perguntae ao setestrello
Que é magano e sabe ler,
Em que pontos vae a lua
Quando quer amanhecer.

74.

Perguntae ao setestrello,
Que é magano e sabe tudo,
Em que pontos vae a lua
Quando quer fazer escuro.

75.

O setestrello tem sete,
Vós, menina, tendes duas;
Allumiam mais as vossas
Que o setestrello as suas.

76.

O setestrello caiu
Na assucena do jardim;
Compadeça-se, menina,
De quem 'stá ao pé de si.

77.

O setestrello gabou-se
Que me havia de enganar;
Logo que elle me avisou,
Bem me posso acautellar.

78.

Setestrello vae em pino,
O cajado [1] vae virando;
As ovelhinhas de Deus
A volta que vão levando!

79.

Setestrello, que rondaes
Lá para as bandas d'Hespanha,
Leva-me lá um recado,
Dize ao meu amor que venha.

80.

Setestrello que rondaes
Para as bandas do Mondego,
Dize ao meu amor que venha,
E já não é muito cedo!

81.

Setestrello que rondaes
Lá pela Villa Garcia,
Leva-me lá uma carta
A' minha mana Maria.

82.

Se o setestrello fallasse,
Elle diria o que viu,
A quantos beijos e abraços
O setestrello assistiu.

83.

O setestrello cahiu
No adro de Taboaço;
Eu nunca fiz em ninguem
A firmeza que em ti faço.

---

[1] Constellação.

84.

O setestrello caiu
No espelho de Taboaço;
Não faças conta de mim,
Que eu de ti já a não faço.

85.

O' setestrello airosinho
Cortejado de Cupido,
Perguntae áquelle ingrato
Porque não falla comigo.

86.

O setestrello caiu
Numa pedra, ficou coxo;
O lirio, com sentimento,
Logo se vestiu de roxo.

87.

Sete mil vezes te eu quero,
Setecentas eu te adoro,
Setenta mil te venero,
Setecentas por ti morro.

88.

Ha tres dias que não janto,
Ha cinco que não almoço,
Ha sete que te não fallo,
Meu amor, porque não posso.

89.

Meu anel de sete pedras,
Salta fora do meu dedo,
Que tu foste o causador
De eu ter amores tão cedo.

90.

Anel de sete pedrinhas
Ao meu dedo não ha de ir,
Que eu já ando diffamada
Das criadas de servir.

91.

Um anel de sete pedras
Ninguem o tem como eu;
Inda que meu pae me mate
Hei de amar a quem m'o deu.

92.

Eu tenho sete colletes
Todos elles bem forrados;
Tambem tenho sete amores,
Todos sete bem formados.

93.

Eu tenho sete navios,
Todos sete com varandas;
Hei-de subir á mais alta
Para ver onde tu andas.

94.

Meu anel de sete pedras,
Meu anel de pedraria;
Onde o amor põe o ramo,
Não póde haver cobardia.

95.

Sete e sete são quatorze,
Cada junta tem dois bois;
Quem me dera uns olhos negros
Como são aquelles dois!

96.

Sete voltas dei ao mundo,
Para ir casar comtigo;
Lá ao fim das sete voltas
Dei um ai, dei um suspiro.

Rapa, Dezembro — 1911.

MARIA ANGELICA FURTADO DE MENDONÇA.

MISCELLANEA

Rogerio Bacon

A proposito de Rogerio Bacon, o frade inglês a quem cognominaram de *doutor admiravel*, e se atribue, entre outras, a invenção da polvora, lê-se o seguinte a folh. 243 v. do codice n.º 94 da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o mesmo donde extrahi os Milagres de Santo Antonio que se publicarão nesta *Revista* noutro logar:

«E este geeral frey Jeronimo do conselho de muytos fraires. comdepnou e reprovou a doctrina. de frey Rogeiro Bacom de Inglaterra meestre em a samta theologia. Em na qual se comtinha alugũas novidades sospeitosas. Por as quaes o dito frey Rogeiro foy comdenado e reteudo em carcer mandando a todollos fraires que nom no tevesse nehũu Mais que o esquivassem asy como cousa reprovada por a ordem E ainda sobrello espreveo [1] ao papa Nicolaao já dito. que por a sua autoridade aquella doctrina tam pirigosa de todo em todo fosse rasgada».

J. J. NUNES.

Sôbre dois ditados que se completam um ao outro

Nas PALESTRAS FILOLÓJICAS, pág. 97-99, refere-se o sr. A. R. Gonçalves Viana a um ditado que no país corre sob formas várias, e que Bluteau citou assim:

Manhã ruiva, ou vento ou chu(i)*va*

É êste ditado metade de um prognóstico do tempo; a ela e à outra metade me referirei.

O sr. A. R. Gonçalves Viana menciona a previsão completa em castelhano, vasconço, inglês e francês.

---

[1] Entenda-se *escreveo*.

Reproduzo:

— *Arreboles de la mañana á la noche son agua, arreboles de la noche á la mañana son soles.*

— *Goiz gorriac dacarque uri, arrats gorriac eder aldi* — «manhã vermelha traz chuva; tarde vermelha, bonito tempo».

— *Red morning, sailor's warning; red night, sailor's delight* — «manhã vermelha, aviso ao marinheiro; noute vermelha, regalo do marinheiro».

— *Rouge au soir et blanc le matin, c'est la journée du pèlerin* — «o dia para o romeiro há de ser vermelho à tarde e branco de manhã».

Ajunte-se a mesma previsão em galego:

— *Arreboles de sol posto é señal de tempo enxoito; arreboles de sol levantado é señal de tempo mollado.* [In BOLETIM DE LA REAL ACADEMIA GALLEGA, ano VI, p. 254].

Na ENCICLOPÉDIA DE APLICAÇÕES USUAIS, de João Bonança (Lisboa, 1903), pág. 464, vemos:

— *Arrebóis de manhã trazem água à noite; arrebóis à noite trazem sol de manhã.*

Neste mesmo livro, m. pág., se encontram duas variantes do ditado que no comêço dêste escrito se aponta; são elas:

— *Aurora ruiva ou vento ou chuva*
— *Barra roixa em sol nascente, água em três dias não mente.*

Tenho eu apontamento estas variantes do mesmo ditado:

Vermelho ao nascente
chuva de repente. [Perre (Viana-do-Castelo)].

Nuvens ao nascente
chuva de repente. (Monção).

Ruivos ao nascente
chuva de repente. [Ancora (Caminha)].

A segunda parte da previsão é formulada noutro ditado que completa o atrás escrito, mas de uso independente.

É:

Vermelho ao mar
velhas a assoalhar. (Viana).

Vermelho ao mar
vão-se as velhas assoalhar. [Perre (Viana)].

Viana-do-Castelo, março de 1912.

CLÁUDIO BASTO.

CHRONICA

As novas Faculdades de Letras das Universidades de Coimbra e Lisboa tem as seguintes secções:

a) Philologia classica,
b) Philologia romanica,
c) Philologia germanica,
d) Sciencias historicas e geographicas,
e) Philosophia,

e cursos anexos de sanscrito, de hebreu, e de arabe.

Os assuntos de que a *Revista Lusitana* especialmente se occupa estão representados nas Faculdades não só pelas mencionadas secções de Philologia, mas, na secção de Sciencias historicas e geographicas, pela cadeira de Ethnologia, e na secção de Philosophia pela de Esthetica.

É com a maior satisfação que se registam aqui estes factos.

*

A Senhora Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que fôra nomeada professora de Philologia Germanica da Faculdade de Letras de Lisboa, foi transferida para a Faculdade de Letras de Coimbra, para ahi, em commissão, reger uma cadeira de Philologia romanica. A este proposito lê-se no *Diario de Noticias* de 20 de Janeiro de 1912: «*Noticias de Coimbra*, Janeiro, 19. — O ilustre reitor da Universidade, sr. dr. Mendes dos Remedios, apresentou hoje a distinta professora sr.ª D. Carolina Michaëlis á academia, na sala dos actos grandes, onde compareceram muitos lentes e estudantes. Fizeram o elogio da referida professora os srs. drs. Mendes dos Remedios, e Garcia de Vasconcellos, director da Faculdade de Letras, a aluna sr.ª D. Regina Quintanilha, e um academico da mesma faculdade, agradecendo a sr.ª D. Carolina Michaëlis comovidamente a homenagem que lhe prestavam. Á saida da sala os academicos saudaram a ilustre professora com bravos e muitas palmas».

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QVAEDAM

—*Petit vocabulaire des mots de la langue française d'importation hispano-portugaise*, por A. Marre, Chalon-sur-Saône, imprensa de Bertrand, 1910, 8.º, 68 pag.

—Rennert (H. A.), *The Spanish Pastoral Romances*. (Publications of the University of Pennsylvania. Series in Romanic Languages and Literatures, Extra-Series, n.º 1). Philadelphia, 1912. 8.º, 206 pag.

—Mayo (Isa Fyvie), *Old Stories and Sayings of Southern Europe, France, Portugal, Spain, Italy, Turkey, Greece, the Balkans, etc.* London, Daniel, 1912. 12.º, 72 pag.

—A. Farinelli, *Marrano*. Florença 1911, 555 pag.

—J. Keating, *Phraseologia popular franco-portugueza e vice versa*. Lisboa, s. d., in-8.º peq., 80 pag.

—Ricardo Severo, *Origens da nacionalidade portugueza*. Lisboa, 1912, in-8.º, 54 pag.

—Vergílio Correia, *Velhos teares do concelho de Coimbra*, Lisboa, 1912, 12 pag., com gravuras.

J. L. DE V.

ERRATA DO VOL. XIV DA «REVISTA LUSITANA»

Pag. 245: entre as linhas 5 e 6 da pag. 243 deveriam estar as linhas 7 a 12 da pag. 243.

Revista Lusitana

Vol. XV 1912 N.os 3-4



Textos antigos portugueses

COUSAS NOTAVEIS E MILAGRES DE SANTO ANTONIO DE LISBOA

Aquy sse contem alguũas coussas notavees e milagres do bemavemturado Samto Amtonio naturall da çidade de Lixboa

I. [1] Como Samto Amtonio pregasse em Arrimyo onde morava grande Copia de hereges desputando [2] comtra os errores delles cobiçava tragerllos ao lume da verdade. Mais elles feitos asy como pedras porla austinaçom ou emdureçimento Nom solamente [nom] comsentirom aas palavras de samto Antonio. Mais de todo em todo menos preçarom de ouvirlas. E samto Amtonio por espiraçom de deus [3] achegousse hum dia aa foz de huum rio homde emtrava o mar. E começou em maneira de pregaçom de chamar aos peixes [4] da parte de deus dizemdo. Oo pexe(e)s do mar e do rio ouvide a palavra do senhor. Pois que os infiees menospreçam de a ouvir. E logo aquella ora se ajumtarom de ante samto Antonio tamanha multidom de pexes grandes e pequenos. que numca em

---

1 Embora no codice não haja numeração, e cada trecho se distinga do que o precede pelo titulo que o encima, á maneira de capitulo, — para maior facilidade da composição e das referencias que depois terei de fazer ao texto, adoptei os numeros romanos que nele figuram.

2 Por lapso o copista escreveu *despumtando*.

3 Em geral esta palavra é indicada pela abreviatura *ds̃*. mas, sempre que está escrita por inteiro, é *deus* que se encontra.

4 Tinha-se escrito *pexees*, depois corrigiu-se em *peixes*.

aquelas partidas forom vistos emhuum tamta multidõe de pexes. E tinham todos as cabeças em çima da agoa. E aly veriades os pexe(e)s gramdes chegarse aos menores. E os menores pasar paçificamente so as aas dos grandes e estar quedos so ellas. E veriades aly deversas Semelhanças de pexe(e)s e cada hum recorer e achegarsse aos seus semelhave[e]s. E estamdo asy como esta o campo hordenado e pintado com deversidade de collores e de feguras. que he aformosemtado maravilhosamente. E asy estavam hordenados os pexes amte a façe de samto Antonyo. E veriades aly (a)as companhas dos pexes [1] grandes asy como aazes hordenadas de cavaleiros tomar lugares pera ouvir a pregaçom. E os peixes [2] meaãos tomar os meos [3] lugares. E assy como emsinados de deus estar em seus lugares sem trocamento. E aly veriades grande multidõe de peixes pequenos achegarsse mais açerca a Santo Amtonyo. Asy como seu defendedor que se hiam a elle asy como os pelegrinos vaão a indolgemcia. Assy que em aquela pregaçam hordenada do çeeo estavam em na agua mais baixa os pexes mais pequenos. E mais adiamte comtra o maar os pexes meaãos. E os mayores pexes estavam mais adiamte honde a agoa era mais alta. E todos estavam deamte de santo Amtonio. E elles asy ordenados começou santo Amtonio de pregar solepnemente Dizemdo Irmaãos meus pexes muyto sodes theudos em vosa maneira de cantar e dar graças a deus vosso criador. o qual vos deu por morada tam nobre elamento. Asy que tenhades agoas doçes e salgadas segundo que avedes mester. Outrossy por que vos deu muitos acolhimentos pera que fugades [4] aos perigoos das tempestades. Outrosy vos deu sobre todo esto. elamento claro e linpo pera que vejades claramente a carreira por omde andedes e mangares [4] que comades. E esso meesmo o criador vos aministra viandas neçesarias por que possades viver. Outrosy vos ouvestes por beençom de deus mandamento de seer acreçemtados em no criamento do mundo. Outrosy em no deluvio todalas alimarias que estavam fora da arca pereçerom mais vos outros sem dapno e aleigom [4] fostes guardados. mais que todalas outras alimarias. Vos outros sodes afeita-

---

1 Vê-se que a grafia do copista era *pexes*, pois aqui, como noutras partes, está por cima da silaba *pe-* um *i* proveniente de mão posterior.

2 Neste lugar, como em muitos outros, foi o pergaminho raspado, parece, para corrigir em *peixes* a grafia costumada *pexes* e tambem para substituir por *meaãos* o que antes se escrevera, que parece ter sido *dos mediaaos*.

3 Entre o *e* e o *o* ha um *i* de mão posterior.

4 Nestas palavras tem o *g* valor de *j*.

dos com aas e esforçados com vertude. E andades a hũa parte e a outra assy como vos apraz. A vos outros foy dado mandamento de guardar a Jo(a)nas profeta do senhor. E despois do terçeiro dia poello em na terra. Vos destes. aver a nosso Senhor Jesu Christo [1] quamdo elle asy como pobre nom tinha domde pagasse o dinheiro do tributo. Vos amte da resurreiçom e depois fostes mangar do Rey perduravell. Por as quaaes cousas todas vos sodes muyto obrigados de louvar e bemdizer ao senhor. do quall recebestes tantos doões tam singulares sobre todas as outras alimarias. E a estas palavras e [2] semelhavees amoestamentos alguũs pexes davam vozes e outros abriam as bocas e outros emcrinavam as cabeças louvando ao Senhor com os sinaaes que podiam. E a esta reverençia dos pexees alegrousse samto Amtonio em no esprito. E clamando com voz mui alta. dizia Bemdito seja deus pera [3] sempre. ca mais homrra dan a deus os pexes das agoas que nom os homẽes hereges. E milhor ouvem as bestas que nom am razom a pregaçom que nom os infiees em na fee. E quamto samto Amtonio pregava mais tamto mais creçia a multidom dos pexes E nom se partiam nehũs dos lugares que aviam tomados. Do quall milagre [4] se ajumtou o poboo todo da çidade. e tambem os ditos hereges E forom homde estava Samto Antonio. E veemdo o milagre tam maravilhosso. e nom acostumado pongidos em no coraçom asemtaromsse todos aos pees de samto Antonio e rogaromlhe que lhes pregasse. E emtam abrio sua boca samto Amtonio e pregou tam maravilhosamente da ffe catolica que comverteo todollos ereges que hi estavam. E emviou aos fiees ẽna fee com grande prazer e beemçam. E os pexes dada leçemça de samto Antonio como gozandosse e alegrandose com muytas graças e imclinaçam das cabeças foromsse a diverssas partes do mar. E pregamdo aly samto Amtonio por muitos dias fez muy grande fruito convertemdo aos hereges e comfirmandos [5] ẽna samta fee catollica.

---

1 Aqui e sempre encontra-se no original a abreviatura *jhũ xp̃o,* como a palavra *cristão* é tambem representada por *xpãao*. — Sobre o facto narrado vide S. Marcos, IX.

2 Esta particula foi introduzida posteriormente.

3 O *a* de *pera* foi introduzido posteriormente; a primitiva grafia é *por*.

4 Talvez se deva ler: *Ao qual milagre*, como pede o sentido e tem o codice latino que diz: *ad quod miraculum*. Por descuido se escreveria *do* em vez de *ao*.

5 Está por *confirmando-os*. Efectivamente a pronuncia natural ou descuidada é a que representa a grafia do codice.

Como Samto Amtonio pregou hũa vez em Arminio e muytos heregees desprezandoo nom no quiserom ouvir [1]

II. O muy glorioso padre Samto Antonio de Padua hum dos escolhidos companheiros e deçipollos de sam Framcisco Ao quall elle meesmo sam Framcisco chamava seu bispo polla vida e por a fama da sua pregaçom. Como pregasse em Roma em no conçillio de mandamento do papa a peregrinos sem comto. que aviam hido la a Roma por indulgemçias e cousas do comçillio. Ca estavam hy gregos e latinos e framçezes. e theotonicos. E esclavos. [2] E ingreses e outros de diversas linguas. E o esprito [3] samto feze a sua lingua maravilhossa. Asy como feze em outro tempo a lingua dos seus deçipollos E em tall maneira que todos os que o ouviam. e nom sem gramde maravilha o emtendiam claramemte. E cada hum o ouviia em sua lingoa em que elle fora naçido E emtam disse Samto Amtonio em aquela pregaçom coussas tam altas E tam doçe(e)s que os que o ouviam todos estavam sospenssos maravilhamdosse Por a qual cousa lhe chamou o papa arca do testamento.

Como desputou samto Antonio em as partes de Tollossa com hum herege muy perfiosso. sobre o samto saclamento do Corpo de Jesu Christo

III. Em as partes de Tollossa como desputasse o barom samto Amtonio comtra huum herege muy perfioso sobre o samto sacramento Saudavell do corpo de deus E avendoo vemçido apenas o podia comverter a fe. Depois de muitas coussas disse o herege Leixemos as palavras e venhamos aos feitos. E disse [4] Antonyo. se tu poderes mostrar amte [5] todos por milagres que aquelle seja o corpo de Jesu Christo. eu me someterey ao juizo da fee leixamdo toda heregia. E respondeo samto Amtonio com feuza. que elle lho

---

[1] O que se segue encontra-se no original latino logo no começo desta narrativa ou seja antes do § I. Houve portanto aqui descuido do copista que fez figurar como § II o que devia estar sob o n.º I; vê-se isto claramente deste titulo que pertence ao que se acabou de contar e não ao que vai seguir-se.

[2] Por cima desta palavra lê-se de outra mão *e de escravonia*.

[3] Em geral é este vocabulo representado pela abreviatura *spũ*, mas quando por extenso, tem a forma que adoptei nesta transcrição, isto é *esprito* ou *sprito*.

[4] Ou ao copista escapou a particula *a* depois de *disse*, ou ha aqui vocativo.

[5] O copista escreveu *amtre* de certo por lapso.

faria. E disse-lhe ho herege Eu emçarrarey huum animal por tres dias em hũa cassa e atormentaloey com estreitura de fame. E depois de tres dias tragelloey em presemça de todos os que esteverem presemtes. e porlheey de comer E tu estaras de fora com aquelle sacramento que tu afirmas seer o corpo de Jesu Christo. E se aquelle animall faminto leixar de comer e se for a presa. aaquele deus o quall tu afirmas. que deve seer adorado de toda criatura. Emtam eu crerey verdadeiramente a fe da igleja. A quall ceussa outorgou logo sem tardamça o barom samto. E o dia asinado ajumtousse todo o poboo em na praça muy ancha. E veeo aquelle herege acompanhado com a companha maa dos seus companheiros. E trouxe huum muu [1] o qual avia atormentado com estreitura de fame e trouxe pera elle vianda convinhavell pera comer. E samto Antonio çelebrou aly missa em hũa capela. E acabada a missa trouxe em presemça do poboo o muy samto corpo de Jesu Christo. E mandou a todos que calasem. E disse ao muu hoo animall. Eu te digo ẽna vertude e nome do teu criador. Ao qual eu ainda que nom digno tenho em nas minhas maãos. que venhas logo aca e omildosamente lhe façαs devida reveremça. Porque por esto conheça a maldade dos hereges. que toda criatura he sogeita ao seu criador. O quall a dinidade [2] do saçerdote trauta cada dia ẽno altar. E emtretanto pos o herege de comer ao muu faminto. E foy coussa certa de maravilhar que aquele animall tam atormentado de fame. despois que ouve dito as palavras Samto Antonio. logo leixou de comer e abaixou a cabeça ataa os geolhos. E pos os geolhos deamte o sacramemto. E foy grande prazer aos fiees catollicos. E comfundidos os ereges e nom sem mereçimento E aquele dito herege foy feito fiell segundo que o avia promitido. E obe(e)deçeo aos mandamentos da igleja.

Como ẽnas partes de Itallia huns ereges comvindarom a samto Antonio

IV. Acomteçeo hũa vegada ẽnas partes de Itallia que huns hereges comvindarom a samto Antonyo E elle reçeb[e]o seu com-

---

1 Aqui e mais adiante o codice tem *mũu;* advirta-se, porem, que, se ás vezes, como nesta palavra, o til está a mais, falta noutras, como *huua, nenhuua* etc ; por isso restitui-o onde devia estar e não o escrevi, quando não era necessario.

2 A palavra está raspada, parecendo que a primitiva grafia teria sido *dignidade,* pois ha espaço suficiente para duas letras e o *-n-* parece de mão diferente.

vite. por tal que os podesse tirar de seu error por emxempro de Jesu Christo o quall Senhor por esta razam comia com [1] publicanos e pecadores. E por que sempre presume coussas ma[a]s a comçiencia torvada do herege [2]. Aos quaaes hereges samto Antonio comfundia espersam[en]te ẽnas desputaçoões e em nos sermoões. E pensarom maas coussas comtra elle. E poserom deamte Samto Antonio mangar de morte. e veninosso. A quall coussa em esprito foy logo revelado a samto Antonio. E como os elle reprendesse da maliçia que conçeberom com piadosos e paçificos amoestamentos. Aqueles [3] hereges mintindo e remedando [4] ao diabo padre da mintira. diserom que nom no aviam feito. por outra cousa Sallvo por que podessem provar por espiriencia a verdade de aquela palavra do evangelho que diz. E se beberem algũa cousa mortal nom lhes empeçera. [5] E pois que asy he amoestarõno que comesse o manjar que lhe aviam posto. pormetendolhe que sse lhe nom empeçesse que elles se achegariam por sempre aa fee do evangelho E que sse elle ouvese medo de tomar o mangar que julgariam comteerse falso ẽnas palavras do evamgelho. E samto Antonio sem nehuum temor. fez o sinall da cruz sobre o manjar e tomou delle com suas maãos. E disselhes eu farey esto nom por temtar a deus. asy como temtador de deus. Mais asy como firme aministrador [6] e nom temerosso da saude da nosa [7] fee do evamgelho. E depois que comeo o mangar ficou saão e nom semtio em no corpo coussa alguũa de empeçimento. A quall coussa veemdo os hereges forom comvertidos a fe catholica.

Como samto Amtonio estamdo pregando ao povoo de Alemanha foy ao coro dos fraires dizer huũa liçam que lhe fora emcomendada.

V. Quando Samto Antonio era custodio de Lenomcio ẽna somana samta ẽna noite da çea do senhor pregava as palavras

---

1 Mão que parece diferente intercalou *os* por cima de *com*.

2 As palavras *E por...* até *herege* acham-se ponteadas, signal de que estão a mais.

3 Tinha-se escrito *aaqueles* mas depois o segundo *a* foi raspado.

4 Parece que se havia escrito *remendando*, mas depois o *n* foi raspado.

5 Diz o Evangelho de S. Marcos *et si mortiferum quid biberint non eis nocebit*.

6 O copista escreveu *amanistrador*.

7 Talvez por lapso o copista escrevesse *nosa* em lugar de *vosa*. V. *Anotações*.

de vida em na igreja de sam Pedro aa ora das matinas aos poboos de Alemanha que estavam ahy ajumtados de quatro dias. E os fraires menores cantavam em no convento ao Senhor os sallmos do ofiçio das matinas aquella ora que elle pregava aa mea noite. E o custodio Samto Amtonio estava hordenado em no ofiçio das matinas dos fraires. pera que leesse huũa liiçam. E quamdo os fraires ouverom proçedido em no ofiçio das matinas ataa que chegarom a dizer a liçam. que avia de dizer samto Amtonio. Apareçeo elle supitamente em meeo do coro e disse soplenememte [1] a liçam. E todos os fraires que aly estavam presemtes forom espamtados e nom sem mereçimento. por que sabiam que emtam estava elle em na vila pregando. E em huum em esa meesma ora o fez a virtude de deus estar com os fraires ẽno coro onde leeo a liçam. E em na igreja de sam Pedro com os poboos. aos quaaes semeava a palavra da vida Estando presemte o povoo em na igreja tamto calou quanto tardou em leer a liçam em no coro. Em huũa leitura de samto Antonio se lee averlhe acomteçido semelhavell cousa de aquesta que he dita em Monpirle. E leese em esta maneira. Em no tempo que samto Antonio liia em Monpirle. Acomteçelhe [2] de pregar huũa vegada em hũa festa solene homde se ajuntava a crelizia e todo o poboo que aly estava presemte. E quando ele ouve começado o sermom acordousse que o ofiçio. que no comvento lhe aviam dado. que por olvidamento o nom avia emcomendado a outro E emtam era custume aly ẽno comvento que em nas festas mayores cantasem [3] dous fraires a aleluya ena missa do comvento. E emtam cayo este ofiçio ao servo de deus. por o qual doendosse muito por ello cobrio a cabeça com o capello. e acostousse sobre o pulpito como que quiria dormir. E em aquella ora virom ao barom de deus camtar a aleluya em na igreja dos faires por longo espaço Estamdo com o corpo em no pregadoiro damte tamta gemte. Pois nom he duvida algũa que asy como deus todo poderosso. quis trespasar ao seu samto doutor Ambrosio em nas obsequias [4] de sam Martinho E asy com trouxe sam Framçisco ao capitulo provincial de Relato. quando este samto Amtonio pregava do titollo da cruz. que asy fez maravilhosamemte a este barom demost[r]amdo que em huũa maneira era igual em mereçimentos aaqueles meesmos samtos. E comprido o ofiçiio sobredito deligem-

---

1 Assim escrito, contra o costume que era *solepnemente*, como se viu atrás.

2 Leia-se *acontecê-lhe* por *aconteceo-lhe*.

3 No original lê-se *cantamsem*.

4 No texto *absequias*.

temente tornamdo logo em sy prosegurou [1] nobrememte a pregaçom que avia começado.

De huum milagre que fez Samto Amtonio seemdo custodio de Lemosnes em huum fraire noviço

VI. Sendo Samto Antonio custodio em Lemosnes huum noviço por nome Pedro era teentado gravemente de sse sair fora da religiom. E emtonçe o barom de deus. emsinado por revelaçom de deus avemdo soliçito cuidado da grey a ele emcomendada ouve compaisom emtranhavellmente daquella ovelhazinha errada. E emcemdido por esprito de deus. soprou em na boca do dito noviçio e abrio-lhe a garganta com sua mañao propria dizemdo. Toma o esprito samto. Çertamemte cousa foy de maravilhar que logo aquele mançebo semtio em sy esprito samto do samto padre caindo em terra sopitamente enviou o esprito. Mais como o alevamtase da terra samto Antonio estando diamte os fraires que aly aviam vindo tomou o esprito como de antes E afirmou que fora rapto aas conpanhas dos angeos E como avia visto la os maravilhossos secretos de deus. E queremdo samto Antonio que o dito milagre nom fosse atrebuido [2] a elle mais ao poderio de deus. mandou aquelle noviçio. que nom curasse de dizer mais de aquellas coussas que lhe forom reveladas. E des emtonçe se partio de aquele fraire toda teemtaçom que tinha. Mais segundo elle dizia desde emtonçe. emquanto viveo sempre durou sem dardo de algũa tentaçom. E vistido da vistidura da virtude do muy alto aproveitamdo em samta conversaçom em na hordem foy feito emxemplo aos outros.

Como hũa vez foy samto Amtonio a abadia de Sollemiaco [3] do bispado de Lemosnes

VII. Em aquelle tempo como o preste bemavemturado fosse a abadia de Solep̃niaco do bispado de Lemosnes. Huum monge de

---

1 Assim se lê no original, mas de certo foi lapso do escriba em vez de *prosegujo*; no latim acha-se *prosecutus*.

2 Havia-se escrito *atrobuido*, mas depois o -*o*- foi emendado em -*e*- por mão que posteriormente parece ter feito varias correcções.

3 Lapso por *Solemniaco*, como se lê mais abaixo. Vide *Anotações*.

aquele moesteiro avia sofrida longa temtaçom do deleitamento da carne. comtra o quall trabalho da dita temtaçom e comtra o seu maao empuxamento. ainda que o dito monge quebrava o seu corpo em jejuũs [1] e vigilias e oraçoões nom avia refrigerio Porque deus guardava pera samto Antonio. a cura e ho remedio dele. Pois quamdo o dito monje ouve ouvido a samtidade de samto Antonio chegou a elle e descobriolhe em confiçom todollos seus pecados e a dita tentaçom. E demandou fielmente e omildosamente a sua ajuda. E o barom samto e piadoso tirou o monge a parte e despojou a sua saia e deua aquelle monge que [2] padeçia que a vistisse E tamta lhe foy emprimida a pureza da limpeza por huũa força que naçia do coraçom e do corpo muy samto de samto Antonio que aquele esquentamento [3] de luxuria foy em tall maneira restringido que des emtonçe os movimentos da carne nom acometiam ao dito monge segundo que elle o disse a muytos muytas vegadas.

De huum milagre que fez Samto Amtonio em hũa molher devota servidor dos fraires

VIII. Em aquela terra era huũa molher muito devota aos fraires A qual mercava algũas vegadas as cousas neçesarias pera elles. A quall molher tinha hum marido çeosso e sem devaçom E ella esteve lomgamente hũa tarde por as neçesidades dos fraires de guissa que veeo de noite a cassa E o marido doestandoa dissélhe Agora veẽs [4] tu dos teus amadores E ela disse verdade he que dos fraires veenho. aos quaaes amo eu por deus. E por ocasiom delles ey tamto estado que nom vim E o marido cheeo de sanha tomou[a] por os cabellos. E tamto lhe torçeo a emcabeladura de hũa parte e da outra. que lhos arrancou todos. E vemdo ela esto colheos [5] todos. E alomeada com fee posse os cabelos ordenada-

[1] No original está escrito *jeuus*.

[2] Por cima de — que — mão diferente pôs *aquelo*.

[3] Mão diferente raspou parte da antiga palavra, que talvez fosse *escaentamento* e emendou para a que acima transcrevo.

[4] Aqui como noutros lugares ao copista escapou pôr o til para indicar a resonancia nasal.

[5] Leia-se: *colheo-os* e *partiu-sse*, condensações estas aqui frequentemente representadas pela grafia.

mente sobros nastros [1] e pos a cabeça sobre elles. E em outro dia em na manhãa emviou dizer a samto Antonio que viesse logo a ella que nom se semtia bem. E o barom samto crendo que sse quiria comfesar apresurousse de chegar a ela. E quamdo chegou a sua cassa. diselhe ella. O frey Antonio. vees aquy o que ey sofrido por os fraires. e recomtoulhe o que lhe fora feito. E ella diselhe. Se vos quiserdes rogar a deus por mim. eu Sey que elle me tornara os cabellos asy como os tinha de primeiro. E disse-lhe samto Antonio. Molher a esto me fezeste aca viir E partisse [2] della Samto Antonio. e fez chamar aos fraires e comtoulhes o que acomtecera aquela molher sua devota. E disse-lhe [o] que [3] omildosamente lhe demandara. E disse Irmaãos façamos oraçom por ella. E eu espero que o senhor acatara aa sua fee. E logo orando samto Antonio os cabellos hordenados forom restituidos a cabeça daquela molher asy como de primeiro. E quando veeo o marido comtoulhe a molher o que lhe avia acomtiçido demostrandolhe a cabeça. E o marido maravilhandosse dello. e acatando a deus partiosse de todo da sospeita e dos çiumes e fezosse des emtom muyto devoto e servidor dos fraires.

Como Samto Antonio tomou ho lugar pera os fraires em Verna do bispado de Lemosnes

IX. Como Samto Antonio veesse a Verna do bispado de Lemosenes. tomou aly primeiramente lugar pera os fraires menores. E fazendo pera sy huũa çela em hũa cova apartado [4] do lugar. cavava hũa fonte em hũa pedra a qual reçebia os estilamentos da agoa que corria de hũa pena. E aly se dava a comtenplaçom solitario em grande estreitura de vida. E como ho cozinheiro nom tevesse que guisar pera cozinha pera os fraires. Emviou samto Antonio a hũa dona que era a elle devota. rogandolhe que lhe emviasse de sua horta algũas ortaliças. com as quaaes requirase [5]

---

1 A palavra *nastros* é de mão diferente da que escreveu primitivamente a *Cronica*, tendo-se raspado o que se achava escrito para, em vez disso, pôr o que se lê agora.

2 Veja-se nota 5 da pag. anterior.

3 No texto latino *(narravit . . .) quod etiam supliciter postulabat.*

4 Assim se lê no codice, talvez por descuido do escriba, pois o original latino diz *crypta a loco remota.*

5 Lapso talvez por *recriasse*, porquanto o texto latino tam *recrearet.*

aos fraires que tinha sobditos. E emtam avia muitas chuvas e chamou a dona a hũa sua servidor falamdolhe brandamente E rogoulhe que fosse a presa ao orto. e trouxesse as coussas neçesarias pera fazer cozinha aos fraires. e aquela servidor fezeo de maa mente. dizemdo que chovia muyto Pero vemçida por os rogos de sua senhora. Aafim ouve de hir ao orto e colheo as coussas neçesarias pera a cozinha dos fraires E levouas ao lugar dos fraires que estava muito alongado da vila E nunca çeçou de chover. nem por espaço de huum momento. Pero ella nom se molhou em algũa parte de seu corpo nem em as vistiduras E tornamdosse com as vistiduras emxuitas. disse a sua Senhora como sempre avia chovido e chovia e que nom avia chegado a ella. E Pedro de Brina canonico de Nobilasco. filho da dita dona comtava com prazer espresamente este milagre em louvor de Samto Antonio. O qual milagre avia ouvido a sua madre.

Como os fraires forom a Samto Amtonio dizer do mall que os homens faziam em hum campo de hum seu amigo e do que se em ello fez

X. Como em aquella terra hũa tarde depois de ora de conpetras estevesse Santo Antonio ocupado em oraçom asy como avia de custume. Alguũs fraires que saiam do oratorio virom hum gramde campo de huum amigo dos fraires cheo de homeẽs. os quaaes destroiam de todo ponto aquelle campo e arrancar [1] de rraiz as espigas. E doendose [2] os fraires do dapno de tamanho amigo da ordem. forom correndo a pressa a ho barom de deus. E com vozes chorosas comtaromlhe o dano que reçebia aquelle seu muyto amigo Aos quaaes respomdeo o barom de deus leixadeos fraires. leixadeos e tornadevos a oraçom. que este he o nosso aversairo. o qual se esforça. de nos dar noyte sem folgamça. E de percomturbar os nossos coraçoões da oraçom. E sabede firme[me]nte que nom se faz esta vez nehuum dano ou destorimento em aquele canpo do nosso amigo. E obedeçemdo os fraires aos amoestamentos do samto padre. esperando ataa a manhãa de saber aquella cousa. E outro dia em na manhãa virom o campo a derrador de hũa parte e da outra e virãno asy como de primeiro.

1 Vide *Anotações*.
2 O pronome *se* é de outra mão e está entre linhas.

era nom tocado nem dapnado. Pollo qual conheçerom o engano do diabo e a samtidade do barom santo.

Como Samto Antonio pregando huũa vez a muyto poboo veerom os diabos e derrubaromlhe o pulpito [1]

XI. Como pregase hũa vegada [2] samto Amtonio em sam Joham de bispado de Lemosnes. Ajumtouse tam gramde multidoem de povoo que nom podia caber em na grandeza da igreja. Por o qual comveo ao barom Samto de se hir a hũa praça muy ancha. com aquela multidoem de povoo. que estava ajumtada. E aparelharomlhe logar como a maneira de pregadoiro. por tal que fosse visto. E quando ouve sobido em no lugar donde aviia de pregar começando o sermom disselhes Eu sey que o imigo vos [3] fara aginha torvaçom em no sermam. Mais nom vos espamtedes ca a sua maliçia nom danara a nehum. E daly a pouco caio o lugar onde estava samto Antonio. maravilhando-se todos. e nom fez dapno a nehuum Da qual cousa animado o poboo a mayor reveremçia do barom de deus Em o qual viam relozir. o sprito da samta pobreza [4]. E corregendo outra vegada o lugar ouvirom mais abtemtamente [5].

Como samto Amtonio pregou hũa vez em Vitubrio e emderêçou a palavra comtra o bispo

XII. Como Samto Antonio pregasse huũa vegada em Vitubrio em huum ajumtamento de sinodo emderençou a palavra comtra o bispo Con fervor do esprito. diselhe A ty falo cornudo. e começou de refrear alguns viçios dos quaaes o bispo era chagado [6]. em sua comçiemçia com tam grande fervor e com claros e firmes testemunhos da escriptura que o bispo começou a seer provocado a compumçom [7] e a lagrimas e a devaçom. a quall nom avia ataa

1 O copista escreveu *pulpoto*.

2 Vê-se que se principiou a escrever *vez*, emendando-se depois para *vegada*.

3 Talvez lapso em lugar de *nos*. Vide *Anotações*.

4 Mão difirente sublinhou a palavra *pobreza* e escreveu por cima *proficia* em harmonia com o original.

5 Assim no original.

6 O copista escreveu *chegado* em vez de *chagado*; no latim *sauciatus*.

7 No original lê-se *cõpunaçõ*.

aly. E acabado o sinodo sacou a parte o bispo a samto Antonio. e descobrio-lhe a chaga da comçiemçia. E des entom fezosse aos fraires mais devoto. E acopousse com mais estudo em no serviço de deus.

Como samto Antonio estamdo hũa vez pregamdo começarom de vir torvoões e chuva e lampados. Et cetra.

XIII. Huũa vegada avia chamado o poboo de Lemosnes samto Antonio. Pera ouvissem [1] a pregaçam. E tamta era a multidoem do poboo que qual quer igreja era angosta pera caber em ela E por tamto levou o povoo a huum lugar espaçosso. homde doutro tempo foram paços de pagaãos. O qual lugar he chamado Rova de Arenes. por que aly podia milhor caber o povoo. E mais convinhavelmente seer emformado ẽnas palavras çelistriaaes. E pregando Samto Antonio com muy gramde fervor. estava o povoo espamtado com a vomtade. ouvyndo atentamente as suas palavras. E supitamente começarom de ouvyr trovoões [2] e de ver relampados emçendidos. E começou de vir chuva E os povoos começarom de se levamtar dos lugares donde estavam e de se moverem [3] nos coraçoões. com medo da chuva e da tempestade. E o barom de deus confortamdoos brandamente. diselhes Nom vos movades nem ajades temor nehuum. por que eu comfio em noso Senhor que nom vos empeçera agora a chuva nem outra nehuũa tempestade. E o povoo consintio aas palavras do barom de deus o qual ata as aguas em nas nuves. E asy reteve a chuva sobrelas [4]. que ainda que chovia avomdosamente em cada huum lugar cerca da cidade. (E) pero depois das palavras de samto Amtonio. nom caia nehũa gota dagoa sobre o povoo E estando ouvindo as palavras de deus. E comtinoando o sermam acabo de grande espaço quando ouve feito fim. Levantaromsse todos e virom toda a terra avondosamente cheea de agoa. E o lugar donde elles aviam estado estar seco. E louvamdo o poderio de deus maravilhoso em no seu samto.

---

1 Aqui de certo escapou ao copista escrever a particula *que* depois de *pera*, ou então pôs *ouvissem* em vez de *ouvirem*; *ad praedicationem* diz o texto latino.

2 No original acha-se *trovoos*.

3 Tambem se poderá ler *mover em*.

4 Parece que, por descuido e atraido pela palavra *nuves* que precede, o tradutor escreveu *sobr'elas* em vez de *sobr'eles*, pois o texto latino diz *super eos*

Como huũa vez pregasse samto Amtonio levamtouse damtre o povoo hum sandeu dando vozes

XIV. Pregamdo huũa vez samto Antonio. levantousse dantre o povoo huum Sandeu. o qual torvava a ele e aos que estavam aa sua pregaçom. E amoestando [1] samto Amtonio doçemente que calasse. O louco disilhe. que o nom faria ataa que lhe dese a sua corda. E santo Antonio deçengeosse logo e deulha. E aquelle sandeu abraçandoa e beijandoa cobrou o sisso. e o usso da rrazom. E olhamdo todos lançaromsse [2] ante o samto. dandolhe graças por que o avia curado. Espertou a todo o poboo. a glorificar a deus ẽno seu santo.

Como samto Antonio estamdo em Paudua achavasse trabalhado de ouvir confissões e dar comselhos e cobiçava de se dar aa oraçom.

XV. Como Samto Amtonio ouvesse muito trabalhado huum tempo em Paudua em ouvir confisõees e pregar e em dar boõs [3] comselhos sprituaaes. Cobiçando de sse dar aa oraçom e aa contenplaçom. espreveo [4] ao ministro que lhe desse leçemça. que se podesse trespasar a(o) outro lugar idonio pera esto. E quando ouve esprita [4] a letera [5] leixou ha no escriptorio [6] e foy ao g(r)ardiam. e rogoulhe. que lhe buscasse alguum portador da dita letera [5] E des que ouverom achado misegeiro. emtrou o servo de deus ao escriptorio [6] por a letera. E buscamdoa deligemtemente domde a leixara. Nunca a pode achar. E elle cuidando que por aventura nom aprazia a deus que sse [7] fosse daquelle lugar. e que por ello nom podia achar a letara. Mudado o proposito. disse ao gardiam. que nom curava de emviar a letera [5]. Oo cousa maravilhosa de dizer. Comtados e compridos. os dias em que podera seer tornado o mesegeiro donde era o ministro se ala fora emviado. Reçebeo samto Amtonio carta da reposta do ministro das coussas que eram contehudas

---

1 Entenda-se *amoestandoo*.

2 Vide *Anotações*.

3 No original a palavra *boõs* está entre linhas e provêm de mão diferente.

4 Leiase *escreveo* e *escrita*.

5 Ou *letra* pois o texto tem *let.a*, porem mais abaixo por inteiro *letera*.

6 O manuscrito neste lugar está raspado, sendo bem evidente que a palavra primitiva não era *escriptorio* por ser o espaço muito curto.

7 Em entrelinha está *nom*.

na carta. Convem a saber que podesse pasarsse a morar por sua comsolaçom espritual aaquele lugar que demandava. Razoadamente he de creer que algum angeo ouve levada a carta de samto Amtonio ao ministro em semelhança de misegeiro. por que satisfezesse a samto Antonio. e demostrasse por elle tal milagre que a sua petiçom era açeptada a deus.

Como Samto Antonio de prazimento de Sam Framçisco foy hordenado pello capitolo geerall com frey Adam ingrees pera hirem leer ao estudo geral.

XVI. Samto Antonio de prazimento de sam Framçisco foy ordenado. por o capitulo geerall com frey Adam Marisco ingres. Que foy o primeiro estudamte de theologia em na hordem. e que fossem a leer ao estudo geerall aas partes de Framça. E indo ala chegarom ao abade de samto Andres de Verçelhas. O qual era emtam avido por o mais exçelemte de todos os theologos. O quall avia treladados novamente de grego em latim. os livros de sam Dionisio. E os avia hordenados muy fermosamente. E emtam acomteçeo seer trespasado. o estudo geeral da çidade de Millam aa çidade de Verçelhas E o abade reçebeos [1] beninamente. E emtam aproveitou em elles o enlevamento espritual da vontade deles. que elle meesmo abade que era ensinador se dizia seer emsinado. dos nom emsinados. E aynda pintou reallmente as jeerarchias do çeeo. em nas suas almas. E em çinquo anos. em nos quaees esteverom [2] com ele em nos livros de sam Dionis vierom a tanta claridade e lume de sabedoria. que aquellas jerarchias nom solamemte pareçiam elles averllas aprendido. Mais ainda aveer pasado por ellas. Onde aquele homrrado abade damdo testemunho a samto Antonio. diz asy em no dito bulume em no ter(e)çeiro capitulo em huũa partezinha. que começa. *Sub litera. enim frequenter amor penetrat uby cogniçio phisica foris stat.* Quer dizer. Muitas vegadas o amor trespasa. ou penetra adonde o conheçimento da naturall çiemçia

---

[1] Leia-se *recebeo-os*.

[2] O copista escreveu *esteverom*, devendo ter posto *estudarom*, como pede o sentido e se encontra no original latino que diz: *in illis autem quinque annis quibus cum illo studuerint in libris beati Dionisii ad tantan mentis serenitatem et lumen scientiae pervenerunt ut illas hierarchias non tantum didicisse sed percurrisse viderentur.*

está de fora. Ca leemos alguns sabios bispos Nom serem emsinados em nas çiemçias naturaaes. os quaaes emtentendo a mistica theologia com a agudeza da razom penetravam os çeeos. E trãsçemdiam [1] todo conheçimento de çiemçia naturall ataa viir [1] aa muy bem avemturada trindade. O quall eu achey por esperiemçia. em frey Amtonio de Lixboa da ordem dos fraires menores estamdo elle com migo em companhia Ho quall como nom fosse emsinado em nas leteras sagraes. emçemdido com pureza de coraçom e com fervor da vomtade. desejou fervemtemente a mui santa theologia. Asy que com agudeza do sisso da alma e do emtendimento a aprendeo avomdosamente. Asy que podem dizer delle. aquello que he escrito de sam Joam Baptista. Elle era candea ardente e luzemte por que com amor ardia de demtro e luzia de fora ectra. E o barom samto Amtonio nom presumio de leer. como quer que foy rogado dos fraires senom primeiro sabida a vontade [2] de sam Framçisco do qual se diz que lhe emviou [3] sam Framçisco por escrito. esta reposta que sse segue. Ao muito amado irmaão meu frey Antonio. Eu frey Framçisco. Saude em Jesu Christo prazme que tu leeas aos fraires a samta theologia. em tall maneira que nom afoguem por esto o esprito da samta oraçom e devaçom. segundo que em na reg[r]a se contem. por este tal estudo. E nosso Senhor te esforçe. Segundo que alguuns dizem este samto Amtonio. algum tempo foy companheiro de sam Domingos quando eram coonegos regulares. Huũa vegada pregava em Paudua huum abade dos monges negros e dizia em na pregaçam as palavras que avia escrevido sam Paullo em hũa pistola a sam Dionisio. e ouvindoo pregar samto Amtonio. com as doçes palavras foy alterado e por huum grande espaço esteve rauto fora de sy.

Como Samto Amtonio leesse theologia aos fraires em Momprisler huum noviçio partiosse da ordem furtamdolhe huum salteiro e do que sse aly acomteçeo

XVII. Como samto Amtonio leese theologia aos fraires em Monpriller. acomteçeo huum noviço partirsse da ordem de noite. e levar comsigo fortivellmemte huum psalteiro grosado de gramde

---

1 O til é de mão diferente e posterior.

2 Desde *primeiro* até *vou* de *vontade* foi raspado o pergaminho, parece que para avivar o que se havia escrito.

3 Tambem em *lhe enviou* se raspou talvez por motivo identico.

vallor. com o quall salteiro o servo de deus samto Amtonio emsinava aos fraires. E ouvindo esto o barom de deus doeo-sse muito por elo. E pose-sse loguo em oraçom. Asy que procurando-o a vertude de deus. o diaboo saio ao caminho aaquele novicio e emcomtrou-o pasamdo per hũua pomte que hia fugindo. dizemdo-lhe com gramde espamto torna ca com o salteiro ao servo de deus. Amtonio.' e torna-te a tua ordem. senom em outra maneira de mandamento de deus te matarey. e te lançarey em este rio. E o novicio maravilhando-sse foy cheeo de temor. Mais registindo alguum tamto. logo a esa hora se lhe demostrou o diaboo [1] de tam cruell gramdeza e atam espamtosa e avorrecivell queremdo-o [1] matar. em tall guissa o espantou [2] que logo o novicio foy castigado com o temor de deus. e tornou-sse a samtó Amtonio dando-lhe o salteiro. conhecendo a culpa. e demandando com lagrimas que quiria aa ordem logo [2] tornar.

Seguen-sse os milagres de samto Amtonio naturall da nobre çidade de Lixboa

XVIII. Como huũa vegada viesse samto Amtonio a huũa villa por caussa de pregar. tiinha hũa molher huum seu filho çerca da caldeira a cabo do fogo. que o queria lavar e correger. E ouvindo dizer que queria samto Amtonio pregar. com fervor que tinha de ouvir a pregaçam quasy saio de seu sisso. E pensando que puinha o menĩo em huum berço [3] posse-o ẽna caldeira. E esquecendo aly o filho foy corremdo com gramde presa aa pregaçom e leixou-o aly. E ouvida a pregaçom. ella que se tornava a cassa. pregumtarom-lhe as vezinhas que adomde leixara ela o filho. E ela acordou-sse que o leixara cabo do fogo E avemdo medo que seria queimado. começou de arrancar os cabellos da cabeça e de sse carpir. chamando-sse misquinha. E como veese aa cassa acompanhando-a outros muitos; achou o moço em na caldeira trebelhando com agoa que fervia e bulia. E emtam todos que aly eram presemtes forom maravilhados e nom sem caussa. E com gramdes vozes derom graças a deus e a samto Amtonio.

---

1 O ultimo *o* parece de mão posterior.

2 Estas palavras achão-se em entrelinha e foram acrescentadas posteriormente.

3 O original latino diz *pelvis* ou bacia de pés; talvez o copista por lapso escrevesse *berço* em lugar de *bacia*, como alias pede o sentido.

Milagre

XIX. Huũa vez emtrou samto Antonio em huum logar por razom de pregar. E hũa molher devota foy a ouvir a sua pregaçom e leixou a huum seu filho em no berço. A qual tornando-sse a sua casa despois do sermom. achou o filho em na cassa morto que jazia papariba. A quall molher dorossa da morte do filho tornou-se a samto Amtonio. rogando-lhe com lagrimas. por o resuçitamento do filho. E doemdo-sse Samto Amtonio della. Disse-lhe duas vezes ou tres com feuza. Anda vaay que deus te fara bem. a qual creemdo as palavras de samto Antonio. tornou-sse a sua casa. e achou o filho vivo. o qual ela aviia leixado morto e o minino [1] estava jugando com huũas pedrinhas as quaaes de primeiro numca ali [2] tevera.

Vison que vio huum borges de samto Amtonio

XX. Como samto Amtonio hũa vez pregasse em huũa çidade deu-lhe pousada huum borges. E asinou-lhe huũa camara apartada por que se desse aly mais folgadamente ao estudo [3] e comtenplaçom. E oramdo samto Antonio soo ẽna camara. andava descorendo o borges per suas cassas. E parou mentes cuidadosamente [4] contra o lugar donde horava samto Amtonio soo. e vio escomdidamente per huũa fresta aberta huum moço em nos braços de samto Amtonio muy fermoso e alegre em figura de Christo [5] Ao quall samto Amtonio abraçava e beijava muitas vegadas. Comtenplando ẽna cara delle. E o borges foy maravilhado e alterado da fermosura do moço. E pensava antre ssy que domde averia [6] aquelle moço que era tam fermosso. E aquell moço que era ho nosso Senhor Jesu Christo revellou a samto Antonio que o via aquelle borges Homde samto Amtonio depois que ouve longamente estado em

---

[1] O pergaminho foi raspado, e depois outra mão escreveu *minino*.

[2] *Ali* está entre linhas e provêm doutra mão.

[3] Sobre a palavra *estudo* entre linhas acha-se de mão diferente — *da oraçom* — tendo-se raspado entre *estudo* e *comtenplaçom*, e posto a copulativa *e*.

[4] Neste adverbio a parte *cuida* é de mão diversa, saindo a sillaba *cui* fora da coluna.

[5] As palavras *em figura de Christo* foram acrescentadas.

[6] Vide *Anotações*.

oraçom chamou aaquelle borges e defemdelhe [1] que nom descobrisse aquella visom que vira emquanto ele meesmo Samto Amtonio fosse vivo. Empero depois da morte do samto padre revelou aquelle borges com lagrimas santas aquela vissom sobredita.

Como huum omeem foy perdoado dos pecados pollos comfessar per esprito [2]

XXI. Em hũa pregaçom que samto Amtonio pregava foy hum omeem em tal maneira compongido dos pecados que por os muitos gemidos. nom nos podia confessar. Ao qual disse samto Antonio. Vaay e esprivy em huũa çedola todollos teus pecados de que te acordares e trazema loguo E como aquelle homeem fezesse aquello e trouxesse a çedula com os seus pecados espritos [3]. Todos forom destroidos e raidos da çedula que nom apareceo hi nehuum.

Milagre

XXII. Pregamdo huũa vez samto Antonio em huũa. igreja em hũa solinidade. Ho ẽmigo amtigo. emtrou demtro em na igreja em semelhamça de troteiro. E deu huũas leteras a hũa nobre dona. A qual tinha huum filho. O quall avia ẽmigos mortaaes. E comtinha-sse em aquella letera que os seus emmigos o aviam morto em tal lugar. E emtam Samto Amtonio que nom avia ouvido coussa alguũa com as orelhas corporaaes disse logo aquela dona. Senhora nom temades. ca vosso filho vivo e saão he. e veera [4] sem dano. E este que agora veeo a vos he o diabo. o qual fez esto por tall que torvase a pregaçom.

Milagre

XXIII. Como samto Amtonio visitase hũa vegada a huũa dona de Anusio que estava prenhada. E sse lhe emcomendasse ela

---

1 Entenda-se *defemdeo-lhe*.
2 Leia-se *escrito*.
3 Leia-se *escrivi*, *escritos*.
4 Está por *virá*.

em no seu comçibimento. Depois de longa oraçom tornou a ella samto Amtonio. e disse-lhe. Ave(e) prazer e booa esperamça. ca o senhor te dara huum filho. o quall sera gramde em na igreja do senhor deus E sera fraire menor e martere. E por a sua pregaçom levara muytos aa coroa do marteiro. E aquella dona pario huum filho. o quall foy chamado Phelipo. E emtrou em na hordem dos fraires menores E finalmente depois que ouve andado muy muyto aaquem do mar porlla espiraçam de deus passou alem do mar. E como a çidade de Azoto se ouvesse dada aos mouros por treiçom todollos christaãos pouco menos de dous mill forom trazidos aas maãos dos barbaros e forom todos comdenados por Sentença a morte. E como fosse amtre eles o dito frey Felipo ganhou que fosse o pustumeiro que matassem por que ganhasse a todollos outros comfortamdo-os em no senhor. E quamdo forom todos comfortados por as palavras de frey Felipo. forom pregumtados se quiriam escapar da morte e negar a fe. ou estamdo em na fe. sofrer tormentos de morte. E respomderom todos de huum coraçom que quiriam teer a carreira que escolhesse frey Phelipo. E elle fez a todos ajumtados pregaçom emsinando-os em na fee. E feita a pregaçam disse. Irmaãos muito amados estade firmes por que esta noite me revelou o Senhor. que eu com mil almas hey de entrar aa gloria do ceeo por a carreira do marteiro. E comfortando-os asy todos. e ouvindo a comfisom delles. responderom que de boamente escolhiam a morte pola fe de Jesu Christo. E quamdo degolavam aos samtos barõees por comfisom da fe. esforçava-os frey Felipe Pregamdo-lhes da fe comtinoadamente. E o soldam foy hirado contra elle. E mandou-lhe cortar pedaço e pedaço as jumturas das maãos. o quall como por esto nom çesasse da pregaçam. feze-o esfolar ataa o embigo. Mais elle nom seçando por esto de comfortar aos christaãos. fezo-lhe o soldam cortar a sua lingua bem avemturada. E nom embargando esto. Elle emframado por fervor que se nom poderia comtar. pregou comtinoadamente ataa que todos forom acabados de degolar. E elle tirando-lhe o capello. com muy gramde devaçom foy degolado pustumeiro de todos. e levou a coroa do glorioso marteiro. E por quatro dias jazemdo todos sem sopultura. veeo o soldom ao lugar adomde jazian E achou-os nom sem gram maravilha. Sem comrrumpimento. e sem alguum fedor. Polas quaees coussas claramente parece por quanta certidoem ouve. vigor a profecia de samto Antonio ja comprida.

Milagre

XXIV. Depois como samto Antonio fosse descaregado do oficio da custodia de Lemosnes. foi-se com huum companheiro comtra Ytalia. E como pasasse por o reino de Proença em huum lugar pequeno. huũa molher ouve delles compaxom. os quaaes atormentados de fame e por amor de deus. meteos [1] demtro em sua pousada. E aquela molher coidadosa çerca delles asy como a outra Marta Pose-lhes em na mesa pam e vinho. E tomou emprestado de huũa sua vezinha huum vaso de vidro. Mais o senhor queremdo fazer samta demostraçam com a temtaçam. permitio que sacamdo aquela molher vinho de hũa cuba pera os fraires. leixou o torno da cuba nom bem posto e foy todo o vinho vertido por o chaão. E tomando outro sy o companheiro de samto Amtonio o vasso do vinho da mesa sem sabedoria. asy que sse quebramtou per meo. que quedou o pee do vasso a hũa parte e a copa a outra parte. E açerca da fim do jantar. como aquela molher quisesse dar aos fraires vinho fresco. foy ao çelleiro e achou o vinho casy todo derramado por o chaão. E tornou-sse aos fraires choramdo muy amargosamemte. E muyto coitada por a perdiçam do vinho. A quall coussa como ella disesse a samto Antonio Avemdo ele della muy gramde compaixom. abaixou a sua cabeça sobre a meesa antre as palmas e fez oraçam ao senhor com fervor. E como a molher lhe parasse mentes de como estava em oraçom. A quall he maravilhossa cousa de dizer O dito vasso de vidro que estava quebramtado em duas partes em dous lugares da mesa. por movimento de sy meesmo. ou mais verdadeiramente por empuxamento de deus se ajumtou em huum lugar. A quall coussa veemdo aquella molher foy maravilhada. E tomou a pressa o vasso e maneando-o fortemente viio que por vertude da oraçom daquelle fraire Se tornara emteiro E aquela molher vemdo que a vertude que avia feita em no vasso quebrado. que podia tornar o vinho perdido. (E) foy aginha ao çeleiro. E a cuba que deamte as portas estava meada de vinho. achou que por çima se saia por a tampa [2] fervendo asy como vinho novo por a quall coussa aquela molher foy muyto maravilhada e alegrou-sse muyto. E samto Amtonio quando semtio que a sua oraçom era ouvida. assy como diçipollo da verdadeira

---

[1] Leia-se *meteu-os*.

[2] No original *tapa*, isto é, sem til o que é frequente.

omildade de Jesu Christo. partio-sse de aquelle lugar. por que nom fosse homrrado dos homens.

Milagre

XXV. Estamdo Samto Antonio em Ytalia acupava-sse cada dia em fazer pregaçom. E ouvir comfisões. E huũa vegada tornamdo-sse da pregaçom hia-sse por huum caminho desviado e soo por sse desviar da multidõe dos homeẽs que hiam pera suas cassas que sse tornavam da pregaçom por fogir dos louvores delles E huũa molher que andava por huum apartamento buscamdo a Samto Amtonio trobando muito por os lugares sem carreira. E levava em nos braços huum seu filho. o qual era comtreito desde que naçera. Emcomtrou aly a santo Amtonio em aquelle lugar apartado E lamçou-[se] deamte delle aos seus pees rogamdo-lhe com gemidos lagrimosos que aveemdo compaxom da madre descomsolada. tevesse por bem de bemdizer a seu filho com o sinal da cruz Ca ela tinha esperamça que se elle esto fezesse que seu filho [1] averia perfeita saude. E o servo de Jesu Christo por a profumda omildade que tinha leixava de o fazer e escusava-se. Mais ela fazia mayores chamtos e dobrando as pregarias. dizia mais a meude com clamores. Senhor ave merçee de mim. E o barom piadosso movido com compasiom della que estava atormentada e do filho enfermo. E rogamdolhe esto o conpanheiro seu que era barom famosso em bondade. bemdisse ao moço fazendo-lhe o signal da cruz em na vertude e nome de Jesu Christo. Oo coussa maravilhosa de dizer logo se aquelle moço alevamtou são E aquel o quall a madre triste avia trazido emfermo levou [2] ella muy alegre pera sua casa. andamdo elle por sua propia vertude. E o barom samto nom atribuindo esto aos seus mereçimemtos. Mais a fe da molher. (E) rrogoulhe que mentre que elle fosse vivo que nom dissesse esta coussa a nenhuum.

Milagre

XXVI. Huũa moça a que chamavam Paduana avia ya quatro annos que era privada do andar. a quall Se andava arrastamdo por

---

[1] A palavra *filho* está entre linhas e provêm de mão diversa.

[2] No original *leeou* e entre linhas *u*.

terra. asy como as serpentes. E tinha outro sy emfirmidade de morbo caduco. e caya em terra e fazia escuma por a boca. e revocava-sse a meude mesquinhamente por terra. E o padre da moça. a que chamavam Pedro. levava-a hũa vez em nos braços. e por acomteçimento emcomtrou com samto Amtonio. Ca elle nom no hia a buscar E vinha emtomces samto Amtonio de fazer huũa pregaçom E rogou-lhe aquelle omeem com gramde devaçam e comfiamça que bemdissesse aquela sua filha com o sinal da cruz. E paramdo mentes samto Amtonio aa fe limpa de aquelle homeem fez sobre aquela moça o sinal da cruz. em nome da trimdade. desde a cabeça ataa os pees. E des que esto foy feito. logo aly presemtou o poderio maravilhosso de deus. o qual deu firmeza de andar aaquela moça enferma. em tal maneira que andava linpamente sem ajuda de nehuum Outro sy foy logo saã da emfirmidade do morbo [ca]duco

---

Millagre

XXVII. Em na çidade de Padua saio samto Amtonio a pregar a huum campo a muy grande multidõe de povoo E hiia aly huũa nobre molher E aa pasagem de huum prado caio aquella molher em no lodo. Ca foy empuxada por a multidõe dos que pasavam E ella veemdo manifestamente [1] o perigo do lodo que veria [2] a ella e aas vestiduras preçiossas que avia de novo vestidas. Emcomendou-sse omildosamente a deus e a seu servo Santo Amtonio que a gardasse e defendesse. Ca ella avia medo que emcorreria em sanha de seu marido se tornasse a casa com as vestiduras emchujadas. E ajuda de samto Amtonio acorreo logo aquella molher e lhe ganhou o que demandava E çerto esto foy coussa de maravilhar que logo saio do lodo sem sse emxujar coussa alguũa. E ella foy muito alegre a ouvir a pregaçom. maravilhando-sse todos os que eram aly presemtes que aviam vysto como cayra. e louvavam por ello a deus e ao barom samto.

Millagre

XXVIII. Outra boõa molher desejava seguir a samto Amtonio que saya fora do lugar a sementar a semente da vida. E em-

---

1 No texto *mangfestamente*.

2 *Sic* por *viria*.

tam o marido de aquela molher estava emfermo. defemdeo-lhe que nom fosse alla. E ela quedou em cassa anojada de tristeza A quall estava comtra aquela praça adomde samto Amtonio pregava em aquella ora por que se alegrasse pois all nom podia fazer. por que lhe fora defemdido que nom fose alla. E he cousa maravilhosa de dizer. que estando ela a hũa fresta olhando sospenssa em na vomtade. Obramdo a vertude de aquel que a de costume de comprir os samtos desejos. Supitamente a voz de samto Amtonio que pregava soou em nas orelhas de aquella molher. E como ella tardasse em aquella fresta por ouvir tam gramde comsolaçam de aquela voz. repremdeo-a por ello o marido. E ella respondeo-lhe. eu ouvia pregar a frey Antonio. E o marido escarneçia della. Ca elle sabia que o lugar adomde pregava Samto Amtonio estava alomgado de aly duas milhas E que de duas milhas nom se poderia aly ouvir voz de homẽe Pero a molher afirma[va] esto çertamente que o ouvia pregar. E aquelle homeem esforçou-se e foy aaquella fresta pera veer aquello que lhe dizia a molher. se era verdade. Da qual fresta por os mereçimentos da molher fiell. ouvyo claramente com ella a voz de samto Amtonio. E elle quamdo aquello vyo deu graças a deus E ao bemavemturado samto Amtonio seu servo. E des emtam achegou-sse ao servo de deus por amizade com huum da molher E des aly nom embargou a devaçom da sua boa molher.

Milagre muy boõ

XXIX. Muitas vezes acomteceo que o barom de deus samto Antonio cobiçamdo a saude das almas. dizia aos pecadores os remedios que podia por que saissem de pecados. E ainda mais que he cousa maravilhossa apareçia de noite a muytas perssõas que dormiam chamando-as por nome segundo que elas o deziam depois aos fraires. E dizia-lhes estas cousas levanta-te. e vay a tall fraire ou a tall saçerdote. E comfesa-lhe tal pecado que em tall tempo e em tall lugar foy por ty cometido. O quall pecado nom sabia outro alguum senom deus E asy por esta maneira forom muitos alimpados dos pecados por o sacramento da comfisom. Os quaes pecados nom ousavam os homeens por vergomça comfesar em alguũa maneira E acomteceo outro sy huũa vegada que huum barom de Padua que avia nome Lionardo se comfessou a samto Amtonio. E amtre os outros pecados confessou que avia ferido com seu pee a sua madre. asy que a lamçara em terra com huum empuxom feo A qual cousa avorreçemdo ao barom de deos. em fervor do

sprito amtre as outras palavras de repremsom. disse-lhe esto. O(o) pee que fere o padre ou a madre devia logo seer cortado. E aquelle homeem nom no entemdeo dereitamente. E aquell barom simple[z] por a culpa sua e por a reprenssom aspara de samto Antonio foy feito triste e foy-sse loguo a sua cassa e cortou logo o pee. E as novas desto forom Sabidas por toda a cidade. e vierom aas orelhas de sua madre. Aqual yndo-sse a pressa a sua cassa. achou o filho com o pee corto. E quamdo soube a rrazom por que avia cortado o pee. foy damdo vozes adomde estavam os fraires. querelamdo-sse de samto Amtonio que avia morto a seu filho por esta caussa. E samto Amtonio viindo a ella e comsolando-a escusou-sse ligitimamente. E veeo elle aquelle barom [1] que cortara o pee e fazemdo sua oraçom devotamente e com angustia. ajumtou-lhe o pee aa perna e feze sobrelle o sinall da cruz e untou alguum tamto com aquelas maãos samtas. E logo aquelle pee [2] emxerido. asy foy soldado e afirmado com a carne da perna. que aquele homeem se alevamtou logo sobre ella andando a hũa parte e a outra. Alegrando-se muyto. e damdo graças a deus e ao Samto padre Amtonio.

Milagre duum tirãno

XXX. Era huum barom poderosso. mais muy cruell tirano. o qual avia nome Exçelino de Roman. E fazia tirania en Padua e em nos lugares, que estavam arredor. E este tirano em no primcipio da sua tirania avia feito muy gramde matança de homeens. E o padre samto Amtonio o[u]vimdo dizer estas cousas em huum lugar que he dito Verona. propos de yr a elle sem medo personalmente E quamdo o viio começou de lhe dizer estas palavras Ó emmigo de deus tirano muy cruell. e perro raivosso. E quamdo çesarás de derramar o sang[u]e nom empeecivell dos christaãos. Sabe que a semtença de deus muy dura e espantossa verra sobre ty. E disse-lhe outras muytas cousas e muy asperas. E os salteadores e roubadores que estavam arredor com o tirano esperavam que o mandasse logo matar a samto Amtonio Segundo que elle tinha de costume mais por a ordenança de deus foy feito doutra maneira. Ca elle meesmo tirano a estas palavras do barom de deus. foy

[1] Deve ler-se *áquelle*, pois o codice latino diz : *et mox, ad ipsum perveniens.*
[2] No texto a palavra *aquelle* está repetida.

compungido e quitada toda crueldade de seu coraçom e feito asy como cordeiro muy mansso E lamçou huũa cimta ao colo e derribou-sse em terra deamte o barom de deus nom sem gramde maravilha dos que eram presemtes. E conheç[e]o e disse omildosamente sua culpa. prometendo em todo ẽmendar segundo que [1] a samto Amtonio mais prouguese E depois disse o tirano aos seus companheiros que estavam desto muyto maravilhados. baroões conpanheiros. nom vos maravilhedes por esto. Ca eu vos digo verdadeiramente que eu vy huum resprandor divinal sair da cara de aqueste padre. o qual asy de todo ponto me espamtou. que em vemdo eu penssey supitamente seer somerjudo em no profumdo do inferno E des emtonce ouve elle muy gramde devaçam em samto Antonio E mentre que samto Antonio viveo refreou aquelle tirano de fazer muytos males que amtes fazia segundo que elle mesmo o comfesava. E como o barom samto pregasse espresamente com ousadia comtra as crueldades do dito tirano provam [2] por emxemplo e per esperiemçia a dereitura e a justiça nom afroxada do barom de deus. (E) emviou-lhe este cavaleiro arteiramente huum presente per mãos de seus [3] servidores. Dizemdo-lhes presemtaredes esto omildosamente e devotamente da minha parte a frey Amtonio com mayor reveremcia que poderdes. E se(e) o receber matalo-edes logo Mais se elle com yndinaçom o engeitar sofreredes em paçiemçia todalas coussas que vos diser. nom lhe fazendo. alguum dapno. e tornade-vos aca. E aquelles ministros emganosos de aquele tirano apresemtarom-sse diamte de samto Antonio com toda reveremcia e diserom-lhe. O teu filho Excelino de Rroman se emcomenda em tuas oraçoões. supricamdo te que recebas este domzinho que te emvia por devaçam. E que rogues ao senhor por saude de sua alma. E samto Amtonio menos preçou todo o presemte. dizemdo baldoões aaqueles que lho traziam. E dizemdo outro sy. que ele nom queria tomar coussa alguũa das rapiinas dos homeens. Mais que todalas coussas delles fossem em perdiçam. E que se partissem de aly logo. porque a casa nom fosse emxugemtada por a presemça delles. E eles tornarom-sse comfondidos ao tirano. E como lhe comtassem a(a)s coussas que lhes aqueçerom com elle. dise omeem de deus he. leixade-o dizer. diga de aquy a diamte qual quer coussa que lhe aprouguer.

---

1 O copista por lapso pôs *o* em vez de *a*.

2 Vide *Anotações*.

3 O pergaminho foi raspado, e depois mão que parece diferente escreveu as palavras: *este cavaleiro até seus*.

Do pasamento do samto padre Antonio e dos años da sua vida quamtos forom.

XXXI. Depois como Samto Antonio ouvese fartado o poboo de Padua com o pasto da palavra de deus por toda aquela coreesma ataa a çimquoesma por que sse achegava o tempo de segar as meses pasou-sse daly a huum lugar apartado. que he dito o campo de sam Pedro por que em aquelle tempo. emtre meo das vagaçoões se desse mais proveitosamente a oraçom e ao estudo da samta escriptura E avia aly huum amigo espiciall dos fraires. Ho qual mantinha aos fraires das suas proprias despesas. E este recebeo a samto Amtonio com gramde devaçom. asy como se fosse anjo emviado de deus. E a pedimento seu fez fazer tres çelas em huum lugar de montanha. de ramos de muitas arvores. Em nas quaes cellas se desse mais folga[da]mente aa oraçom. e comtenplaçom. E outros dous companheiros seus baroões muy perfeitos. s. frey Lucas e frey Rogeiro. Mais depois de pouco tempo falecerom-lhe as forças do corpo. E por emde fezolhe [1] levar ao comvemto de Padua. Mais viimdo a elle muy muyta gemte o servo do senhor fogia aas taaes homrras e alegria. E por emde mudou-se de aly ao lugar dos fraires servidores em nos oficios devinaaes e sacramentos das donas pobres. as quaaes [2] moravam em huum moesteiro fora da cidade de Padua. E aly acrecemtando-lhe a emfirmidade depois que ouve dito palavras de hedificaçom e feitos sinaaes de devaçom Aquella alma muy Samta pasou de aqueste mumdo a deus padre. E forom todollos años de sua vida em esta guisa El viveo em casa de seu padre quinze años Em no moesteiro de sam Vicente que he na çidade de Lixboa dous anos. Em no moesteiro de samta Cruz de Coinbra nove años E depois mais em na hordem de sam Framcisco dez anos e muito esclareçido por milagres e por muitos sinaaes acabou bemaventuradamente.

Como disse o abade de Vercellos em huum seu livro. E de como se amavam anbos em deus.

XXXII. Em aqueles dias em que samto Antonio pasou de aquesta vida O muy famosso e muy emsinado em nas escripturas

1 Talvez lapso em vez de *sse*.
2 No texto está *quaees*.

Sabas abade de Vercelos. estava soo em sua camara ocupado e emtepto [1] em pensamentos de deus. Ao qual abade aviia seguido a [2] samto Antonio dementre que era vivo e lhe avia muy grande amoor. E muitas vegadas o huum com outro se apaçemtavam em nas falas das samtas escripturas. Onde aquele abade em huum seu livro diz asy de samto Antonio *Frater Antonius de ordene fratrum minorum de pure theollogie semsu mistico hausit plenissime ilustratus.*

Como samto Antonio quamdo moreo logo apareceo ao abade sobredito.

XXXIII. E estamdo este abade soo em sua morada segumda que he dito Em aquela ora em que o servo do senhor Amtonio finou. emtrou soo aaquele abade adomde estava e saudarom-sse huum ao outro E depois de aquela booa saudaçam. disse o samto barom Amtonio. Ex senhor abade que desamparando o meu asnilho me vou a pressa a terra. E tamgeo logo ao abade em na gargamta. adomde tinha emtam muy gramde emfirmidade. e logo. foy livrado della. e saindo fora desaparece-lhe. [3] E aquele abade comsirando que elle se ya aa terra domde nacera. comvem a saber a Espanha nom sabemdo nada de sua morte levamtou-se e saio fora. por que se al que nom que o fezesse deteer alguum tamto E nom no achamdo pregumtou aos servidores do moesteiro com que emcomtrava queixosamente que adomde estava frey Amtonio. Os quaaes [4] lhe responderom. que nom avia aly vimdo. E que elles nom sabiam domde estava. E elle afirmou fir[me]mente que elle o avia visto emtonce. e que lhe avia dito taaes e ataaes coussas. E que samto Amtonio o avia curado. e dera saão da infirmidade que tinha maravilhosamente E emviarom logo ao lugar dos fraires menores que estava aly ẽna villa a saber se por vemtura o aviam elles visto E nom achamdo novas delle. O abade pensamdo em seu coraçom emtendendo [5] certamente que o bemaventurado padre

---

1 Aqui o copista omitiu o til, devendo lerse *entento* (o *p* é puramente ortografico); o original latino diz *intentus*.

2 Está a mais esta particula, como se vê do texto primitivo que diz: *quem (abbatem) vir sanctus dum viveret et e contra dilectione praecipua fuerat prosecutus*.

3 Leia-se *desaparecẽ* ou *desapareceo*.

4 No texto *quaaes*.

5 V. *Anotações*.

santo Amtonio seer ydo bemavemturadamente. ao comvite da terra çelestiall por o partimento da morte E paramdo mentes deligemtemente ao tempo que esto acomtecera achou por verdade. que aquella ora em que lhe apareçeo. avia pasado de aquesta vida o dito bemavemturado samto Amtonio.

Como foy canonizado samto Amtonio pollo bem avemturado senhor papa Gregorio nono e do que sse aly acomteceo

XXXIV. Depois de aquelle dia em que o bemavemturado samto Amtonio pasou daquesta vida. Ho acatamento da façe do Senhor deus comthinoadamente emviou os rayos da sua claridade. E começarom-sse de fazer infimdos milagres e maravilhas e sinaes de maravilhar. As quaees coussas forom levadas aas orelhas do senhor papa Gregorio nono por misegeiros solenes dos da cidade de Padua. E o senhor papa feita a examinaçom. E avido sobre elle [1] madura delivraçam. e dia de çimquoesma com solenidade muy gramde. liidos primeiramente os milagres deamte a multidõe dos prelados. E do poboo aprovo-os [2] o senhor papa. E feito o sinall da cruz e em no nome da trimdade spreveo [2] ao bemavemturado padre samto Amtonio. em no martrilojo [3] dos samtos. Des o dia de sua morte. em no mes onzeno depois que finou E depois que foi cantado alta voz o *Te deum laudamus* solenemente. Começou o papa alta voz aquela antifaa. *O doctor optime et eclesie samte lumen.* A quall depois que foy camtada solenemente depois do versso. disse o papa muy devotamente a sua oraçom propia. E acabou a solenidade do seu canonizamento. Outro sy em aquel dia que elle foy canonizado todo o poboo da cidade de Lixboa. donde este glorioso samto Antonio era naçido. Se alegrava com muy grande solinidade. E empero nom sabiam a causa desta tal alegria. Ca nom sabiam que em aquelle dia se fazia a ca[no]nizazom. do padre samto Amtonio E ainda o que era coussa mais de maravilhar que as campas de aquela cidade nom a(a)s tangemdo nehuum. por sy meesmas elas se tamgiam. E pera que asy falle

---

1 Talvez por lapso o copista escrevesse *elle* em vez de *ello*, como pede o sentido.

2 Leia-se *aprovou* e *escreveo*

3 O original latino diz aqui *Catalogo sanctorum*, como adiante (§. LXVII) *Catalogo Beatorum.*

ellas com os seos soõs manifestavam a solenidade que se faziia do tam gramde padre Samto Antonyo. E a pouco tempo foy sabido que em aquelle meesmo dia. o bemavemturado padre. fora exalçado por a graça do canonizamento. pois asy he que a sobredita çidade esclareçia com os resplandores de tamtos milagres. Hedificou homrradamente ho altar mayor da igreja cathedral em onor de samto Amtonio. A festa do qual se celebra hy de cada huum anno solene por os sinaaes que se seguem etct.

Milagre que sse acomteceo em Lixboa cidade de Purtugall de huum moço.

XXXV. Em aquela cidade de Lixboa. huum moço por nome chamado Parusio. O quall era da linhagem e parantesco de samto Amtonio. foy sse aa ribeira do mar com outros companheiros. E posserom-sse em huũa barcazinha por maneira de espaçar. E foy logo aquela barquinha movida de hũa tempestade. E com o empuxamento arrevatado dos vemtos que faziam levamtou aas [1] ondas do mar e foy somergulhada em no mar aquella barcazinha. E os outros que aviam emtrado em ela com o moço. eram de mayor hidade. E por que sabiam a arte de nadar escaparom. E soo aquelle moço Parusio asy como pedra pesada ffoy logo fondido em no mar. e logo afogado. E ouvindo sua madre aquello. foi-sse aa ribeira do maar dando grandes vozes e choramdo. E rogou aos pescadores com gramdes rogos que lhe tiirasem com (a)as redes huum filho que lhe aly afogara o maar. por tall que o vise. E fezesse soterrar. E eles lamçando a(a)s redes em no maar percalçarom-no e tiraram-no fora e deram-no a sua madre triste. que estava desejossa de o veer. E os parentes e os amigos acudirom logo aly chorossos. e levarom logo o moço a casa de sua madre. E por tall que lamçassem fora a(a)s agoas que avia bebido. alçarom-lhe as pernas pera riba e volverom-lhe a cabeça abaixo. Mais elle nom avia em sy voz nem alguum sinal de vida. E como elles detriminasem comuummente de lhe dar sopultura o dia seguimte. Avemdo feuza sua madre em no Senhor e em no bemavemturado samto Amtonio. nom no comsentia em nehuũa guisa Mais chamava muy devota-

---

1 Talvez lapso por *levantarom-se as ondas*. O latim diz: *illico vero gravi tempestate suborta cum ipsis navicula fluctuantium ventorum impulsu rapido est submersa*.

mente com vozes a samto Amtonio. prometendo firmimente que se seu filho resuçitasse que ella o daria aa ordem. E ao terçeiro dia. veemdo todos os que eram presemtes. levamtou-se aquelle que era morto e reviveeo. Por o quall milagre todos derom muitos louvores a deus e a samto Amtonio. E a madre daquelle moço. nom olvidando o voto que fezera. quamdo o moço foy em mayor hidade livremente o deu aa hordem de sam Framçisco. O quall fazendo amtre os fraires comversaçom resplamdeçemte. comtou depois aos fraires a(a)s coussas maravilhosas que deus avia a elle feito por o bemavemturado samto Amtonio

Milagre das vides sequas que derom huvas e vinho novo

XXXVI. Como huũa vez falassem alguns sagraes amtre sy dos milagres dos samtos. E huum delles gabava muito os milagres de samto Amtonio. E comtando alguns delles. comtou o milagre do vaso de vidro. que por huum encreeo fora lamçado de alto de hũa fresta sobre huũas pedras nom se quebrando. E ouvindo esto huum de aquelles que aly estavam. tomou huum vasso de vidro em huũa maão e hũas vides sequas em na outra. E dise como fazemdo escarnho. Se samto Amtonio fezesse naçer destas vides huvas e que sse emchesse este vasso de mosto dellas. esto teria eu por milagre. E emtom eu creria aquelle milagre que tu nos diseste do vasso de vidro que nom quebrara E maravilhosa coussa de dizer que supitamente aquelas vides emverdeçerom. E elas forom afeitadas logo de folhas E depois naçerom as uuvas e amadureçerom [1] e exprimido o vinho dellas (E) o vasso do vidro foy de todo ponto cheeo. O quall milagre veendo aquelles que eram escarneçedores forom feitos louvadores dando graças a deus e a samto Amtonio.

Milagre. Como hũa filha del rey de Liam e de hũa Rainha purtuguesa resuçitou samto Amtonio.

XXXVII. A rainha de Liam avemdo gramde devaçam em samto Amtonio teemdo huũa filha de onze años finou-lhe. e ella comtra vomtade del rey e dos cavaleiros teve-a tres dias finada oramdo

[1] No texto *amoderecerom*.

e dizemdo. Oo samto Amtonio. Eu foy de tua terra. da tu a mim a minha filha. E repetindo esto muytas vezes com grande devaçom. levamtou-sse a filha e reprendeo a sua madre. dizemdo. Madre deus te perdooe ca como eu estevesse em gloria amtre as virges. tam aficadamente rogou samto Antonio ao senhor por os vossos rogos, que tornamdome a esta vida. me emviou a vos Mais sabede hũa cousa. que o senhor me prometeo. que nom estaria comvosco mais que quinze dias.

Milagre que huum homeem foy cego. que faziia asy cego por ercarnecer do samto Antonio.

XXXVIII. Como santo Amtonio resplandeçese em Padua por muytos milagres. Alguuns hereges querendo pregar pubricamente que aqueles milagres eram emfẽgidos e nom verdadeiros veerom a Padua. E poserom a hum delles sobre os olhos hũa tira de lenço tiingida em sangue. e atarom-lha E indo asy ao sepulcro de samto Amtonio clamavam com alta voz choramdo e dizemdo que aquele aviia estado çego injustamente. E por ende que rogavam ao poboo que supricassem todos a samto Amtonio que o alomeasse. E quamdo ouverom estado asy por espaço de hũa ora começou de chamar em alta voz aquelle que avia infingido ser çego. dizemdo. Samto Antonio me rrestetuio a vista. E emtam forom a elle os seus companheiros. E tirarom-lhe aquela tira de lenço tingida. que tinha deamte os olhos E que [1] diamte todo o poboo fezessem escarnho do milagre infingido. E quamdo lha tirarom diamte os olhos quedaromlhe anbos os olhos pegados em aquella vizma. E asy forom escarneçidos os que eram escarnaçedores Por a qual cousa eles espamtados e compongidos em no [2] coraçom confessarom pubricamente o engano E depois que ouverom devotamente feita oraçom. mereçeo aquele aver de samto Amtonio o lume dos olhos E todos o lume da fe.

Milagre de huum leprosso

XXXIX. Huum leprosso ouvimdo a fama dos milagres de santo Amtonio fezosse levar a Padua E emcomtrou em no caminho a hum cavaleiro herege. o quall detraya dos milagres de

[1] *e que* é tradução de *ut* (=para que) latim.

[2] No original *non*.

Samto Amtonio. E disse aaquele leprosso. Adomde vas misquinha. A tua lepra venha sobre mim. quamdo Antonio te poder livrar della. E o leprosso posso-sse com fiuza acerca do sepulcro de samto Amtonio e demandou-lhe devotamente a sua ajũda E elle adormecendo aparece-lhe [1] samto Amtonio. dizemdo-lhe. levamta-te a presa. por que ja es sãao da lepra. E vaay aquelle [2] cavaleiro que escarneceo dos meos milagres e [3] leva-lhe as tuas tavoletas. Por que elle podreçe com a tua lepra E levamtou-sse aquelle pobre saaom. F foy-sse aaquelle cavaleiro leprosso e disse-lhe. Samto Antonio me mandou que te tro[u]xese as minhas taboletas a ty leprosso. E aquelle cavaleiro foy compungido. e fez voto a samto Antonio que numca detraeria delles e foy logo curado da sua lepra.

Milagre de huum creligo

XL. Huũa vegada huuns homens de Padua esperavam em huum caminho a hum preste pera o matar Aos quaes pareceo visivelmente santo Amtonio dizemdo-lhes. Pera que estades vos aquy Partide-vos aginha Os quaaes lhe responderom Ó boom fraire anda e vai-te por tua carreira. por que nos nom nos partiremos de aqui. E elles diserom-lhe quem eras tu que a nos mandas taaes cousas E elle disse-lhes. Eu soom samto Amtonio. E eles espamtados cairom logo em terra. E samto Amtonio desapareceo e elles chegarom com mansidoem aaquele seu emmigo. e diserom-lhe a visom sobredita e fezerom com elle paz em na terra. A qual coussa foy publicada por a cidade.

Milagre

XLI. Huum cavaleiro foy chagado em huum braço em huũa peleja que ouve em maneira que lhe nom podiam po(o)er remedio em sua chaga nehuuns fisicos E fazemdo aquele cavaleiro voto a samto Amtonio foy logo sãao. Asy como de primeiro. Mais depois

---

[1] Leia-se *apareceo-lhe.*

[2] No texto lê-se de certo por lapso *vaay aqual*, pois o latim diz: *vade ad illum militem.*

[3] No texto *et.*

que foy curado. foy desagradecido da graça E pemsou que pois já era saão e gorido que se podia vingar muy bem Em essa noyte seguimte tornou-lhe samto Amtonio a emfermidade que avia. E asy o desagradecimento foy punido.

Milagre

XLII. Huum moço de Padua que avia nome Amrrique tinha inchado o pescoço em guisa que o atormentava fortemente E a madre de aquelle moço fez voto de levar ao sepulcro de samto Amtonio hum pescoç: da cera e logo o moço foy gorecido. E depois a madre nom comprindo o voto que prometera inchou outra vez ao moço o pescoço E foy atormentado com muy gramde door. E a madre doendo-sse em sua comciemcia da sua culpa e nigrigemcia. levou a samto Amtonio huum pescoço de cera. O qual lhe avia prometido. E logo o moço foy guareçido.

Millagre

XLIII. Huum abade tinha huum servidor fiell O quall estevera surdo e mudo XXV anos E aquelle abade avemdo compaxom de aquelle seu servidor, fez voto a samto Amtonio que sse elle restetuise [1] aquele seu servidor de seer são [2] que elle lho oferecería perpetuamente pera guardar o seu altar. E como ho ouve emviado ao seu sepulcro. logo ouve perfeita saude. E quedou aly guardamdo a igreja.

Millagre de huum sobrinho de samto Amtonio que foy resuçitado

XLIV. Em na çidade de Lixboa. huum filho de hũa irmãa de samto Antonio que averia çimquo anos. indo a folgar com outros moços. aa ribeira do mar emtrando em hũa barquazinha todos trestornou-sse a barqua e[os] outros sabendo nadar sairom-se a ribeira. E aquele moçinho nom sabia nadar que nom era de hidade

---

1 No original *resteuisse*.

2 Corresponde ao latim do original: *si ipsum sanitati restitueret*.

pera ello e afogou-sse. E depois de tres oras foy a madre de aquelle moço e tomou o filho morto que ho aviam tirado huuns pescadores E o padre quiria(a)-o emterrar. E a madre dizia. Ou me leixade com elle. Ou me emterrade com elle. e tornando-sse ella a samto Amtonio disse-lhe. Oo irmaão meu. E sse tu aos estranhos eras piadoso. por vem tura seras cruell a tua irmãa. Sey tu agora piadoso a mỹ e torna-me o meu filho. Ca eu te prometo de o dar a tua hordem ao serviço de deus. E logo se o moço levamtou saão e sallvo. E a madre comprindo o voto. o n oço perseverou e acabou samtamente em na hordem.

Millagre de huũa filha da Rainha dona Tarega de Purtugall

XLV. Como hũa vegada dona Aldonça filha da rrainha de Purtugall dona Tareija fosse agravada por tamanha infirmidade que desemparada ja dos fissicos. nom quedava algũa esperança da sua vida. E a rainha trabalhava sem alguum remedio de comsolaçom por a morte de sua filha omde tornamdo-sse a samto Amtonio demandava-lhe devotamente ha sua ajuda. dizemdo-lhe. Acorda-te ó padre muy samto. que tu deste regno foste nacido. Roga por mym ao senhor que outorgue saude a minha filha. E a sobredita sua filha dona Aldonça dormindo hum pouco a meea noyte vyo a samto Amtonio que lhe dizia. Por vemtura conheces-me. E dizemdo ella que o nom conhecia. dise-lhe elle. Eu sam samto Amtonio o quall viim a ty chamado polos rogos de tua madre. Onde esculhe tu hũa de duas coussas. ou pagar a divida da carne e perdoar-te o Senhor os teos pecados. E a pena que te he devida asy que seras oje commigo em paraysso. Ou se queres quedar ainda ca com tua madre Eu dar-te-ey logo saude. E ella escolheo amtes saude do corpo. E foy logo sãa E tomando em visom o cordam que trazia santo Amtonio. Começou de chamar aa madre dando vozes. e dizemdo Senhora ve aqui esta(r) [1] samto Amtonio O qual me a feito sãa. E forom dizer [2] a madre. E ella hindo a vella com duas donas acharom-na sãa. E derom todos graças a deus e a samto Amtonio.

---

[1] Diz o texto latino, *domina ecce hic est:* pelo que se vê que o copista escreveu *estar* em vez de *está.*

[2] No original *diger.*

Milagre de huum homeem que desejava de aver filhos e era cassado

XLVI. Huum barom nobre ouvindo dizer os milagres que fazia santo Amtonio Como elle nom podesse aveer jeraçom foi-sse ao sepulcro de samto Amtonio E fez voto a samto Amtonio. que sse elle ganhasse de deus graça. que elle ouvesse geeraçom. que elle visitaria em cada hum ano a sua sepultura. com aquela geeraçom. E tornando-sse a sua casa. comcebeo sua molher. E pario hum filho com saude. E como o moço fosse de hidade de sete annos ouve infirmidade. e o padre leixou-o emfermo em sua casa e foy o dia de samto Amtonio a comprir o voto que avia prometido. E emquanto elle foy a comprir sua romaria comvaleceo o moço E andando jugando com outros nove moços. em no canall de huum rio. E as agoas de aquele ryo estavam reteudas em huum canall çarrado pera regar as meses. Assy que o lugar omde os moços andavam estava sequo. E acomteceo que sse abrio o canall donde as aguas estavam represadas. E correrom as aguas com arrevatamento. e tomarom todos os dez moços. E forom ally afogados so(o) agua. Dos quaes tam solamente forom achados dous e emterrarom-nos. E o dito moço com outros sete nom se poderom achar. E viimdo o padre do moço de Padua de comprir seu voto. Saio a recebello huum seu irmaão com outros seus amigos. E o padre demandou-lhe logo cõmo hia a seu filho. E elles nom no querendo anojar. diserom-lhe que seu filho andava jugando com outros moços. E des que veeo a sua cassa preguntou muitas vezes por o filho mais elles emcobriam-lhe a verdade. E elle lhes dise Eu nom comerey oye. nem beverey ataa que veja a meu filho. E elles diserom-lhe logo a verdade. E emtom o padre anojado de tristeza. jurou que nom comeria nem beberia numca. Ataa que samto Antonio lhe tornasse seu filho E ainda nom avia elle acabado. bem de dizer a(a)s palavras. Ex que chegou seu filho diamte de todos. com os outros nove moços que forom afogados com elle E por os rogos de samto Amtonio. forom resuçitados. Por a qual coussa foy aly feita gramde alegria e prazer que sse nom podia comtar. E derom todos graças a deus e a samto Amtonio com altas vozes.

Millagre de huña dona purtuguessa que tinha hũa moça camareira e era diaboo em fegura de molher. e do que sse sobrelo acomteceo.

XLVII. Foy em huum lugar de Purtugall que sse chama Linhares. huũa dona Senhora de aquelle lugar muy poderosa. A quall avia nome Lupa. A quall tinha huum demonio por sua camareira em semelhamça de molher. A quall dona por amoestamento do diabo era muyto cruell e caya em muy desvairados crimes e pecados. Pera que falarey das maas coussas. Esta dona avia espiciall devaçon em sam Framcisco e em samto Amtonio. E ouve hũa emfirmidade da qual morreo. E em memtre que estava asy emferma. por a gramdeza dos seus pecados estava dese[s]perada e nom curava de saude de sua alma nem se quiria confessar. ainda que lho diziam e requeriam. E como ella estevesse assy triste e desemparada. Ex que emtrarom dous fraires menores adomde ela estava comfortando-a e emduzindo-a a sse comfessar e a penitencia. E ella nom no quis fazer. Dizemdo que avia cometidos tamtos pecados. que por muita penitencia que ella fezesse. deus nom se abaixaria a aver della misericordia. E o fraire que parecia mais amtigo. disse. Se vos me quiserdes confessar vossos pecados. Eu tomo sobre mim todas as carregas delles. E eu vos faço par(e)ceira [1] de todollos meus beens E por vertude da paxom do senhor vos prometo a vida perduravell E aquella dona ouvindo aquelas palavras. foy mudada em milhor e foy mudada a penitencia. E de loba que era foy tornada cordeira e doeo-sse dos pecados. e confessou-sse delles com muytas lagrimas. E depois ella meesma demandóu com devaçom o avito dos fraires menores. E recebemdo-o das maãos de aquelles fraires acabou ẽno Senhor bemavemturadamente e morreo. E logo desaparecerom aquelles fraires. E todos os que aly estavam. pensarom e nom sem caussa que eram. sam Framcisquo e santo Antonio. Dos quaes ella tanto devota era e os chamava continoadamente. em sua ajuda. E ho seu corpo foy emterrado em no convemto da Guarda. E depois de alguum tempo acomteceo huũa noite que hia huum armeiro ao lugar de Linhares homde a dita dona se finara. E ouvya huũa voz como de molher

1 Este lapso do copista, talvez seja devido a confusão com *parcer*, mas tambem poderá representar pronuncia popular a grafia acima: cf. *letera* (neste texto) *maramelo, marafim* pop. etc.

que dizia com voz e lagrimas. Oo mizquinha maao serviço fiz. e quatorze [1] anos trabalhey em vaão. E o armeiro foy todo espamtado. Mais torvou-sse em sy meesmo. e asinou-sse com o sinall da cruz e esforçado em no Senhor disse. Eu te comjuro por Jesu Christo que me digas quem eras e por[que] choras. E ella respomdeo. Eu som diabo. o qual servy quatorze [1] años. em semelhamça de molher em muitos pecados. a dona Lupa. A quall finou este outro dia. A quall eu servia por tall que depois de sua morte. por os desmerecimemtos das suas culpas a levasse commigo ao inferno Mais agora ao seu finamento vierom dous emcapelados fraires menores aos quaaes ella de primeiro avia amado. E inclinarom-na a penitencia. E roubando sua allma de meu poderio levarom-na comsigo aos prazeres do çeeo. E esto sera sinall pera que saibas que eu te digo verdade que quamdo. fores em Linhares homde ella finou. ouvirás clamor em no poboo e que [2] huum ferreiro matou a sua molher e tomarllo-am e Emforcarllo-am E eu que foy causa de aquela morte levarey aos imfernos as almas delles. tambem a da molher como a do marido. E asy que por huũa alma que perdy ganhey aly duas E ouvidas estas palavras foy-sse o armeiro. e quamdo foy em Linhares achou emforcado o ferreiro que avia morta a sua molher. E disse elle a todos aquellas coussas que elle aviia ouvido.

Nota huum milagre maravilhoso que acomteceo em Samtarem.

XLVIII. Em no reino de Purtugall em no tempo del rey dom Denis era huũa molher muy pecador asonbrada do diaboo. E levavana [3] com gramde devaçom, a samto Amtoniio Ca era tentada que sse matasse E parece-lhe [4] a ella que [5] Jesu Cristo falava a ela em no seu coraçom espirando-lhe que se matasse. E que lhe dizia. O mizquinha tu fezeste comtra mim tamtas maldades que se por vemtura tu nom te matares nom te poderás salvar. E como o diabo a avivasse muito de demtro moestando-lhe estas

---

[1] No texto *quatroze*, que me não parece representar pronuncia popular, antes o tenho por lapso do copista sob influencia de *quatro*.

[2] *Audies rumores in populo quod* — diz o original.

[3] Leia-se *levavã-na* ou *levavam-na*.

[4] Entenda-se *pareceu-lhe*, no entanto o texto latino tem *videbatur*.

[5] Este *que* está entre linhas.

cousas e outras semelhamtes. queremdo-a atormentar de fora aparece-lhe [1] em semelhamça da omanidade de Jesu Christo dizemdo-lhe. Em som aquelle ao qual tu tamto ofendeste. Empero se te fores ao rio que chamam Tejo. e te lamçam em elle por tuas culpas satisfazer Eu te perdoarey todos teus pecados e te darey a gloria perduravell E como lhe ouvesse ditas estas coussas aparecemdo-lhe espressamente. Acomteceu huũa vegada que seu marido a chamou demoninhada. E ella sanhuda e escarnecida por ello. hia-sse huum dia aa ora de terça ao rio que chamam Tejo a comprir o engano do diabo e afogar-sse em elle. E pasamdo por a igreja dos fraires menores emtrou demtro por que sse emcomendasse a samto Amtonio. cuja festa era aquele dia. E derribada amte o altar em na capella de samto Antonio. fez oraçom com lagrimas dizemdo. O samto Amtonio eu ouve sempre feuza em ty. soprico aa tua benidade. que tenhas por bem de me revelar se praz adeus que eu me afogue em no rio. ou se o devo leixar de todo em todo. E em mentre que ela asy orava adormeceo-sse docemente. E apareceo-lhe samto Amtonio dizendo-lhe Levamta-te molher e guarda esta cedula. com a qual receberás saude. da torvaçam do diaboo. E levantou-sse a molher do sono. achou ao collo hũa carta de purgaminho em na quall estava sprito [2] de leteras de ouro. estas cousas que se seguem. *Ecce crucem domini. fugite partes adverse. vicit leo de tribu Juda. Radix. david. alleluya alleluia.* E des emtonce partio-sse aquella teemtaçom. E em mentre que ella teve aquella carta nom na atormentou nem comtorvo [3] o diabo. Mais el rey dom Dinis ouvindo dizer estas coussas. que as comtava o marido. ouve a sobredita cedula. E logo o diaboo se levamtou outra vegada contra aquella molher E o marido avemdo compaxom de sua molher. como nom podesse aveer a dita cedula. rogou aos fraires menores que demandassem a el rey o trelado da dita cedula. E elles forom a el rey e deu-lhes o trelado della. E como a [4] derom a molher. logo foy livrada do tormento e torvaçom do diaboo. Asy como da cedula primcipal. E ella confessou-sse com contriçom e lagrimas devotamente e tornou-se de todo em todo ao senhor. E por vinte anos

---

1 Veja-se nota 4 da pagina anterior.

2 Leia-se escrito.

3 Está por *comtorvõ* ou *contorvou*.

4 Devia estar *o* referido a *trelado*; se não foi lapso, deve entender-se que o copista tinha em mente a *cedula*.

viveo em samta comversaçom e acabou em paz os seus dias. E el rey dom Dinis pos aquela carta. amtre as suas reliquias. com a qual ao chamamento de samto Antonio forom feitos muitos milagres.

Milagre que aconteceo em Serpa villa de Portugall. e do que sse hi pasou.

XLIX. Em huum lugar do reino de Purtugall que he chamado Serpa avia huũa molher que sse chamava Sarra. a quall avia singular devaçom aos bemavemturados samto Antonio e sam Framçisco e o marido della era esquivo e maao. o quall leixando sua molher fazia sua vida com mancebas E nom solamente esto. mais ainda feria-a muitas vezes e atormentava-a de muitas guisas. Por a qual cousa tamto creçeo a tristeza de sua molher que desesperada. deliberou de acabar sua vida. e de sse emforcar pera escapar de tamtas angustias. quamtas lhe o marido fazia. E como hũa noite nom seemdo presente o marido. e dormindo ja os outros de sua cassa ella ouvesse posta a corda em sua camara E em no cabo um laço. o qual querendo lamçar ao colo. Por amoestaçam do diaboo. chegarom com grande clamor dous frades [1] aa porta de sua cassa. Emtom aquela dona escomdeo logo a corda e foy veer quem a chamava E quamdo abrio a porta vio dous fraires menores. Os quaes lhe rogarom omildosamente que os recebesse demtro em sua casa aquela noyte por amor de deos. E a dona preguntou-lhes domde eram e como aviam nome. Os quaaes responderom que eram de longas terras. E que a huum chamavam Framcisco e a outro Amtonio. E emtam disse-lhes ella emtrade por amor de samto Amtonio e de sam Framcisco. dos quaaes eu foy sempre devota. E posso-lhes a mesa. E em mentre que elles comiam refezerom a(a) dona com samtos sermoões por os quaaes ella mudada em bom proposito. propos por reverencia delles de nom se emforcar aquella noite como tinha hordenado e lho avia comselhado o emmigo da linhagem umanall. E os fraires emtramdo a camara que lhe avia hordenada em que dormissem ella foy-sse pera sua camara. E em aquella [2] ora aquelles meesmos

---

[1] As palavras *dous frades* estão entre linhas e foram introduzidas posteriormente. V. *Anotações*.

[2] O texto tem: *em a quall;* o original latino diz: *Et eadem hora ..*

fraires aparecerom em sonhos ao marido de aquela dona dizendo-lhe. Nos somos sam Framcisco e samto Amtonio. E somos enviados de deus a ti denociar-te.[1] que sse te nom partes da tua maa carreira e leixares as mancebas e nom te achegares a tua molher soo a qual he nossa devota. que depois de tres dias. que tu moreras e seras metido em no fogo do inferno. Ca a tua molher he atribulada por os teus trabalhos e tristuras que lhe das. E esta noyte se ouvera de emforcar se nos nom foramos a sua p[o]usada. Pois vaay tu a ella E por sinall demanda-lhe a corda com a quall se quiria enforcar E o homeem espertado e espamtado subitamente ouve comtriçom dos pecados E em na manhãa levantou-sse. e veeo a sua cassa. E levamtou-sse sua molher. e nom achamdo os fraires achou o leito asy como se nom dormirom em elle nehuũs. e estava desto maravilhada e nom sem merecimento. Ca nom podia pensar por homde aviam saidos. como todas as portas estevessem çarradas. E emtam sobrevimdo o marido salvou benignamente a sua molher. E disse-lhe. O amiga omde esta a corda. com a qual te quyseste esta noyte afogar. E ela estando mudada por aquello que lhe dizia. disse-lhe elle. Eu sey bem quamta graça fezerom a ty e a mym sam Francisco e santo Amtonio. Ca livrarom a ty e a mim da morte do corpo e dalma Aos quaaes tu recebeste em esta cassa. esta noyte pasada. E ela comfesou-lhe logo a verdade E el descobrio-lhe logo a visom que ouvera E demandou perdom a sua molher omildosamente. E viverom depois lomgamente em toda caridade e comcordia. cheeos dos exercicios das vertudes[2] e davam graças a deus e a sam Francisco e a samto Amtonio. por os beens que lhe aviam feitos.

De huum milagre que acomteceo em Torres Novas vila de Purtugall.

L. Em no reino de Purtugall acerca de hũa vila. que he chamada Torres Novas em no bairo d'Elbrom avia hũa molher cassada E acomteceo que esta molher hia a moer trigo em na festa de ssamto Antonio com outra moça de aquelle bairo de Elbrom. a dita villa de Torres Novas. E como cheguessem já a cerca. levamtou-se hum vento rijo e dava ẽno rosto a molher em tal guisa que

---

[1] Parece que deve ler-se: *denonciar-te*, isto é, que ao copista escapou pôr o til indicativo da nasal, o que é muito frequente.

[2] O copista por lapso escreveu *vertudas*.

a derribou em terra. e esso meesmo huum saquo de trigo que levava em na cabeça pera moer. caio em terra E ella cayo boca ariba. [1] E parou-sse davamte della. huum mancebo fremosso de cara. O quall arrevatando a alma de aquela molher e levamdo-a comsigo. levou-a primeiro por hũa carreira muy ancha. ataa que chegarom a huum poço. muy espamtoso e trevoso muyto. do quall poço pareciam sair chamas espamtosas. e sobiam ata o ceeo. Outro sy saia delle fumo muy espersso negro e fedoremto E ouviam os clamores e rogidos que saiam de demtro de aquelle poço. E catou aquella molher com medo demtro no poço. E vio desvairadas maneiras de omeens. segundo os oficios diverssos em que aviiam pecado. que os atormentavam desvairadamente os demoneos. E os mercadores emganossos tinham aos collos bolsas emcendidas de fogo. E os usureiros eram çevados dos demonyos com pecunia ardendo. [2] E os roubadores e omeçidas e os adulteros e as falssas testemunhas E todollos outros pecadores eram atormentados com as penas competentes [3] a cada huum. E emtam pregumtou ella aquele mancebo que a guiava que lugar era aquelle E elle respomdeo-lhe que era infernall. E ainda o que he coussa muy muito de maravilhar. que vio alli muitos que eram ainda vivos em este mundo e estavam deputados pera aquelles lugares de penas os quaaes andavam em na companhia dos demonyos. Os quaes eram de Lixboa e de Samtarem e nomeava-os per seos nomes. Empero que ella nom aviia estado em aquelles lugares. E nom parecia [4] coussa nom de creer. se em na vissom lhe eram demostradas as cousas por viir assy como as presemtes. E depois desto. foy aquella molher levada a huum lugar deleitosso e graciosso. pimtado com deversydade de fermosura de hervas e de arvores. E afeitado com todas geerações de fruitos e de flores Em meo daquelle lugar vio hũa teemda posta muy branca e de maravilhosa fremosura. Da qual saiam huuns homeens muy resplandecemtes. homrradamente vistidos. e tragiam coroas em nas cabeças E andavam como em presiçom [5] dous e dous. E emfim estava huum asy como esposso

---

1 O tradutor verteu aqui por *boca arriba* o *resupinam* do original que antes (no §. XIX) traduzira por *paparriba*.

2 Como o texto latino fala de *pecunia ardenti*, talvez o copista por lapso escrevesse *ardendo* em vez de *ardente*.

3 O texto tem *compotentes*.

4 Talvez descuido do copista em vez de *pareça*, como pede o sentido e tem o original latino que diz *videatur*.

5 Corresponde ao latim *processionaliter*.

afeitado e afermosemtado com maravilhosso apostamento. Ao quall parecia seer dada toda homrra de aquella precissom. E o mancebo foy preguntado de aquella molher que lugar era aquelle e que homeens eram aqueles Os quaaes ella via andar con tam nobres apostamentos e com tam fermosa hordem. E respomdeo-lhe o mancebo que aquelle lugar era a folgamça das almas e que todos aquelles eram os que eram salvos. E que aquelle pustumeiro que hia com tam gramde apostamento era samto Amtonio. A festa do quall omrravam aly asy como em na terra E que ẽnos ceeos semelhavellmente e com maior excelemcia solenizavam os samtos e faziam grandes solepnidades huuns em nas festas dos outros. E disse mais o mancebo aquella molher. Sabe que por ysso eras tu ca trazida e te som demostradas estas coussas Por que te abstenhas de fazer obras e serviços ẽnas festas dos samtos E faças e des aos samtos devida reveremcia. Mayormente leixamdo de fazer maas obras. E em mentre que aquella alma de aquella molher era asy levada. foy trazido o seu corpo por o poboo ao dito lugar de Torres Novas pera o emterrarem. ca de todo pomto parecia morto. E em mentre que aderençavam o lugar da sepultura. levamtou-sse aquella molher. Vendo-o todos e maravilhosamente estavam todos espamtados. E ella começou a dizer. diamte quamtos hy estavam o que vira e ouvira [1] e depois a outros muytos o disse [1] e diamte de mym o contou [1] que esprevi [2] estas coussas. E a hordem da dita visom.

Milagre de como huuns ladrões fezerom pendemça pola pregaçom de samto Amtonio

LI. A cerca do año do senhor de mill e duzemtos e oytemta e dous annos. huum omeem muy velho comtou e disse a huum fraire menor que elle avia visto a samto Amtonio. E que elle aviia sido ladram e roubador. E decomto [2] de vinte e dous ladrões que moravam em nos montes pera roubar e esp[r]eitar a quaaes quer caminheiros E que elles todos ouvindo a fama de samto Amtonio da sua pregaçom diserom todos em huum. Vaamos-nos huum dia em abito nom conhecido a ouvir a sua pregaçom. Ca elles nom podiam creer aos que lho diziam que a palavra de samto Amtonio

---

1 As expressões *o que vira e ouvira o disse* e *o contou* são doutra mão e achão-se intercaladas.

2 Deve ler-se respectivamente *escrevi*, *decomtou*.

era de tamto aficamento que parecia arder asy como a facha do outro Helias. E huum dia estamdo elle pregamdo. vierom elles aly E quamdo ouvirom alguum tanto das suas palavras. emcemdidos começarom de aver comtriçom e conpunçom de seus pecados. E acabado o sermom forom compu[n]gidos dos seus pecados e traiçoões. E forom ao padre samto Amtonio que os ouvisse de comfissom. E elle ouvindos [1] per hordem. e ouvesse [2] ja posto a cada huum delles penitencia saudavell disse-lhe amtre as outras cousas. que em nehuũa maneira. nom tornassem a fazer os males que atee aly aviam feitos e costumado de fazer. Prometemdo aos que a ello nom tornassem os prazeres perduravees. E aos que a eles tornassem os tormentos sem comparaçom. E dizia aquelle velho. que alguuns daquelles que tornarom aos males que aviam acostumado (e) que acabarom sua vida de hy a pouco em tormentos muy graves segundo que lhes amtes avia dito samto Amtonio. E os outros que nom tornarom que folgarom em paz em suas cassas E dizia este velho que samto Amtonio lhe mandara a elle em penitencia que vissitasse doze vezes as moradas dos apostollicos. [3] E quamdo aquelle velho dizia estas coussas ao fraire. tornava ja de Roma a dozena vez E dizia estas coussas com lagrimas esperamdo de ganhar os prazeres da vida perduravell. por o cursso deste tal caminho segundo o promitimento de samto Amtonio.

Milagre de huum servo das monjas de Padua

LII. Huum comversso dos monjas de Padua de hidade de vimte e cimquo años desde sua nacemça era surdo e mudo. E tinha huum pouco a lingua saida da garganta e muy pequena e retorcida a semelhança de vide de [4] .... A qual parecia aos que a viiam que era seca e emverrugada. E foy duas vegadas emduzido por vissom esprituall. que se tornasse com todo coraçom a demandar a ajuda de samto Amtonio. O qual asy como era rudo e bestiall nom sabeemdo o que sinificava a visom buscava a samto

[1] Está por *ouvindo-os*.

[2] Por descuido foi omitida a particula *como* antes de *ouvesse*, parecendo que o tradutor, que principiara por traduzir por gerundio a oração latina de *cum*, se cingira por fim a esta construção.

[3] Vide *Anotações*.

[4] Vide *Anotações*.

Amtonio. primeiramente por casas e depois por as praças. E a terceira vegada foy amoestado semelhavelmente por aquela visom. E veeo a igreja de samto Amtonio. com a devaçom que pode. E esteve aly de noyte demandando fervemtemente a ajuda do santo E depois da nona hora. subitamente foi cercado de hũa luz divinall e ouve em todo o corpo gramde suor. E começou de sintir gramde movimento ẽna cobeça. e em nos nembros E finalmente a sua lingua foy tornada a devida quamtidade e recebeo o beneficio do falar e do ouvir Ca logo abrio [1] a sua boca bemdicia a deus. E ao bemavemturado samto Amtonio polla (a)ajuda tam gramde que lhe avia ffeita. E o que era de maravilhar que ainda que elle falava com nova lingoa e nom emsinada em alguũa linguagem. empero compridamente. o emtendiam Ca nom sabia senom alguuns poucos vocabullos. que lhe forom divinalmente. inspirados pera o usso do falar as coussas necesarias. E falava e dizia o que nom avia aprendido dos homeens. maravilhando-sse todos os que (o) sabiam que era surdo e mudo de des que nacera. [2] E aa novidade deste milagre vierom os omeens e as molheres do poboo aaquelle mancebo que chamavam Pedro. E por razom do millagre diserom que lhe chamassem Amtonio.

Millagre de huum homeem de Padua a que os demonios tirarom a lingua e os olhos E o quiserom matar

LIII. Huum homeem de acerca de Padua, queremdo saber por os demonios alguũas coussas escomdidas poso-sse hũa noite em no cerco dos emcamtamentos com huum creligo. o qual sabia chamar os demonios por arte magica. E como elles estevessem demtro do cerco. E o dito creligo chamasse aos demonios veerom os demonios com grande rebolicio [3] e rogido E aquelle homem foy espamtado. e como nom soubesse que respomder alguũa coussa aos demonios. Arramcarom-lhe elles supitamente a lingoa e sacarom-lhe os olhos E quamdo abria a gargamta nom lhe parecia nehum sinall de lingoa. E em no lugar donde primeiramente soya de ter os olhos estava huũa gramde cavadura e fumda. E como elle

[1] Parece estar por *abrindo*.

[2] Parece que o tradutor querendo primeiro verter por *de nacença*, acabou por formar uma oração.

[3] No texto *debolicio*.

fosse atormentado com door do coraçom. por a culpa e com a pena e nom podesse comfessar o pecado tornou-sse de todo pomto a chamar a ajuda de samto Amtonio E como ouvesse estado oramdo no comvemto muytos dias e muytas noytes [1] E huũa vegada camtassem os fraires em na misa *Benedictus quy venit in nomine domini.* E o sacerdote alçasse o corpo do senhor, forom restituidos olhos novos aa sua cara. E ajuntarom-sse muy muytos a este millagre tam gramde. E oramdo com elle todos de comsuum. rogavam que aquell que [2] por os mericimentos de samto Amtonio. lhe avia restituidos os olhos. Teveese por bem de lhe tornar a lingua E quamdo em no coro acabavam de cantar os fraires. *Agnus dey dona nobis. pacem.* restituiolhe logo deus a lingoa e a fala. com a quall louvava a deus e gramdes maravilhas do bemavemturado samto Amtonio.

Millagre de huum fra(i)de mudo o qual foy curado per samto Amtonio

LIV. Huum frade naturall de Parma que avia nome Bernaldim. esteve dous meeses mudo. E por a gramde emfirmidade avia viimdo a tamta fraqueza de esprito que candea que lhe achegavam ao sopro nom podia apagar. E ainda que por os fisicos mais sabios de Lonbardia lhe aviam posto nove vegadas huum ferro fervemte. em na gargamta e huũa em na cabeça por o sarem. numca dello pode aveer nehuum remedio. Mais ante lhe crecia mais a infirmidade. E veemdo parecer claramente o peligro de seu afogamento levarom-no a Padua a samto Amtonio E derribado em terra amte o seu sopulcro [3] demandava devotamente a sua ajuda. Estamdo aly começou logo de cospir e de ffolegar fortememte. pero ainda estava mudo. E comtinoando a oraçom com outros muytos fraires e poboos que aly estavam presemtes. por razom da festa e por razom do millagre supitamente lançou huũa materia e venino. e cobrou logo a falla e comprida saude. E começarom de dizer em louvor de deus e de samto Amtonio. o menistro. e outros muytos fraires. os quaes aviam vindo ao milagre com gramdes vozes alegres a *salve regina.*

---

1 No texto *noytas.*

2 Este *que* está entre linhas e parece de mão posterior.

3 No texto *sapulcro*. Vide adiante *sopulcro* e *sepulcro.*

Milagre de huum minino que sse afogou em huũa gamela dagua

LV. Huum moço de vimte messes que avia nome Thomasim o padre e a madre delle moravam em Padua a cabo da igreja de samto Amtonio. foy leixado sem garda a cabo de huũa bacia dagoa. E quamdo sua madre tornou a sua casa. veemdo os pees do menino alguum tamto que se parecia fora dagua achegou-sse mais acerca. E vio a cabeça de seu filho que estava metida em na agua afogado e os pees pera riba. E ella com gramdes gritos tirou-o finado e frio. E choramdo e damdo clamores, ajumtou-sse logo aly toda a vizinhamça E vierom muytos homeens e molheres. E aimda vierom alguuns dos fraires que amdavam com obreiros repairamdo alguũas coussas em na ygreja de samto Amtonio. E veemdo o moço de todo pomto finado ouverom compaixom [1] das lagrimas e dolores de sua madre E a madre tornamdo-sse aos merecimemtos de samto Amtonio demandou com clamor a sua ajuda. E prometeo que daria aos pobres outro tamto quamto pesasse o moço de trigo. Se samto Amtonio lho resuçitasse damtre os mortos. E a cabo de pouco levamtou-sse o moço vivo e derom-no a sua madre. E ella e todollos outros derom graças a deus e a santo Amtonio.

Milagre de huũa molher emferma de huũa grave emfirmidade

LVI. Huũa molher do bispado de Fornelles que avia nome Beatriz avia padecida dez anos huũa emfirmidade peligrosa a quall he chamada nacta ou lumbenilho tamanho como o punho. E tinha arreigada eno cranho da cabeça. A quall molher como nom podesse achar remedio em no emgenho dos fisicos sabedores Começou a demandar muy devotamente a ajuda de samto Amtonio prometemdo que se [2] lhe elle desse. Saude que ella cercaria o seu altar derrador de fio de prata. E em aquella meesma noyte estamdo

[1] A ultima parte da palavra foi raspada e sobre ella escreveram *ixom*; é provavel que a primitiva fosse *compaxom*.

[2] A palavra *se* acha-se entre linhas e parece de mão diferente.

ella dormindo aparece-lhe [1] samto Amtonio. E segumdo que a ella parecia partialhe aquella inchadura em quatro partes muy mansamente. nom semtindo ella nehuũa door. Mais amtes avemdo prazer em ello. E asy lhe deu comprida saude. Espois desaparece-lhe [2] a vissom. Mais nom desapareceo a vertude do samto E a cabo de pouco segundo que a vissom lhe avia demostrada partio-sse a inchadura em quatro partes e saio della gramde pudridom de materia. E ficou a cabeça saã e chaã. A quall dizia os milagres de samto Amtonio. veeo a Padua segundo que avia prometido e cercou derrador com fiio de prata a sopultura de samto Antonio.

Milagre

LVII. Huum fraire da Provemcia de Romania que avia nome Canibo era trabalhado de huũa quebradura [3] avorrecivell que [por] a rompedura se lhe sayam os companhões [3] abaixo E nom embargamte que tinha posto en redor hũa funda [3] de ferro. nom avia remedio. E semdo elle asy agravado veeo a Padua o dia de samto Amtonio. Por que lhe demostrasse e demandasse a ajuda sua. E empero com a multidom dos enfermos que eram aly vimdos por aver saude de suas infirmidades nom sse pode achegar aquelle fraire aas colũpnas [4] do sopulcro [5] do samto. Pero tamgeo com a maão ao sepulcro. E depois chegou com a maão aos stemtivos que se lhe cayam. com gramde feuza que ouve em no samto. E foy coussa de maravilhar. Ca logo os stentivos se tornarom a seu proprio lugar E aquella rompedura. por domde caiam em na quall estava nom pequena abretura. asy foy soldada e çarrada. que segundo que diz aquell fraire. que nom estava em na sua fronte parte mais firme que o lugar da dita abertura. Honde depois saltava aquelle fraire. e dizia os louvores de samto Antonio. E que nom avia muyto tempo que elle podera fazer aquelas coussas.

[1] Deve estar por *apareceo-lhe*.

[2] Entenda-se *desapareceo-lhe*.

[3] As palavras *quebradura*, *companhões* e *funda* provem de mão diferente e parece terem substituido outras, porquanto os lugares em que se achão foram raspados.

[4] Sobre *colupnas* mão posterior pôs um til no *u*.

[5] Assim se tinha escrito primeiramente, mas depois outra mão emendou o *o* da sillaba *so* em *se*.

Milagre

LVIII. Em no ano do senhor de mill e trezemtos e sasemta e sete años. O nobre Eduarte primcipe de Aquitania [1] ajumtava grande cavalaria de homeens armados em ajuda del rey dom Pedro de Castella o qual fora lamçado e corrido do regno. por dom Amrrique. nom legitimo seu irmaão. E foy dado mandamento da parte do dito senhor primcipe a huum fissico celurgiaão que era chamado mestre Pedro pera que fosse com o dito primcipe. por que sse porvemtura alguuns fossem chagados que os curasse. O quall mandamento por muytas coussas foy muy grave e amargosso ao dito mestre Pedro. Pero veemdo afirmada em ello a vomtade do dito primcipe nom ousava comtradizer E como elle ouvese espiciall devaçom em samto Amtonio chegou com devaçom ao comvento dos fraires menores de Bordeeos. [2] E a seu rogo celebrou huum fraire misa de samto Antonio em huũa capella. adonde estava emtalhada a imagem de samto Amtonio de madeiro. E como elle ouvisse aquella misa com devaçom. paramdo mentes aa [3] imagem do samto fez oraçom com fervor. que sse o dito caminho nom era proveitosso a sua alma. que samto Amtonio misericordiosamente lho destrovasse. E que sse era proveito de sua alma(a) que elle emcrinase [4] a ello a vomtade do oramte E certamemte foy coussa maravilhossa de dizer. que dizemdo elle estas coussas. paramdo mentes aa imageem. vio que ella movia a cabeça a huũa parte e aa outra. a maneira de homeem que faz sinall. que nega algũa coussa. E aquelle meestre Pedro foy muyto maravilhado. E pensamdo por vemtura que aquello que era verdade lhe parecia emgano E que lhe vinha pola gramde maginhaçom. e por famosidade da cabeça recolheo em sy todallas forças de demtro e aguoou [5] o acatamento. E mirando a ymagem firmamente tornou outra vegada a fazer a sobredita oraçom. E vemdo elle claramente a ymageem como negando alguũa cousa. movida a cabeça a huũa parte e aa outra. E

---

1 No texto *Oquitania*, mas noutro lugar *Aquitania*.

2 Parte da palavra foi raspada, vendo-se perfeitamente que a antiga grafia foi corrigida.

3 Um dos *aa* está entre linhas, e parece ser de mão diferente.

4 No original está escrito *emclrinase*, o que revela bem que o escriba começando a escrever cl; por influencia literaria, terminou pela forma acima.

5 Vide *Anotações*.

aquelle solirgiom depois que foy dita a missa foy-sse dalv maravilhamdo-sse. nom sabemdo que coussa senificava [1] aquela tall fegura se era proveito de sua alma de hir com aquelle primcipe ou quedar E com esto foy-sse pera sua cassa. E acabo de pouco. veeo a elle hum mesegeiro da parte do senhor primcepe. pera que fosse logo sem tardamça. E elle foy logo a cassa do dito Senhor. ao qual emcomtrou (a)o [2] mariscal e disse-lhe Estades aparelhado vos. pera hir contra Espanha. com o senhor primcepe segundo que vos elle mandou. Ao quall respondeo meestre Pedro. avendo temor. e disse. Senhor eu aparelhado estou. pera fazer em todalas cousas [3] a vomtade do senhor primcepe. E o mariscal respondeo-lhe. com cara alegre sorrindo-sse. Vos bem dizedes como boom e fiell. E o Senhor primcipe vos da lecemça por vossa comsollaçom que nom vos movades daquy se nom receberdes delle outra coussa por mandamemto. E o meestre Pedro alegrou-sse por ello. e foy a igreja dos fraires menores. E fazendo graças a samto Amtonio disse diamte de alguuns fraires as sobreditas cousas. E afirmou com juramemto. tamgendo as coussas santas que eram asy aquellas cousas verdadeiras.

Millagre

LIX. Em no tempo que a cidade de Padua foi livrada da maão do profiosso tirano sobredito Encelino de Roman. [4] damdo fim a maão do senhor aos seus feitos cruees ho legado da igreja cercou a dita cidade com sua cavalaria. E o guardiam dos fraires menores de Padua frey Bertollameu de Coradino. estava de noite a sopultura de samto Amtonio em na sua festa E elle velamdo rogava com muitas lagrimas ao bemaventurado samto Amtonio. por o livramento da dita cidade. E em essa ora sayo logo da sepultura samto Amtonio e soou muy claramente huũa tall voz frey Bertolameu nom ajas themor nem te emtristeças. mais esforça-te e alegra-te ca sabe certamemte que no outavairo da minha sollinidade a cidade de Padua sera descercada e usara da liberdade acustumada. E asy

---

1 *Sanificava* — diz o texto.

2 Provavelmente por lapso o copista escreveu *ao* em vez de *o*, pois o latim diz: *cui obvians senescalcus (dixit)*.

3 A palavra *cousas* está entre linhas e parece de mão diferente.

4 Havia-se posto um til sobre o ultimo *a* que mão revisora riscou depois.

foy feito por hordenamça do senhor E muitos fraires que velavam em na igreja derom testemunho. qu'elles ouvirom verdadeiramente esta voz A qual coussa veeo depois a noticia dos cidadãoos de Padua. E acordarom que fezessem em cada huum año o oytavario de samto Amtonio jeeralmente e homrradamente. asy como faziam a solinydade de sua festa. O quall estatuto elles guardarom deligemtemente ataagora por a graça de deus.

Da traladaçom do bemavemturado samto Padre Amtonio

LX. Em no año da emcarnaçom do senhor de mill e duzemtos e sassemta e tres años depois que prougue a deus de livrar a cidade de Padua por os merecimentos daqueste santo de sso o(o) jugo do sobredito tirano Encellino. O quall a avia despoborada. Os cidadãoos della fervemdo com devaçom de demtro que aviam a samto Amtonio. fezerom-lhe huũa igreja muy gramde e solene. E ordenamdo de tresladar o seu corpo. Como em na outava da resureiçom cavassem aly homde elle avia estado vimte e sete annos [1] so a terra que estava aly resemte e vermelha e fermosa como se em aquela ora elle ouvesse finado. A quall lingoa [2] o homrrada barom frey Boõavemtura que era emtam ministro geeral da hordem. E foy depois cardeall e bispo albanemse que estava emtam presemte aos prazeres desta treslladaçom tomo-a [3] em nas maãos com muita reveremcia e regado com riio de lagrimas. Começou de falar e dizer devotamente estas palavras ho ling[o]a bemdita que sempre a deus bemdiseste E aos outros bemdizer-lhe fezeste. Agora parece manifestamente com quamtos merecimentos tu estás acerca de deus. E dando-lhe doces e devotos beijos [4] mando-a [5] colocar homrradamente em hum lugar alto.

---

1 *XXVII annos et amplius* — diz o texto original latino.

2 Na margem ao lado lê-se — *acharom a sua lingoa*, palavras estas que efectivamente faltam na narração para completar o sentido e foram ali escritas muito mais tarde.

3 Está por *tomou-a*, como temos visto.

4 *beixos* — diz o texto.

5 Entenda-se *mandou-a*.

Huum milagre muy maravilhosso que acomteceo em Roma

LXI. Em no tempo do senhor Bonifacio papa oitavo foy repairada em Roma a tribuna da igreja do Salvador em Lateram [1] de Roma que he nomeado o bispado. E pera pintar de obrar mosica [2]. A qual tribuna forom deputados do[u]s fraires menores muyto sabedores e provados em aquella arte. E forom-lhe asignadas certas ymageens as quaes o papa avia mandado aly pintar. E veemdo os fraires que ainda sobejavam lugares em que sse podessem po(o)er outras ymagens [3] E elles de seu proprio voto [4]. ou por vemtura por espiraçom de deus pintarom de huũa parte e da outra as ymagens [3] de sam Framcisco e de santo Amtonio. A quall coussa trazida aa noticia do Senhor papa mandou a huuns creligos os quaaes anociavam a elle esto com livor e emvidia e disse-lhes. Da ymagem de sam Framcisco pois que aly esta praze-nos de comsemtir que quede. Mais da ymagem de samto Amtonio de Padua que temos nos de fazer. Pois hide e destroide (a) aquella [5] sua ymagem. E fazede pimtar em lugar dela a ymagem de sam Gregorio. Os quaaes creligos chegamdo a igreja e sobindo huns atras os outros a dita tribuna confesarom elles que forom lamçados de alto em terra de huũa persoa espamtavell que lhes aparecera aly visivillmente [6]. E assy tornados forom estorvados de comprir o que lhes era mandado. E segundo diziam os ditos fraires pimtores que alguuns delles logo morrerom. E todollos outros di a pouco tempo derom o esprito. E ouvimdo estas cousas o sobredito papa mandou aqueles que lho diserom que leixassem estar a imagem de aquele samto assy como a elle prazia. Ca segundo veemos claramente antes poderiamos com elle perder que nom ganhar sse lha quitasemos.

1 No texto *Leteram*.
2 Vide *Anotações*.
3 O copista escreveu *images*, como ainda se ouve ao povo.
4 Aliás *moto*, segundo o original latino.
5 No texto *destroidea aquella*.
6 No texto, *visillvimente*.

Milagre que acomteceo em Beja villa de Purtugall

LXII. Em Beja huũa villa do regno de Purtugall foy huum barom por nome chamado. Pedro poderosso e rico. E avia tamto amor aa ordem. dos fraires menores que lhes deu aly lugar pera edificar comvemto. E lhes deu outro sy muitas coussas pera os edificios. E como estevesse emfermo muy gravememte. huũa noyte estamdo em sua camara. velavam quatro fraires com outros muytos e esperavam o seu finamento. E o dito Pedro tinha por devaçom o avito dos fraires menores. com o quall se avia mandado emterrar. Ex que vieerom dous fraires e aparece-lhe [1] huum a [2] parte destra e outro a [2] parte seestra. E disse-lhe(s) huum delles Pedro conhece[s]-nos. E elle respomdeo conheço vos seer fraires menores. Mais nom ey conhecimento das persoas. E disse Eu som sam Framcisco, e este outro he samto Amtonio. E somos emviados a te comsolar e saar de aquesta emfirmidade por a devaçom que tu ouveste sempre a nos E por os beneficios que deste aos meos fraires. aquy em este comvemto. E emtam aquele Pedro rogou a sam Framcisquo que tevesse por bem de bemdizer o avito que el tinha sobre sy. A qual cousa feita. logo lhe desaparecerom anbos E ell tam aginha comvaleceo. que todos os que estavam presemtes forom maravilhados. E des emtam viveo ainda doze annos. E non tragia comsigo chave de alguuns tesouros. Salvo a chave d'arca domde estava aquelle avito bemdito Com o quall morreo depois e foy emterrado.

Afóra esta narrativa ocorrem na mesma Cronica varias referencias a Santo Antonio. Assim, a fols. 4, a proposito da morte de um frade:

LXIII. E em essa mesma ora samto Antonio de Lixboa seendo ainda canonico em no moesteiro de santa Cruz de Coinbra. o quall emtam era chamado Fernamdo Martĩz em mentre que celebrava missa viio a alma daquelle meesmo frade d'Alamquer.

1 Leia-se *aparecẽ* ou *apareceo*, o latim porem emprega o plural.

2 Sobre o *a* está outro entre as linhas, o que parece indicar ter havido lapso da parte do copista e que por tanto de deve ler *aa*.

em semelhança de ponba que trigosamente voava passamdo por o purgatorio ao ceeo com gloria sobindo.

A fols. 11 lê-se:

LXIV. E santo Antonino [1] emtam era canonico em aquelle moesteiro de samta Cruz E era chamado Fernam Martinz E cobiçando e avemdo desejo de marteiro a exemplo de aquestes santos fraires [2] que forom morterezados em Marrocos. emtrou em aquesta hordem dos fraires menores aos vimte e cimquo anos de sua ydade e viveo dez anos em na hordem e foy comprido de tamta samtidade e claro em doutrina e milagres [3] acabou em na hordem. Dos quaees millagres alguũs se poeem o jusso que em na sua mayor leitura som escritus.

No verso da mesma folha:

LXV. Ho quaal (frei Joham Binell) feito aly menistro teve capitollo provi[n]ciall em Relato em no quall sam Francisquo apareceo estamdo samto Antonino pregando do titollo da cruz e emcheo os fraires [4] de muyta comsollaçom do esprito.

A fols. 137 encontra-se o seguinte:

LXVI. Em Gerumdia [5] de Catalonha foy huũa molher. A quall tinha huũa filha comtreita das maãos e dos pees. Asy que se nom podia mover e apenas podia levar a viamda aa boca. E a madre seemdo ya anojada de servir a filha desejando-lhe mais a morte que a vida huum dia nom lhe levou de comer ataa a noite. da qual cousa se lhe queixou a filha. Aa quall respomdeo a madre. filha por a minha vomtade ya estevesses em paraisso. porque eu sempre ey trabalhado e cansaço em te serviindo E a filha

---

1 Lapso do copista por *Antonio*, como diz o texto latino aqui e no § seguinte.

2 Refere-se aos martyres de Marrocos, cuja noticia, extraida do mesmo codice, se pode ler nesta *Revista*, vol. VII, 189 ss.

3 Entre linhas escreveu-se *e asy*.

4 Ao lado a tinta vermelha encontra-se esta nota: *como sam Framçisco apareceo no aar aos frades*.

5 A tinta vermelha e da mesma mão corrigiu-se em *Gironda* a palavra *Gerumdia*, que foi riscada. O original latino tem *Apud Girundam*.

por esto que lhe disse a madre entrestecesse [1] ataa morte. E por ende nom, podemdo comer de door, chorou comtinoadamemte ataa os matiis. E como tangessem as matinas, a campa dos fraires menores acordou-sse a moça dos milagres do sam Framçisquo. Os quaes com fama verdadeira se manifestavam [2] emtonce por todo o mundo. E por emde tornou-sse de todo a rogar a sam Framçisquo, dizemdo. Oo muy samto padre Framçisquo, sse verdadeiras som as cousas que de ti dizem por todo o mundo. Eu suprico a tua benidade que eu aja espiriemcia dellas, em aquesta minha emfirmidade. Asy que eu seja livrada della. E madre seja descarregada do nojo que comigo toma E supitamente lhe apareceo sam Framçisquo com samto Antonio [3] vistidos de avitos respramdecentes e cimgidos com cordas E disse sam Framçisquo a samto Amtonio ouvindo a moça e veendo, frey Amtonio toma-a por os pees É como o elle fezesse, tomou-a sam Framçisquo por as mãaos E asy a sacarom anbos do leito e leixarom-na sãa de todo ponto E queremdo-sse elles partir de ally disse a moça a sam Framçisquo. Senhor quem sodes vos. E disse-lhe elle Eu som Framcisco ao quall tu chamaste devotamente levamta-te que por os meos rogos eras sãa. E estas coussas ditas desaparecerom ambos. E a moça levamtou-sse sãa e com alegria e com prazer, deu vozes em tall maneira que veeo a ella a madre e as vezinhas. E achamdo-a sãa (E) pregumtarom-lhe como fora livrada. E ella comtou-lhe como sam Framçisquo e samto Amtonio lhe aviam aparecido e como lhe aviam dado saude por a maneira suso dita. E aas novas deste milagre sairom logo por toda a cidade. Mais os fraires pregadores diziam que sam Domingos a dera sãa. Em esto veeo o bispo da cidade e visto tamanho milagre, levou a moça com gramde multidoem de poboo aa igreja dos fraires menores por fazer aly graças. E veemdo ella hy a magestade [4] de Sam Framçisquo, disse este he o que me feze sãa. A quall moça ouve depois marido e ouve huum filho, o qual foy depais fraire menor e pregou pubricamente este milagre.

---

[1] Parece-me que se deve ler *entrestecê (=entresteceu)-sse* e não *entrestecesse*, embora o latim diga *tristatur*.

[2] No texto está *mag[2]fastavam*.

[3] Aqui ha um espaço que foi raspado mas onde se lê ainda *de;* o resto devia ser *Padua*, em harmonia com o original latino que diz *Paduano*.

[4] O latim diz *imaginem*.

A fols. 151 sobre o mesmo santo lê-se:

LXVII. Em no año do Senhor de mill e duzentos e trimta e huum annos. O bemavemturado samto Antoniio de Lixboa pasou de aquesta vida claro (em) em vertudes. O quall como respramdecese logo por muitos milagres. Em no ano seguinte de mill e de duzemtos e trimta e dous. ẽna çidade de Espolleto [1] foy escprito ẽno martilogio dos samtos. em no sexto ano do pontefficado do Senhor papa Gregorio nono. E logo o papa levamtou em thono [2] aquella amtiphana. *O doctor optime etc.*

A fols. 157 diz-se mais:

LXVIII. Seemdo outro sy o dito frey Helias geeral. foy ajumtado capitulo geeral e mostrou o dito frey Helias aos fraires muitos privilegios que avia ganhados do senhor papa pera a ordem. E muitas despensaçoões comtra a regra. E mayormente que os fraires podessem em caso alguum receber pecunia. por pessoa. amtreposta. Acomselhando aos fraires com razoões coloradas que comsemtissem as [3] taaes floxedades e relaxaçõoes. E como por ameaças e meedos e espamtos que lhe poinha ouvesse inclinado a ello muytos fraires Empero duas luminarias da hordem. s. [4] frey Amtonio de Lixbooa que he agora gloriosso ẽno ceeo. E frey Aram de Marisco lhe rigistirom baroilmente em sua presença de rosto a rosto. Aos quaaes secletamemte se achegarom outros muitos. Antre os quaaes forom. frey Alberto de Pisa que emtam era ministro de Ingraterra. nom queremdo sofrer decaimento tamto da regra. O quall dito frey Alberto sucedeo logo a este frey Helias em no oficio. Outro sy frey Joham Bonelis de Floremça ministro da provincia. O quall teve o capitollo de Relato. quamdo sam Framciscoa pareceo. aly bem dizemdo aos froires E pregamdo samto Antonio do titollo da Cruz Empero por o medo de frey Hellias nom ousava de fallar nehuum. senom os ditos frey Antonio e frey Adam. Os quaaes manifestamente

---

[1] *In die sancti Pentecostes* tem a mais o original latino. Vide § XXXIV.

[2] O copista escreveu *emthono*.

[3] Talvez se deva ler *ás* (por *aas*), pois o verbo *consentir* vem sempre acompanhado de complemento indirecto.

[4] Leia-se *scilicet*, ou seja: *isto é*.

defemdiam deamte todos a verdade da regra. Comtra os quaaes se levamtou gramde arroido de muitos fraires que diziam. elles seer departidores da ordem. E como os dous barõoes sobreditos samtos e aparelhados a se meterem a tormentos dos malles por defemder a regra. Vissem seer a elles aparelhadas persecuçõoes de suas persoas por os companheiros e achegados de frey Helias. apelarom peramte o senhor papa. E como os quisesse prender o sobredito geeral. forom defemdidos por huum fraire generosso [1] comfesor do senhor papa com o quall fugindo damte a face de frey Hellias chegarom ao senhor papa Grigorio. Da quall cousa seemdo espamtado frey Helias enviadas letras per todas partes por os caminhos. mandamdo que logo fossem pressos. Mais defemdendo-os o senhor vierom a Roma e apresentarom-sse persoalmente amte o papa. E o senhor papa ouvidas as cousas razoave[e]s delles ajumtou amte sy em Roma o capitulo geerall. E emtom despostas as partes diamte o papa. Propos samto Antonio. como avia apelado por temor da persecuçom. E que aquelle geeral procurava caymento da rregra. As quaaes cousas respomdeo frey Helias. Como os fraires o costramgerom a receber o oficio. E que elle respomdera que elle nom podia andar de pee nem fazer a vida comuua por as suas emfirmidades. E que os fraires lhe outorgarom que cavalgasse e comesse ouro se ouro ouvesse mester. E que o cavalo requere servidor e de comer. As quaaes cousas sem dinheiro nom podem seer avidas. Por a qual cousa me convem teer pecunia. Mais por que o podesse fazer com booa comciemcia ganhey lecemça da see apostolicall. por que tall pecunia podese tomar. Porque segundo a emtençam de sam Framcisco. aprendy dele secletamente [2] podese edificar aquella igreja e acorresse aos meesteres dos fraires. E samto Amtonio respondeolhe em comtrario por esta maneira. Se te foy outorgado de moodo de falar. comer ouro. por necisidade. Por vemtura foy-te outorgada achegar thesouro. E se per vemtura te foy outorgado cavallo pera cavalgar. (E) nom te foy outorgado por isso que tevesses solede palafrem pera criar. Nem costramgesses os fraires que fosem trespasadores de sua regra. E emtam frey Hellias cheeo de sanha dise diamte o papa a samto Amtonio. tu mentes. por a qual cousa

---

[1] Parece tratar-se, não dum adjectivo, mas dum nome proprio; o original latino diz: *protecti sunt a quodam fratre Januensi, confessore*, etc.

[2] Tinha-se escrito *secletamente*, mas depois parte do *l* foi raspada para ficar *r*.

o senhor papa torvado mandou-(o)os calar. E calando todos. O senhor papa esteve casy por meea ora que nom fallou nehuũa coussa. Mais com gramdes sospiros alçamdo espersamente os olhos ao ceeo regado com lagrimas disse estas palavras. Tomando aquella palavra de Daniell [1]. Tu Rey começaste pensar ẽno teu estado [2] que coussa avia de seer etc. E quamdo ouve declarado fermosamemte aquela estatua de Daniell. começando da cabeça de ouro. E apropiamdo-a a sam Francisco ataa os pees fracos e de barro. disse logo. Quando nos fezemos a este geerall criamos que aprazeriia a ordem. Mais agora veemos que torva a ordem e a destruii manifestameute. Porem privamollo do oficio. e queremos que logo procedades aa emliçam de outro. E emtam foy emlegido frey Alberto de Pisa ministro de Anglia. E emtam o senhor papa louvou a samto Amtonio e asolveo a elle e aos que se achegavam a elle. das semtemças dadas comtra elles por frey Helias. E declarou serem vãas e nehuũas as ditas sentemças. E a samto Amtonino quitaadoo [3] de toda carrega de regimento. rogou-lhe que soolamemte se desse aa comtemplaçom e aa composiçom dos seermõoes....Samto Amtonio morreo ẽno ano do senhor de mill duzemtos e trimta e oito. [4] Do qual parece que emtom samto Amtonio nom pode seer comtra frey Hellias deamte o papa... Em no qual ano (mill e duzemtos e trimta) se diz em na leenda de samto Amtonio que foy quitado de todollos oficios por que se desse aa pregaçom e aam comtenplaçam dos sermoões.

Ainda a fols. 177:

LXIX. Em Blucave jaz frey Benedito ydropico E este poi (por) huum pecado de invidia foy levado a juizo parece-lhe [5] que era com outros muitos dapnado. [6] Mais por os rogos de sam Framcisco e de samto Amtonio foy livrado e retornado aa vida corporall. E des emtom leixada a philosophia foy mudado [7] em outro barom. E ouve çiemçia infusa. e foy de muy samta vida.

---

1 No texto *Diniell*.

2 Segundo o original latino, deve corrigir-se em *estrado*.

3 Parece-me que se deve ler *quitando-o*.

4 Deve corrigir-se em *um*, segundo o original latino e o que antes ficou dito.

5 Leia-se *parecẽ* ou *pareceo*.

6 No texto *dapno*, que pode ser abreviatura de *dapnado*.

7 O copista escreveu *mundado*.

A fols. 185:

LXX. O qual (frey Acurso) amtre as outras cousas como fosse emfermeiro eno dito comvento de Froremça e se desse a oraçom em huũa capela que he aly dos emfermos apareceo-lhe aly a bemavemturado Virgem Maria com samto Antonio de Lixboa [1] E com outro fraire que se chamava Placido.

Finalmente a fols. 218 lê-se:

LXXI. Em no año do senhor de mill e duzemtos e sasemta e trres años em nas oitavas da resureiçom do senhor foy trasladado o corpo de samto Antonio por os cidadaãos de Padua a huũa gramde igreja que era feita a omrra sua. seendo presente o geeral. E a sua lingua que por vimte e dous anos avia que fora soterrada. Assy foy achada rezemte e vermelha. como sse em aquella ora o muy samto padre ouvera falecido A quall o devoto geerall tomamdo com reveremcia em suas maãos regamdo com lagrimas começou de dizer diamte de todo o poboo estas palavras. O lingoa bemdita que ao senhor sempre bemdiseste e a outros bemdizer ho fezeste Agora parece manifesta[me]nte. [2] de quamto merecimento tu sejas acerca de deus dando-lhe beijos muy doces e devotos. mandou-a po(o)er em altar muy omrradamente.

J. J. NUNES.

1 O pergaminho foi raspado para se escrever *Lixboa* em vez de *Padua*, como está no original latino.

2 O original latino diz: *nunc manifeste apparet;* em vista do que julgo que o copista por descuido escreveu *manifestante* em vez de *manifestamente*. Vide o mesmo facto narrado atrás no § LX.

Investigações ethnographicas

I

Nominas

«Unas oraciones, que se suelen traer para no morir ahogados, ni de muerte subita, ni a manos de verdugo, son tambien supersticiosas, porque aunque hablen de Christo nuestro Señor, y de su Madre Santissima, las más vezes van mezcladas con palavras, y rasgos no conocidos. Y cuando sean totalmente buenas, tanto que sean los mismos Evangelios sagrados, traidos con aquel fin, es supersticion peligrosissima, por atribuirles diferente virtud, y efeto, que Dios les concedió al constituirlos: porque Dios nos dió qualquer Evangelio para testimonio de su vida milagrosa, coluna de nuestra Fé, y dechado de nuestras costumbres, no para que el desalmado, vicioso, y torpe crea que sin más diligencia, que llevarle escrito en una nomina, que quizá le notó el demonio, ni la pendencia le matará, ni el mar le ahogará, ni le castigará la justicia: cuyo error notan, y encarecen dilatadamente San Agustin, San Chrisostomo, y otros muchos».

(Doctor Juan Perez de Montalvan, — *Ejemplos morales humanos y divinos* — undecima impression. Lisboa. 1691, fol. 238).

II

Contra maleficios e feitiçarias

«Para curar los maleficios, y hechizerias ay virtud secreta en muchas yervas, como afirman Apuleyo, Homero, Didimo, Aristoteles, Plinio, Raimundo Lulio, Dioscorides y Celio, Rodigimo, y particularmente en la oliva, el gordolobo, la ruda, la albarrana, el alisso, la verbena, la artemissa, la valeriana, el abrotano, la salvia, el enerdo, el marrubio, el hinojo, los ajos, el hiperion, el azufre, y otras yervas de las muchas, que con agudeza, y gala Francisco de Quintana, Doctor, y doto, que en el todo es uno, pone en su Poema de Santiago el verde. Pero con más verdad en el ruido de las campanas, de quien dizen muchos que

tiemblan los demonios; y tambien segun Mardoqueo, Plinio, Crodonco, Dioscorides, y Tetel Judio, en las piedras, como en el diamante, en el jaspe, en el coral, en el azabache, en la esmeralda, y en el crisolito.

. . . .

Mas aunque sea cierto, que alguno de los dichos tengan fuerza contra el demonio, y que San Geronimo dá licencia para usar dellos, tiene dos peligros. El primero, que es tal la astucia del demonio, que suele con estos remedios naturales divertirnos, y despegárnos de los ciertos, infalibles, seguros, y verdaderos, que tiene la Iglesia determinados en sus exorcismos, reliquias, oraciones, y Sacramentos. Y el segundo, que a buelta de los naturales suele introducir otros tan inutiles, y supersticiosos, que sirven más de irritar a Dios, que de desenojarle, como son la sangre de la hiena en la pared, la hiel de la perra negra en las brasas, la del perro negro en el aposento, el menstruo de la mujer en el umbral, el higado del camaleon al cuello, el coraçon de la corneja al pecho, la avellana de azogue en la almohada, el escremento asqueroso en la çapatilha: a que se añaden las agujas, con que se cosió la mortaja, el cordel que ahogó al delinquente, con los huessos, y dientes, que cubrió la tierra, &.»

(*Ibidem*, fol. 239).

III

Feitiços

«Y es tanta la ceguedad de algunos hombres, y mugeres, y tanta la maña del demonio para engañarlos, que creen que lo que Dios no haze, puede hacer una hechizera, y con remedios tan supersticiosos, torpes, y sucios, que se deshaze el coraçon por los ojos, solo en pensar que aya entendimientos, que lo crean, y Christianos, que lo executen . . . . Pregunto, que imperio puede tener en la voluntad libre de una persona para poder moverla a que quiera lo que aborrece, el manojo de las yervas, el zahumerso de los polvos, la mezcla de los untos, la cifra de los caracteres, la ceremonia de los conjuros, los huessos de los cimenterios, los cordeles de la horca, los pedaços de la mortaja, los sessos del murcielago, la corrupcion de los urines, la sangre del menstruo, y hasta la misma materia, que sirve a la generacion diabolicamente trocada? Y lo que peor es, si bien me causa horror el imaginarlo, la cera bendita, el Ara del Altar, el agua del Bautismo, y el Olio consagrado, sin que aya reliquia tan santa, ni Sacramento tan divino, que no aya reducido el demonio a tan infernal, y diabolico abuso. . .»:

(*Ibidem*, fol. 235).

IV

Superstições

«Y assi para conocer generalmente las supersticiones, no es menester, sino advertir, que qualquiera cosa que no se haga por el orden natural . . es hechizeria, y se castiga como tal en la Inquisicion: y assi lo es tambien dar a entender, que las curas que hazen los ensalmadores, son por virtud, y gracia divina: porque lo cierto es, que curan naturalmente por primera intencion con vino y azeite de Aparicio: porque aunque las palabras que dizen sean buenas, es cierto, que aviendo de curar con ellas, fuera más a proposito a un Sacerdote. . . Y asin por esta razon el año de 1577 mandó el Senado Sumo de Francia, que los tales ensalmadores no curassen: y lo advierte el Padre Martin del Rio en sus disquisiciones magicas.

De los saludadores, se ha de dezir lo mismo, porque aunque puede ser que Dios contra tan rabioso mal proveyesse tan facil cura, a ninguno destos he visto más que soplar, y recoger dineros. Y se me replican, que suelen entrar en los hornos encendidos; respondo, que es con tal modo, que más parece artificio que gracia: porque si fuera don particular de Dios nuestro Señor, entráran en el fuego sin las condiciones, con que dizen que pueden entrar, como son, advirtiendo que el cuerpo ha de estar torcido, y no derecho, y que han de estar medio quarto de hora, y no uno entero.

. . . .

Dirá alguno, que el curar desta manera trae principio de Salomon, de quien cuenta Iosefo, que compuso unas oraciones breves, con que se curava todo genero de enfermedades, y assi mismo unos eficacissimos conjuros contra el demonio. A lo qual respondo. Lo primero, que dudo que Salomon hiziesse los remedios diabolicos, y encantos malditos, que Iosefo refiere. Y lo segundo, que si los hizo, creo que los consumiria, arrepentido quando abrió los ojos del entendimiento para hazer penitencia, como sienten muchos que ha hizo».

(*Ibidem*, fol. 236.)

V

Eclipse da Lua

«E que não faltem pello mũdo destas lingoas (desatadas) nos certificou Iuuenal, dizẽdo dalgũas: q já conhecia no seu tẽpo:

... Verborum tanta cadit vis,
Tot pariter pelues, ac tintinnabula dicas
Pulsari. Iam nemo tubas, nemo ara fatiget:
Una laboranti poterit succurrere Lunae [1].

Quer dizer: Hé nestas tanta a quantidade de palauras que não há ja pera que ninguem vse de estromẽtos, que fação estrondo, porque hũa só dellas hé bastante para soccorrer a Lua no seu trabalho. E pera que não fique por declarar a rezão deste encarecimento, saibão os poucos vistos nas historias antigas, que quando antigamẽte a Lua se eclipsaua, imaginauão os gentios que por algũa rezão se intristecia, & pera lhe aliuiarem a tristeza costumauão a se ajuntar os pouos todos cõ quantos estromentos podião achar, que fizessem estrondo, & traquinada, & andauão barbaramente tangendo nelles naquelle espaço que duraua o Eclipse, & todos estauão persuadidos q̃ o acabarse elle não era outra cousa senão tornarse a alegrar a Lua cõ tam brutal, & gentilica festa. E pera Iuuenal encarecer o rebuliço, estrondo, & furia destas lingoas desenfreadas, diz q̃ hũa só dellas pode aliuiar a tristeza da Lua, que he o mesmo q̃ fazer mayores rumores, & doudices, do que fazião aquelles ignorantes com seus tachos, trombetas, & campaynhas.»

(*Casamento Perfeito*, por Diogo de Payva d'Andrade, Lisboa, 1630, — fol. 214. — Cf. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Portugal*, pag. 23-24, e nota 21.)

VI

«Talasio» e costumes nos casamentos

«Os antigos inuocauão nos casamentos o nome TALASIO ... *Ut hac voce* (como Varro diz) *saepius repetita sponsam admonerent quod eius esset munus futurum.* Quer dizer: Pera q̃ cõ esta palaura tãtas veses repetida amoestassẽ a desposada, & lhe ensinassẽ qual auia de ser o seu officio.. [o] costume de leuarem as molheres as rocas, & fusos no dia do recebimento, diz Alexãder ab Alexandro q̃ o guardauão muitas nações ainda em seus dias, & Pierio Valeriano traz outro costume de tẽpos ainda mais antigos, que o dos Romanos, em que se ellas recebião assentadas sobre pelles de qualquer animal q̃ teuesse lã, & como a rudeza andou sempre em passo igual cõ a antiguidade, em

1 [*Satiras*, 6.ª, vv. 440 — 443].

quanto não auia outros sinais, & modos mais polidos, com este dauão a entender a obrigação q̃ as casadas tinhão de se guardar sempre de estar ociosas: & ajunta mais o mesmo Pierio que tambem no seu tempo se costumaua na mayor parte dos lugares d'Italia virem os parentes visitar a noiua no seguinte dia do recebimento, & trazer-lhe publicamente hũs açafates com linho, roca, fuso, agulha, & tisoura, & a razão declara elle que era *quod illa muliebris haud ignara officij se nõ ad delicias, & voluptates, sed ad faciendã lanam, & alia quae frugi sunt curanda venisse reminiscatur.* Quer dizer: Pera que lembrando-se ella do particular officio das molheres, entendesse que não casara pera estar ociosa em delicias, & passatẽpos: senão pera estar sempre occupada em suas teas, & custuras, & no mais que pertence às molheres honradas.»

(*Ibidem*, fol. 176).

VII

Costume antigo

«E era custume antiquissimo (segundo referem autores graves) das molheres da nossa Hespanha de qualquer qualidade q̃ fossem, mostrar em certos dias publicamente os fiados, teas, custuras, & lauores, em que se tinhão occupado naquelle anno; & aquella que mostraua ter trabalhado mais que as outras, ficaua mais honrada, & engrandecida.»

(*Ibidem*, fol. 181).

VIII

Madrasta, O nome lhe basta

«E modo hé de fallar & muito custumado entre os Latinos chamar *odium nouercale* (que significa odio de madrasta) ao que hé mais capital, & deshumano: & às mãos crueis, & sanguinolentas, prontas a toda a vingãça, & crueldade, chama Cornelio Tacito *nouercales manus*, quer dizer, mãos de madrasta. E os que primeiro disserão que o seu nome lhe bastaua: não somente se deuião fundar na experiencia do seu odio, senão tambem na ethymologia do seu nome: o qual em Latim chamamos *nouerca*...

. . . .

Porque Princesa, he nome de Imperio, & algũas vezes de tyrannia, & as que não acertão de ser brandas por sua virtude, ou natureza, na mesma hora se fazem tyrannas por sua paixão e crueldade».

(*Ibidem*, fol. 124).

IX

Dar as mãos

«E a rezão porque os noiuos se dão as mãos quando se recebem, não he por ser necessaria aquella ceremonia para a essencia do casamento: porque sem ella tambem ficarão casados: senão para sinificar a fé que se deuem hum ao outro, & a confiança que conuem q̃ tenhão de parte a parte para conseruar a vnião & conformidade: porque o dar das mãos antigamẽte era sinal de firmeza & lealdade, como affirma Marco Tullio, & Stochamero, & ainda entre nós he oje vulgar custume quando se fazem amizades darem as mãos em sinal de paz os que antes estauão desauindos: & quãdo se faz em pratica algũa promessa custumamos a pedir a mão a quem promette para cõfirmar a certeza della».

(*Ibidem*, fol. 40).

X

Conto

«Foy, segundo contão, certa mal casada queixarse a hũa sua vizinha da ruym condição de seu marido, a qual como sabia que todos seus enfadamẽtos lhe procedião de fallar muyto, lhe deu hũa pouca d'agoa em hũa arredoma, dizendo, q̃ se o queria ver pacifico, & seu amigo, enchesse a boca daquella agoa, quando o sentisse apaixonado, & por nenhũ caso a lançasse fora em quanto elle se não calasse, porq̃ tinha muy particular virtude pera remediar aquelle trabalho: leuou ella a agoa, & vsou logo da medecina, & em poucos dias lhe veyo dar os agradecimẽtos do grande bem, q̃ lhe fezera, & lhe pedio q̃ lhe tornasse a encher a sua arredoma porq̃ se não atreuia a estar hum momento sem tam necessario & approuado remedio: respondeolhe a outra desenganandoa da verdade, q̃ a virtude daquelle remedio não consistia em ter agoa na boca, senão em estar cõ ella fechada, quando seu marido pelejasse.»

(*Ibidem*, fol. 210).

XI

Cocos

De Jeronymo de Bahia, no *Romance Burlesco*, que vem a fol. 62 do tomo IV da *Fenis Renascida* (edição de 1746):

Primeyro chamar soubestes
Que o Pay vosso o Padre nosso,
Primeyro amastes coquilhos,
Do que temesseis os cocos.

XII

Coroças

«Ha uma pequena industria em Barroso de que algumas mulheres tiram seu interesse na falta de melhores recursos: dos juncos que espontaneamente nascem nos logares pantanosos, por sua natureza incapazes de outras producções, colhem grande porção pelo mez de agosto e principios de setembro, quando a sua florescencia está madura e apresenta a côr de café moido; segam-nos, e recolhendo-os em fresco os maçam esfregando, e os põem a seccar ao sol em *madas*, ou pequenos molhos, tendo cuidado de os livrar do orvalho para conservarem a côr alvadia, e assim preparado fazem d'elle as *coroças*, que é uma especie de cobertura ou casacão, que cobre todo o outro fato, e não deixa penetrar a chuva, que escorre dos juncos macerados; umas são proprias para mulheres e rapazes, quasi de formato das *capuchas*, porém mais compridas; as que os homens usam, similham uns capotes acompanhados de um capuz da mesma natureza, que resguarda a cabeça, formando as duas peças um todo uniforme. Como esta materia prima é de nenhum custo, porque os juncos apanham-se em maninhos, ou os proprietarios os cedem quasi sempre de graça, e por outro lado o artefacto é de pouco engenho, lucram ellas alguma coisa, vendendo as primeiras a 140 e 150 réis, e as segundas a 300 e 400 réis».

(*Archivo Pittoresco*. — 6.º anno — 1863-fol. 271).

XIII

Curioso

«Aos vinte e sete de Janeiro de 1560 ãnos falleceo margarida mĩz molher de manoel glz̃ cabellos fregues desta igreja cõ receber todos os sacram.tos e por estar no cãpo legoa e mea desta villa e nõ aver papel nẽ tĩta nõ fes testam.to somẽte de palaura requereo a manoel ferreira seu cõfessor perãte outras t.as q̃ se lhe cõprissem as cousas q̃ elle logo tomou cõ hũ caruão na folha do breuiario as quaes depois declarou por sua letra cõ ho nome das testemunhas e leixou seu marido por testamenteiro e ho assinei. — Bastiã alurez».

(*Livro de Baptizados, Crismados, Defunctos e Casados da Freguesia de S. Pedro d'Algalé, de Monforte*, dos annos de 1552 a 1574).

XIV

Patuleias

Ter-nos-ia vindo de Hespanha este epitheto, com que os *Cartistas*, em 1836, pretenderam ferretear ignominiosamente os *Setembristas?*

No anno de 1835, na provincia de Tarragona, chamavam *Patuleas* ás companhias de voluntarios organizadas nas differentes povoações da mesma provincia para combaterem os *Carlistas*, como se vê dos seguintes trechos, extrahidos de p. p. 90-91 da obra de D. Buenaventura Hernández Sanahuja, *Historia del Real Monasterio de SS. Creus* (Tarragona, 1886):

«El dia más azaroso para el Monasterio fué el 29 de diciembre de 1835, al regresar la columna espedicionaria que fué al castillo de Querol, ocupado por los carlistas, para sitiarlo y demolerlo. Gran parte de esta columna la formaba la legion francesa venida de Argel, quienes por pasatiempo pusieron fuego al coro de la Catedral de Santas Creus, todo de roble, e comunicandose al órgano, quedaron calcinadas las bóvedas que los cubrian. — Este fatal ejemplo no pasó por alto á *las compañias movilizadas, conocidas en el país con el nombre de patuleas*, y la del Pont de Armentera, mandada por Bautista del Pont, en una de suas primeras visitas a Santas Creus, despues de haber cometido muchos desacatos en la iglesia, se despidieron poniendo tambien fuego al altar mayor, todo de madera..

. . . .

«Tampoco fueron más benignos para el Monasterio los rapaces que formavam la *patulea* de Vilarodona, quienes com objeto de robar uno de los barrotes de hierro que sostenian el hermoso templete ojival que cobija el sepulcro de D. Jaime II, lo desvencijaron de tal suerte, que solo á un prodigio puede atribuirse su salvacion..

. . . .

«La proximidad del molino al monasterio, completamente abandonado y desierto á la sazon, y abiertas todas las puertas, facilitava á las tres niñas verificar sus juegos infantiles en los solitarios claustros góticos, en donde pasaban la mayor parte del dia, á exception de cuando llegava alli *alguna de las patuleas, de las varias que cruzavan en todas direcciones la provincia de Tarragona*, porque entonces toda la familia se encerraba en el molino, por temor de algun atropello..»

XV

Companhia dos pilhantes no seculo XVIII

«Aos quatro dias do mes de novembro de mil e seiscentos e sincoenta e sete baptizey a fernando f.º legitimo de Antonio gomes cabo dos pilhantes, e de Izabel mĩz sua molher forão padrinhos Manoel Vas capitão da mesma companhia dos pilhantes; e Maria fernandes e por verdade fiz este termo q̃ asiney. O P.ᵉ João Barr.º Delgado».

(*Livro dos baptizados da Freguesia de Santa Eulalia do concelho d'Elvas*, dos annos de 1644 a 1658, fol. 53).

«Aos des dias do mes de novembro de mil e seiscentos e sincoenta e sete baptizei a catherina f.ª legitima de fernandianes pilhante e de Ines mĩz sua molher forão padrinhos João fĩz e domingos mĩz e por verdade fis este termo q̃ asiney. O P.ᵉ João Barr.º Delgado.»

(*Ibidem*).

«Aos seis dias do mes de desembro de mil e seiscentos e sesenta, falleceo hũ castelhano soldado de cauallo q̃ os pilhantes desta Villa de Barbacena matarão, o qual emterrei na Igreja da misericordia, e o asinei. O Prior G.ᶜᵒ Gil Sardinha.»

(*Livro de defunctos da Freguesia de Barbacena do concelho d'Elvas*, dos annos de 1660 a 1748, fol. 3 v).

XVI

Um matrimonio de ciganos no seculo XVI

«Aos 24 dias do mes de Junho 1590 anos na Samta See desta çidade d Eluas reçebi de presemte por marido e molher ha Calros de Malha com Catharina Frž siganos os quais siganos por amdarẽ uagãdo de hũa parte pera otra por ho mumdo he nã terẽ domiçilio certo o Sor L.do João Frausto prouisor neste bispado mãodou a mĩ Nuno d Azeuedo Vigairo na dita See os reçebece como logo reçebi de presemte he forão presemtes por testemunhas o R.do Conigo Leamdro de Nobrega he o doutor Domingos Frž Mestre Escola na dita See he o L.do Antonio Mendes Raposo Arçediago na dita See he Thomé Vaz morador na dita cidade he otras muitas pesoas he o dito Sor prouisor asinou aqui he por asi pasar todo na verdade fiz este termo he asinei dia ano ut sp.ra L. Frausto. = N.o daz.do».

(*Livro de casados da Sé d'Elvas*, dos annos de 1580 a 1604, fol. 818 (Arch. da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XVII

Matrimonio de um soldado gitano no seculo XVII

«Aos desesette dias do mes de janeiro de mil e seis centos sinquoenta e seis anos nesta Cid.e de Eluas nas pouzadas do Snr Doctor Francisco de Carualho Dião na S.ta Seé desta ditta Cid.e e Provisor em ella e seu Bispado, ahy o dicto Snr e tambem de licença do Snr Bispo recebeo em matrimonio na forma do Sag.do Concilio Tridentino a Gaspar da Motta gitano soldado residente nesta Cid.e na Companhia de Dom João da Silva, e filho de Gabriel Frz e de Ana Frz, m.res em Veiros, com Angela Frz veuva de Fr.co Frz tambem gitana, m.ra nesta Cid.e nesta freg.a de Sam Pedro, sendo presentes per test.as eu o L.do Pedro Dias Cura nesta ditta freg.a e Gregorio Vedigal da Costa soldado da Companhia de Dom Luis de Meneses n.al de Monte mor o nouo, e de mandado do dicto Snr Provisor fis este termo que asinei dia sobredicto. O L.do Pedro Dias.»

(*Livro dos Casados da Igreja de S. Pedro d'Elvas*, dos annos de 1629 a 1677, fol 94 (Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XVIII

Um matrimonio de ciganos no seculo XVII

«Aos catorze dias do mes de Junho de mil seis sentos e quarenta e sete eu o L.do Duarte Mz̃ Carrasco Vig.ro em esta Parrochia de São Pedro de licença do S.or Provizor Bento Barbosa Mendes in facie ecclesiæ na forma do Sag. Cons. Tridentino recebi em matrimonio de presente a Diogo Borralho sigano natural do Ferrão Arcebispado de Euora com Francisca Morena tambem siguana natural do reino de Castella. forão testemunhas o Padre Sebastião Delgado. Thome Rodrigues Carriso e otras pessoas e para lembrança fiz este termo que assignei mes e dia ut. s.a O L.do Duarte Mĩz Carrasco.»

(*Livro de Casamentos da Freguesia de S. Pedro d'Elvas*, dos annos de 1629 a 1677, fol. 65 v.—Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XIX

Casamento de um escravo cativo no seculo XVII

«Aos onse dias do mes de Junho de mil e seis centos e dous annos eu Nuno d Azeuedo Vigairo nesta Sancta See de mandado do sor prouisor reçebi de presente por marido e molher como manda a Santa madre Igreiia ha João mendez homẽ baço escrauo catiuo de Ant.o de Crasto com Isabel roiz veuva sendo primeiro coridos os banos e feitas todas as deligencias neseçarias e noteficado a ao dito Antonio de Crasto q̃ dise q̃ nã empedia o matrimonio porem que protestaua nã lhe prejudicar o poder uender o dito seu escrauo João mendez pera honde lhe bem viese / e forão testemunhas presentes Domingos Frz̃ / Manoel Alz tendeiro, digo, tecelão e Domingos roiz tendeiro e Isabel Mĩz e otras muitas pesoas e por asim pasar na verdade fiz este termo e o asinei dia e anno sp.ra — N.o Caz.do».

(*Livro de casados da Sè d'Elvas*, dos annos de 1567 a 1646, fol. 267—Arch. da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XX

Onze sangrias para curar um catarrhal

«Aos vinte e hum dia do mes de Abril de mil settecentos e secemta e ojtto falleçeo da vida prez.[te] Roza Joaq.[a] mulher de Ant.[o] Martins cabrejro no m.[te] do Regengo termo desta Villa n.[al] da fregz.[a] do Salvador termo da Villa de Monforte Bisppado de Elvas, não fes testamento nem recebeo sacramentos por culpa do Barbeiro que tendo lhe dado honze sangrias por huma catarral a não mandou confessar contra a nossa Constituição. Jás na S.[ta] Caza da Misericordia desta Villa. E por verdade fis este acemto dia mes e hera ut supp. O Prior Francisco da Costa Mattos.»

(*Livro para os Assentos dos defunctos da Villa de Barbacena*, dos annos de 1765 a 1786, fol. 24.—Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

XXI

Cocos

«Porque amar a Deos a medo, he ter espirito de espantalho . . . Sò aos mininos espantão cocos. Os que já são grandes, folgão muito de comêllos.»

(Frei Antonio das Chagas. *Cartas espirituaes*. Carta LXXII.)

«. . cayòsele la cabellera, y quedò monstruo la que fue prodigio, y la que auia atraido tantos Sirena, aora los ahuyentaua coco.»

(Obras de Lorenzo Gracian. Tom 1—El *Criticon*.—Tercera Parte — *Crisi Primera* —, fol. 292).

XXII

Uma tourada em Villa Boim

. . . .

«A praça é improvisada num largo, no centro da villa, atravessado pela estrada publica e interceptada a communicação por uma fileira de carros mateiros, que circumda este largo e formam uma como galeria corrida sobre a qual se vêem apinhadas quasi todas as pessoas da

terra. Neste logar se notam principalmente as elegantes raparigas, sendo talvez nesta parte do Alemtejo onde se encontram as feições mais bellas e de uma esthetica mais harmonica, de mistura com uma robusta saude e frescura. Rapazes e mulheres, moços e velhos, tudo se mistura nestes grupos enfileirados sobre os carros, e esperam anciosos desde muito cedo, apesar do ardor do sol, o começo da corrida. Os rapazes mais animosos esperam sobre a praça; é aqui a reunião dos valentes, dos pimpões; é aqui que elles se mostram ás suas queridas, e lhes offerecem os premios da corrida em homenagem ao seu amor e dedicação; é aqui, pois, que elles esperam a saída do touro, que hão de domar e vencer. Não é a fatuidade, que em gente simples não tem guarida, que os leva á praça; é o exercicio, é o conhecimento pratico destes animaes, com que diariamente lidam, que os conduz impavidos a afrontar o touro bravo, evitando com destreza costumada o ataque do animal, e empregando a força muscular, verdadeira força sem artificio, em lhe neutralizar todos os esforços. As suas aspirações são estas.

As horas passam-se e todos estão anciosos. A philarmonica da villa já se ouve ao longe: é uma valsa estridente com que chama o festeiro e lhe agradece á porta o classico chibo assado das bodas festivaes.

Começa o bulicio na praça: as raparigas levantam-se e sacodem as saias; os camponios animam-se e como que despertam do lethargo que a demora lhes causou. Aquella languidez amorosa cessou, e, num momentaneo extasi, os valentes da praça defrontam com as suas queridas, como que offertando-lhes as sortes arriscadas.

Chegou o festeiro: era o abastado lavrador José Antonio Bagulho, dono tambem do gado.

A phylarmonica toma assento em um dos carros e o seu repertorio variado começa a exhibir-se. Todos os rostos sorriem, todos se preparam, e a alegria transborda em moços e velhos.

Dá-se o signal de começo: sae um touro, e outro, e outro (correram-se 27), cada qual mais bravo, mais formoso, e ligeiros como gamos, todos. Os moços correm, picam, saltam; uns fogem, outros occultam-se debaixo dos carros; aqui cáe um, ali se levanta outro, é grande a confusão, e os gritos sobresaem ás ininterrompidas harmonias da musica, em estridor infernal! Agora se agrupam todos, saltam ás pontas, e, pendurados, fulminam o animal fremente e espumoso, que pára e cáe. De repente todos se affastam, e o bravo touro, urrando e como envergonhado, investe de novo, mas procura por fim o asylo seguro, que o recebe sem uma farpa, sem uma bandarilha, sem uma «monha».

Chovem as palmas e os «hurras» de todos os lados. As valentes rapagões vão receber em premio as fitas offerecidas pelo lavrador, que mais uma vez se congratula em não haver desastre a lamentar.

Foi do carro do sr. Bagulho que presenceamos esta folgança, que se afasta de todas as corridas de touros, quer portuguesas, quer hespanholas.

Não ostentando o esplendor da verdadeira tauromachia, é interessante pela sua simplicidade, que lhe dá quasi o aspecto de uma exposição de touros bravos».

(*O Elvense*,» n.º 5, de quinta-feira 8 de julho de 1880).

XXIII

Luzes sobre as sepulturas

«Em Badajoz, e crêmos que em toda a Hespanha, é costume na noite de 1 para 2 de novembro, ir cada familia ao cemiterio, em piedosa visita, depositar uma lanterna com luz sobre a sepultura dos seus parentes; e na tarde de 2 tornarem alli para recolher essas lanternas e orarem pela alma d'aquelles que lhes foram caros. Neste anno, apesar do dia estar muito chuvoso, a concorrencia a esta commemoração foi numerosissima.»

(*Ibidem*, n.º 22, de 7 de novembro de 1880).

XXIV

Pescarias no dia de S. José

«No dia de S. José dá a boga na cascalheira: é axioma sabido e seguido pelos elvenses, que para a pescarem, ou com esse pretexto, correm em ranchos folgazões a passar com amigos ou com suas familias o dia nas margens do Caiola, Casa, Guadiana, e outros rios, onde em alegre refeição consomem o seu chibo assado, precedido da picante *escalda* de peixe, e esgotam a borracha do puro de Borba.

Ha individuos, chefes de familias, que não faltam a este *dever*, ainda que o tempo esteja tempestuoso. Consideram isto como uma romaria necessaria, indispensavel».

(*Ibidem*, n.º 42, de 27 de março de 1881).

A *escalda* é um picante guisado, ou antes, uma sopa de pão, em caldo de peixe; e bem apropriado é o nome que lhe dão, porque para *escaldar* e para damnar gargantas e estomagos, nada ha melhor. Eis a receita do guisado: Faz-se um polme, composto de pimentão picante,

alhos esmagados, poêjos, azeite, vinagre e sal, e leva-se ao fogo numa tigela de barro; deixa-se refogar esse polme, deitando-se-lhe agua fria a pouco e pouco; ao abrir fervura junta-se-lhe o peixe, e em este estando cozido, tira-se a tigela do lume e derrama-se o caldo numa terrina onde se teem posto em camadas fatias de pão; por cima das sopas deita-se o peixe, deixa-se aboborar um bocado, e serve-se.

XXV

Altos e grados
Com trezentos Diabos!

«Como se sabe, é antiquissima esta tradição popular que se attribue á Virgem Maria quando fugia com o Redemptor para Bethlem, a fim de o livrar da degolação de todos os innocentes ordenada por Herodes: passando por campos semeados de tremoços, estes, com o arruido que faziam, denunciavam a sua passagem, e, por isso, lançou-lhes a seguinte imprecação — *amaldiçoados sejaes, e nunca saciareis quem vos comer!*

Ora como antidoto, quiçá, a esta maldição, usam os nossos homens do campo, quando semeiam aquelles legumes, dizer em voz alta: *Altos e grados, com trezentos diabos!*».

(*Ibidem*, n.º 46, de 24 de Abril de 1881).

XXVI

Programma elaborado pela Camara Municipal d'Elvas para a recepção de D. Pedro V, em outubro de 1860

«No dia da chegada de S. M. El-Rei, a camara saindo dos paços do concelho á hora apropriada, de capa e volta, e chapeos na cabeça, levando o vereador mais moço o estandarte, se dirigirá á ultima porta da cidade, da qual segue o caminho para a cidade de Olivença; ahi fará alto, e se demorará. Logo que tenha noticia da proximidade de S. M., á ultima volta que faz a estrada coberta, junto á referida porta, se dirigirá ao coche, e a pouca distancia, parando-se entregará as varas ao continuo. O presidente, adiantando-se, chegará ao dito coche, e lhe dirigirá a falla, offerecendo-lhe as chaves da cidade.

Feita esta cerimonia, e querendo S. M. entrar na cidade a pé, a

camara, dirigindo-se á porta, onde deve estar pronto um pallio de seis varas, pegará nelle, e recebendo S. R. M. assim caminhará até á Sé, vindo descoberta. O vereador que levar o estandarte tomará logar no prestito, adiante do pallio, mas junto ao mesmo e do lado esquerdo, ficando o da direita para superiormente ser occupado na fórma do costume.

Apenas S. M. entrar a porta da Sé, onde deve estar o cabido com o seu pallio, a camara entrega o seu, recebe as suas varas, e segue na rectaguarda de S. M. até ao logar do costume, onde devem estar as cadeiras para assistir ao Te-Deum; findo o qual, retirando-se S. M., a camara, fóra da porta principal, torna ás varas do pallio e a receber S. M., acompanhando-o assim até á ultima escada fóra do adro, aonde S. M., querendo, entra no coche e se dirigirá ao palacio do Bispo; porém, indo a pé, a camara o acompanhará com o pallio, debaixo do qual irá S. M.

Finda a ceremonia, a camara se recolhe aos paços do concelho, e tendo a previa licença, irá receber as ordens de S. M. El-Rei.

No caso porém que S. M. se não apêe ás portas da cidade, e faça a sua entrada a cavallo, ou em coche, não servindo o pallio, a camara, no prestito que deve vir adiante, toma o logar como já se referiu, e assim irá até chegar ás escadas da cathedral, onde estará o pallio pronto; e a camara, pegando nas varas, recebe a S. M. e o acompanha até á porta, onde deve estar o cabido, seguindo-se em quanto ao mais tudo o que escripto fica».

(*Livro das vereações da Camara Municipal d'Elvas*, do anno de 1860. — Vereação de 15 de Outubro de 1860).

XXVII

Os casaquinhas

«Quer saber o leitor quem eram em 1823 *os casaquinhas?* Eram os cidadãos da guarda civica: o germen do pequeno partido liberal, votado já ás persiguições anarchicas, interrompidas depois em 1826 e 1827 com a data da Carta, e extremadas de 1828 até 1834. Constituiam uma companhia pequenissima, que nunca fez serviço. Tenho sufficiente lembrança ainda do seu uniforme. Era de pano côr de pinhão, tanto a calça como a farda, tendo esta pequeninas abas e dragonas de pano, tudo guarnecido de canutilho de prata. A parte que hoje reputariamos mais original consistia no chapeu cylindrico alto, de que usavam estes apaixonados guardas, em logar de barretina ou barrête, adornado com uma fita larga azul e branco».

(*O Elvense*, n.º 992, de 10 de Agosto de 1890).

XXVIII

«Aquelle fêz-se á Malta»

«Todas as terras da Ordem de Malta em Portugal tinham muitos privilegios. Quando algum individuo, caseiro da Ordem, era inquietado com pedidos ou serviços publicos, invocava os seus *privilegios*, e ficava logo isento. E' por isso que ainda hoje, quando alguem se exime de qualquer obrigação ou serviço, ou do pagamento de qualquer divida, sob plausivel ou futil fundamento, costumâmos dizer: *aquelle chamou-se á Malta*, ou *pôs-se* á *Malta*, ou *fêz-se á Malta*, isto é, invocou os privilegios dos vassalos da Ordem de Malta. D'aqui o *maltês* alemtejano?»

(*O Elvense*, n.º 1128, de 12 de novembro de 1891).

XXIX

«E' quem dá os dias santos»

«Os parochos em os Domingos darão os Santos de guarda que cairem na semana».

(*Constituições do Bispado d'Elvas*, fol. 75).

XXX

Comparações populares

Aborreces-me como cão morto.
Amigo, como a cabra do cutello.
Anda, como dromedario; — como sapo por alqueives.
Assim medre meu sogro, como cão detraz do fogo.
Bebe como um funil; — como um forneiro.
Calado como toucinho em sacco.
Cheio como uma colmeia.
Como quem vai de caminho . . .
Como saco de carvoeiro, mau por fora, peor por dentro.
Cresces e aborreces, como o filho do asno.
E' como os bois do João Affonso, que fogem da relva para a erva.

E' como o burro do Vicente, em cada feira vale menos.
E' como o burro de S. Bras, quem os não quer ter, não os faz.
E' como o João Gomes, foi em sella, tornou de alforges.
E' como as tourinhas, sempre cae em pé.
Falso como manta de retalhos.
Feio como um côco.
Largo e estreito, como o anno mau.
Maior é o anno que o mês.
Mão sobre mão, como mulher de escrivão.
Mente mais do que dá por amor de Deus.
Mente Martha, como sobrescripto de carta.
Mette-se como cebolinha em restea.
Poz-se á espreita, como um gato.
São como os sapateiros dos Arcos, que põem a sovela no chão.
Sei isto como as minhas mãos.
Servir como um mouro.
Só, como o espargo no monte.
Tal é o dado, como seu dono.
Tal é o demo, como sua mãe.
Tal é o servo, como o senhor.
Tem tanta graça como um carapeteiro secco.
Tanto morre o Papa, como o que não tem capa.
Tanto morrem os cordeiros, como os carneiros.
Tanto se me dá d'isso, como do chiar d'um carro.
Vá de roda como os cães.
Valente como a serpe.
Vasa-se como um odre.

XXXI

Proverbios e anexins

Quem parte e reparte, e não tira a melhor parte, ou é tolo, ou não tem arte.

Se a mulher soubesse a virtude da arruda, buscava-a de noite á lua.

Por tres dias de ralhar, ninguem deixe de casar.

Uma figa ha em Roma, para quem lhe dão e não toma.

Nem tudo é para todos, nem todos são para tudo. *(Non omnia possumus omnes)*.

Mana, calçotes, que está a cevada nos potes.

Quem bem bailou, sempre o geito lhe ficou.

Cada mocho a seu coito.

Para passas é cedo, para figos é tarde.

Bem sei o que digo, quando pão *pido*.

Cada qual ajuiza conforme entende.

Grande bota, grande palmilha.

Digo-t'o nora, para que me entendas, sogra.

Não ha rainha sem vizinha.

No dia de S. José salta a boga na cascalheira (cfr. supra, pag. 249).

Na boda dos pobres tudo são vozes.

Vender e arrepender.

Por dar, dão, dizem os sinos de Santo Antão.

Quem troça tambem morre.

Aprendiz de Portugal, não sabe coser e quer cortar.

O que muito custa, muito vale.

Dia de S. Thomé, quem não tem porco mata a mulher; e quem não tem mulher, mata o filho mais gordo que tiver.

Em caindo o Natal á segunda-feira, tem os lavradores de alargar a eira.

Quando te digo que a burra que é preta, olha-lhe p'r'ó cabello.

Aprender bons officios e viver em boas terras.

Quem foge obedece.

Sopas de ganhão, de cada tres um pão.

Papas até á porta; migas até ao arado.

Mulher sem enredos, bolsa sem dinheiro.

Em tempo de guerra não se limpam armas.

Pouco vale o que pouco custa.

Casa feita, sepultura aberta.

Muito palrar, pouco pensar.

Quem não entende, não attende.

Acabada a dependencia, acaba a correspondencia.

Tende paciencia, e tereis sciencia.

Homem sem noticias, mundo ás escuras.

Caminho começado, meio andado.

XXXII

Cento e dezanove locuções portuguesas comparadas com as similares de varios países romanicos

1) Abarcar o céu com as mãos ambas.

Em França: Prendre la lune avec les dents.

2) Achou a fôrma do seu pé (*ou* do seu sapato).

Em França: Il a trouvé chaussure à son pied. *Em Hispanha:* Hallar la horma de su zapato.

3) Adorar o sol nascente...

Em França: On adore plutot le soleil levant, que le soleil couchant.

4) Á falta de homens...

Em Hispanha: A falta de hombres buenos, hicieron á mi padre alcalde.

5) Agarrar a occasião pelos cabellos.

Em França: L'occasion a tous les cheveux au front. *Variante:* Il faut saisir l'occasion aux cheveux.

6) Amigo velho, sem caruncho.

Em França: Vieille amitié ne craint pas rouille.

7) A montanha pariu um rato.

Em França: La montagne a enfanté une souris. — A origem está, como é sabido, numa fabula de Phedro.

8) Anda o carro adiante dos bois.

Em França: Il ne faut pas mettre la charrue devant les bœufs.

9) Andar de Herodes para Pilatos.

Em França: Mener de Cayphe à Pilate.

10) Andar Séca e Méca.

Variante: Andar Séca e Méca, e olivaes de Santarem. *Em Italia:* Andar dal pero al fico. *Em Hispanha:* Andar de ceca en meca. *Variante:* Andar de ceca en meca y de zoca en colodra. *(D. Quixote).*

11) Aquelle tem o pae alcaide...

Em Hispanha: Quien padre tiene alcalde seguro va á juicio.

12) Atacar com balda certa...

Em Hispanha: No hay peor burla que la verdadera.

13) Até as formigas tem catarrho.

Em Hispanha: Aun no ha salido del cascaron, y ya tiene presuncion. *Variante:* Hasta los escarabajos tienen tos. *Outra:* Hasta los gatos tienen romadizo. *Outra:* Hasta los gatos quieren zapatos.

14) Bilha de leite por bilha de azeite.

Em França: Donner un œuf pour avoir un bœuf.

15) Brinca brincando...

Em Hispanha: Burla burlando...

16) Cacarejar e não pôr ovo.

Em Hispanha: Cacarear y no poner huevo.

17) Buscar agulha em palheiro.

Em França: Chercher une aiguille dans une botte de foin.

18) Cada um é senhor do seu nariz.

Em França: Le chat commande à sa cue (queue). *(XVe siècle).*

19) Cara estanhada.

Em França: Avoir le frond d'airain.

20) Cartas na mesa, jogo franco.

Em França: Jouer cartes sur table.

21) Chegou-lhe a mostarda ao nariz.

Em França: La moutarde lui monte au nez.

22) Clamar no deserto...

Em Italia: Chi predica al deserto perde il sermone. *Em Hispanha:* Predicar en desierto, sermon perdido. *Variante:* Predicame, padre, que por un oido me entra, y por otro me sale.

23) Comprar nabos em saco.

Em França: Folie est d'accepter chat en sac. *Variante:* C'est mal achat de chat en sac. *(XVIe siècle).*

24) Com razão, ou sem ella.

Em França: A tort ou à raison.

25) Cantar mal e *aporfiar.*

Em Hispanha: Cantar mal y porfiar.

26) Crescer a agua na bocca.

Em França: Celle fait vénir l'eau à la bouche.

27) Curar-se em saude.

Em Hispanha: Ponerse el parche ántes de que salga el grano. *Variante:* Curar-se en salud. *Outra:* Si quieres que no te den, ántes de darte quéjate.

28) D'ahi lavo as minhas mãos.

Em França: Je m'en lave les mains.

29) Dar ás de Villa-Diogo.

Em Hispanha: Tomar las de Villadiego.

30) Dar tempo ao tempo.

Em Italia: Dá tempo al tempo.

31) Deitar agua no mar.

Variante: Chover no molhado. *Em França:* Porter de l'eau à la mer. *Variante:* Porter de l'eau à la rivière.

32) Deitar poeira nos olhos.

Em França: Jeter de la poudre aux yeux.

33) Dois cães a um osso...

Em França: Un os à deux mastins ensemble combien qu'il soit gros, et trop peu. *(XVIe siècle). Variante:* Deux chiens à un os ne s'accordent.

34) Dois galos num poleiro...

Em Italia: Non istanno bene due galli in un pollaio.

35) Dourar a pilula...

Em França: Dorer la pilule à quelqu'un.

36) D'uma cajadada matar dois coelhos.

Variante: De uma via, dois mandados. *Em Italia:* Fare un viaggio, e due servizzi. *Em França:* Faire d'une pierre deux coups. *Em Hispanha:* De un camino dos mandados. *Variante:* Por atun, y ver al duque.

37) É cão de todas as bodas.

Em Hispanha: Perrillo de muchas bodas no come en nenguna por comer en todas.

38) É deitar perolas a porcos.

Em França: C'est jeter des perles à un pourceau.

39) Ensinar o Padre-nosso ao Vigario.

Em França: Veulx tu apprendre au filz de pêcher à manger du poisson. *(XVIe siècle).*

40) Entre a pera e o queijo...

Em França: Entre la poire et le fromage.

41) Esgotar o calix até ás fezes.

Em França: Avaler le calice jusqu'à la lie.

42) Está o diabo atrás da porta.

Variante: Nem sempre o diabo está atrás da porta. *Em França:* Le diable n'est pas toujours à la porte.

43) Estão de casa e pucarinho.

Em França: Ils sont ensemble à pot et à rôti.

44) Estão verdes, não prestam...

Em França: Aussi dist le renard des mures, quand il n'en peult avoir: «Elles ne me sont point bonnes.» *(XVIe siècle). Em Hispanha:* Agrillas eran, dijo la zorra.

45) Está pelos olhos da cara. (Custa extremamente caro).

Em França: Celà coute les yeux de la tête.

46) Estar com a pedra no sapato.

Variante: Estar com a pulga no ouvido. *Em França:* Avoir la puce à l'oreille. Na Espanha: "estar con la mosca en la oreja" (M. S. C.)

47) Estar com o pé no estribo.

Em França: Avoir toujours le pied a l'étrier.

48) Estar seguro a duas amarras.

Em Italia: Tener il piede in due staffe. *Variante:* Chi tiene il piede in due staffe, spesoo si trova fuora. *Em França:* Avoir plusieurs cordes à son arc.

49) Estender a linha...

Em França: Allonguer la courroie.

50) Espirram os bodes, é signal de bom tempo.

Em Italia: Quando il tiempo se muta, la bestia starnuta.

51) Fazer castellos no ar.

Em França: Des chateaux en Espagne. *Em Hispanha:* Hacer castillos en el aire.

52) Fazer da necessidade virtude.

Variante: Fazer das tripas coração. *Em Italia:* Bisogna fare di necessità virtù. *Em França:* Faire de nécessité vertu. *(XVIe siècle).*

53) Fazer o diabo a quatro.

Em França: Faire le diable à quatre.

54) Fazer o ninho atrás da orelha...

Em França: Jamais ne fut ny sera qu'une souris fasse son nid en l'oreille d'un chat. *(XVIe siècle).*

55) Fazer ouvidos de mercador.

Em Italia: Far orecchi di mercatante. *Em Hispanha:* Hacer orejas de mercaderos.

56) Faz-me a boca em agua.

Em França: Cela fait venir l'eau á la bouche.

57) Gabo-lhe o gosto...

Em Hispanha: Alabo el gusto.

58) Ha mais Marias na terra...

Em Hispanha: Hay muchos burros de un mismo pelo.

59) Ir buscar lan e vir tosquiado.

Em Hispanha: Ir por lana y volver trasquilado. *Em França:* Souvent qui vient pour tondre s'en retourne tondu.

60) Ir no cavallo dos frades...

Em França: Aller sur la haquenée des cordeliers.

61) Isto salta aos olhos.

Em França: Celà crève les yeux. *Variante:* Celà saute aux yeux.

62) Ladrar á Lua.

Em Francez: Abboyer à la Lune. *Variante:* Dieu garde la Lune des loups.

63) Lá foi tudo quanta Martha fiou.

Em França: Quant Marthe file et Ambroise haple leur cas est triste et pitoiable. *(XVIe siècle).*

64) Lagrimas de crocodilo.

Em França: Pleur de femme, crocodille semble.

65) Leva tudo á ponta da espada.

Em França: Il veut avoir les choses à la pointe de l'épée.

66) Levou-o á parede.

Em França: Mettre quelqu'un au pied du mur.

67) Matar o tempo.

Em França: Nous tuerons le temp.

68) Medir a todos por parelho.

Em Italia: Menar la mazza tonda. *Em Hispanha:* Llevar a todos por un parejo.

69) Me melem, se isto não é assim.

Variante: Me pellem, se isto não é assim. *Em França:* Je veux qu'on me tonde.

70) Menos lobos, compadre...

Em França: On croit toujours le loup plus grand qu'il n'est. *Em Hispanha:* Achicad compadre, y llevareis la galga.

71) Muita parra, pouca uva.

Variante: Muita gallinha, pouco ovo. *Em Italia:* Molto fumo e poco arrosto. *Em França:* Il y a plus de paille que de grains...

72) Muito pode o gallo em seu poleiro.

Em Hispanha: Cada gallo canta en su muladar.

73) Não é por ahi que o gato vae ás filhós.

Em França: Ce n'est pas par là que le pot s'enfuit. *Em Hispanha:* No prende ahi el arado. *Variante:* No está en eso la dificultad.

74) Não tem nem uma de cinco (*var.:* ou de xis=X).

Em França: N'avoir ni sou ni maille.

75) Não vale o pão que come.

Em França: Il ne vaut pas le pain qu'il mange.

76) Nem ata, nem desata.

Em Hispanha: Ni ata ni desata.

77) O Diabo é tendeiro, vende agulhas por dinheiro (*ou:* e arma tendas sem dinheiro).

Em Italia: Il diavolo è sottile, e fila grosso.

78) O diabo não tem sono.

Variante: O diabo não dorme. *Em França:* Le diable ne dort jamais. *Em Hispanha:* El diabo no duerme. *Variante:* El diablo no todas veces duerme.

79) O nariz não é feição.

Em França: Jamais long nez ne gâte beau visage.

80) Ou Cesar ou João Fernandes.

Em França: Roi ou rien.

81) Outro gallo me cantára.

Em Hispanha: Otro gallo me cantara.

82) Palavras ao vento.

Em França: Des mots au temps sont emportés par le vent.

83) Pão pão, queijo queijo.

Em Hispanha: Al pan pan, y al vino vino.

84) Para ti é que cantou o cuco.

Em Hispanha: Por vós cantó el cuchillo.

85) Perder a trasmontana *(estrella polar)*.

Em França: Perdre la tramontane.

86) Pescador de aguas turvas...

Em França: Eau trouble, gain du pescheur. *(XVI[e] siècle)*. *Variante:* Il n'est que pêcher en eau trouble. *(Idem)*. *Outra:* Pescher en eau trouble est gain triple ou double. *(Idem)*.

87) Pobre é o diabo...

Em França: Le diable est pauvre, qui n'a point d'âme.

88) Põe palha, Maria, que faz brasa...

Em Italia: Chi di paglia fuoco fa, piglia fumo e altro non ha.

89) Por artes de berliques e berloques.

Em Hispanha: Por arte de birli berloque.

90) Por elle não metto as mãos no fogo...

Em França: J'en mettrais la main au feu.

91) Por fas ou por nefas.

Em Hispanha: Por ce ó por be, se salió con la suya.

92) Quando as gallinhas tiverem dentes.

Em França: Quand les poules auront des dents.

93) Quebrar lanças por alguem.

Em França: Rompre une lance pour quelqu'un.

94) Quem não te conhecer, que te compre.

Em Hispanha: Quien no te conoce, que te compre.

95) Quem pergunta quer saber.

Variante: Quem pergunta não erra. *Em Hispanha:* Quien pregunta no yerra.

96) Quem porá o cascavel ao gato?

Em França: Attacher le grelot.

97) Quem viver, verá.

Em França: Qui vivra verra.

98) Quero-lhe a pelle para um tambor.

Em França: Faire la peau d'un bonhomme un tambour.

99) Sahida de cavallo e parada de sendeiro.

Em Hispanha: Corrida de caballo y parada de borrico.

100) Saltar de cavallo para burro.

Em França: Devenir d'Éveque meunier.

101) São feitos da mesma massa.

Em França: Ce sont gens de même farine.

102) Se é rico, que jante duas vezes.

Em França: S'il est riche, qu'il dine deux fois.

103) Sem comê-lo, nem bebê-lo.

Em Hispanha: Sin comerlo ni beberlo.

104) Sem pés nem cabeça.

Em França: Sans queue ni tête.

105) Sonhava o cego que via...

Em Hispanha: Soñaba el ciego que veia, y soñaba lo que querria.

106) Tarde piaste...

Em França: A tart crie l'oiseau quand il est pris.

107) Tem mais olhos que barriga.

Em França: Il a plus grands yeux que grand ventre. *Variante:* Avoir plus grands yeux que grand panse. *Outra:* L'en ne doit pas avoir les yeux plus grands que le ventre.

108) Tem o coração ao pé da boca.

Em França: Avoir le cœur à la bouche.

109) Tem o diabo no corpo.

Em França: Avoir le diable au corps.

110) Tempestade num copo de agua.

Em França: Faire une tempête dans un verre d'eau.

111) Tirar a sardinha com a mão do gato.

Em França: Faire comme le singe, tirer les marrons du feu avec la patte du chat. *(XVIe siècle).*

112) Tomar as dores antes do parto.

Em Hispanha: No temas mal incierto.

113) Trabalhar para o Bispo.

Em França: Travailler pour le roi de Prusse.

114) Uma cabana, e o teu amor...

Em Hispanha: Contigo pan y cebolla.

115) Uma no papo, outra no saco.

Em Italia: Quel che no va nel mánico, va nel canestro. *Em Hispanha:* Una en el papo y otra en el saco.

116) Vê-lo-hemos...

Em Hispanha: Allá lo veredes, dijo Agrales. *Variante:* Todo andará bien, si la varita no se quiebra.

117) Vender gato por lebre.

Em Italia: Vendere lucciole per lanterne. *Variante:* Mostrar'a uno la luna nel pozzo. *Em França:* Vendre des vessies pour des lanternes. *Variante:* Me veux-tu faire accroire de vessies que ce sont lanternes? *(XVIe siècle). Outra:* Veux-tu me faire croire que des vessies sont des lanternes? *Em Hispanha:* Vender gato por liebre.

118) Voltar a casaca.

Em França: Tourner casaque.

119) Verde é esperança...

Em Italia: La speranza é sempre verde.

(Elvas).

A. THOMÁS PIRES.

Sobre um verso de Gil Vicente [1]

I

CARTA ABERTA AO EMINENTE POETA AFONSO LOPES VIEIRA

Meu prezado amigo:

Entre as cousas que se teem acusado de intrincadas na interpretação de Gil Vicente, figura um celebre verso do *Auto da Barca do Inferno*, apresentado nas edições até hoje aparecidas sob a seguinte enigmatica forma:

Ora venha a caro a ré.

Na sua excellente adaptação, o meu caro poeta adoptou, para o tornar intelligivel, a versão proposta pela insigne romanista a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

Ora venha Caronte a ré.

Com o devido respeito pela sabia professora, esta lição afigura-se-me absolutamente caprichosa, e, como assevera o nosso commum amigo e brilhante critico Manuel de Sousa Pinto (*A Mascara*, n.º 1, recentemente publicada), de «um descabido significado mythologico».

Para substituir esta versão, alvitra Sousa Pinto outra, que não me parece mais plausivel, indo catar ao *Cancioneiro da Vaticana* a expressão *a carom* ou *acarom*, que por signal figura no *Elucidario* de Santa Rosa de Viterbo com os significados: «A' face, á vista, junto, perto, descubertamente e sem cousa alguma de permeio». Ficaria pois o verso assim transformado:

Ora venha a carom á ré.

---

1 [Por serem muito dignos de ficar archivados em uma revista philologica, transcrevo aqui, do *Diario de Noticias*, onde primeiro appareceram, estes artigos. Tenho para isso devida auctorização de seus auctores. — J. L. DE V.].

E, mau grado a interpretação elucidativa do nosso prezado Sousa Pinto, não vejo que a phrase adquira por tal geito uma extrema clareza. Diz elle: «O Diabo, no citado verso, quer provavelmente apenas dizer que vem *acaro á ré* ou *acarom ré*, isto é, á prôa, pois que, para mais certeza, da situação inicial da obra se conclue que aproou naquelle momento».

Ora em primeiro logar, a phrase *a carom* ou *a carão*, por *defronte* ou *á face* exige para seu complemento a preposição *de* e não a preposição *a*. *A carom de ré* seria, pois, a lição devidamente alterada, querendo dizer porventura que se voltasse (quem?) para ré.

Mas, em segundo logar, a interrogação que deixo sobre o sujeito da oração permanece no meu espirito sem resposta. O verbo está na terceira pessoa, e não permitte pois supôr que o espirito das trevas se dirija ao interlocutor, cuja dignidade exclue um tratamento, apenas usado naquelles tempos, de ordinario, de inferior para superior.

A interpretação está pois longe de me satisfazer, tanto mais que de ha muito, um instante embaraçado pela manifesta infidelidade de um copista descuidado ou de um compositor insciente, me surgiu luminosamente ao espirito a glosa, da qual, salva a minha deferencia pelos doutos commentadores, será bastante difficil demoverem-me.

Quanto a mim, o desalmado copista ou typografo apenas femininizou o artigo, e, á semelhança de um grande numero de escritores e escreventes quinhentistas, desprezou o dobramento da consoante *r*, o qual na calligrafia da epoca se traduz por uma differença de caracteres. Explica-se facilmente a sua ininteligencia do texto vicentino, dado que o homem era de todo hospede em assumptos de nautica.

O verso, na minha opinião, é o seguinte:

Ora venha o carro a ré.

Assim apresentado, é possivel que ao meu caro poeta elle não offereça um significado nitido. Nem o Lopes Vieira, nem o Sousa Pinto, se escandalizarão por certo, não tendo pretensão de encyclopedistas, se eu não lhes attribuir, e tambem á minha Ex.ma collega D. Carolina Michaëlis, conhecimentos muito mais amplos do que os do copista em materia nautica.

Carro vem a ser termo nautico que nos diccionarios modernos figura applicado á verga de mezena, com a significação da extremidade mais grossa e inferior da mesma verga. Mais lata e exactamente, esse termo designa a parte inferior de uma antena de vela latina triangular, a qual é habitualmente virada para a prôa. Ha citações italianas e francezas da mesma palavra (F. *cart* ou *carre* neste ultimo idioma),

remontando ao seculo XVII, no *Glossaire Nautique* de Jal. Permitta-me o transcrever uma d'ellas, de Crescentio (*Nautica Mediterranea, 1607*):

«Il carro è la parte di proda» (dell'antenna) «chè nel far la vela quando si maniga sempre si volta al vento, et oue ataca il cantillo della vela».

Ora a barca do Inferno é uma caravela, como se vê no seguimento do texto. As suas velas triangulares envergam numa antena, cujo carro se volta para vante quando a vela está caçada. Tendo abicado a barca á praia, explica-se facilmente a manobra ordenada pelo Diabo, que mostra ser um perito arraes.

Desculpe-me o estendal de erudição maritima, que era indispensavel para perfeita comprehensão da minha glosa. Mas ocorre-me ainda uma citação frisante, a qual se acha a pag. 102 dos meus *Estudos sobre navios portugueses nos seculos XV e XVI*, em documento quinhentista que trata das medidas de uma caravela: «A Verga grande terá de comprido dezaseis bracas, fora o *carro* por respeito do virar que he latina..»

E basta de importunar os ouvidos da sua deliciosa Musa com estes prosaicos commentarios a Mestre Gil. Sirva-me de desculpa o estar persuadido, sem vaidade, de que a minha interpretação é segura e definitiva. Por muito feliz me darei se o seu luzido espirito assim a considerar.

Abraça-o o

Seu admirador e amigo obrig.mo

S/c, 22 de Janeiro de 1912.

Henrique Lopes de Mendonça.

II

a) AO REDACTOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Meu prezado amigo

Desta vez não lhe peço desculpa. Pelo contrario. Exijo que me agradeça. Á minha modesta prosa deve uma colaboração inesperada: nada mais e nada menos que a da eminente romanista D. Carolina

Michaëlis de Vasconcellos. Distinguiu-me s. ex.ª com a carta que remeto, e cuja publicação por meu intermedio solicita. Não tenho senão que felicitar os seus leitores.

Mas não ha medalha sem reverso. Ainda quando a minha contumacia não me induzisse á replica, não a escusa a muita e admirativa deferencia que merece a minha ilustre contraditora.

Por isso, desde já lhe peço para o numero seguinte um cantinho em que possa dispôr as minhas minguadas hostes contra a poderosa fortaleza que me assoberba.

Este ultima sacrificio é que lhe agradece o

Seu admirador e amigo obrg.mo

31/1/12.

Henrique Lopes de Mendonça.

*

b) EX.mo SR. HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

Só duas palavras muito á pressa, em replica á *Carta aberta* de v. ex.a — que não me é dirigida, mas em que figuro. Desconheço o outro artigo publicado em «A Mascara», a que v. ex.a se refere e que combate, mas tentarei vê-lo antes de responder *explicitamente* a ambos e ao gentilissimo e benemerito modernizador dos *Autos*, que já deverá estar sobresaltado e arrependido de me haver consultado, aceitando o meu alvitre por deferencia. O meu alvitre, ou os meus alvitres, visto que se trata da restauração de toda a quadra inicial do *Auto das Barcas*, deturpada na edição de Hamburgo, e tambem na de 1561, que lhe serviu de modelo. Para sossega-lo é que traço estas linhas provisorias de defesa. A demonstração plena da minha tese sairia longa, não cabe num *Diario*: reservo-a para a *Revista Lusitana* ou para o *Dionysos* de Coimbra.

Não é por teimosia que fico com a minha ou na *minha*, continuando a ler *Oravenha o Caron á ré!* Desde já seja dito que a modernização *Caronte*, que não aprovo, é de Afonso Lopes Vieira, e que ele a introduziu naturalmente para se tornar compreensivel, visto que a forma *recta, nominativa*, usada de proposito pelos humanistas, a fim de distinguir bem o velho da Barca do rio Aqueronte que ele sulcava, é hoje desusada.

Rejeito decididamente tanto *acarom* — preposição composta, ainda hoje vulgar na Galiza, familiar a Gil Vicente e minha conhecida — como o *carro* que v. ex.a propõe — *carro* do qual sei pouco; apenas o que aprendi no grande dicionario nautico, poliglota, de Bobrik, o suficiente todavia para o vocabulo figurar desde 1890 com tradução correcta no dicionario português-alemão de H. Michaëlis (minha irmã).

Fico-me na minha — porque posso apresentar provas concludentes, gerais e particulares, intrinsecas e extrinsecas, ou paleograficas e literarias — hauridas parte nas proprias obras do grande Gil, parte nas de um seu tradutor castelhano coevo, em duzias de outros textos quinhentistas — em preciosas edições ignoradas da *Barca do Inferno* e — *last not least* — nas ideias universais da Idade-media sobre os tres reinos de além tumulo, tal como elas se manifestam nas *Dansas-Macabras*, na *Divina-Comedia*, nas *Cortes de la Muerte* e na demonologia dos teologos.

Reconstruam vv. ex.as pela leitura da Trilogia inteira e das outras obras de devoção do fundador do teatro português a sua filosofia, e verão que curiosa mescla de ideia pagãs e cristãs, de elementos populares e de mitologias classicas ela é! Lembrem-se das inumeras reminiscencias greco-romanas que ha no folklore português. Para o caso da Barca servem o dinheiro metido nos caixões, verdadeiro obulo de Caronte, e as locuções *passar o rio* — *passar o vao* — *passar a barca*, etc. Lembrem-se do esplendido Charonte de Luciano, o grande satirico de Samosata e dos *Dialogos* dos seus imitadores italianos e castelhanos, muito em voga no tempo de Gil Vicente.

Persuadidos de que a ideia das *Barcas* é original do poeta português, inspirada pela actividade maritima da nação, vv. ex.as não vêem que ele acolheu, como todos os escritores, as concepções e ideias do seu tempo e do seu meio; e talvez me apedrejem por não aceitar aquele dogma e por estar persuadida que o profundo braço de mar — foz de rio — lago — ou lagôa em que coloca as barcas é a *triste ribeira tartarea de Acheronte* — e que o barqueiro ou arrais que, remando, conduz as almas ao Inferno, não pode ser outra coisa senão o *Velho da Barca* — *il nocchier della livida palude*, de Dante Alighieri, cuja Divina Comedia Gil Vicente talvez (?) não conhecesse de viso, mas seguramente de fama.

Podem descansar, porém: não vou amesquinhar o meu predilecto — o genio mais inventivo que Portugal produziu. Muito pelo contrario, pretendo provar (quando tiver tempo) que ele não imitou modelos estrangeiros, a não ser nos seus principios pastoris. Mesmo aproveitando elementos preexistentes, foi criador especialmente na Trilogia das Barcas, que é a obra mais transcendental que lhe devemos.

Mas vamos ao verso *Ora venha o Caron á ré.*

Assim leio ha muitos anos. Ha vinte, ou mais, que guardo nas gavetas etimologicas um pequeno estudo, sobrescritado *Caron e Aqueronte*, em que provo que nesta peninsula, e sobretudo na ocidental praia lusitana, bem pouco afeiçoada aos estudos classicos, houve confusão entre *Caronte* e *Aqueronte*, e que por isso mesmo os espiritos de selecção preferiram dar ao velho da Barca o nome *recto* e *nominativo*, reservando o obliquo para o rio que sai da lagoa da Styx, ou para ela corre. As provas que apresentarei são dez portuguesas; e outras tantas castelhanas.

Posteriormente conheci a admiravel redacção castelhana da *Barca do Inferno* — em duas edições raras por igual; e nelas vi com muita satisfação que o coevo de Gil, *que assistiu em Lisboa a uma representação do Auto*, trata o companheiro de Satanás constantemente de *Caron;* e que além disso reforçou a nota, tratando do *obulo*, dinheiro, ou *tostão* dos mortos, e do *Cão Cerbero*, etc. (transformado na boca de um Inocente, por etimologia popular, num *cão cerveiro* — papa-cervos). Eis um dos passos (do Introito) abreviado; só nas partes mais claras:

> Mia fé, yo os quiero contar
> no sé qué que vi en Lisboa,
> que dicen que es *cosa boa*,
> segun su comun hablar...
> . . . .
> no sé que navegacion
> en un lago, rio ó mar...
> . . . .
> un hidalgo português
> venir á aqueste paraje
> con gran rabo, silla, e paje
> que de verlo reirés...
> adonde, queriendo ó no,
> embarcó, segun vi yo
> com Caron y su valia
> . . . .

E outro:

> todos estos han entrado
> con Caron.
> . . . .
> camino del Cancerbero.

Passo os restantes, muito significativos tambem.

Agora o principal. Possuo em *fac-simile*, ou antes fotocopia, duas edições antigas da Barca. Uma é a verdadeira *editio princeps !*, impressa ainda em tempo de el-rei D. Manuel! — entre 1517 e 1521 — corrigida provavelmente pelo proprio Gil, que teve privilegio para todas as suas

obras — igual ao que Garcia de Rèsende tinha obtido para o *Cancioneiro Geral*.

Pois bem. Nesta impressão (superior á de 1561 em todos os sentidos) — a quadra inicial diz textualmente:

di. (= Diabo) Aa barca aa barca oulaa
que tenemos (*sic*) gentil maree
ora venha ho caro a ree

cõ. (= Companheiro) feyto feyto
dia, bem esta[a].

Como v. ex.ª vê: com todos os defeitos das impressões antigas — sem pontuação e sem letras maiusculas, com um espanholismo, etc., etc.

Em outra impressão solta, posterior, mas que deriva directamente d'aquela, cortaram apenas o *h*, meteram algumas virgulas e maiusculas, emendaram *tenemos*, cortaram alguns *aa* e *ee*.

Diabo

Aa barca, aa barca oula,
que temos gentil maré
ora venha o caro are.
Cõp. Feyto feyto, dia bem esta.

Sem destacarem a réplica do diabo.

Em ambas falta apenas o til sobre *caro* para termos o meu *Caron*.

V. ex.ª dirá que tambem falta apenas um *r* para o seu *carro*.

Mas francamente — eu não compreendo (olhando para as lindas gravuras de caravelas que adornam os frontispicios de ambas as impressões) como o tal *carro* podesse *vir* de repente — e saltar *á ré!*

Páro aqui — pedindo desculpa.

Porto, 28-I-12.

De v. ex.ª

admiradora sincera

Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

III

CARTA ABERTA Á SR.A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS

Minha ex.ma e douta colega:

Já particularmente o disse a v. ex.a. Neste caso especial, e apenas neste, glorio-me de uma passageira vantagem sobre a sua inegavel competencia filologica. Essa vantagem deriva da minha profissão de marinheiro. Pessoa a quem seja familiar a tecnologia nautica, de que v. ex.a, com louvavel isenção, se confessa mediocremente conhecedora, não póde duvidar um momento de que a minha interpretação seja a unica plausivel. Declara v. ex.a, no fim da sua amabilissima carta, não compreender «como o tal *carro* pudesse *vír* de repente e saltar á ré.» Esta incompreensão, num espirito singularmente lucido como o da minha erudita contraditora, provém seguramente de uma culpa minha: o não ter conseguido definir com clareza o vocabulo que leio sem sombra de duvida no debatido verso. Precisaria de certo de uma estampa elucidativa aqui mesmo. A' falta dela, porém, permita-me v. ex.a que a convide a olhar atentamente «para as lindas gravuras de caravelas» (serão caravelas?) «que adornam os frontespicios» das edições que v. ex.a possue.

Se são caravelas portuguesas autenticas, devem ter velas triangulares envergadas numa antena, a qual tem movimento em torno do ponto onde se achega ao mastro, como sobre um fulcro (evito quanto possivel os termos tecnicos, para melhor compreensão dos profanos). A parte anterior e inferior desta antena mais curta e mais grossa do que a parte posterior e superior, é que se denonima o *carro*. Este carro desloca-se para ré ou para vante, conforme a inclinação que se deseja dar á antena. Vindo para ré, aproxima mais a antena da vertical do mastro, e eleva por conseguinte a extremidade superior, o lais, onde se fixa o vertice da vela. E a manobra que o arrais infernal manda fazer ao companheiro, e cuja execução completa ele proprio certifica mais abaixo (verso 22), exclamando:

Verga alta, ancora a pique

e indicando assim que a caravela fica pronta a sarpar.

Portanto, não houve aparição subita, e muito menos salto do tal carro, sobre o qual se executou uma trivialissima manobra, seguida de

outras que para bom alinho do barco o diabo julga necessarias, como zeloso mareante que mostra ser:

> ...atesa aquelle palanco...
> Faze aquella poja lesta,
> E alija aquella adriça.

Eu não poderia encontrar argumentos mais triunfais para a minha tese do que aqueles que v. ex.ª se digna fornecer-me, citando as edições anteriores do *Auto*. Efectivamente, com *h* ou sem ele, em ambas elas se acha o artigo no masculino, e na terceira pessoa o verbo, que no meu exemplar (a modesta edição de 1852) se encontra enexplicavelmente na primeira. Verdade seja que não existe duplicação do *r*. V. ex.ª sabe porém, muito melhor do que eu, que os quinhentistas a dispensavam de ordinario na escritura corrente, para evitar o *R* maiusculo, que correspondia ao nosso *r* geminado. Por conseguinte, qualquer das duas lições:

> Ora venha ho caro aree

ou

> Ora venha o caro are

identifica-se admiravelmente com a minha interpretação, e, com todo o respeito o digo, não fornece o mais leve argumento em favor da de v. ex.ª.

Acresce ainda a circunstancia de que a frase seguinte:

> Feito, feito...

passando nessas edições para a boca do companheiro, claramente marca a execução da voz dada pelo arrais.

Tanto mais que a intervenção de Caronte, por muito que eu saiba do mistiforio pagão-cristão das obras da Idade Media e da Renascença (Vide *Lusiadas*), se me afigura — releve-me v. ex.ª o termo — importuna na transcendental (é a sua muito plausivel qualificação) Trilogia das Barcas. Nela o sentimento é todo cristão, sem mescla. Não vejo uma unica reminiscencia pagã, a não ser que se queiram assim classificar as alusões ás influencias planetarias, aventuradas pelo Onzeneiro da Barca do Inferno e pelo Taful da Barca do Purgatorio.

Confrontando a Trilogia com as restantes obras de devoção do grande poeta, revela-se nela o meticuloso proposito de não deturpar a sua significação mistica, através dos plebeismos e dos desbragamentos inherentes á indole dos interlocutores, com a intromissão de uma personagem ou sequer de uma clara alusão mitologica.

Que a ideia da barca infernal provenha da tradição greco-romana, não o nego. Mas Gil Vicente, adoptando-a, transfigurou-a e deu-lhe o cunho cristão.

Eis o que me parece, salvo o respeito que devo á autorisadissima opinião de v. ex.ª. Lisonjeio-me por haver provocado a substanciosa lição, que, embora extemporanea, muito nos aproveita, a mim e aos leitores. Mas a minha convicção permanece inabalavel. Ha tantos anos a alimento, e tão entranhada ela se acha no meu espirito, que quasi me causou surpresa a duvida suscitada sobre a interpretação do já celebre verso. E levo a minha temeridade ao ponto de esperar que, meditando mais alguns momentos sobre o assunto, compenetrando-se do significado nautico do termo, v. ex.ª se converta ao meu parecer. Com o que honrará excepcionalmente o

De v. ex.ª adm.or e v.or att.o

Lisboa, 1 de fevereiro de 1912.

Henrique Lopes de Mendonça.

IV

Carta ao redactor do «Diario de Noticias»

Com a epigrafe acima, publica v. no *Diario de Noticias* de quinta feira uma carta-aberta do sr. Henrique Lopes de Mendonça ao sr. Affonso Lopes Vieira sobre a interpretação que este ilustre poeta deu ao verso 3 do *Auto da Barca do Inferno*, seguindo a opinião da douta romanista D. Corolina Michaëlis de Vasconcelos.

A lição que o sr. Lopes Vieira nos apresenta, embora em nome de uma doutissima senhora que todos veneramos pelo seu alto saber, tambem não satisfez a minha curiosidade, de simples estudioso. E embora — realmente o confesso — eu não encontrasse, na sumaria analise que venho fazendo aos *Autos* de Gil Vicente, melhor explicação do caso, é certo porém que sempre supus que o verso se explicaria por uma ordem de manobra nautica, como outros seguintes.

A interpretação agora apresentada pelo sr. Lopes de Mendonça parece-me clara e irrefutavel. Sugerindo-me porém as seguintes observações:

Embora em todos os *Autos* de Gil Vicente haja sinais evidentes do desleixo e desatenção dos copistas, que muitas vezes se arvoravam em correctores, não me parece que no verso em questão:

ora venho a caro a ré

como se lê nas edições de Hamburgo e Lisboa (1852), haja mais que um descuido de composição, consistente na troca entre a vogal do artigo e a vogal final do verbo, facto frequente ainda hoje em provas tipograficas.

Quanto á falta de geminação ou dobramento do *r* não me parece constituir motivo para o ilustre investigador acusar o copista, ou antes, o tipografo que apenas comporia o que Gil Vicente escreveu.

Certas alterações que sofreram as palavras da nossa lingua em determinadas epocas atravessaram os tempos, e, a par das formas cultas, veem até nós aferradas ao linguajar do povo, que é um grande mestre. Temos abundantes exemplos no proprio texto vicentino.

Caro seria pois forma popular de *carro*, no sentido apontado, porque ainda hoje a ouvimos entre os maritimos do nosso Tejo, a par das equivalentes: *cairo* e *carro*.

«Navegar a *carro, cairo* ou *caro* largo» é navegar com a escota folgada e verga atravessada, caçando a orça de barlavento [1].

A *voz* do *arrais do Inferno*:

ora venha o caro a ré

equivale perfeitamente á que ainda hoje emprega o arrais de uma embarcação de latino triangular: «ala ou puxa o *caro (carro, cairo)* a ré» para que, quando orça, a parte da vela que está a vante do mastro, ficando num plano perpendicular á linha do vento, ao chegar ao cais, quebre ou retarde a velocidade da marcha.

Mas melhor que eu o sabe o sr. Lopes de Mendonça, esta manobra só se faz navegando, quer á chegada, quer á partida de um ponto qualquer, desde que o vento é á pôpa.

Teria a caravela do diabo abicado á praia no instante em que começa o *Auto*, como diz o sr. Lopes de Mendonça? [2] Não o poderemos

---

[1] *Cairo* era tambem, no mesmo sentido, termo de velha nautica, como diz Morais, citando a *Restauração* de Pinto Ribeiro: «navegar tanto *a cayro largo*».

[2] Uma embarcação de latino, chegada a um cais, preparando-se *para ficar*, «mete o carro dentro».

determinar bem. Os versos seguintes parecem indicar que ela se dispõe a partir:



«E atesa aquêle palanco
. . . .
A' barca, à barca hu!
Asinha que se quer ir
Oh que tempo de partir!
. . . .
Faze aquella poja lesta
e alija aquella driça.
. . . .
Verga alta; ancora a pique».

Por isso me parece, com o devido respeito ao criterio do sr. Lopes Vieira, que, para harmonizar rigorosamente a encenação com o texto, deveria o Diabo dizer parte d'esta sua primeira fala, dentro da caravela ou barca, no seu posto, como bom arrais... *cacilheiro*.

O que não sofre duvida é que o verso:

«Ora venha o caro a ré»

está perfeitamente justificado como *voz* nautica que os versos seguintes autorizam, mas será bom ter-se em vista, para os efeitos da encenação, que esta *voz*, hoje e no tempo de Mestre Gil, só se dava *navegando*.

Que me perdoe este atrevimento o sr. Lopes de Mendonça, que eu muito admiro e considero

Subscrevo-me, sr. redactor, com consideração

De v., etc.,

Oscar de Pratt.

V

a) AO REDACTOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Meu prezado amigo:

A carta da sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, cuja publicação s. ex.ª solicita por meu intermedio, necessita de umas explicações preliminares, que procurarei quanto possivel abreviar.

Em resposta ás minhas observações respeitantes á interpetração por mim proposta ao debatido verso de Gil Vicente, endereçara-me a

ilustre professora uma carta particular em 27 de março. Parece que ao mesmo tempo enviára uma carta destinada a publicação, a qual se extraviou. Muito mais tarde, extranhando com razão não a vêr publicada, e informada de que ela não me chegára ás mãos, resolveu reconstitui-la sobre a carta particular a que me refiro. E' esta reconstituição que lhe envio, rogando-lhe o favor de a dar a publico no seu jornal, e agradecendo a s. ex.ª uma retratação que muito me desvanece. Fica assim explicado o tardio da publicação.

Quanto ás perguntas e observações que a sr.ª D. Carolina Michaëlis se digna fazer-me, a algumas delas já particularmente respondi, ignorando que elas fizessem objecto da sua carta aberta. E, se não respondi ainda a todas, é porque não me tem sobrado tempo para arduas investigações sobre uma complicada materia como é a arqueologia naval. Lamento não ter agora á mão essas respostas para as metodizar convenientemente e para as completar quanto possivel, a fim de as entregar á publicidade, visto que s. ex.ª me coloca nessa obrigação, ampliando até a sua carta aberta com a réplica a observações minhas, feitas posteriormente á recepção da carta particular a que aludi.

Mas, atenta a complexidade do assunto e a multiplicidade das minhas ocupações, reservo para mais tarde a resposta, desta vez pública, ás considerações e ás inquirições da minha eminente contradictora.

Aproveito o ensejo para agradecer por intermedio do seu jornal o valioso reforço que me prestou o sr. Oscar de Pratt, e que muito contribuiu decerto para a minha incruenta, mas gloriosa victoria.

E ao meu amigo agradeço a inserção das presentes linhas, e, em nome da sr.ª D. Carolina Michaëlis, a publicação da sua preciosa carta, que vai substituir com vantagem a minha desataviada prosa.

S/c 2-5-12.

Admirador e amigo obrigadissimo,

Henrique Lopes de Mendonça.

*

b) EX.mo SR. HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA:

Porto, 27-III-12.

A amabilissima e bem instrutiva carta particular com que v. ex.ª me honrou respodendo á que eu lhe dirigira a respeito de *Um verso de Gil Vicente* é de... 31 de janeiro! — a oficial, publicada no *Diario de Noticias*, é pouco posterior. E ainda não agradeci nem uma nem outra!

Creia-me que, se guardei silencio durante tanto tempo, não foi, de modo algum, por falta de interesse.

E muito menos porque me repugne confessar-me *vencida*—quando a superior sabedoria e inteligencia de um contraditor me *convence* de haver errado e exorbitado, como no caso de que se trata.

Foi exclusivamente por falta de saude e de ócio que tive de adiar esta explicação.

Começando agora — nestas abençoadas ferias primaveris — a pagar as dividas literarias que contrai nos ultimos dois meses (primeiros da minha actividade de lente na Universidade de Coimbra, e por isso fatigantes e absorventes), apresso-me a apresentar a v. ex.a a expressão do meu sincero reconhecimento pela maneira gentil com que, como distinto marinheiro profissional, me elucidou sobre assuntos em que sou leiga, e mais ainda do que imaginára.

Muito mais! —porque, apesar dos esclarecimentos que v. ex.a e o ex.mo sr. Oscar de Pratt me deram — cavalheiro ao qual esta minha resposta tambem se dirige — continúo com duvidas e hesitações, não sobre o sentido do verso em questão (esse ficou bem demonstrado), mas sobre a palavra *carro-caro-cairo*, e sobre outras manobras, quer ordenadas pelo *Arrais do Inferno* ao seu tambem infernal *Companheiro*, quer indicadas por vv. ex.as nos seus comentarios.

Quanto ás que ocorrem na *Trilogia das Barcas*, ignoro por ex. o que seja *ciça* — vocabulo que o poeta e patriota, a que devemos a resurreição de Gil Vicente, deixou subsistir, como se o conhecesse, e não explica no seu glossariozito.

Considerando essa forma como erro de imprensa, moderno, leio com a edição principe (manuelina)

Oo caça? oo iça, iça!

(só a pontuação é minha), lembrada de que D. Antonio de Guevara cita os dois verbos nauticos na sua curiosa *Arte de Marcar y Trabajos de la Galera*, em que tambem aprendi o que era o *ciavoga* e o *levaremo* do *Auto da Festa* e *Templo de Apollo*.

Quanto aos termos tecnicos empregados por vv. ex.as, se para me explicarem a locução «navegar a *carro largo*» (resp. *caro, cairo*) me dizem que é *navegar com a escota folgada e verga atravessada caçando a orça de barlavento*, fico na mesma, ou peor, — envergonhada da minha ignorancia — e lamentando cada vez mais que os dicionarios comuns sejam tão omissos e tão inexactos em materia nautica, a ponto tal que nenhum estrangeiro é capaz de entender, por exemplo certas novelas de Gomes de Amorim, aliás tão dignas de serem conhecidas.

Com relação a *caro, carro, cairo* — (essa ultima forma, apontada por Oscar de Pratt como viva entre os maritimos do Tejo, é autenticada como antiga por um passo no Vocabulario de Moraes), ignoro ainda se se trata do proprio vocábulo *carro*<carrum, em sentido figurado —, ou se teremos de partir de *cairo*, nome indiatico das febras de coco e dos cabos delas feitos, usado por Barros, Castanheda, Goes, Correa, e sobretudo pelo dr. Garcia da Orta.

Embora foneticamente a duplicação enfatica de *r*, originariamente simples, seja mais freqùente do que a substituição de *rr* por *r* — (exemplos da primeira são entre outros *borrasca* de *Boreas*, *carranca* de *cara*, *arranhar* de *arar*; da segunda não me ocorre caso algum) — duvido dessa identificação, por não perceber por que motivo o nome geral de *cordas* seria dado a vergas, feitas de pinho de Flandres, salvo erro.

Pena é não poder eu ir de fugida a Lisboa para v. ex.ª, perante algum modelo de caravela, na Sociedade de Geografia ou Museu do Arsenal, ou á vista de barcas do Tejo, me dar umas *lições praticas*, relativas ao *carro*, ao *lais*, á *poja*, á *driça*, ao acto de *caçar* e *içar*, etc.

Na impossibilidade de agora realizar esse sonho, ouso rogar a v. ex.ª duas grandes finezas:

1.º a de me fazer, com poucos traços, um ligeiro *croquis* da vela latina com as antenas, marcando a forma e o sitio do *carro*, para eu verificar, se entendi bem as explicações já dadas (como espero):

2.º a de redigir uma descrição das embarcações diversas que se vêem nas gravuras dos frontispicios das antigas edições avulsas da *Barca do Inferno* que lhe remeto registadas — autorizando-me, bem se vê, a servir-me dela nos trabalhos vicentinos que estou a elaborar.

Representam as gravuras tipos verdadeiros? determinados? ou serão apenas vagas imagens de embarcações quinhentistas?

A divergencia notavel que ha nas estampas fala a favor da segunda hipotese.

E o proprio Gil denomina a sua *Barca de Caronte* ora *caravela* e mesmo *caravelão*, ora *barca*, *batel*, *barinel*, *zambuco*, *carraca*; e mesmo *nau* e *navio*, ou simplesmente *embarcação*.

*

E o verso debatido?

Repito o que disse no principio desta carta: dou-me por *vencida*.

Quanto ao teor e significado da ordem nautica.

Foi por desconhecer o termo *caro*, que eu fiz entrar nela o velho *Caron*, barqueiro de ou do Aqueronte.

Logo que a lição *Venha ora o caro á ré!* — tal qual ela está na edição-principe do Auto, impressa e corrigida por mandado do proprio autor, com privilegio del rei D. Manuel — dá sentido, sem que lhe alteremos outra coisa do que a grafia arcaica *ora venha ho caro aree* — e sentido que está em perfeita harmonia com os versos que se lhe seguem, é dever impreterivel deixarmo-la intacta.

A' vista das explicações combinadas de v. ex.a e do ex.mo sr. Oscar de Pratt temos de lêr dòravante:

Diabo

A' barca! á barca! houlá!
que temos gentil maré!
Venha ora o caro á ré!

Companheiro

Feito! feito!

Diabo

Bem está!

Ponhamos portanto de banda como inutil e inconsistente a minha proposta; e tambem a do ex.mo sr. Alberto Leuschner.

VI

CARTA Á EX.MA SR.A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Minha senhora:

Devo ainda a v. ex.a uma resposta á sua amabilissima carta datada de 27 de março, sobre o caso do verso de Gil Vicente, em que eu apenas figuro como intruso. Creia, minha senhora, que só as minhas occupações profissionaes me teem impedido de cumprir esse gratissimo dever.

A carta de v. ex.a no *Diario de Noticias* de 8 do corrente, dirigida ao sr. Lopes de Mendonça, carta em que v. ex.a se digna citar o meu nome e a insignificante contribuição que prestei, obriga-me não só a uma imediata resposta, mas tambem a torná-la publica, para esclarecer e ampliar as observações com que me atrevi a meter foice em seara alheia.

Honro-me prestando a v. ex.ª a rendida homenagem da mais alta veneração pela sua erudição vastissima aliada á superioridade de um caracter pouco vulgar.

Noto com satisfação que v. ex.ª, ponderando as razões do sr. Lopes de Mendonça e adoptando-as com renuncia do seu parecer, certamente muito valioso e digno de estudo, admite *caro,* que eu apresentei como o resultado de uma observação pratica, no sentido que ainda hoje tem entre os arrais do nosso Tejo, e explica o debatido verso como uma *voz* de manobra nautica quinhentista que tem equivalente na *voz* moderna: «ala o *caro* a ré».

Caro, carro e *cairo* disse eu que são formas equivalentes. Devo acrescentar, em vista de observações posteriores, que é *caro* a mais usada *entre os maritimos não ilustrados,* e foi só entre estes que fiz as minhas observações.

Velhos maritimos do Rosairinho, Seixal e Vale-do-Coina, deram-me informações que, aliadas ao meu conhecimento anterior, me habilitam a apresentar *caro* como forma mais usual. *Caro* dizem tambem os de *Agua-acima* (Ribatejo), e, segundo informação, os algarvios dos caíques que veem ao Tejo. (Creio que será digna de apreço esta ultima nota, que eu não posso apresentar já como positiva).

No emtanto — veja v. ex.ª — o sr. Lopes de Mendonça, oficial muito ilustrado e espirito superior, julgaria talvez desusada esta forma, referindo-se apenas a *carro,* de que cita os equivalentes francês e italiano, respectivamente *cart* ou *carre* e *carro,* extraindo *carro* de um documento quinhentista português.

Carro lê-se tambem a pag. 23 do *Apparelho e Manobra de Navios* do oficial da armada João Bras de Oliveira: «Nos cahiques o lais inferior [da verga] chama-se *carro* e o superior *penol* ou *pena*». O *Codigo internacional de sináis* (vocabulario) não cita nenhuma das tres formas na acepção de que tratamos.

Devemos concluir que seja *carro* a forma mais correcta? Em minha desvaliosa opinião não o julgo assim. Tenho por meu lado o esp. moderno *car* e o velho cast. *caro* (V. *Segui).*

Observa v. ex.ª, e muito bem, que, foneticamente, é mais frequente a duplicação do *r* que a substituição de *rr* por *r,* apresentando varios exemplos de duplicação em derivadas que eu ampliarei com um exemplo minhoto de modificação do proprio vocabulo: *carrocha* por *carocha.*

Creio que, do segundo caso, haverá rarissimos exemplos que desconheço, mas devidos talvez á influencia de vocabulos similares mais usuais.

¿Como se daria aqui a redução da vibrante de um vocabulo tão

popular em favor de um outro cuja significação se perdeu, persistindo teimosamente na linguagem maritima de hoje?

¿Pois não seria mais natural que a influencia de um vocabulo popularissimo como *carro* viesse modificar foneticamente uma forma semelhante, mas inexpressiva?

Mas v. ex.ª, duvidando da identificação de *carro* com os casos foneticos de duplicação enfática do *r*, toma a forma *cairo* como originária, parecendo-lhe inexplicavel que o nome de certa qualidade de *cordas* podesse ser dado a um pedaço de madeira.

Não seria, minha senhora, caso unico, e v. ex.ª que, com tão elevada competencia e erudição, tem estudado o caracter da lingua, sabe bem que este facto se dá frequentemente em casos em que ha determinadas relações de anologia ou proximidade, que não seriam dificeis de conjecturar neste ponto.

¿Porque motivo não admite v. ex.ª *cairo* como variante explicavel de *caro*, pelo menos tão explicavel como *carro?* Teria v. ex.ª apenas a duvida — se o seu lucido espirito a tivesse! — da origem de um vocabulo que não tem nem teria (?) outra acepção [1].

Embora a expressão do *Portugal Restaurado*, citada por Moraes: «navegar a *cairo* largo» se possa relacionar, como a relacionei, com outra moderna: «navegar a *caro* largo», fica-me a duvida, porque não tenho á mão a obra a que o dicionarista se refere, se ambas exprimem a mesma manobra nautica.

¿Será *caro* um masculino anomalo de *cara*, por representar a parte *de vante* e «mais larga» da verga? (Cp. *cabêço, cabeça)*. Nas *caranguejas*, que envergam velas latinas quadrangulares, a extremidade correspondente ao *caro* tem o nome de *boca* e a extremidade mais fina, ou *laís*, chama-se, como nas vergas de latinos triangulares, *penol* ou *pena*. Não será isto uma identificação de termos apropriados?

¿Representará o *caro (=cara)* a supervivencia de qualquer costume fenicio, por ex., de adornar as extremidades inferiores das vergas com simbolos ou figuras estranhas? Talvez a arqueologia naval possa dizer alguma coisa.

*

Devo ainda a v. ex.ª outras explicações e uma observação á maneira por que v. ex.ª imaginou a situação ideada por Gil Vicente no *Auto da Barca do Inferno*. Não me permite por agora mais explanações o receio de abusar da benevolencia do ilustre director deste jornal,

---

[1] Cp. *carola* e *carôlo* = cabeça; real e figuradamente.

por isso reservo o seguimento e umas observações á carta do ilustre poeta sr. Lopes Vieira, ontem publicada, para ocasião proxima.

Permita v. ex., minha senhora, que com a mais alta consideração e elevado apreço me subscreva

De v. ex.ª, admirador e creado

C/V. ex.ª, Azinheira, 12 maio 912.

Oscar de Pratt.

VII

CARTA Á EX.MA SR.A D. CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS

Minha senhora:

Quando me propunha completar em nova carta as desvaliosas considerações que formulei na minha primeira de 12 de maio, li no extracto que os jornaes deram da sessão do dia 23, da Academia das Sciencias de Lisboa, que o douto romanista sr. Gonçalves Vianna «desejava fazer á Academia uma comunicação a respeito da discutida passagem de Gil Vicente «o carro á ré»; — mas não estando presente o sr. Lopes de Mendonça, guardava-a para quando o ilustre academico a pudesse ouvir».

Prevendo que, da desejada comunicação do sr. Gonçalves Vianna uma nova interpretação pudesse ser dada ao debatido verso, cumpria-me aguardar a opinião do ilustre foneticista e assistir atentamente á lição de controvérsia filológica que o caso viria suscitar tendo por importunas as minhas considerações anteriores.

No conciso relato que os jornaes de hoje trazem da sessão do dia 13 na Academia, vejo porém que o sr. Gonçalves Vianna, na sua comunicação, aceita e justifica a forma *caro* equivalente de *carro*, no sentido da interpretação que a este deu o sr. Lopes de Mendonça, «como representando a forma veneziana do vocábulo toscano *carro*».

A comunicação é importante, como se vê, porque certamente o douto romanista faria sérias considerações historicas e filológicas para demonstrar que o velho veneziano *caro* é anterior aos velhos castelhano e português *caro*.

Só assim, julgo, poderia ser finalmente determinada a etimologia do nosso vocábulo, que, como v. ex.ª supõe, se não poderia talvez for-

mar dentro da nossa lingua, com redução improvável e julgo que unica da vibrante *rr*.

Sendo natural este caso fonético no veneziano, e dado que a forma neste dialecto seja anterior ás fórmas portuguesa e castelhana, como o sr. Gonçalves Vianna demonstraria, razão teem os meus velhos maritimos do Tejo preferindo uma forma que, apesar da sua *fragilidade*, vem intacta dos tempos gloriosos das primeiras conquistas.

Lamento não conhecer na integra a interessante comunicação do ilustre academico, o que me priva de aproveitar os valiosos ensinamentos do seu estudo.

Embora *carro* e *caro* se equivalessem em tecnologia nautica no tempo de Gil Vicente, como hoje se equivalem, certo é que o Poeta empregou *caro*, ou por ser a mais usual ou, o que não é improvavel, ou por não conhecer outra.

Eis por que, ao ler a modelar carta que o sr. Lopes Vieira dirigiu a v. ex.ª no *Diario de Noticias* de 11 de maio, estranhei que a forma do vocábulo preferida por este ilustre Poeta, em harmonia, diz, com o parecer de v. ex.ª, fosse exactamente a mais impopular, a que Gil Vicente não usou e a que v. ex.ª, em face da lição da edição-principe, como das seguintes, julga dispensável:

«ora venha o *carro* á ré».

Em vista destas razões, o sr. Lopes Vieira, um alto espirito ponderado e justo, julgará natural o meu reparo, e dir-nos-á, se assim o entender, as razões da sua preferencia.

Dispenso-me, minha senhora, de esclarecer as pequenas duvidas de v. ex.ª quanto aos termos tecnicos de que me servi na minha primeira carta, porque certamente o sr. Lopes de Mendonça, como se depreende da carta que precede a de v. ex.ª, se encarregou já de o fazer com a sua alta competencia e ilustração, que em absoluto me falham.

Devo comtudo dizer a v. ex.ª, por me parecer que neste ponto a minha opinião está em desacordo com a do ilustre academico, que o acto de «vir o *caro* á ré» não pode identificar-se, como v. ex.ª diz, com o que se dá com o «trolley» dos electricos, que, virando-se para qualquer dos lados, fazem, em estilo nautico, «da prôa pôpa e da pôpa prôa», quando caminham em sentido inverso.

O caso é diferente. Nas manobras nauticas de hoje a voz de «alar o caro a ré» pode ser interpretada de tres modos que as circunstancias de ocasião perfeitamente definem: 1.º) Como disse na minha carta de 12 de fevereiro, por se me afigurar a mais compativel com a situação scenica, o caro «vem a ré», i. é, puxa-se para o lado de ré,

por fóra da borda, mas sem que o *penol* ou parte superior da verga passe para vante do mastro, para que a embarcação que vem com vento de lado, ao chegar ao cais, e aproando ao vento, apresente a este perpendicularmente o plano da vela que fica para vante do mastro. Desta manobra combinada de leme e vela, que exige muita perícia, em que são mestres os *cacilheiros*, resulta que o barco perde todo o seu seguimento e acosta serenamente ao cais. 2.º) Para «navegar a caro largo» quando o vento é á pôpa, o arráis folga a escota e o *camarada*, folgando tambem a amura — que é o cabo que segura num olhal á prôa um dos angulos da vela, para que o caro suba, — *caça* ou puxa a orça de barlavento, i. é, o cabo que segura o caro do lado contrario á posição da escôta, fazendo-o vir, por fóra da borda até perto da enxarcia do mastro. A verga atravessa-se pois neste e a vela apresenta toda a sua superficie á linha do vento que é neste caso a da quilha. 3.º) O *caro* pode «vir a ré», ou mais propriamente, «mete-se dentro», i. é, encosta-se á parte interna do bico da prôa como ponto de apoio, quando a embarcação chega á praia, e depois de enrolada a vela, para a verga não sofrer com o balanço das aguas e para o pano se não deteriorar na amura.

Julgo que a este ultimo caso se referiu o sr. Lopes de Mendonça como interpretação mais provavel da situação scenica e da rubrica do *Auto* que diz: «põe o Autor per figura que no dito momento ellas (as almas) chegão a hum profundo braço de mar, onde *estão* dous bateis..»

Embora porém este caso pareça o mais provável porque não exigiria tambem artificios e maquinações engenhosas de fingida navegação, ainda que em alguns casos, como refere Rui de Pina na Crónica de D. João II, esses artificios scenicos chegassem a uma grandiosa concepção (Vid. a nau do *Triunfo do inverno)*, devemos ter em vista que êle representa uma disposição de demora, «para ficar», como diz o sr. Lopes de Mendonça. Os versos seguintes, porém, afirmam o contrário. A barca prepara-se para partir, só espera «preencher a lotação», daí a impaciencia do arráis:

«A' barca, á barca, houlá!»

Tambem, minha senhora, contrariamente á opinião de v. ex.ª, eu direi que o arráis não «salta em terra». Que está no seu posto, á ré, di-lo o verbo «*venha* o caro a ré» e dizem-no vários versos seguintes, do começo ao fim do Auto:

«entrae que *cá* se dirá

«*Fid.* Parece me isso cortiço
Diabo. Porque vêdes *lá* de fora»

e no final:

> *Diabo*. Entra *cá* e remarás
> *Emfi*. Não he *essa* a nao qu'eu governo.»

Em nenhum dos casos apontados o Diabo poderia dar ordens de manobra a passear na praia.

O sr. Lopes Vieira, com o seu são criterio de fino artista, bem andou porém em acomodar neste ponto o auto ás exigencias da scena moderna, dando á figura extraordinaria do Diabo, que Augusto Rosa encarnou magistralmente, o realce do primeiro plano.

Em boa verdade, minha senhora, atentas as razões expostas, confesso a minha ignorancia quanto a admitir outra situação scenica inicial que não seja a que primeiro apontei, com o arráis no seu posto até final das ordens de manobra (v. 22), visto que a segunda representa uma manobra de navegação, «ao largo», e a terceira tem os inconvenientes de representar um dispositivo de demora com que v. ex.ª não concorda e a minha nulidade não julga admissivel.

De resto, não vejo que a scena, tal como a supus, exigisse altos recursos de carpintaria teatral, dando-se apenas, com a embarcação imovel, uma rápida ilusão de chegada numa movimentação facilima de velas e cabos.

O sr. Lopes de Mendonça, com a sua alta competencia tecnica e a sua vasta ilustração, prometeu desenvolver os pontos essenciaes da sua carta. Terei então o prazer de, sobre este ponto, como sobre os demais, esclarecer a minha ignorancia.

Perdoe-me v. ex.ª, minha senhora, a insignificancia destas banais considerações, que terão um merito: o de representarem a elevada consideração e apreço que lhe tributa o

De v. ex.ª admirador e creado

C/V. ex.ª, Azinheira, 12 maio 912.

Oscar de Pratt.

ETNOGRAFIA MINHOTA

O conjunto de factos folclóricos que hoje começo a publicar foi reunido principalmente nos concelhos de Arcos de Valdevez, Ponte de Lima e Ponte da Barca, do distrito de Viana do Castelo; poucos pertencem a outros concelhos do mesmo distrito e menos ainda a regiões a êle estranhas.

Foram na sua quási totalidade coligidos directamente por mim, interrogando, ouvindo ou observando, e alguns os soube por informação de pessoas que me mereciam confiança, que me contaram que em tal ou tal terra se observavam tais práticas ou havia tais crenças, costumes ou tradições. Se é certo que muitos dos factos coligidos são comuns a toda a área do território a que me refiro, e ainda talvez a grande parte do país, não é menos certo que muitos outros se restringem a uma povoação em particular; e porisso não me esquecerei de citar o próprio nome da terra a que estes pertencem ou onde foram colhidos. Todas as vezes, pois, que se não cite o logar de origem, entende-se que se trata de factos vulgares em toda a região a que êste estudo especialmente se estende.

Devo tambem declarar que só publico factos que julgo inéditos. Se alguns o não forem, é porque não conheço tudo quanto no país ha publicado sôbre a especialidade, ou porque nem sempre é fácil averiguar, para cada um dos factos em particular, se êle já se encontra ou não registado em cada um dos livros ou revistas do meu conhecimento; e assim pode escapar muita coisa.

Para as variantes, citarei as obras onde elas se podem ler, e, para os que puderem entregar-se a estudos comparativos, para que me não sinto com fôrças, citarei uma ou outra vez as obras nacionais ou estranjeiras em que se trata de idênticos fenómenos folclóricos.

Na disposição dos materiais, em que cada capítulo fica susceptivel de ulterior desenvolvimento á medida que novos factos apareçam, seguirei a ordem que mais cômoda me parecer, sem todavia me afastar muito da adoptada nas *Tradições Populares de Portugal,* do sr. J. Leite de Vasconcelos, ou na obra monumental do sr. Paul Sébillot, *Le Folk-lore de France.*

I

Os astros

§ 1.º O Sol

Alêm dos nomes de *Manuel*, que é o mais freqùente, e de *Luis* [1], tambem dão ao sol em alguns logares do concelho dos Arcos o nome de *Lourenço*. Quando êle nasce, dizem: «Aí vem o Lourenço!» Ao pôr do sol dizem: «Lá vai o Lourenço!»

É certamente por causa da côr loura do astro.

Quando chove e faz sol ao mesmo tempo, dizem, em S. João de Vila Chã (P. da Barca), que está a raposa a casar [2].

Em dia sem sol ganha o rei uma vaca preta.

No sábado em que não houver sol ganha um carneiro o abade de Cabreiro (Arcos), ou o abade de Soajo (Barca) [3].

As sementes das hortaliças e legumes devem ser lançadas á terra enquanto vai sol; aliás não dão fruto, e só cresce a rama da planta (Ponte de Lima).

Durante um eclipse do sol os povos da Gavieira põem-se de joelhos a orar.

Ditado: A mulher e a ovelha,
C'o sol à cortelha [4].

§ 2.º A Lua

Quando aparece a lua nova, diz-se:

Lua nova, benza-te Deus!
Minha madrinha é a Mãe de Deus;
De tres coisas me livrará:

[1] Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 7.
[2] Cf. *ibid.*, p. 15.
[3] Cf. *ibid.*, p. 13.
[4] Cf. *ibid.*, p. 198.

De águas correntes,
De fogos ardentes
E de línguas maldizentes [1].

(P. N. e A. M.)

No dia da mudança da lua (fases) os cães não teem faro, não procuram a caça, ou, se a perseguem, é frouxamente, e deixam-na perder. «Andam *deslòrcados*».

O mesmo acontece em manhã de nevoeiro (Arcos).

As meadas não devem ser cozidas na fraqueza da lua, senão fica o fiado muito fraco (Riofrio, etc.).

Quando uma criança está muito magrinha e *injeridinha*, mostram-na á lua dizendo tres vezes:

Lua, luar *(apresentam)*,
Deixa-me o meu menino,
que o quero criar *(retiram)* [2].

(P. N. e A. M.)

(Mourisca).

Quando se lançam ovos na lua de maio, devem benzer-se com água benta, espalhando esta com um raminho de carvalho e dizendo:

Eu vos baptizo
Com êste raminho de carvalho,
Que vos não faça mal
A lua de maio. (P. de Lima).

§ 3.º **As estrêlas**

Ás tres estrêlas chamadas geralmente as *tres Marias* ou as *tres Ave-Marias* dão em algumas frèguesias do concelho de Ponte de Lima o nome de os *Tres Reis Magos*, que vão, dizem, a caminho de Belêm.

Ás estrêlas cadentes, geralmente chamadas estrelinhas de rabo, dizem em Soajo: «O Senhor te leve ao bom logar!»

É para a estrêla não cair no mundo, senão êste alagava-se [3].

---

[1] Cf. *ibid.*, p. 21 e 22, e *Rev. de Guimarães*, XXII, 69.
[2] Cf. *ibid.*, p. 22 e 121, nota.
[3] Cf. *ibid.*, p. 31.

Em Cabração dizem a mesma coisa ao verem as estrêlas fugir, mas julgam que são almas; ou usam tambem dest'outra exclamação:

O Senhor te guie,
Pela graça de Deus e da Virgem Maria!

Na Gavieira dizem repetidas vezes:

Minha alma ao céu,
Meu corpo á terra!

Na Mourisca:

Deus te encaminhe bem,
Deus te leve para o bom logar!

Se a estrêla cai, arde o mundo.

II

O Fogo

Para curar o terçol faz-se uma casinha no chão com quatro paredes de pedra, ou ainda com quatro pauzinhos dispostos em quadro. No meio acende-se um pouco de estopa ou palha, e assim que está a arder grita-se repetidas vezes:

A' que del-rei fogo
Na casa do terçolho! [1]

Em alguns sitios, o rapaz ou rapariga que faz esta operação enfia uma saia branca, a modo de sobrepeliz, e depois de aceso o fogo salta em cruz repetidas vezes por sôbre a casinha gritando sempre:

A' que del-rei, fogo
Na casa do terçolho! [2]

---

[1] Cf. *ibid.*, p. 40, e *Rev. de Guimarães*, XV, 25.
[2] Cf. *Ensaios etnográficos*, II, 28.

Em Ermêlo, construida a casinha, mete-se dentro dela um archote de palha a arder e depois esbandalha-se tudo gritando:

A' del-rei contra a casa do tricó,
Que arde só!

Para curar as verrugas, entra-se pela porta duma casa onde esteja o forno aceso para cozer o pão, atira-se para dentro do forno uma peça de roupa da pessoa que tenha as verrugas e sai-se por outra porta, sempre a correr, dizendo:

Verrugas trago,
Verrugas vendo,
Aqui as deixo,
Vou correndo [1].

Em Padroso faz-se o mesmo contra os cravos, a que lá chamam *bentas*, e dizem então:

Bentas trago,
Bentas vendo,
Deixa-me ir lá,
Que vou correndo.

Não se devem deixar ficar as trempes no lume depois de servirem, porque isso faz velha a cozinheira, ou o dôno, ou a dona da casa (Arcos).

Quando se sai de noute com crianças, deve-se levar lume a acompanhar, e tambem roupa do pai, por causa das *meigas* (bruxas) (Soajo).

Está sempre luz acesa na casa enquanto a criança não vai a baptizar, senão veem as bruxas e lobis-homens [2] (Estrêmo).

Não se deve queimar figueira verde, senão nascem *figueiras* nos animais (Mourisca), ou seca o leite das vacas [3].

---

1 Cf. *ibid.*, II, 19.
2 Cf. *Trad. pop. de Portug.*, 37, nota; e *Rev. de Guimarães*, VI, 196.
3 Cf. *Rev. de Guimarães*, XV, 29.

Quando uma criança toma um susto, defuma-se com o cabelo do animal que causou o susto, ou, se foi pessoa que o causou, com roupa dessa pessoa.

Quem tomar medo defuma-se com a roupa dum defunto para não ficar assombrado (Estrêmo).

Quando vêem de noute lume, dizem os da Gavieira que é sinal de morte.

Quem for pedir ao vizinho umas brasinhas para acender o seu lume, deve, depois de o acender, apartar aquelas brasas e não as juntar ás da sua fogueira [1].

Depois de deitar o pão ao forno e fechar a porta dêste, deitam-se algumas brasas em cima da padieira do forno e diz-se:

Deus te acrescente no forno,
Como Cristo pelo mundo todo,
Para pobres e ricos
E quem dêle comer [2].

Tambem se diz, por graça:

Deus te acrescente no forno,
E os vizinhos que comam um corno [3].

Quando os rapazes pegam fogo a um bocado de papel, dizem ao fogo:

Deixa um bocadinho
P'ra Sant'Antòninho! (Arcos).

Não se apagar o fósforo quando se atira fora é sinal de que se tem a receber dinheiro (Ponte).

Quando se vai, de noute, deitar agua benta a um defunto e se leva luz, que se apagou ao entrar na casa do defunto, não se deve

---

[1] Cf. *Trad. pop. de Portug.*, p. 36, § 69.
[2] Cf. *ibid.*, p. 230, e *Ensaios Etnogr.*, II, 29 e 30.
[3] Cf. *Ensaios etnogr.* III, 180.

tornar a acender nesta casa. Quem o fizer morre tambêm breve [1] (Estrêmo).

Não se deve ir buscar lume a casa dum defunto (Estrêmo) [1].

Contra os trovões acendem em Ponte de Lima a *vela da fé*. Chama-se assim a um pedaço de mais de tres palmos de qualquer das velas que estiveram a arder no trono durante a Exposição de Quinta-feira Santa [2]. A quem der para esta solenidade uma esmola não inferior a 1$000 réis ou 1$200 é dada uma dessas velas. Houve anos de se juntarem 200$000 réis provenientes destas esmolas.

As pinhas mansas que se debulham ao lume na noute de Natal tambêm servem contra o trovão. Guardam-se, depois de tirados os pinhões, e deitam-se á fogueira quando o trovão ruge [3] (Arcos). E' preciso que, ao queimarem-se, façam fumo bastante, senão não teem eficácia (Ponte).

Não se deve urinar com a luz na mão, pois causa a dor da pedra (Riofrio).

III

As águas

§ 1.º A água em geral

Quando se vê água correr muito, deve-se dizer: «Assim me corra a fortuna!» (Tabaçô).

Quando se vai á fonte, deve-se reparar que não vá água no fundo do cântaro, senão leva-se a fortuna para fora de casa (Arcos).

A criada que vem da fonte com o caneco da água á cabeça não deve pelo caminho entrar com êle noutra casa, senão leva, ao sair, a fortuna daquela casa. Se por acaso entrar, deve então alguem daquela casa tirar um copo de água daquele caneco (Ponte).

---

[1] Cf. *Trad. pop. do Portug.* p. 40 § 88.
[2] Cf. *ibid.*, p. 41, § 90.
[3] Cf. *Ens. etnogr.*, III. 299.

Quando se lavam as crianças a primeira vez, deitam-se-lhes, antes de começar a lavá-las, tres pingas de água na cabeça, dizendo: [1]

Auguinhas a correr,
Meninos a crescer,
Para a boa fadinha
Que o Senhor les dê. (Cabração).

A primeira água de lavar as crianças é bom remédio contra o pano, que muitas mulheres teem na cara, mesmo sem estarem grávidas (Soajo).

Não é bom deitar fora da porta, á noite, a água de lavar os pés. Vai com ela a fortuna da casa.

A criança a quem tarda o falar leva-a a madrinha a beber a nove fontes, e vai depois com ela a nove casas para lhe darem esmola [2] (Cabração).

Não se deve dar de mamar á criança logo que chega da igreja de baptizar. Quanto tempo estiver sem mamar, tanto tempo se conserva na água sem se afogar, caso caia á água [3].

Outra versão diz que a criança deve conservar-se o mais tempo possivel na toalha em que se embrulhou no fim do baptismo na igreja. Se vier um dia a cair ao mar, a um rio ou poço, estará sem se afogar, e por conseguinte á espera de socorro, tanto tempo quanto o que esteve envolvida naquela toalha (Arcos).

Não é bom dar de mamar ás crianças estando-se sôbre um rêgo ou poço de água (Choças).

Para curar a gota devem-se tomar seis gotas de água tiradas por seis meninas, de seis anos, da pia da água benta da igreja, creio que em Quinta-feira da Ascenção (Ponte).

Colher água de sete fontes na noute de S. João e lavar-se com ela faz a gente mais branca [4].

---

[1] Cf. *Trad. pop. de Portugal.*, § 149, *e*.
[2] Cf. *Trad. pop. de Portug.*, p. 206.
[3] Cf. *ibid.*, § 149, *a*.
[4] Cf. *ibid.*, § 163.

Na noute de S. João, á meia noute, deita-se pelo rio abaixo uma porção de cabelo. Então o cabelo da pessoa que isto fez cresce, assim como aquêle vai correndo pelo rio.

O que foi mordido de cão danado, se se aproximar dum poço e vir no fundo a sombra (imagem) do cão, pode contar que dana; senão, não [1] (Soajo).

A água benzida no Sabado de Aleluia, antes de levar os santos Óleos, levam-na em Soajo para casa para espalhar nela, nas cortes, etc., por via do inimigo. Deitam-na tambem nas terras contra os bichos dos frutos. O mesmo se faz em Riofrio e noutras partes.

Para curar as verrugas, lavam-se estas com a água que se encontra depositada em certas pias que aparecem nos penedos, ou tambem nas cavidades de velhas arvores (águas das chuvas). Tambem se untam com uma lesma branca, ou com leite de figueira, de trovisco, etc.

A água que serviu para o *Lavabo* duma missa nova é muito procurada para curar a gota a que se supõe estarem sujeitas as crianças cujas mães beberam quando estavam a amamentá-las.

Em Arcuzelo (Ponte de Lima), na visita pascal, em todas as casas está em cima da mesa um copo cheio de água e com uma moeda de 5 réis no fundo. O rapaz da caldeira despeja nesta o copo da água com os 5 réis, torna-o a encher da agua da caldeira e deixa ficá-lo. Aquela água é benta.

Para curar a erisipela — leva-se um púcaro ou caneca com água, entra-se na oficina dum ferreiro, despeja-se a água na pia da forja, toma-se outra água da pia e sai-se por outra porta, tudo sem dizer palavra. Com esta água lava o doente as regiões atacadas. Deve usar-se êste remédio a primeira vez que dér tal doença (Ponte de Lima).

Se na manhã de S. João, antes do sol nascido, se for colher água e com ela se amassar o pão, a massa levedará, sem ser preciso outro fermento (Tabaçô).

---

[1] V. Paul Sébillot, *Le Folk-lore de France*, II, 245. Cf. tambêm *Trad. pop. de Portug.*, § 155.

§ 2.º Os rios

Certas depressões mais profundas dos leitos dos rios, produzidas pelas escavações das águas, e cujo fundo a vista não divisa, nem lá chegam as varas dos barcos por mais compridas que sejam, teem para o nosso povo sempre qualquer coisa daquele maravilhoso que povoa as trevas, os abismos, as regiões do mistério. A fantasia popular imaginou que essas cavidades não teem realmente fundo, ou que estão em comunicação, por extensos corredores subterrâneos, com certos montes (os castros), ou com antigas moradas de mouros, ou ainda com o mar. Ha a vaga tradição de uma extraordinária estiagem, em tempos remotos, em virtude da qual as águas dos rios secaram por completo, conservando-se apenas naquelas depressões, naqueles poços insondáveis, onde os camponeses dos arredores vinham trazer os seus gados a beber, porque noutra parte não havia água para isso. Para que, porêm, os animais se não afogassem ao abeirarem-se do abismo, houve a precaução de cobrir ou cercar êsses boqueirões com grades de ferro, que lá se conservam ainda, segundo a crença popular.

São inúmeros os *poços com grade*, de alguns dos quais me vou ocupar, juntamente com as lendas anexas.

I. No **Rio Lima**. — *Poço do Pêgo*. Fica junto ao forno da cal de S. João da Ribeira.

Tres pretos, criados de um brasileiro que os tinha trazido do Brasil, animaram-se um dia a ir examinar a profundidade do poço. Partiu o primeiro, mergulhando na profundidade das águas; mas, como se demorava muito sem voltar, os que estavam fora disseram consigo que aquela demora era por brincadeira, que era para os assustar que êle se demorava tanto lá no fundo, e resolveu então ir outro margulhar. Êste, porêm, tambêm não voltava. O terceiro, arreliado com a partida dos dous, que lhe não vinham dizer o que havia no fundo, ou qual era a fundura do poço, desceu, á cautela, por uma corda que outro criado que os acompanhara segurava cá de fora, com recomendação de puxar a corda quando o mergulhador desse sinal com uma compainha. Passado um pouco, o preto deu sinal e foi tirado para fora. Contou então ao branco que no fundo do rio havia uma grade de ferro, redonda, que servia de tampa a um poço, cujo fundo só se podia saber entrando nele. Acrescentou que viera cá fora para contar isto que vira, e que voltava outra vez para levantar a grade e fazer a descida até o fundo de tal poço. Foi; mas até hoje ainda não voltou, e ficaram lá afogados os pretos todos tres.

— *Poço do Fundelo.* E' entre o logar de Vilar, de S. Jorge (concelho dos Arcos), á margem direita, e a frèguesia do Salvador (concelho da Barca), á margem esquerda. Diz-se que aparecem lá *os da barreta vermelha* [1], que teem lá afogado muita gente.

— *Poço do Caneiro.* É entre Ermêlo e Britelo. As rodas de um carro que passava num caminho por cima pelo logar de Parada Monte foram lá caír. Foi mandado um preto para as tirar. Disse que não as podia tirar, que estavam lá umas grades de ferro e lá por baixo está o diabo. Fizeram-no tornar a ir, e lá ficou. Tambem se diz que as grades foram feitas para tirar água num tempo de grande seca.

— Tenho apontado outro *poço do Fundelo*, entre Touvedo e S. Jorge, mas não sei se será o mesmo que o de idêntico nome já mencionado. Ha porêm a notar o dizer-se que, quando o sol está no meio dia, se vê a grade brilhar lá no fundo.

Ha ainda no rio Lima outros poços com grade, mas sem lenda nenhuma especial; tais são, que eu saiba, o *poço do Pêgo*, entre Padreiro e Lavradas, um pouco abaixo da Fonte Santa [2]; um outro logo acima da Barca, junto ao sitio da Campa; outro acima de Ermêlo, etc.

Ainda relativos ao rio Lima conheço os seguintes costumes tradicionais:

Ha na Galiza, numa das margens do rio, uma capela consagrada a S. Félix, «que nós cá dizemos S. Fins» [3]. No dia da romaria, a que concorrem tambem muitos portugueses, trazem o santo ao rio, tiram-lhe a espada que êle tem na mão e mergulham-na na água do rio. Esta operação corta todos os males que a água tenha. Porisso, se alguem nesse dia se banhar no rio Lima, êsse banho nunca faz mal nenhum.

Por baixo do mosteiro de Ermêlo, em qualquer época do ano, levam o gado a banhar no rio Lima, que corre muito próximo, e fazem-no vadear o rio de uma margem até a outra. É por causa duma

---

[1] Isto é, os diabos. Nas *Trad. pop. de Portug.*, p. 312, entre muitos outros nomes do diabo menciona-se êste: «O da Carapuça-vermelha».

[2] Nascente de águas sulfurosas, na freguesia de Padreiro. As suas reais virtudes medicinais são realçadas quando colhidas na manhã de S. João, como acontece com inúmeras outras *fontes santas*. Sôbre o assunto vide *Trad. pop. de Portug.*, p. 71 e sgs.

[3] Assim me explicou o meu informador, um rapazito de Soajo, dos seus 12 anos de idade. Efectivamente *Fins*, ou antes *Finz*, está por *Fiz*, proveniente do acusativo *Felicem* (de *Felix*) através de *Feïz* e *Fiiz*. A nasal de *Finz* explica-se pela influência da nasal de *Sam*, que acompanha o nome. Assim se encontra tambem *S. Prinz* por *S. Priz*.

fonte que ha por baixo do mosteiro e que tem virtude por as suas aguas virem do lado dêste.

II. No **Rio Vez.** — *Poço do Caldeirão.* Logo acima da vila dos Arcos. Comunica com o castelo de Riofrio. Neste castelo, que é um castro, havia ha anos, e não sei se ainda lá está, uma pequena pia, quási sempre cheia de água, aberta no granito de um dos enormes penedos que coroam o monte. Lembro-me de, quando estudante de instrução primária, ouvir dizer que, se alguem deitasse uma laranja nessa pia, ela vinha por baixo do chão saír cá abaixo ao poço do Caldeirão.

Uma pastora uma vez meteu a mão na referida pia, mas a mão foi-lhe agarrada, por baixo da água, por outra mão invisível. A pessoa que a agarrou, aparecendo-lhe, deu-lhe uma cesta com carvões e disse-lhe que a não descubrisse enquanto não chegasse a casa. Mas a pastora não se teve que não descubrisse a cesta e só encontrou carvão. Se a não descobre, encontraria ouro.

— *Poço da Ola*, em Gonduriz. Comunica por um caminho subterrâneo com a casa da Aguiã, que, segundo o pensar do povo, era antiga habitação de mouros, os quais por aquêle corredor subterrâneo levavam os seus cavalos a beber ao rio.

— Acima do logar do Barreiro, da fréguesia de Pàçô, ha outro dêstes poços. Uma vez numa lavrada o gado, tomando mêdo, deu a fugir com o arado para o rio e foi lançar-se no referido poço. Valeu-lhe ficar pendurado na grade, e assim escapou de se afogar.

— Ainda se citam outros poços com grade no mesmo rio e seus afluentes, como o poço, tambem da *Ola*, acima do logar da Abonza, freguesia de Sabadim, o *poço da Fichoa*, no rio de Padroso, etc.; não sei porêm ainda de lendas particulares que lhes andem aderentes.

III. No **Rio Ancora.** — *O Poço Negro.* Fica perto das nascentes do rio e na base da serra de Arga, freguesia de S. Lourenço da Montaria (concelho de Viana). Tem uma grade de ouro no fundo. Comunica com o mar por uma galeria subterrânea.

É perigoso nadar naquêle sitio do rio por causa de um violento redemoinho que a agua ali forma. Cai neste poço uma bela cascata de grande altura, quando o rio vai cheio. Quando ali passei, em setembro de 1906, o rio ia quási sêco.

IV. No **Rio Mouro.** — Junto a Tangil, freguesia do Concelho de Monção, onde este rio passa, ha tambem um poço. Diz que está no fundo uma igreja. Outros dizem que está lá uma moura encantada. Já tem lá ido gente para a desencantar.

§ 3.º As inundações

Quando, depois de muita chuva, se aproxima uma cheia do rio Lima, dizem os de Ponte: «Aí vem o juiz de Soajo!» — ou: «Está para vir o juiz de Soajo!»

Referindo-se á cheia, a que, como se vê, chamam «o juiz de Soajo», dizem que o juiz de Soajo entra numa casa sem pedir licença, isto é, a cheia entra pelas casas da vila dentro quando quer.

Se a cheia é de noute, os que despertam mais cedo e percebem que o rio está a encher, vão avisar os vizinhos batendo-lhes á porta e dizendo-lhes: «Põe-te a pé, que ai vem o juiz do Soajo!»

Nas freguesias das margens do Vez, quando ha cheia no rio, dizem: «Aí veem os de Sistelo!»

Sistelo é uma freguesia nas nascentes do rio Vez, concelho dos Arcos.

IV

Meteorologia

§ 1.º O vento

Quando sopra o vento norte destemperado e frio, diz-se que morreu algum galego, ou escomungado, ou escrivão [1].

Quando se ergue o cereal na eira e o vento não sopra, gritam pelo vento dizendo:

> Caralhaz da ribeira,
> Venta a eira, venta a eira! (Arcos).

Ditado:

> Nunca vai mau tempo,
> Senão quando vai vento.

---

[1] Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 47.

§ 2.º O nevoeiro

O nevoeiro deve ser:

Ou no outeiro,
Ou no ribeiro. (Arcos).

Em Soajo e Ermêlo os rapazes dizem ao nevoeiro para êle desaparecer:

Neboeiro, fuge daí,
Qu'aí bem na Maria Andrésa
Co'as papas na caldeira
P'ra te pôr na moleira!

Ainda em Ermêlo:

Borraceira,
Feiticeira,
Bai p'ra a costa
Da Abelheira!

Na Mourisca:

Lebanta-te, neboeiro,
Para o côto de Mangoeiro [1],
Q'aí bem Maria Pereira
Co'as papas na caldeira
P'ra dar ao filho do juiz
Que le 'scupiu no nariz!

No Estrêmo:

Barre, barre, neboeiro,
Lá p'ra trás daquele outeiro,
Que lá 'stão nos teus filhinhos
A aprender a sapateiro!

Em Cabreiro:

Barre, barre, neboeiro,
Para trás daquelle outeiro,
Que está lá teu irmão ferreiro

[1] Na freguesia vizínha de S. João de Portela.

Co'a espada na mão
Para matar o carneiro
Para dia de Janeiro[1]!

§ 3.º A chuva

a — TRADIÇÕES VÁRIAS

Para a chuva passar dizem os rapazes:

Abocanha, abocanha,
Que te dou ũa castanha!
'Stinha, 'stinha,
Que te dou ũa sardinha[2]. (Soajo).

As pingas grossas das chuvas de Maio e Junho geram sapos ao caírem á terra. No ano em que houver muitas dessas chuvas ha muitos sapos[3].

Quando chove e faz sol, diz-se, ainda que não seja em Fevereiro: «Louvado seja o Senhor! É bem fevereiro!» (Cabreiro).

Chover muito em Abril é abundância; porisso diz-se:

Ainda que chova todo Abril,
Lavrador, que se dá a ti?

Ao findar o mês de Fevereiro diz-se:

Vai-te embora, fev'reirinho torto,
Co'os teus dias vinte oito;
Se durasses mais quatro,
Não deixavas cão nem gato!

E o Fevereiro responde:

Aí vem meu irmão Março,
Que de oito fará quatro! (Cabreiro).

---

1 Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 48 e segs.
2 Cf. *ibid.*, p. 55.
3 Cf. *ibid.*, p. 142.

Ou então (Riofrio):

Aí vem meu irmão Março,
Que te ha de pôr êsse coiro num pelaço!

Em dia de chuva em que se não pode saír de casa para os trabalhos agrícolas, diz-se:

E' dia de S. Fernando,
Come o criado, arrenega o amo.

Quem rapar a panela ou a caçoila, chove-lhe na boda [1].

Sábados a chover,
Bêbedos a beber,
Não ha que lhes fazer. (Gavieira).

Sábados a chover,
Bêbedos a beber,
Quem os ha de aturar
Ainda está para nascer. (Riofrio) [2].

*

A respeito de uma procissão infantil a pedir chuva, veja-se a *Rev. Lusitana*, X, 255-257.

b—PRENÚNCIOS DE CHUVA OU BOM TEMPO PROXIMOS

Quando o corvo caminha, a cantar, em direcção ao Norte, ha vento norte; se vai para o Sul ou para a barra (Poente), ha chuva (Soajo).

Cantando muito as rãs, se é no inverno, está para vir chuva; se é no verão, temos calor [3] (Estrêmo).

Quando os milhafres adejam voltados ao Norte, temos vento norte; mas, se pairam voltados á barra, está para chover (Riofrio).

---

1 V. *Le Folk-lore de France*, I, 96-97.
2 Cf. *Trad. pop. de Portugal.*, p. 57.
3 Cf. *Le Folk-lore de France*, III, 267.

Anunciam vento e chuva as águias vindas do lado da Peneda (Mourisca).

Quando o mocho pia, é sinal de chuva (Ruivos).

Quando o gato se lava virado ao Sul, é sinal de chuva; virado ao Norte, sol. (Gavieira).

Tocarem simultáneamente os sinos de duas frèguesias, é sinal de chuva (Ponte da Barca).

Quando veem pelas portas peneireiros ou criveiros, diz-se que temos chuva [1].

Quando ha nuvens em S. Lourenço da Armada, está para vir chuva. Dizem então os povos da planície: «Estão a cozer os fornos em S. Lourenço» (Beiral).

Quando o Castelo de Aboim [2] tem touca,
Temos chuva, muita ou pouca. (Arcos e Barca).

Névoa no Pedrinho [3],
Chuva no caminho (Padroso).

Está a névoa na Cabecinha [4],
Não ponhas a panelinha [5] (Padroso).

Vem o nevoeiro a Fontela [6],
Não ponhas a panela (Padroso).

Os de Lordêlo de Cabreiro, quando estão na branda de Real, ao sul da qual fica o Calcado, dizem, se dêste sopra o vento:

---

1 Cf. *ibid.*, p. 54, § 125.
2 Aboim da Nóbrega.
3 Na serra de Soajo.
4 Na mesma frèguesia de Padroso.
5 Quer dizer que vem a chuva, e por isso não é preciso preparar a comida para os trabalhadores com que se contava se estivesse bom tempo.
6 Ao fundo da frèguesia.

Puxa a maré do Calcado:
Bota farinha ao caldo
E palha ao gado.

Quando se vêem no ceu umas nuvens leves, que parecem fumo, e a que chamam *névoas rapadas*, é para os habitantes de Lordêlo sinal de chuva iminente. Porisso dizem:

Névoas rapadas,
Cabeças molhadas.

Quando alguem espirra, diz-se que temos bom tempo. Ás crianças, quando espirram, diz-se: «Jesus Cristo! Espirra o cabrito!»

Em S. Martinho da Gandra dizem que é sinal de chuva roncarem as tripas.

São tambem sinais de chuva próxima, em um belo dia de sol, o catarem-se muito as galinhas e o murcharem as couves na horta sem ser por falta de rega.

Ditados:

Tempo que melhora á noute
E' como a mulher doutro.

Agosto, quando toma dó,
Não é por um dia só.

Uma nuvem muito extensa *(stratus)* ao poente, ao fim da tarde, nuvem a que se chama *trave de Vigo*, é tambem sinal de chuva próxima (Santar).

c — PRENÚNCIOS DE CHUVA OU BOM TEMPO A PRAZO MAIS LARGO

As têmporas. — Chama-se temporas, e tambem em alguns logares *arremessas*, a previsão do tempo que se faz desde o dia de S. Luzia (13 de Dezembro) até á véspera de Natal. E' conhecida esta forma de previsão, tanto no país como no estrangeiro [1].

---

[1] V. por exemplo, *Ensaios etnográficos*, III, 258; *Rev. de Guimarães*, IV, 42-43; *Revue des trad. populaires*, IV, 651.

Em alguns pontos, porém, do concelho dos Arcos, começam no dia 25 de Dezembro a fazer nova previsão, mas ao inverso da primeira, de modo que o dia 25 regula para o Dezembro do ano futuro, o dia 26 para Novembro, e assim por deante até que o dia 5 de Janeiro, véspera de Reis, indicará o tempo que ha de fazer no resto do mesmo Janeiro já então corrente.

Da combinação das duas previsões é que resulta o prognóstico definitivo do tempo que fará em cada mês do ano que entra. Assim, se na primeira previsão o mês de Março, por exemplo, deve ser de bom tempo e na segunda de tempo mau, a conclusão a tirar é que nesse mês o tempo será vário, ora de chuva, ora de sol. Se em ambas as previsões um certo mês cai de ser de bom tempo, pode então contar-se com bom tempo durante êsse mês, e vice-versa se ha coincidência de mau tempo.

Á meia noute de 24 para 25 de Dezembro, em sítio enxuto mas acessível ao ar da noute, colocam-se por ordem doze cascos de cebola, cada um dos quais corresponde a um mês do ano seguinte, de Janeiro até Dezembro. Dentro de cada um dêsses cascos deita-se uma pedra de sal. Na manhã imediata vai-se verificar. Será mais chuvoso o mês do ano seguinte correspondente àquêle casco de cebola, cuja pedra de sal mais se derreteu; e será mais sêco e de melhor tempo aquêle que corresponder ao casco cuja pedra se conservou melhor, sem se derreter, ou que menos se derreteu [1].

Também á meia noute de 24 para 25 de Dezembro se deve observar de que lado sopra o vento. Isso indicará o tempo que ha de fazer no ano seguinte. Se soprar do norte, haverá tempo sêco; se do sul, muita chuva; do poente, muito frio e aguaceiros.

Outros dizem que esta observação se deve aplicar só até ao S. João do ano seguinte, e na noute de S. João faz-se nova observação, vendo de que lado fica o vento, o que regulará para o resto do ano.

Da parte donde a primeira vez no ano ruge o trovão, é dali que fica regulando o tempo. Daí o *ditado:*

Quando o trovão *roge* ao Doiro,
Merca bois p'r'o *càrcadoiro;* [2]

---

[1] Cf. *Le Folk-lore de France*, III, 511-512; *Zeitschrift D. Vereins f. Volkskunde*, XVIII, 449.

[2] Isto é, *calcadoiro*.

Quando *roge* ao Minho,
Vende bois e compra milho (Mourisca).

Em Riofrio, porêm, atribuem isto ás primeiras trovoadas da primavera, ou de maio, e o ditado, que evidentemente se relaciona com a fertilidade agricola [1], é enunciado desta forma:

Quando vem a trovoada ao Douro,
Vende milho e compra touro:
Quando vem ao Minho,
Vende touro e compra milho.

Quando a lua nova se apresenta deitada, isto é, com os cornos para cima, é sinal de chuva durante toda a lunação, porque o cântaro tombado ou entornado não leva água.

Outros dizem o contrário, porque o cântaro, para despejar a água, é preciso tombá-lo; e então, vir a lua com as pontas para o lado é sinal de chuva. E' porêm excepcional e muito restrita esta ultima opinião. A primeira é que prevalece. E' assim que em Caminha dizem:

«Lua deitada, marinheiro em pé», que é a tradução do *Luna djegud, marina dret,* ditado conhecido de todos os marinheiros que navegam no Mediterrâneo, por toda a bacia do qual está espalhada esta crença [2].

Quando a bicha dos pinheiros faz o ninho ao sul, é sinal de inverno sêco (Ao pé do Pôrto).

Chovendo em dia da Ascenção,
Até as pedras dão pão [3]. (Viana).

Chega Março,
Abre a porta
Que já passo.

Dizia assim o boi quando falava.

Março amoroso,
Abril chuvioso,

---

[1] Cf. *Ensaios etnográficos,* III, 259.
[2] V. *Cosmos,* LIV, 472 (27 outubro 1906).
[3] Cf. *Rev. Lusitana,* II, 131, n.º 34).

Maio ventoso,
S. João sòlhoso,
Fazem o ano lindo e formoso [1] (Estrêmo).

§ 4.º Arco Iris

Em aparecendo o arco da velha, ainda o mundo dura quarenta anos pelo menos (Soajo).

É pecado chamar-lhe *arco Iris*. Deve-se-lhe chamar *arco de Noé*. (Mourisca).

Quantas côres apresenta o arco da velha, tantas ha de apresentar o dia de juízo (Soajo).

Quando o arco da velha está com as pernas no rio, está a bulir a água (Soajo).

Ao arco da velha dizem os moços:

Arco da velha,
Sai-te daí,
Caem os anjinhos.
Por riba de ti! (Soajo).

Tambêm dizem:

Arco da velha,
Sai-te daí;
Moças bonitas
Não são para ti [2].

Arco da velha ao nascente,
Chuva de repente.

§ 5.º O trovão

Quando dá um relâmpago e logo um baque forte de trovão, deve dizer-se em voz muito alta: «Louvado seja N. S. J. Cristo! O sangue de N. S. Jesus Cristo volva sôbre nós todos!»

---

[1] Cf. *ibid.*, II, 122 e 128. — *Ensaios etnográficos*, III, 74-75.
[2] Cf. *Trad. pop. de Portugal*, p. 60.

Até onde se ouvir esta voz, não cai faísca (Mourisca).

Contra o trovão dizem na Gavieira:

S. Jerónimo, santo, sábio e forte,
Valei-me agora e na hora da nossa morte.

A trovoada dizem, no Estrêmo, que é «*a friura a turrar com a quèntura*»[1].

§ 6.º **A Neve**

Quando cai neve, diz-se:

Peneira, velha, peneira,
Que está Maria na eira,
Co'as papas na caldeira[2]. (Estrêmo).

Santar (Arcos de Valdevez).

P.e CUNHA BRITO.

[1] Cf. *Trad. Pop. de Portugal*, p. 63.
[2] Cf. *ibid.*, p. 58.

Locuções petrificadas

Na insipidez das páginas que vão seguir-se apresento umas breves e contestáveis contribuições para o estudo dos provérbios e das locuções populares da língua portuguêsa.

Julgo que não seria um estudo ocioso este. Difícil é-o, sem dúvida pela série de erros em que o observador pode caír, arrastando na queda a desasada passarola das suas fantasias.

Nenhuma espécie de estudos é mais sujeita a contraditas e decepções que esta, exposta quási sempre no terreno falso das conjecturas que variam segundo o modo de ver de cada observador.

Foi isto o que a princípio me fez hesitar na coordenação destas imperfeitas notas, mas não me demove, já agora, do desejo de as oferecer á observação dos estudiosos o receio de errar nesta derrota em que teem errado pilotos de mais experiência e saber.

O estudo definitivo da fraseologia portuguêsa não se fará ainda, nem me parece que haja já materiais suficientes para se formar um plano sintético da obra que parece causar engulhos aos cientistas. Até lá irei eu carreando pela minha parte, nestas e noutras páginas que se hão-de seguir, alguns elementos de organização que não serão por completo desaproveitáveis.

Um pau por um olho

Sobre esta expressão popular que indica o baixo preço por que se nos oferece qualquer coisa, ou ainda, e mais latamente, a conveniência vantajosa em qualquer situação, conjectura o snr. João Ribeiro [1] que o sentido se não relaciona ao preço mas á evidência: «E' o encarecimento habitual dos que insinuam ou mercadejam; é o que *salta aos olhos* e *se mete pelos olhos dentro*, e de tal arte que exclui maior exame ou cuidado.»

Nas minhas desvaliosas observações ás opiniões do ilustre académico brasilense sugeri a idéa de que a preposição neste caso exprime

---

1 *Frazes Feitas*, II, 115.

troca, como na expressão de sentido e construção paralelos: *um ovo por um rial*—«dar *um pau* em troca de *um olho*.» [1]

O *pau* é a insignificância de um custo mínimo, como o *rial*. No *olho* está a valorização máxima que se expressa em outras fórmulas como: *custar os olhos da cara, dar um olho ao diabo*, etc. [2]

O sentido das expressões: *salta aos olhos* e *mete-se pelos olhos dentro*, relaciona-se sem dúvida á evidência de determinado facto. E' o que está tão claramente visível que absorve todos os raios visuais. No entanto, «meter *um pau por um olho*» não tem a mesma razão semântica, antes poderia indicar cegueira completa e lá me parece que a dedução vem assim em prejuizo do espírito da frase.

«Espetar um pau por um olho» para fazer *vêr*, foi suplicio que escapou a Torquemada e outros ilustres e pios varões dos tribunais da Fé.

O povo na sua paremiologia respeita os olhos, trata-os carinhosamente porque pensa: *com o olho e com a fé não zombarei* [3]. E para mostrar que nenhum corpo extranho deve penetrar nos orgãos visuais tem a expressão *deitar poeira nos olhos*, que é o ardil com que se provoca, por conveniência, uma cegueira momentânea, e o expressivo provérbio que conforta a minha dedução: «*todos veem o argueiro no olho do visinho e ninguem vê a tranca no seu.*»

Mas não basta analisar certas expressões na sua fisionomia corrente quando elas não oferecem uma segura interpretação. Muitas se adulteraram, todos o sabem, com o uso, tomando caracter e aspectos diversissimos das primitivas, quer pela influência de outros vocábulos consoantes mais usuais, quer por se ter perdido a noção do sentido originário.

Estas modificações comtudo não são radicais. A expressão, muitas vezes, embora transfigurada, conserva em estado latente a feição primitiva que nem sempre se torna fácil descobrir.

O estudo conjectural, embora arriscado, é necessario á observação de muitas locuções adverbiais cujo caracter primitivo se alterou. De dedução em dedução, o observar cuidadoso consegue ás vezes restabelecer-lhes a feição originária e determinar-lhes o valor histórico.

A expressão que tratamos, tal como hoje se ouve, não é de facil interpretação. Estarão deturpados os seus elementos?

---

1 «*Frazes Feitas*», pag. 9.

2 O ilustre romanista snr. Gonçalvez Viana que teve a amabilidade de me dar a conhecer a sua opinião sobre as minhas conjecturas diz-me que se não conforma com esta interpretação, por lhe parecer que a preposição está no sentido do *per* e não do *pro* latinos.

3 In *Adágios*, de Rolland.

Julgo que pelo menos um dêles sofreu alteração prosódica: *Olho* estará em lugar de *oiro* e a posposição do artigo, a este como ao primeiro elemento, viria pela necessidade de determinar o quantitativo abstraído da forma concreta.

No tempo em que para Portugal derivavam os mananciais de oiro do comércio e do saque das conquistas audaciosas, as exigências faustuosas da côrte e a vaidade insaciável da nobreza despejavam prodigamente nas fauces da Europa cubiçosa a cornucópia aurifera das estupendas riquezas que, dos mundos longinquos vinham ao Tejo nos porões bojudos das naus do século XV.

O oiro e a glória excitavam em delírios perdulários o génio aventureiro de uma raça irriquieta, obcecada no seu sonho de grandeza e poderio. O luxo, as pompas, o fausto de uma côrte brilhante compravam-se *a peso de oiro* e oiro corria incessantemente para os mercados da Europa, para as embaixadas de uma magnificência espantosa, para a satisfação de todas as vaidades que se pagavam por quantias avultadas.

Julgo que a expressão se formaria nesta época de delírio de grandêzas. O povo, sempre miserável e subjugado, vê os desvarios da côrte e estigmatiza-os pelo ridículo. Foi sempre a sua vingança, ás vezes terrível.

O *pau* é a matéria ínfima na indústria — figuradamente, já se vê — em comparação com os metais e as matérias caras. Na linguagem popular supõe-se que é de *pau* qualquer coisa inútil, inexpressiva, sem valor: espingardas de *pau*, espadas de *pau*, perna de *pau*, boneco de *pau*.

«Dar *pau por oiro*» era o ideal dos negócios rendosos. Assim o fariam certamente os estrangeiros que vinham a Portugal, levados pela cubiça das nossas riquezas e caçando por mil artimanhas da indústria de então o oiro puro das conquistas.

Certamente isto impressionava o povo, sisudo filósofo, que pressentia nestes desmandos a sua própria decadência e talvez que mais o exacerbasse a importação das madeiras caras da Europa, especialmente da Flandres.

Já um poeta do *Cancioneiro*, de Rèsende, se queixa dos desvarios do seu tempo aludindo a este facto:

«Estrangeyros partystando
levam desta nossa terra
ouro, prata,
nossas bolsas alivando
com sa paz n'fazem gerra,
que n'mata.

Levantanse as moedas
quanto mingã nossos fruytos
temporaes,
estas praticas azedas,
estes nossos males muyto[s]
sam geeraes.

Assy como vam da nao
todolos outros estantes
n'despenam,
levam ouro trazem pao,
nossos tratos mercadantes
desordenam.
Por framengos, genoeses,
frorentyns, & castelhanos,
mal n'vindo,
com seus novos antremeses
dãnos trinta mil avanos,
vam se rrindo».

Nem chuz nem buz

«Não dizer *chuz nem buz*» o mesmo é que «não dizer palavra; calar-se».

O snr. João Ribeiro [1] supõe este *chuz* o antigo adverbio *chus*, do lat. *plus* = mais, como se encontra em documentos vernáculos. Quanto a *buz* — *buge* e *muz-muje* dá-os como derivados mediatos de *basium* e *bucca* (Cf. *buço*).

«Não dizer *chuz*» equivale pois a «não dizer mais, guardar silencio». *Buz* filiar-se-á no sentido de uma forma interjectiva que desconheço: *bôca!*, determinando e impondo silêncio.

Já anteriormente o snr. Gonçalves Viana [2] nos explicara que este *chus* era o advérbio obsoleto e propunha dois étimos para *mus* e *bus*: «uma contracção violenta do lat. *minus*» e o *bus* = mais do dialecto dos ciganos da Espanha. Assim a locução significaria: «não dizer *mais*, nem em português, nem em cigano» [3].

Sem prejuizo desta opinião autorizada, direi que me não parece que

[1] *Frazes Feitas* — I série — Rio, 1908 — pag. 26.

[2] *Apostilas aos Dicionários Portugueses*, Lisboa, 1906 — Tomo I, pag. 301.

[3] Afirma o snr. João Ribeiro que «é expressão antiquissima que já se encontra nos mais arcáicos documentos em proza e nos cancioneiros medievais.» *Ob. citada*, pag. 26.

com este sentido se coadune o espirito da locução, o qual traduz silêncio absoluto.

O «não dizer mais, nem em português nem em cigano», sem que de tal forma de expressão surja uma conclusão lógica e clara, implicaria sem dúvida a existência de uma razão histórica que se teria perdido, como se perderam tantas outras.

Mas aparece a expressão nos antigos documentos da lingua? Não a encontrei — talvez por falta de leitura ou desatenção — mas o snr. João Ribeiro não teria sido mais feliz porque se limita a apresentar um exemplo do emprego do advérbio *chus* = mais, extraído da *Demanda do Santo Graal*, e três excertos das obras de Chiado, Simão Machado e Camões em que *bus* aparece no sentido provável de «silêncio». O snr. Gonçalvez Viana apenas exemplifica o emprego recente da locução [1].

Na lingua espanhola, no mesmo sentido em que empregamos *nem chuz nem buz*, usam-se as frases adverbiais: «no decir *chus ni mus; ni tus ni mus.*»

Da prosódia desta ultima, e por influência das terminações em *ss* palatais, veio certamente a expressão tambem usual em português:

não tuge nem muge

que explica a forma verbal:

não tugir nem mugir.

Não aparece as formas castelhanas o elemento *buz* da expressão portuguêsa, o que de alguma forma contraria a suposição do snr. Gonçalvez Viana.

Creio que *chuz* não poderá ser aqui o antigo advérbio. Dado que a locução seja relativamente moderna, como parece, creio que, na sua formação, não poderia entrar como elemento um velho vocábulo talvez já esquecido pelos quinhentistas.

Analisando outras expressões proverbiais que tem a mesma construção sintática e sentidos parelhos ou aproximados, exprimindo «silêncio, quietação, indiferença», tais como: *nem uma nem duas*, *nem sim nem não*, *nem mais nem menos*, *nem lá vou nem faço mister* [2], etc., vemos

---

[1] Com um excerto da *Gazeta das Aldeias*, de 25 de março de 1906.

[2] Provavelmente por *nem faço vispere*. *Fazer vispere* é loc. pop. que significa «fugir, desaparecer.» A expressão acima aplica-se aos indolentes, aos que não procuram tornar-se úteis; como quem diz: «nem vou nem me retiro, fico na minha imobilidade cómoda.»

que a conclusão ideológica se extrái da relação entre dois elementos de sentido contrário.

Poderemos pois supôr que na expressão *nem chuz nem buz* haja tambem o encontro de duas idéas opostas.

No nosso velho refraneiro encontra-se um provérbio curioso: «A perro velho não digas *Buz Buz.*» Assim está no Adagiário de Rolland, a pag. 99 da edição de 1841. E na *Ulisipo*, de Jorge Ferreira:

> «Vedes senhora que eu fui mancebo, & mal pecado sei mais disto que das obras de misericordia e el que las sabe las tanhe, asno desovada de longe aventa as pegas, e a perro velho não buz buz». — Ed 1787, pag. 20.

Buz aqui não indica silêncio. *Buz* ou *buche* é voz com que se chamam os cães e o provérbio indica na sua sábia prudência que se não devem chamar ou ameigar os cães velhos que são sabidos e matreiros e não virão fàcilmente á mão de um extranho. Lá o diz tambem o velho adágio: «Cão velho quando ladra dá conselho.»

Chuz ou *sus*, pelo contrario impõe afastamento, quietação, como lá se diz na *Ulisipo*:

> «nem pela vida abrirá depois huma janella porque lhe o pay não diga sus». — Pag. 356.

Da mesma raiz onomatopáica *ch* que impõe «afastamento ou silêncio» são as interjeições: *chó!*, *chut!*, *chuta!*, *chitom!* [1] = *chitão!*, *chiz!* [2], *chiu!* = *siu!*, *ch*(i)*u!* = *su!*

---

1 Do fr. *chut donc!* V. *Apostilas*, I, 295.

2 Como no espanhol: *chis!* E' forma antiga, como se pode ver no Cancioneiro de Garcia de Rèsende, nas trovas de Duarte de Brito a João Gomes da Silva:

> Eram vossos tempos autos
> nas festas da emperatriz,
> mas agora calar chiz
> não é tempo de crisautos.
>
> (Ed. da Imp. da Unid., I, 430).

> «Anda mais brauo q̃ touro,
> & a quem fala
> pregunta de chyche (a) cala,
> senhores, vistesmũ mouro».
>
> (*Ibidem*, II, 349).

(a) Cp. *fuge*, de *fus*.
[Cf. a grafia *enchotar*]

Temos pois em *chuz* e *buz* duas vozes de sentido contrário que lógicamente poderiam ter sugerido a expressão popular.

Não dizer chuz!, nem buz! significará em rigor «não repelir nem chamar», — conservar-se indiferente, não dizer nada, guardar silêncio.

Matar-o-bicho = Màtabicho

Màtabicho é geralmente a bebida que se toma de manhã, *em jejum*. Este hábito de *matar-o-bicho* não passa afinal de um pretexto para matutinos beberêtes de qualquer naturêza, entre os afeiçoados.

O *Nôvo Diccionário* no voc. *Bicho* regista: «*matar o bicho* (pop.), beber aguardente ou outra bebida alcoolica antes de almoço». No lugar próprio insere *màtabicho* como termo brasileiro: «um gole que se toma, de qualquer bebida alcoolica».

Nos *Subsídios* [1] regista Cortesão «*mata-bicho:* Pop. Aguardente, licor, café, etc., que se toma de madrugada, em jejum, principalmente no inverno».

Mas não se limita a isto a acepção do *màtabicho*, pelo menos no centro do país. «Mata-se o bicho» com qualquer bebida ou iguaria ligeira: aguardente, café, leite, pão, frutas e ainda com um cigarro ou qualquer acontecimento matutino. Mais extensivamente *màtabicho* é o primeiro serviço ou ocupação da manhã: «O meu *màtabicho* é acender o lume». «Vou ao mato, para *matar o bicho*».

Ha mais: *mata-se o bicho* ás vezes, pelo dia adeante, depois do almoço, ao meio dia, ou ás horas em que o frio aperta, e isto serve de pretexto para beberricar.

A expressão perde por esta maneira o seu sentido próprio mas assim se tornou extensivo o *levaremo*, de *leva-remos!* que era e é a voz de comando do patrão de uma embarcação para ordenar descanso aos remadores. «Nestas pausas do remar todos bebiam um *golinho* ou um *golão*» [2] para reanimar.

A expressão passou do mar á terra, como tantíssimas outras que atestam o génio de um povo de navegadores, e o *levaremo* veio a significar a *golada* tomada em qualquer ocasião, como vem no *Templo de Apolo*, de Gil Vicente:

---

[1] *Subsídios para um Diccionário Completo (historico—etymologico) da Lingua Portuguêsa*, por A. A. Cortesão. Coimbra, 1900.

[2] Informação obsequiosa da Ex.ma Snr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

«Aramá, como estou secco!

. . . .

Aqui trago um *leva-remo* . . .»

Obras (ed. 1834), II, 388.

E no *Auto da Festa*:

«Aqui trago um *levaremo*»

(Ed. 1906, 110.)

Do mesmo genero é o *làvadente* = «beberête», que Morais indica como termo chulo. Vem na *Ulisipo* de Jorge Ferreira de Vasconcelos:

«(*Hyp.*) Eu vos direi, a taverna perto está: eis ahi hum tostão, convidai os companheiros. (*Muc.*) Isto está de rosas. Em hum salto tomaremos este *lavadente* . .»
Ed. 1787. 235.

Tambem, como *màtabicho*, o *làvadente* se tomava no sentido de «gorgêta ou gratificação» e daí, por ironia, passou a indicar qualquer acontecimento desagradável [1].

Entre os bebedores, a necessidade de mitigar ou *matar* a sêde, como dizia a Maria Parda:

«O' rua da Mouraria
quem vos fez *matar a sede*
pela lei de Mafamede
com a triste d'agua fria?

passou a ser considerada um vicio e vicio era, e é, dos mais funestos. Pode ser que o *matar-o-bicho* se explique por corrupção pinturêsca da expressão *matar-o-vicio*, que o mesmo era que satisfazê-lo.

Mas o fr. *tuer le ver* [2] abona a expressão tal como se ouve hoje. Considerava-se a sensação da fome e da sede como a mordedura de um bicho [3]. As expressões *matar a fóme* e *matar a sêde* [4] condensaram-se apenas naquela, que indica a causa determinante.

---

[1] Na *Orthographia*, de Madureira Feijó, ed. 1739: — «*Lavadente* chama o vulgo á reprehensão aspera».

[2] = «Boire, en jeun, un verre de vin ou d'alcool» — *Larousse*.

«Boire un verre d'alcool = *tuer le veur*» — Aristide Bruant, *Dictionaire Français = Argôt*, Paris 1901.

[3] V. in *Revista do Minho*, vol. III, n. 9, o artigo do snr. Dr. Leite de Vasconcellos: *Matar o bicho*.

[4] No *Cancioneiro Geral*, de Garcia de Rèsende, ed. da Imprensa da Universidade, vol. I, pag. 171.

Quando foi da peste que assolou Lisboa no reinado de D. João I era o vinho abundante como se vê no *Pranto de Maria Parda* e os apreciadores encontravam a profilaxia da doença no çumo da uva. Assim o recorda a velha bébeba:

«Eu não sei que mal foi este,
peor cem vezes que a peste,
que quando era o trão e o tramo
andava eu de ramo em ramo:
Não quero deste, mas deste.»

O alcool era o preventivo contra a peste, no conceito do povo, e a êle crê dever a saúde a velha:

«Vão por mim á Sancta Orada
D'Atouguia e d'Abrigada,
e a Curageira sancta,
que me derão na garganta
saude a peste passada.»

Evidentemente esta toponímia indica as proveniências do vinho bom e foram estas que, durante a peste, lhe «deram saude na garganta.»

Ingeria-se pois o álcool para *matar o bicho* da peste ou pestelença.

Recordo-me que, durante a peste do Porto, se recomendava entre o povo, cá pêlo sul, egual profilaxia.

Daqui! = De estalo!

Daqui! é exclamação popular usual em todo o país, quando se pretende significar que uma coisa é optima, especialmente qualquer iguaria ou bebida. A frase acompanha um gesto expressivo que consiste em apanhar levemente entre o polegar e o indicador da mão direita a polpa da orêlha.

Sabe-se que *vinho de orêlha* ainda hoje no Minho quere dizer «vinho bom» [1], contràriamente ao *vinho de duas orêlhas* que era o «vinho mau.»

Na *Ulisipo* gaba Parafito o vinho da ceia:

«Oulá *dorelha* é o vinho, por sam pisco!»
(Ed. 1787, pag. 213).

---

1 V. *Aurora do Lima*, do dia 25 de Setembro de 1907.

E na *Pratica dos Compadres*, de Ribeiro Chiado:

«Pardelhas!
Vinho de *duas orelhas*
assentae que nunca é taibo» [1].

Autos, ed. 1889, pag. 129.

O P.e José Marques no seu *Nouveau Dictionnaire des Langues Françoise et Portugaise (Supplement)* explica esta pinturêsca designação pelo gesto usual nos provadores que a um vinho bom inclinam a cabeça para um lado sòmente e ao mau sacodem-na vivamente, fazendo estremecer as duas orêlhas [2].

Boa ou má é esta tambem a explicação que dá Littré invocando de Brieux, porque em francês se diz tambem *vin d'une oreille* e *vin de deux oreilles*.

A designação de vinho bom por *vinho de orêlha* originou certamente a pinturêsca expressão animada que dispensa a dição e dá relevo á idéa.

Extensivamente, de vinho bom, passou a significar qualquer outra bebida, e daí, com mais liberdade, uma iguaria ou qualquer outra coisa digna de aprêço.

Assim se devem interpretar estes versos de Azevedo Tojal no *Foguetario*:

«Todos, cabeceando, o dito aprovão
deixando á tal razão *cair a orelha*. . .»
—Ed. 1904. pag. 11.

Numa ordem inversa de dedução ideológica temos a locução *de estalo!* que veio a significar o vinho bom, pelo ruido caracteristico resultante do embate da lingua contra o palato, gesto muito usual nos provadores de vinho, quando êle é bom.

Hoje diz-se de qualquer coisa muito boa.

Na primeira expressão a relação ideológica veio da expressão falada para o gesto; nesta veio do gesto para a expressão falada.

---

1 *Taibo* = «bom». V. a este respeito: *Estudos da Lingua Portuguesa*, de Julio Moreira; *Frazes feitas*—II série, de João Ribeiro.

2 —Lisboa, 1758.—«Vin d'une oreille, c'est-a-dire du bon vin, parce quon dit que le bon vin fait pancher la tête de celui qui le boit, d'un côté seulement, au lieu que si le vin est mauvais, on secoüe la tête, & par conséquent les deux oreilles» S. V. *Vin*.

Untar as mãos

Untar as mãos o mesmo é que «gratificar alguem á socapa, para que *feche os olhos* a um negócio geralmente ilícito», «subornar com peitas», como diz Morais. Claro que, na filosofia velhaca da expressão salva-se a moralidade, porque o *integro* fiscal, pretendendo apanhar a melueigra, nada consegue. Pois se ela se lhe escapa como enguia, nas ***mãos untadas!***

Já lá se diz na *Arte de Furtar*:

> «E tanto que lhe[s] *untão as mãos* com moeda corrente [os *salteados* aos *agarradores*] logo os deixão *escorregar* dellas...» —Ed. 1744. Pag. 38.

Tambem Tomás Pinto Brandão diz no *Pinto Renascido*:

> «Muitos Çurgiões havia
> que lhe cahissem á perna,
> daquelles de mãos untadas
> e tambem dos de mãos cheas»
>
> (1732, pag. 228).

Por isso, contrariamente, se diz da pessoa honesta e incorruptivel: «que tem as mãos lavadas *ou* limpas» [1].

Deste sentido de *untar* que envolve sempre um ardil em proveito próprio resultam algumas expressões e frases proverbiais:

Por uma relação de idéas associadas veio a expressão popular: *dar manteiga*, i-é, «elogiar, adular, enganar com palavrinhas doces para conseguir os seus fins.» *Manteigueiro* é o adulador — um figurão temivel que esconde sempre uma interesseira reserva sob a calda-de-açucar dos seus louvôres.

Desta doçura untuosa e perversa vem o dizer-se *dar mel pélos beiços* = «fazer a bôca dôce» — que esconde sempre um lôgro inocente ou não.

> «Véde a labia... com que nos quer dar com o mel pelos beiços, depois de nos pôr o sal na moleyra.»
>
> (*Cartas do Cav. de Oliveira*, ed, 1741—I, 140).

---

[1] Como no esp. ***manos limpias, manos lavadas.***

Neste sentido dizia-se *untar os beiços*, como usou Fernão Lopes na *Cronica del-rei D. Fernando*:

> «E com estas e outras razões foram-lhe poemdo o feito pella armada, [1] *humtando-lhe os beiços* com doces palavras de boa esperança...»
>
> Cap. CV (e. 1895, vol II, 160).

Meliante é o intrujão com fina lábia e astúcia persuassiva. Destes se dizia que enganavam os simples «melando-lhes o corpo e expondo-o ás moscas» (V. Morais). Daí o *fazer-se mel* referido aos ingénuos ou tansos que, para agradarem pelas acções e pelas palavras, se deixam caír no laço que os espertalhões lhes armam.

Lá se diz na *Ulisipo*:

> «Por me fazer mal me comeram as moscas».
>
> (Ed. 1787, pag. 65).

Tambem se dizia antigamente *untar o carro* no mesmo sentido de *untar as mãos* [2]. Explica-o Sá de Miranda:

> « Tenho-me eu co'o dadivoso
> que *unta o carro*, andam as rodas...»
>
> *(Ecloga Basto)*

---

[1] O snr. João Ribeiro — *Frazes Feitas*, II, pag. 297 — supõe que neste caso armada esteja em vez de *rama* ou *ramada*. Evidentemente o ilustre academico refere-se ao sentido da frase *pôr pela rama*, i-é, «superficialmente». Creio porém que *armada* é aqui termo de caça, empregado figuradamente. *Armada* era um estratagema de que se serviam os couteiros para levarem as feras ao ponto em que estavam os caçadores: vid. *Textos Archaicos*, ed. 1808, pag. 125 em que o Dr. Leite de Vasconcelos cita o *Diccionario da Academia*.

Na mesma *Chronica*, cap. XCIX, vem o voc. como termo de caça:

> «Quando a companha foi toda junta, fez-se muito tarde, porque vinham de longe, e depois que o infante partiu [= *distribuiu*] as *armadas* ficou elle com uma d'ellas e mandou pôr os cães a achar...»

[2] Como no esp.: *untar el carro* = «(fig. y fam.) gratificar á alguno para conseguir lo que se desea».

(*Dic. Comp. de la Leng. Cast.* Rodriguez-Navas-Madrid, 1907).

No Adagiário de Rolland vem a expressão assim definida: — *diz-se de quem dá, para facilitar o negócio com que anda.* Pela mesma razão diz o refraneiro antigo: *quem unta amolenta.*

De tantas *unturas* é natural uma consequência, na lógica dos factos e das idéas.: a *pingadeira*. *Pingadeira* são os lucros eventuais e ilícitos de um negócio. Camilo empregou o termo na *Brazileira de Prazins*:

«É oiro! Começa a *pingadeira!* Vés?»

(Ed. 1898, — pag. 79.)

Daí o popular *escorrer*: «O ordenado é pequeno mas com o que *escorre* por fora... vive á grande!» O que «*escorre* por fora» vem a «*escorrer* para dentro» do bolso do patusco.

No velho refraneiro encontra-se a expressão *untar as barbas*, i-é, «comer á farta, lautamente». Assim vem na *Aulegrafia*:

«Ora leva remo, i-vos comer e *untae vossas barbas.*»

— Pag. 90.

E na *Ulisipo*:

«*Untarei as barbas* no banquete»

— Pag. 101.

Ás vezes certos rascões, simulando largas tenças, *untavam as barbas* a finjir de fartos, como o tal que, cheirando a alho, «arrotava postas de pescada».

Simulação convizinha persiste num proverbio popular minhoto: «Osso da *suãu* || *barba untada* barriga em vão».

Nem sempre a *barba untada* indica «barriga cheia», daí o logro dos que se fiam em aparências.

ÓSCAR DE PRATT.

CONTOS POPULARES DE ÉVORA

.. por me refocilar do trabalho de outros studos mais pesados..

(Duarte Nunez do Lião, *Origem da lingoa portuguesa*, Lisboa, 1606. Dedicatoria).

I

Guimar e o infante

Noutro tempo havia o costume que era, quando havia guerra entre dois reinos, o rei que ficava vencido tinha de dar um filho para ir servir para casa do rei que ganhava a guerra; e era sempre êsse o costume.

Ora aconteceu que havia um rei. E êste rei ganhou uma guerra a outro rei doutro reino que teve de lhe mandar um filho. Veio o infante para palácio servir para casa do rei e o rei mandou-o para ajuda do jardineiro. E o rei tinha duas filhas e a mais velha chamava-se Maria e a mais môça Guimar. E era costume as infantas, todas as manhãs, irem ao jardim, e o jardineiro arranjava sempre dois ramilhetes de flôres para elas. O jardineiro, assim que viu o infante, disse-lhe assim:

— ôlha que amanhã, pela manhãzinha logo, as senhoras infantas «veem ao jardim» e então tu tens de arranjar um ramilhete de flôres para cada uma; agora vê lá o que fazes.

O infante, já se vê, foi logo arranjar dois ramilhetes de flôres para as infantas. Quando elas vieram ao jardim, vai êle e deu um ramilhete a cada uma; deu um muito bonito à Maria mas o outro que ainda era mais bonito deu-o à Guimar. Ora a Maria, assim que viu isto, ficou logo com muita enveja e disse lá para consigo:

— ¿àh sim, tu gostas mais da Guimar? pois deixa estar que eu te direi.

E foi logo dali ter com o pai e disse-lhe:

— ¿sabe, pai, o que disse o infante? que o nosso jardim era muito mais feio que o da casa do pai dele, e que êle era capaz de formar um jardim com mais qualidades de flôres, e isto tudo até amanhã, e que se não que o mandasse matar.

—¿o quê, o infante disse isso? mandem-no lá chamar.

Mas a Guimar tinha uma varinha de condão, e ninguém sabia, e já andava à escuta, e assim que ouviu isto foi logo a correr:

—ò infante, ôlha que se o meu pai te preguntar se tu disseste que eras capaz de formar um jardim com mais qualidades de flôres, e isto até amanhã, e se não que te mandasse matar, tu diz-lhe que sim; e logo pega num sacho e põe-te assim a finjir que andas a cavar, e deixa, não te dê fezes.

O infante foi chamado à presença do rei:

—¿então tu disseste que eras capaz de formar um jardim com mais qualidades de flôres, e isto tudo até amanhã, e se não que te mandasse matar?

—eu tal não disse mas vossa majestade diz está bem dito.

—bem, pois então amanhã hás-de ter o tal jardim pronto, senão vais a morrer.

O infante foi muito triste, mas fêz tudo que Guimar lhe tinha dito. A Maria via-o andar com um sachinho a cavar e dizia:

—¡ôlha lá ò! vai adeantado o jardim; deixa, has-de ir a morrer.

No outro dia, pela manhãzinha, a Guimar pega na varinha de condão e disse assim:

—varinha de condão, pela condão que Deus te deu, forma-me já aqui um jardim com mais qualidades de flôres que possa haver.

Ora, formou-se logo um jardim que não havia jardim mais rico no mundo.

A Maria vai a chegar à janela, e nisto quando ela vê aquele jardim... Ora, ficou passada; foi logo chamar o pai:

—ò pai quere ver o que fêz o infante?

Ora veio o rei, veio a côrte toda e tudo ficou admirado dum jardim tam bonito. Bem, desta escapou o infante.

Como era o costume, as infantas vieram ao jardim, e vai êle e deu outra vez um ramilhete a cada uma, mas deu o mais bonito à Guimar. Ora a Maria ficou outra vez com muita enveja e disse lá para consigo:

—deixa estar que tu escapaste da outra, mas deixa que eu te direi.

E vai e foi logo dali ter com o pai e disse-lhe:

—¿sabe, pai, o que disse o infante? que era capaz de no meio do jardim fazer uma tôrre, tam alta, tam alta, que se avistasse lá de cima o reino do pai dele, e isto até amanhã, e que se não que o mandasse matar.

—¿o quê, o infante disse isso? mandem-no lá chamar.

A Guimar que andava sempre à escuta, foi logo a correr:

— ò infante, ôlha que se o meu pai te preguntar se tu disseste que eras capaz de fazer uma tôrre no meio no jardim, tam alta, tam alta que se visse o reino do teu pai, e isto até amanhã, e que se não que te mandasse matar, tu diz-lhe que sim; e logo arranja assim umas pedrinhas, e põe-te a finjir que estás a principiar a fazer a tôrre, e deixa, não te dê fezes.

O infante foi chamado à presença do rei:

— ¿então tu disseste que eras capaz de fazer uma tôrre tam alta, tam alta, que se visse o reino do teu pai, e isto tudo até amanhã, e que se não que te mandasse matar?

— eu tal não disse mas vossa majestade diz está bem dito.

— bem, pois então amanhã hás-de ter a tôrre pronta, vê lá como te amanhas.

A Maria via-o andar a arranjar umas pedrinhas e dizia:

— ¡ôlha lá ò! vai adeantada a tôrre; deixa, desta vez é que vais a morrer.

No outro dia pela manhãzinha a Guimar pega na varinha de condão e disse assim:

— varinha de condão, pela condão que Deus te deu, forma-me já aqui uma tôrre tam alta, tam alta que se veja o reino do pai do infante.

Ora aquilo formou-se logo uma tôrre, ai mas que grande tôrre...

A Maria vai a chegar à janela, e quando ela vê aquela grande tôrre no meio do jardim... Ora, ficou passada; foi logo chamar o pai:

— ò pai, quere ver o que fêz o infante?

Ora veio o rei, veio a côrte toda, e tudo ficou admirado duma tôrre tam alta. Mas a Maria, que se queria vingar do infante, disse logo:

— pois sim, mas agora vamos lá a ver se sempre se vê o reino do pai dele.

Subiram todos pela escada acima e puseram-se com os óculos d'alcançar a ver se se via o reino do pai do infante. Ora, viram logo o reino do pai do infante. Bem, desta ainda escapou.

Como era o costume, as infantas vieram ao jardim e vai êle e deu um ramilhete muito bonito à Guimar, e à Maria deu-lhe um ramo muito mal feito. Ora a Maria ainda ficou com mais enveja e disse lá para consigo:

— deixa estar que m'as hás-de pagar; tu tens escapado das outras vezes, mas desta talvez não escapes.

E vai e foi logo dali ter com o pai e disse-lhe:

— ¿sabe, pai, o que disse o infante? que era capaz de subir à tôrre com um copo de água, cheinho a tresbordar, na testa e que não entornava nem uma pinguinha, e que se não fôsse capaz, que o mandasse matar.

—¿o quê, o infante disse isso? mandem-no lá chamar.

A Guimar, que andava sempre à escuta, foi logo a correr:

—ò infante, ôlha que se o meu pai te preguntar se tu disseste que eras capaz de subir á tôrre com um copo d'água na testa, sem deixar cair nem uma pinguinha, e que se não que te mandasse matar, tu diz-lhe que sim, e deixa, não te dê fezes.

O infante foi chamado à presença do rei:

—¿então tu disseste que eras capaz de subir à tôrre com um copo d'água na testa, sem entornares nem uma pinguinha, e que se não que te mandasse matar?

—eu tal não disse mas vossa majestade diz está bem dito.

—bem, pois então amanhã hás-de subir à tôrre e vamos a ver como te amanhas.

O infante coitado, foi muito triste:

—agora desta é que eu não escapo.

No outro dia a Guimar pega na varinha de condão e disse:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, que o infante quando suba à tôrre não entorne nem uma pinguinha d'água.

Assim foi, veio a côrte toda para ver o infante a subir à tôrre. A Maria é que quis logo encher o copo; ora, aquilo encheu-o o mais que pôde. Bem, o infante pôs o copo d'água na testa e começou a subir as escadas. Atrás ia a Maria, com sete olhos, com uma toalha aberta na mão que era para se caísse alguma pinguinha ver-se logo. Ao depois ia o rei e a côrte toda. O infante foi subindo, subindo, e quando já ia mesmo a chegar lá a cima, ia a suar muito, e nisto cai-lhe uma pinga de suor da testa.

A Maria, assim que viu uma pinga na toalha ficou muito contente, e começa a gritar:

—cá está uma pinga de água; já caiu uma pinga de água.

Mas logo todos viram que tinha sido suor e todos da côrte disseram:

—não senhora, foi uma pinga de suor.

A Maria bem quis ateimar, mas o rei disse que não era água de maneira que o infante ainda escapou desta.

A Guimar assim que pôde foi ter com o infante e disse-lhe assim:

—ôlha, infante, a minha irmã tantas há-de fazer que há-de arranjar que o meu pai te mande matar; então para não andarmos nesta matação, não arme ela alguma que eu te não possa valer, então o melhor é nós fujirmos para casa do teu pai; ôlha, vai à cavalariça, e hás-de lá encontrar dois cavalos, um grande e muito gordo, êsse tem as patas entrapadas, e outro magro e mais pequeno; tu traz o mais magro, não tragas o outro porque mesmo com as patas entrapadas

ouvem-se-lhe as patadas sete léguas; e arranja tres canudos, um enche-o com cinza, o outro com areia e o outro com sal; não te esqueças, arranja tudo bem que nós amanhã de madrugada abalamos.

Assim foi. No outro dia pela manhãzinha muito cedo êle foi à cavalariça, lá viu os cavalos como ela lhe tinha dito, trousse o mais magro, arranjou tudo e aqui vão êles.

Ora, cá o rei deu logo por falta de Guimar:

—¿que é dela a Guimar? ¿onde está ela a Guimar?

Não aparecia a Guimar.

A Maria lembrou-se logo de ir procurar o infante:

—que é dele o infante? onde está êle o infante?

E nada de aparecer o infante.

Ora, aquilo foi um lavarinto em palácio. O rei vai à cavalariça, quando êle vê que estava só o cavalo das patas entrapadas. Viu logo que tinham fujido. Monta-a cavalo, e aqui vai êle a ver se os apanhava.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando; nisto quando ela ouve as patadas do cavalo:

—ai infante, que aí vem o meu pai; já vem a sete léguas, que eu já ouço as patadas do cavalo; deita o canudo de areia, mas para trás.

O infante deitou o canudo de areia. Ora, aquilo formou-se um areal que era uma imensidade. E êles sempre para deante.

Cá o rei, quando êle vê aquele grande areal. O cavalo nem para trás nem para deante. O rei já estava farto, mas tanto tanto e lá venceu o areal.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando; nisto quando ela ouve outra vez as patadas do cavalo:

—ai infante, que aí vem o meu pai; já vem a sete léguas, já passou o areal; deita o canudo de cinza, para trás.

O infante deitou o canudo de cinza. Ora, aquilo formou-se logo um nevoeiro, que era uma imensidade. E êles sempre para deante.

Cá o rei começa-se-lhe a formar aquele grande nevoeiro. O cavalo nem para trás nem para deante. O rei já estava farto, mas tanto tanto lá venceu o nevoeiro.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando, nisto quando ela ouve outra vez as patadas do cavalo:

—ai infante, que aí vem o meu pai; já passou o nevoeiro; deita o canudo de sal.

O infante assim fêz. Ora aquilo formou-se logo um braço de mar, mas que grande braço de mar... E êles sempre para deante.

Cá o rei, quando êle vê aquele grande braço de mar. Meteu o cavalo á água mas aquilo nem para trás nem para deante. O rei a arremeter já estava até para se vir embora, mas tanto tanto e lá passou o braço de mar.

Cá o infante e a Guimar iam sempre andando, nisto quando ela ouve outra vez as patadas:

—ai infante que aí vem o meu pai; já passou o braço de mar; agora é que nós estamos perdidos.

Apearam-se. Diz-lhe a Guimar:

—ôlha, nós não podemos já fugir, e então eu vou formar aqui um palácio, e deixa não te dê fezes.

E pega na varinha de condão e disse:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, forma-me já aqui um palácio, por fora a cair aos bocados, e por dentro tam rico, quanto mais não possa ser.

Ora formou-se logo um palácio, por fora todo escalamocado, e por dentro não lhe faltava nada.

Andava por ali um pastor e vai ela e diz-lhe assim:

—ò pastor, se vier por aí alguem a preguntar se tu viste um rapaz e uma rapariga a cavalo, tu diz-lhe que sim que passaram por aqui quando se andava a fazer êste palácio.

Ao depois a Guimar e o infante meteram-se dentro do palácio.

Cá o rei, sempre a correr, a ver se os apanhava, passa por ali, e quando êle vê aquele pastor e preguntou-lhe:

—¿ò pastor, tu não viste passar por aqui um rapaz e uma rapariga num cavalo?

Diz-lhe o pastor:

—saiba vocemecê que sim; ôlhe passaram por aqui quando se andava a fazer êste palácio.

O rei olha para o palácio, viu que êle estava a cair aos bocados, disse lá para consigo:

—¡ôlha lá! onde irão êles a estas horas, já o palácio está neste estado; há quanto tempo então êles aqui passaram.

E perdeu as esperanças de os apanhar e pronto veio-se embora para trás.

O infante, assim que viu que o rei se tinha ido embora, disse à Guimar que queria ir dizer ao pai dele para a vir buscar com o seu estado. Diz-lhe a Guimar:

—bem, tu vai, mas agora vê lá se te esqueces de mim; tu nunca te deixes beijar, ôlha que se alguém te der um beijo, nunca mais te lembras de mim.

O infante prometeu-lhe muito que nunca havia de se esquecer dela, e que a vinha logo buscar, e lá abalou.

Assim que chegou a casa do pai dele, ora aquilo foram logo grandes festejos, touradas, cavalhadas... O pai muito contente, a mãe muitos abraços mas êle disse logo que não o beijassem. Mas nisto vem a avó,

e assim que o viu agarra-se a êle e vai e deu-lhe um beijo. Pronto, o infante esqueceu-se logo da Guimar.

Cá a Guimar à espera do infante, no palácio e o infante nada de aparecer. Ora ela viu logo que o infante se tinha esquecido dela.

Bem, estava ela à janela, nisto quando passa por ali uma grande manada de touros que iam para a tourada que havia no reino do pai do infante, ainda para os festejos. Ela pega logo na varinha de condão:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, que os touros se tresmalhem todos, e que não queiram passar aqui dêste sitio.

Ora os touros começaram logo cada um a correr para o seu lado, e os campinos não havia maneira de os meter a caminho. Ela chega à janela:

—¿mas o que é isto? ¿então os touros não querem andar?

—ai, senhora, que temos de levar o gado para a tourada do reino de tal, está tudo lá à nossa espera e os touros não há maneira de d'aqui quererem sair.

Diz-lhe ela assim:

—se me prometem uma cousa, eu faço os touros irem já a caminho.

—ò senhora, peça o que quiser.

—bem, então ôlhem, quando os touros entrarem, vocemecês hão-de passar por debaixo da tribuna onde está o rei e a côrte toda; quando passarem mesmo debaixo gritem todos:

—andem, andem,
não se esqueçam de andar,
assim como o infante
se esqueceu de Guimar.

Pega na varinha de condão e disse:

—varinha de condão, pelo condão que Deus te deu, que os touros vão já para o reino do pai do infante, o mais depressa que possa ser.

Ora aquilo os touros, foi logo, chegaram lá num instante.

Estava tudo já à espera dos touros quando entra tudo a correr. Quando os campinos passaram por baixo da tribuna tiraram os barretes e gritaram todos:

andem, andem,
não se esqueçam de andar,
assim como o infante
se esqueceu de Guimar.

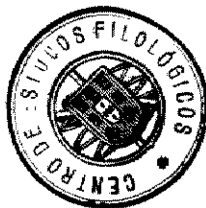
O rei preguntou:
— ¿o que é que êles dizem?
Passaram outra vez e gritaram todos:

andem, andem,
não se esqueçam de andar,
assim como o infante
se esqueceu de Guimar.

O infante, assim que ouviu isto, nem já quis assistir á tourada. Contou logo tudo ao pai; ora o pai mais a côrte toda foram logo buscar a Guimar lá ao palácio, com um grande estado, preparou-se logo tudo para as bodas e pronto, casaram-se e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o conto acabado.

Colhido em Évora (agosto, 1911).

BERNARDINO BARBOSA.



Vocabularios de varios concelhos do districto de Vila Real

O material que publicamos agora, foi colhido pelos anos de 1898-1900 da boca de alunos do Colegio de N. S. do Rosario e de outros da *Escola Normal*, de Vila Real.

Ulteriormente no Porto, chegamos a obter de alunos transmontanos que frequentavam o liceu grande cópia de tradições e de vocabulos que adicionámos ao peculio primitivo. Daria um volume regular para cada um dos concelhos de Chaves, Valpaços e Mesãofrio; para os outros concelhos do districto havia menos.

Porem todos estes novos materiais se perderam numa mudança de papeis.

Vai pois só o nucleo primitivo, menos a parte relativa ao concelho de Murça, que já foi publicada na *Rev. Lusitana*, XIV, 85-87.

I

ALIJÓ

aboucar, ferir, espancar; levar castigo.

abronceiro, espinheiro.

acilrar, acirrar (*os cães*).

agaiar, arraposar, não ir á escola.

ajolhar, ajoelhar.

alcacia, acacia.

aldeagante, vadio.

alicreu, licreu, lacraio, escorpião.

alinterna, lanterna.

almotriga, almotolia.

amanhê, amanhã.

Anible, Anibal.

Antónho, Antonio.

arancú, pirilampo.

arólas, 1.º mentiras, 2.º pessoa que as diz.

arrincar, arrancar. (E' vulgar no Minho).

arrigar, arrancar. (E' vulgar no Minho).

asquêlles, e **asquéllas**, aquêles e aquélas.

avem-maria, ave-maria.

bagôcho, rapaz pequeno.

balho, galo na testa.

balôr, bolor.
bichano, gato.
bornal, saco, saquitel.
cachóla, ou **cachôlo,** nome dum jogo.
calondro, abóbora.
camurra, pessoa de poucas falas.
carrascana, carraspana, bebedeira.
caruja, chuva meúda.
chanato, chinella.
chapéu, céu, véu, e não chapêu etc.
chaquiçar, aguçar um pau.
chiadoiro, vida, existencia. Acabar com o *chiadoiro* a alguem.
cobérto, casa de abrigar lenha; part. do verbo *cobrir.*
cocharra, colher de pau.
codear, levar castigo. Em Barcelos, significa o mesmo.
códo, gelo duro.
comilôna, e semelhantemente os do mesmo suffixo.
ctofêlo, cotovêlo.
demónho, demonio.
Deniel, Daniel.
desarado, desarranjado, desageitado.
dósa, cossa, tareia.
engrampar, enganar.
escaleira, escada.
escasso, economico, poupado, avarento.
escava-terra, toupeira.
espigueiro, casa onde guardam as espigas.
estropiar, tropiar, fazer barulho.
fanico, perda momentanea dos sentidos.
fieitos, fetos.
gacho, cacho.
Gallicia, Galiza.
gallifato, garôto.
gallo, tumor na testa resultante duma pancada.
gastalho, cegonha, guindaste, apparelho de tirar agua.
gôgo, pedra roliça.
ilhapim, olhapim, larapio.
intoirir, inchar.
jôlho, e **jólho,** joelho.
jonguer, jungir.
jonguir, jungir.
laidra, ladra.
lambefe, bofetada.
lamparina, bofetada.
lampeiro, (adj.) desembaraçado e algum tanto atrevido.
laparôto, rapaz gordo.
larpeiro, comilão.
lascarim, gaiato, travêsso.
lambaças, } comilão.
lamegão, }
lategão, }
lebrão, macho da lebre.
lôstra, bofetada.
manápola, mão.
marrã, cabeça de porco morto.
meadeira, dobadoira de fazer meadas.
medrança, bicho que se cria na pelle dos bois.
mico, gato.
milhentos, mil, muitos.
minhafre, milhafre. (Tambem dizem *tanha* por talha).
miscro, cogumelo, frade.
missoilo, fornada pequena.
mixuto, rapaz pequeno que come muito.
mora, ou *amora,* fruto da amoreira e tambem das silvas.

mosquête, bofetada.
muro, gato.
murinho, gatinho.
naifa, canivete.
nouca, nuca.
odrada, pancada com o ventre ou costas.
ónha mãe, ó senhora mãi.
ónho pai, ó senhor pai.
orelhada, bofetada.
paquête, creado pequeno de recados
pascaró, pastel, homem inutil.
pascovio, pacovio, palerma.
panasio, bofetada.
peneira, fome.
pilatas, garôto.
pingũêlo, rapaz ou rapariga apalermada.
pióna, zarôna.
pirúm, perú.
pisca, beata ou ponta de cigarro.
pôitas, mãos (ouvida a uma pessôa da *Pesqueira*).
polvorinho, redemoinho.
pôsma, pateta.
pote, homem baixo.
queijato (o grande), Ursa maior, constelação.
rabanada, lufada de vento.
range-range, instrumento infantil.
raposar, arraposar, agaiar, não ir á escola.
ratoqueira, escava-terra, toupeira.
reanhas, pessoa importuna e ruim de aturar.
rengo, erva parasita que nasce no meio das vinhas.
resulho, a parte solida do caldo.
roca, aparelho de colher a fruta sem a pisar. Em Amarante e Lixa chamam-lhe *laima*.
salamantiga, salamandra.
sapadôiro, tampa da panela.
scambrar, aclarar ou aliviar o tempo.
scano, banco á beira do lar.
sincelo, caramélo pendente das arvores, quando está nevoeiro e gea.
sôlto, souto ou soito.
stémago, estomago.
strelique, fanico, chelique.
tabaqueiras, ventas, faces.
talabarte, (não sei o sentido desta palavra).
tareco, gato.
tarreco, pessoa baixa.
Tónho, Antonio.
trépa, tareia.
trevoada, bebedeira; chapeu alto.
unhas, avarento.
vicente, côrvo.
vungar, fungar ou zongar, atirar uma pedra de modo que produza som.
xeringar, seringar.
zaróna, pião pequeno.
zarêlho, pião pequeno.
zoar, soar.
zóga, raiz seca das arvores; móca.
zògada, pancada com *zóga*.
zongão, zangão.

II

BOTICAS

abesoiro, besoiro.
abespra, vêspa.
abocanhar, aclarar (o tempo).
abogão, besoiro.
adêlha, quêlha (do moinho).
ade-maria, ave-maria.
adinterna, lanterna.
agrões, agriões.
ajolhar, ajoelhar
alicranço ou **alicréu,** cobra venenosa.
alinterna, lanterna.
alvezes, ás vezes.
ameixeiras, ameixoeiras.
amontaria, almotolia.
arancú, pirilampo.
arrate ou **arratle,** pl. *arrates* somente.
azoutar, açoutar.
azoute, açoute.
bezeira, rebanho de cabras e ovelhas, multidão de gente, de rapazes, etc.
bocanho, clareira de bom tempo.
bois do moinho, o rolête, o rôlo de madeira sobre o qual rola a mó do moinho.
botêlha, abobora, calondro.
cabeçalho e **cabeçalha,** a vara do carro que vai prender no jugo.
cacho, e não *gacho* (como o povo diz geralmente no Norte).
cajato, cajado.
calhe ou **calheiro,** cal de madeira que leva a agua dum ponto alto até bater nas penas do rodizio (nos moinhos que não tem *cubo* ou deposito d'agua).
calondro, abóbora.
canhôto, a (adj.), falto dum braço; que é esquerdo ou trabalha com a mão esquerda adiante da direita.
caruja, chuva miuda.
carujar, chuviscar.
carujeiro, o mesmo que *caruja.*
chapéu, *céu, véu,* e não *chapêu,* etc.
cobérto, casa de abrigar lenha e part. do verbo *cobrir.*
cobradôiro, talhadoiro d'agua.
codéços ou **codêços.**
colheita, acolheita (dos peixes).
côrte, curral do gado.
cortêlho, pequena côrte.
cotofêlo e **c'tofêlo,** cotovêlo.
Delovina, Ludovina.
engrampar, enganar.
escava-terra, toupeira (mas esta palavra tambem se usa).
fentos, fetos (planta).
frade, cogumelo miudo e branco.
franga, meia galinha, galinha nova.
fritidos (ovos), fritos.
gôgo, pedra roliça dos rios.
Guiteria, Quiteria.
jôlho, joelho.
jonguir, jungir (os bois).
larica, erva que nasce entre o centeio.
laróta, fome.
latada, bofetada e pancada.

lostrada, pancada.
maçã, pl. *maçães*.
manhê, manhã.
maquieiro, saquito, saco pequeno.
matrucada, topada.
meloal, logar plantado de melancias, melões e pepinos.
Methildes, Matilde, n. proprio.
minhafre, milhafre.
missoilo, saco pequeno de farinha, *maquieiro*.
molhêlha, chumaço que cerca os chifres dos bois.
môna (cabra), sem chifres.
montaria, almotolia.
mosquête, bofetada.
niscro, especie de cogumelo.
parréco, pato.
pavia, especie de pêssego.
politico (adj.), ilustrado, polido.
politica, cortesia, bôa educação.
porco bravo, javali.
prosa, basofia.
pinalho, cabeçalho.
pita, galinha.
quinteiro, cerrado para os animais junto á casa. (Vocabulo do Minho).
rabudo (niscro), especie de cogumelo azul e venenoso.
raparigo, rapaz.
reixa, odio.
sáfele, facil (metatese fonetica de *facele*).
stadulho, fueiro.
sobar, acirrar (os cães). Está por *açobar*.
tanha, talha.
taramêlo, pau pendente da *adêlha* ou quelha, agitado constantemente pela *andadeira*.
trapalhóna ou **trapalhôna;** e assim nas palavras do mesmo suffixo.
tremónha, moéga, caixa ou deposito superior do moinho, onde se deita o grão.

III

CHAVES

abêbora, abebra ou bebera (figo temporão).
aboucar, fazer barulho, atormentar os ouvidos.
açobar, acirrar, açular (os cães).
açudre, açude.
almatlia, almotolia.
almuntaria, o mesmo.
alustro, relampago.
alvidar-se, esquecer-se.
amieiros, tamancos, socos.
arujo, argueiro.
azibó, especie de cogumelo.
bôcha, bolha no calcanhar produzida pelo calçado.
bodrêlho, pedrinha de jogar, pedra miuda.
borne (adj.), môrno, a.
bouba, ferida.
boubella, poupa (ave).
boura, pancada.
carôlo, bocado de pão. Em Loivos, perto de Vidago, dizem « carólo ».

carpins, meias de omem.
céba, porco de engorda. No Minho *cêba.*
chicharro, chícharo.
dianho, diabo.
diascro, dialho, diabo.
eixe, eixo.
embócha, bôcha ou bôlha produzida pelo calçado.
esparger, espargir.
figádo, fígado. Em Paradella.
gallarispo, rapaz brincalhão.
gallo, inchaço na testa em resultado duma pancada.
garfanhôto, gafanhoto, milhafre.
gôgo, doença do gado muar e das galinhas.
ingaliar, pegar-se com alguem, brigar.
ivecas ou **eivecas,** pegadoiros do arado ao lado da rabiça.
jôlho, joelho.
lapouço, bruto, estupido.
lôstras, pancadas.
maco, dinheiro, bago, bagalhoça.
mêra, resina.
mexirôto (adj.), buliçoso, que está sempre a *mexer.*
molêgo, pão trigo.
molhidas, molhelhas, especie de chumaço que cerca os chifres e cobre parte do pescoço dos bois.
molhidos, o mesmo.
noria, nora, engenho de tirar agua.
níscarro, especie de cogumelo.
níscro, o mesmo.
ougar, vir agua á boca, desejar ardentemento um objecto qualquer.
pavía, fruto da pavieira.
pavieira, especie de pessegueiro.
percebêlho, persevejo.
pêto, mealheiro, caixa de dinheiro.
picopau, ave que faz uma abertura ou cavidade nas arvores para lá esconder o ninho. E' o *pêto real* do Minho.
pinalho, cabeçalha do carro.
pitar, crivar, fender, traçar. Ex.: a roupa está *pitada* da traça.
raça (de sol), sòlheira, camada de sol.
raparigo, rapaz.
repólga, cogumelo que nasce nos castanheiros.
rêbos, pedras miudas.
rosaireira, mulher que vende rosarios.
sancha, especie de cogumelo.
saltão, gafanhôto.
scravanada, carga de chuva mandada com vento.
sôuga, sôga.
spoldrar, limpar as vides, podar a vinha.
starrinco, trovão.
sumiterio, cemiterio.
tamaninho, pedacito, bocadito.
tanha (subst.), talha.
tantinho, o mesmo do antece-
toar, trovejar.
toeira, o bordão da viola.
dente.
treitoiras, peças de madeira que arrastam ou impelem o eixo do carro. O mesmo que *coucões* no Minho.
ullo, ulla, elle, ella. Ex.: *que* é dullo?
Vigádo, Vidágo (metathese fonética muito vulgar nalgumas freguesias).

IV

MESÃOFRIO

abelar, murchar.
abilhão, | besouro, insecto.
abisôiro, |
acipreste, cipreste, arvore.
albernó, casaco.
alicreu, e **alicranço,** escorpião.
agurantes, ha pouco.
alinterna, lanterna.
almotriga, almotolia.
altôr, altura.
amascos, damascos.
Antónho, Antonio.
apresigo, presigo, condute, o que se come com o pão.
arancú, pirilampo.
arraposar-se, não ir á escola.
avocar, levar pancada.
arrais, o que comanda o barco do Doiro; e ás vezes o dono.
barboleta, borbolêta.
belancia, melancia.
belancial, campo de melancias, e ás vezes só de melões.
bornal, sacola.
Calros, Carlos, n. proprio.
celoiras, ceroilas.
Cristovio, Christovão.
chúa!, interj. de chamar as galinhas.
chuviscar, cair chuva miúda. Não dizem *carujar*.
cotofêlo, cotovêlo.
Delovina, Ludovina, n. proprio.
dianho, dialho, diabo.
eiteiro e **oiteiro,** outeiro.
estampilha, bofetada.
fazido, feito. (Ouve-se em *Barqueiros*, e tambem ás vezes *fazudo*, que parece importado de *Mosteirô*, povoação tambem das margens do Doiro).
fero, forte, valente, robusto.
foinas, fonas e **foniscas,** faúlhas.
fruito, fruto.
gacho (d'uvas), cacho.
gomitar, vomitar.
gómito, vómito.
Ijabel, Isabel. (Tambem dizem *rejestir*, *cajaco*, *Mijãofrio*).
inhe, minha: *inhe mãe*.
jonguêr, jungir (os bois). Na vila, porque em Barqueiros dizem *jonguir*.
lamparina, bofetada, tabefe.
laróta, fome.
Lisbúa, Lisboa.
lôstra, bofetada.
lũa, lua.
lusca-fuz, lusco-fusco.
manhã, minhã, manhê e **manhia:** todas se ouvem.
marranica, corcunda.
milhentos, mil, muitos.
minhafre, milhafre.
molinhar, chuviscar.
mosquête, bofetada.
mostrador, administrador.
muanha, agulha dos pinheiros.
nhôr, nhôra, senhor, senhora: *nhôr pai*, *nhôra mãe*.
pacovio, palerma.
parrecos, patos.

peneireiro, milhafre.
percebêlhos, persevejos.
pessêgo, pêssego.
piasca, piôna | **piorra** | pião pequeno.
pita, galinha pequena.
queijado, cajado.
rabaceiro, amigo de fruta.
rabanada, lufada de vento.
reco, porco. Só se ouve na vila (e poucas vezes).
rengro, erva parasita que nasce nas vinhas. Em Alijó dizem *rengo*.
riles, rins.
saibo e **saibro,** mau sabôr, mau gosto.
sardanisca, lagartixa.
salamantiga, salamandra.
sape! interj. de escorraçar os gatos.
sapéga! interj. de acirrar os cães.
scano, scaninho, canto, angulo.
samessuga, sangue-suga.
sorrupião, escorpião.
spadela, leme de navio.
té, tó! interj. de chamar os cães e os porcos.
unhas, homem agarradinho, avarento.

V

MONDIM DE BASTO

abocanhar, aclarar, aliviar (falando do tempo).
agrões, agriões (planta).
algadôr, regador. Tambem dizem *augador*, mas menos vezes.
apresigo, presigo, conduto.
arancú, pirilampo.
ásperas, as penas do moinho.
astrever-se, atrever-se.
bacorinho, leitão.
balota, bolota.
belancia, melancia.
belancial, melancial.
botéfa, calondro, abobora.
cacho (d'uvas), não dizem *gacho*.
cajato, cajado.
canastro, espigueiro (onde se guardam as espigas).
cantadoiras, coucões (do Minho), paus encravados nas chêdas, entre os quais roda o eixo.
chavelhão, peça de madeira que prende a cabeçalha ao jugo.
chedeiro, carro.
chô! chô! interj. de chamar os porcos.
chumaço, peça de madeira pregada ás chêdas e que assenta sobre o eixo.
cubo, prêsa d'agua junto ao moinho.
cubêrto, (subst.), casa de lavoura para abrigar lenha ou guardar instrumentos.
cubérto, part. do verbo *cobrir*.
c'tofêlo, cotovêlo.
eiteiro, iteiro, oiteiro, outeiro.
fento, feto (planta).

inferno, o cavouco do moinho, onde trabalha o rodizio.

Jabel, Isabel. (Tambem dizem *rodijo, ajeitona*).

jonguer, jungir (os bois).

laidra: mulher que rouba; vara rachada na ponta para roubar cachos d'uvas.

montaria, almotolia.

mosquête, bofetada.

munho, moinho. Dos termos proprios das peças do moinho só pude colher os seguintes: *tramêlo, segurêlha, rodijo, patênas* ou *asperas, aguilhão, pejadoiro, cubo, inferno.*

nádua, nodua.

nhôr, nhôra: senhor, senhora.

larica, fome.

linterna, lanterna.

patênas, as penas do moinho.

pejadoiro, tabua de pejar ou parar o moinho.

pocinheira, pau com uma maçanêta na extremidade para tapar o ôlho das poças.

reco, porco.

rèquinho, bacorinho, leitão.

scalambrar, abocanhar, aclarar o tempo.

scaleiras, escadas tanto de pedra como de madeira.

tainque, tanque.

tramêlo, pau pendente do *quêlho* do moinho e agitado constantemente pela roda ou andadeira.

zênha, engenho no rio.

zicho, a extremidade da càleira que espirra a agua sobre as penas ou *patenas* do moinho.

VI

PENAGUIÃO (S.ta Marta de)

abêlha brava, vêspa.

abespra, vêspa (pouco usado).

abesoiro, besouro.

abobora, calondro de forma redonda: quando é sobre o comprido chama-se propriamente *calondro,* e quando é pequena *chila.*

abronceiro, espinheiro.

abrótigas, especie de espadanas que se apanham para os porcos.

acando, quando.

açuda, açude.

áde-maria, ave-maria.

adêga, adéga.

alicreu, escorpião.

alinterna, lanterna.

aliscráncero ou **aliscáncero,** cobra pequena e venenosa. Ha até um ditado: «mordedura de *aliscráncero* não tem ora nem descanso».

almotriga, almotolia.

alvêzes, ás vezes.

amasco, damasco (fruto).

arancú, pirilampo.

arólas: mentiras; e pessôa mentirosa.

arratle, pl. **arrates,** arratel, -eis.

Pôr alguem aos *arrates* = desacreditá-lo, dizer mal d'elle.

azoutar, açoutar.

azoutes, açoutes.

bacaúz, bacamarte.

bidogue, bigode.

bocanho, aberta de bom tempo.

bornaceira, calor abafado.

cadête, homem aperaltado.

cajata, cajado.

calondro: vede *abobora.*

canhôto (adj.), sem um braço, a quem falta um braço.

capar a agua, atirar uma pedra a saltitar pela superficie da mesma, atravessando-a.

caruja, chuva miuda.

castanhólas, batatas.

cava-terra, toupeira.

chantão, tanchão.

chapéu, céu, véu, e não chapêu, etc.

chiasco, aragem fina e fria.

chila: vede *abobora.*

cobérto, casa de abrigar lenha e part. do verbo *cobrir.*

colheita, acolheita.

còrtilho, quartilho.

cova dos ladrões, cova ao descer da cabeça na parte posterior *(occiput).* Chama-se no Minho *cova da raposa.*

croça, coroça, capa feita de junco usada pela pastores.

Delovina, Ludovina.

eiró, terra batida e calcada, semelhante a uma eira.

escouçar, tirar o resto do vinho do fundo da vasilha, apanhar o que fica atrás, andar o proprio dono ao rebusco.

escouço, o resto, o fundo, o final.

fento, feto (planta).

fero, forte, robusto.

frade, cogumelo que tem uma especie de gravata na cinta do pé.

fritas, rabanadas.

gachas, respigos ou cachos pequenos que ficam na vinha e se dão aos pobres.

gacho, cacho.

gelmendes, especie de pêssego.

irol, femia da enguia.

jôlho, joelho.

jonguêr, jungir os bois.

lambefe, bofetada.

larica, erva parasita do centeio.

laróta, fome.

latada, bofetada.

leirão, rato d'agua.

maçã, pl. **maçãs,** e não «maçães».

majangra, rapaz *preguiçoso,* vagaroso, indolente.

manhê, manhã.

matrucadela, topada com o dedo pollegar do pé.

matrucar, esmagar.

matúla, homem de cabeça grande.

mendinho (dedo), minimo. Os nomes dos dedos são: *mendinho, seu vizinho, pede-pão, vai-buscá-lo* ou *fura-bôlos, matruca-piolhos.*

minhafre, milhafre.

miscro, miscaro.

missôilo, saco de farinha; rapaz pequeno.

moinho e não *munho.* Das peças do moinho ouvi as seguintes: *tremónha, traméla, rodijo, gorante, calcão, cubo.*

môna (cabra), sem chifres.

olharapo, certo ser fantastico.
orelhas de abade, especie de cogumelo muito tenro.
ospantão, òspois antão, depois.
panasio, bofetada.
parreco, pato.
pepinal, logar de pepinos.
pessêgo, pêssego (que tambem se ouve).
picarnel, moinho de verão feito à pressa nos rios.
pita, galinha.
polaina, cobertura de couro ou pano para a perna.
rabanada, lufada de vento.
raparigo, rapaz.
rapazóta, rapariga brincalhona.
rebusco, colheita feita pelos pobres do que escapa na vinha depois de vindimada, ou no olival.
reinólas, tuberculos ou nabos comestiveis que aparecem nos soutos.
rengo, erva parasita.
repieiros, tanchões ainda com ramos.
sangrar a agua, deixar cair uma pedra a direito sobre a agua.
sapoîlo (Perdi o significado desta palavra).
tanha, talha.
temporões, figos lampos ou do cedo, para contrapor aos *vendimos*.
tomata, tomate.
tomatada, especie de tempero feito de tomates, que se conserva todo o ano.
taralhêta, omem que sabe de tudo e fala muito.

VII

REGUA

adéga, loja do vinho.
albonó, casaco (var. de *albernó*).
alinterna, lanterna.
almonje, monge.
almotriga, almotolia.
amanhê, / **amanhia,** } amanhã.
Antónho, Antonio.
azoute, açoute.
barol, bolôr.
bidogue, bigode.
bolina, bonina.
botêlha, abóbora, calondro.
burrista, burlista, omem de burlas.
cachicha! / **carriba!** / **caticha!** } int. de nôjo.
cadête, janota, peralta.
caganapo, cágado.
calçonipo, calça curta.
camueca, bebedeira.
canhóta, mão esquerda; pau comprido para mexer o lume.
capindó, capa comprida.
casibeque, casaco curto.
causo, caso. « Não fazer *causo* ».

carunjo, carujo, nevoeiro.
castanholas, batatas.
chacho, sachò.
chaes, chales.
chanca, tamanca.
chicha, carne.
confita *(á certa)*, por conseguinte.
cotofêlo, cotovelo.
churriscar: 1.º mexer o lume, 2.º estorrar-se a comida.
demónho, demonio.
demonstres, inimigo.
despois, depois.
enxalmo, pessoa fraca.
enxuito, enxuto.
escaleira, escada.
escava-terra, toupeira.
escontra, contra, em face.
estorgía, dor de cabeça.
falacha, bôlo feito de massa de castanhas.
fatiga, fatia.
fentos, fetos.
fieitos, fetos.
frade, cogumelo.
gadanha, colher.
gaiôto, gaio-macho.
gaiata, pessoa buliçosa.
galhêto, galheteiro (das mesas de jantar).
gasalho, especie de cogumelo.
hiboteca, ipoteca.
joilho, joelho.
ladrôa, ladrôna, ladra.
lambefe, bofetada.
lambônas, pessôa suja e imunda.
lamegão, comilão
lamparina, bofetada.
largato, lagarto.
lostra, bofetada.
Metrano, Beltrano.
mil reles, mil reis.
manhia, manhã.
missoîlo, saco pequeno de farinha.
mocho, sem chifres.
naufragio, desastre na via ferrea.
parauta, peralta.
Piares, Poiares, n. de um povo.
pichorra, cantara, infusa.
pirum, perú.
pitos, pintainhos.
porrão, vasilha de barro para vinagre.
Reuga, Regoa.
sertãi, sertã.
sediço, velho, retardado.
Sanoane, Sanhoane, n. de uma freguesia.
taina, cóssa, tareia.
tracalheiro, mentiroso, trapalhão.
vogar, importar, ter valor.

VIII

RIBEIRA DE PENA

abêspra, vespa.
abocanhar, aclarar o tempo.
abogão, abesoiro ou besouro.
agrões, agriões.
ajolhar, ajoelhar.
alicréu, escorpião.

alinterna, lanterna.
alvêzes, ás vezes.
amasco, damasco (fruta).
amontaria, e **montaria**, almotolia.
arancú, pirilampo.
arratle, **arratles**, arratel, arrateis.
azoutes, açoutes.
bizeira, rebanho de ovelhas ou cabras.
bornal, sacola.
botefa, abobora,
caruja, chuva miúda.
carujar, chuviscar.
chibança, basofia, brio, orgulho.
Chico, Francisco.
colheita, acolheita, esconderijo dos peixes.
côrte, casa onde se guarda o gado.
cotovêlo, não *ctofêlo*.
Delovina, Ludovina.
despois, depois.
escava terra, toupeira.
fento, féto (planta).
frade, cogumelo, tortulho.
franga, galinha nova.
Guiteria, Quiteria.
homemzarão, omemzarrão.
ingalinhar, brigar.
Jabel, Isabel.
Jaquim, Joaquim,
ladra, ou **laidra**, mulher que rouba.
larica / **larota** fome.
latada, bofetada.
le, les, lhe, lhes.
lôstra, bofetada.
maçãs, pl. de «maçã».
matrucadela, topada.
môna (cabra), sem chifres.
munho, moinho. Ouvi os nomes das seguintes peças: *cubo* ou *càleira*, *tremónha*, *calheira* ou *adelha* (o quêlho), *tramêlo*, *mó* (andadeira), *pouso* (pedra debaixo), *caixa do tremonhado*, *calcão* (pau de calcar a farinha nos foles ou sacos), *rodizio*, *penas*, *ôvo* ou *aguilhão*.
niscro, niscaro, tortulho.
olhapim, larapio.
parrico, pato. Não dizem *parréco*.
pita, galinha.
quinteiro, logar fechado para os animais junto á casa. (E' vocabulo do Minho).
rabôto, omem pequeno.
raparigo, rapaz.
reco, porco.
serdeira (ou *cerdeira*), cereJeira.
sòlheiro, logar exposto ao sol.
somana, semana.
uveira, arvore com vides.
Zé, José.

IX

SABROSA

abespra, vêspa.
abesoiro, besoiro.
aceibar, entornar.
acipreste, cipreste.

acoleitrar, compôr, arranjar.
adêga, loja do vinho.
adromecer, adormecer.
alferge, alferes.
Alforedo, Alfredo.
alicreu, escorpião.
almario, armario.
almazem, armazem.
almotriga, almotolia.
amanhê, amanhã.
Antónho, Antonio.
aperzigo, qualquer iguaria que se come com o pão.
aradeira, era, planta (Lixa, *idem*).
arraposar, faltar á escola.
arratle, arratel.
asconder, esconder.
ascordar, acordar.
astrevimento, atrevimento.
atrogalhado, mal vestido.
azemel, pessoa doente, pelém.
azoutar, açoutar.
azoute, açoute.
barôlo, bolor.
bejaldro, casaco.
bespra, vêspa.
bizeira, rebanho.
bocarela, pessoa que fala muito.
bojéga, bôlha nos pés, produzida pelo calçado.
borleca, castanha chôcha.
borracha, o mesmo que *bojéga*.
buzera, pansa, estomago.
cadêlo, cachôrro.
camueca, bebedeira.
canastro, espigueiro.
caniço, grade de vergas sobre o lar para secar a castanha.
caqueirada, pancada.
caquiar, despachar.
carpenta, mulher feia.
cástima, casta.
chica, burra.
ciloiras, ceroulas.
cobérto, casa de abrigar lenha ou utensilios de lavoura; e participio do verbo *cobrir*.
comilóna, — e assim nos da mesma desinencia.
corropía, coisa pequena.
cosminar, pensar.
cotofêlo, cotovêlo.
cutrifó, pessoa má.
desinfeliz, infeliz.
dinuvio, diluvio.
eido, logar.
emprègado, entrevado.
encomôdo, encómodo.
enxumbrar, secar, enxugar.
êrvedo, medronheiro.
escanjornado, cansado, estafado.
escochar, quebrar.
estifação, satisfação.
estropiar, fazer barulho.
faldra, fralda (é vulgar no Minho).
fanchonaça, mulher gorda.
fento, feto (planta).
ferronha, frônha.
fôila, faúla.
fresquilandeira, velha muito conservada.
garnacha, bebedeira.
garrote, barrote.
gata, bebedeira.
gola, garganta.
ingaliar, brigar.
ingreja, igreja.
joana, burra.
jôlho, joelho.
labita, casaca de omem.
labrosta, ignorante.

lupes, nupcias.
malangro, malandro.
maribundo, moribundo.
marranica, corcunda.
marrão, corcunda.
meias: só as de mulher.
meiotes, meias de omem.
menores, ceroulas.
mermelho, vermelho.
merongo, pessoa que nada vale.
moina, preguiça.
morcão, pessoa que nada vale.
moreira, amoreira.
òspois, ao depois.
osservar, observar.
palhito, palito (dos dentes).
palito, fósforo.
parolar, mentir.
peinar, pentear.
pelicanas, argolas, brincos, arrecadas.
piela, bebedeira, embriaguez.
pirofédes, pessoa engraçada.
pito, pintainho (o mesmo sentido no Minho).
pôcha,-o, cachôrra, cachôrro.
poldras, passadeiras dos regatos.
préto, perto.
reixêlo, bode.
req'rénta, pessoa faladeira.
Riqueta, Henriqueta.
rochête, colarinho.
sáfele, facil.
samarra, corcunda.
sancristão, sacristão.
sandalhas, sendalias.
sapadoira, tampo, têsto.
scano, escabelo, banco de encosto.
serigaitas, mulher esperta.
selamantiga, salamandra.
selamôrda, pessoa de poucas falas.
selapins, sinapismos.
tachada, bebedeira.
tamborête, cadeira.
tarrêlo, panela pequena.
tôrda, bebedeira.
trampejar, ir á trampa.
turca, bebedeira.
uviar, uivar (é forma vulgar no Minho).
vicentes (lê de **viçantes**), sócos.
virote, pessoa que se agasta por qualquer coisa.
zaragata, barulho.
zògada, pancada.
zongão, zangão.

X

VALPAÇOS

abiácas, aivecas do arado.
abondar, dar.
acirrar, açular (os cães).
albernó, casaco.
alicrenço, lacrau.
almontaria, almotolia.
alustre, relampago.
alvêzes, ás vezes.
avidar, esquecer, olvidar.
barda, posta de silvas a tapar um portêlo.
bardar, tapar com barda, deitar barda em cima das paredes por causa do gado.

bestigo, cobra, serpente.
boubela, poupa (ave).
bogalha, bogalhêta, bogalho pequeno.
cadêlo, cão.
cadête (adj.), sabedor, conhecedor, experimentado, certo, seguro. Ex. «estou muito cadête neste caminho» = sei-o aos palmos.
canifrêcho, espingarda velha.
caróla, bocado de pão.
carólo, bocado de pão.
cortinheiro, pedaço de terra junto da casa, eirado.
desenarcada, sem arcos (a pipa).
el, elle.
eis, elles.
entreado, enteado.
estarrinco, trovão.
estadulho, fueiro.
forcada, forcado, instrumento de lavoira.
fraqueira, fraqueza.
gemelgo, gémeo.
inauga, anagoa, saia interior.
ingaliar, brigar com alguem.
irvideiro, medronheiro. Cfr. *érvedo*.
jógo, pedra roliça dos rios.
mario, armario.
mera, resina.
mexirôto (adj.), buliçoso.
missoilo, pequeno volume.
muxilo, saco pequeno.
molago, pão trigo dividido em quatro quartos.
parpalhaça, codorniz.
préto, perto.
préixego, pêssego.
pôcho, cadêlo, cão pequeno, cachorro.
pôcha, cachorra.
reco, porco.
raça, camada de sol, sólheira.
raparugo, criança pequena.
sartão, sertã ou certã, frigideira.
scravanada, carga de chuva mandada com vento.
scano, banco do lar.
soudado, soldado.
spoldrar, podar a vinha.
tamanino, um pouco.
tanha, talha (do azeite).

XI

VILA POUCA DE AGUIAR

abéspra, vêspa.
abocanhar, aliviar (o tempo), deixando de chover.
aboucar, levar pancada.
adéga, loja do vinho.
alinterna, lanterna.
alicranço, cobra venenosa.
almontaria, almotolia.
amontolia, almontolia.
Antónho, Antonio.
arremeniscar, assear.
arvela, pessoa magra (de *arvéloa*, nome d'ave).
ascordar, acordar.
asquêlles, asquéllas, aqueles, aquelas.

atrougalhado, grosseiro.
atroujado, mal vestido.
avocar, matar.
azemel, pessoa debil.
azoutes, açoutes.
badofia, pessoa chic, janota.
banzos, paus ao alto que fazem a guarda das varandas.
bestia, jaquêta.
bezeira, rebanho de cabras e ovêlhas.
biênha, bainha.
bocanho, clareira, espaço de bom tempo em dias de chuva.
bocarela, pessoa que fala muito.
borleca, castanha chôcha (talvez por *folecra*, cf. esta palavra).
bornal, saco.
bostela, ferida.
botefa, calondro, abobora.
cadoucho, novêlo pequeno (tem o mesmo sentido em Fafe e na Lixa).
calatrão, pessoa de má indole.
cantadeiras, peças de madeira pregadas na parte inferior dos coucões e que assentam sobre o eixo.
capilóta, tareia, tunda.
caquear, despachar.
carpanta, bebedeira.
chainas, faúlas (sobretudo de urze).
choramigas, choramingas.
cobérto, casa para abrigar utensilios de lavoura; participio do verbo *cobrir*.
cochía *(estar á)*, estar á espreita, espreitar.
cocos, óvos.
codéços, ou **cadêços.**
corropía, criança, menina de pouca idade.
cortiça *(ir á)*, zangar-se.
cotofêlo, cotovêlo.
cotrenhas, noduas de lama nos vestidos.
coucões, peças de madeira pregadas na parte inferior das chedas.
crambelo, gêlo (por *caramêlo*).
crambola, mentira.
cutripó, pessoa de mau genio.
desmanzelado, desmazelado, descuidado.
eixe, eixo.
embeloutado, enlameado.
emboutar, sujar.
encatrafiar, enfiar.
engascado, endividado.
escalambrar, aliviar (o tempo), *abocanhar*.
escaleira, escada.
escanjornado, enfadado, cansado.
escongeminar, imaginar, pensar.
espirrichar, fazer saltar a agua.
estropear, tropear, fazer ruido.
ete! interj. de tanger o gado.
facha, archote.
facho, avantal.
fato, gado graúdo (bois, cavalos, cabras etc).
ferra, instrumento de ferro para despegar a massa da masseira (no Minho é *ferrea*).
finfar, bater.
foîla, faula.
folecra, castanha chôcha.
fresquilandeira, pessoa bem vestida.
fusto, feixe, mólho de lenha.

galelo, cacho que fica na vinha depois de vendimada.
goja, cabra.
gojo (nome colectivo), animais miúdos (coelhos, galinhas, pombas.)
gomitar, vomitar.
grojeira, colarinho (por *gorjeira* de gorja).
grojer, chorar, gemer, soltar a voz; rugir.
inhantes, antes (é vulgar no Minho.)
labrosta, ignorante, estupido.
lacaio, lacrau, escorpião.
ladrenhos (não sei o sentido desta palavra).
lapardão, estupido.
largato, lagarto.
larica, fome; preguiça.
loreta, mulher de mau proceder.
manaplas, mãos.
marrã, corcunda.
marranica, corcunda.
masmorra, sono.
meão, miúlo (peça da roda).
merongo, pessoa envergonhada.
meuforinheiro, belforinheiro.
miclas, pessoa doente.
milheira, nome duma ave.
mioca, minhoca.
molhelha, aparelho de couro á roda da cabeça dos bois.
moina, preguiça.
morcanho, pessoa sem prestimo, *morcão.*
mostrengo, pessoa gorda.
nhar, nhara, senhor, senhora.
paroubela, ventania.
peita, presente.
pelicanas, argolas, arrecadas.
perda, e não *perca.*
pirofédes, pessoa engraçada.
portelo, portal.
raparigos, rapazes.
ratoqueira, toupeira.
redadeiro, derradeiro.
req'renta, pessoa que se intromete em tudo.
reste, rodilha.
rezão, recado.
salmaganta, salamandra.
scambrar, o mesmo que *escalambrar.*
serigaita, pessoa esbelta.
songa-monga, pessoa de poucas falas, pessoa concentrada.
tabefe, bofetada.
tanha, talha.
tombear, cair.
topar, achar, encontrar.
tracalheiro, -a (adj.) intriguista.
treitoiras, peças do carro entre as quais se volve o eixo.
trofa, croça, capa de junco.
tundia, tunda, tareia.
virote, pessoa que se agasta facilmente.
zuca, bebado, embriagado.

Midões (Barcelos), 22-VIII-1912.

A. GOMES PEREIRA.

MISCELLANEA

Sôbre dois ditados que se completam um ao outro

II

(Vid. *Rev. Lusit.*, xv, 173-174)

Completando o que ficou exposto nas pag. 173-174 da *Rev. Lus.*, XV, direi o seguinte:

Em galego, além do já citado provérbio, há:

— *Arreboles ao sol posto, mañan andarás enxoito*,

— *Rubias ao sol posto, pigorciro andarás enjoito*,

com a variante:

— *Rubias á sol-posto, pigorciro mañan andarás enjoito*,

— *Roibeces á sol posto, mañan andarás enjoito*,

e os ditados complementares:

— *Rubias ao sol nado, pigorciro, andarás mollado*,

com a variante:

— *Rubias á sol nado, pigorcireño andarás mollado*,

e

— *Roibeces ao mar, galas a sollar.*

E ainda:

— *Ceo encarnado, vendabal ao rabo.*

A informação dêstes ditados devo-a á extrêma amabilidade do ex.mo sr. D. Eugénio Carré Aldao, ilustre Secretario da *Real Academia Gallega*, e a quem mais uma vez testemunho os meus agradecimentos.

*

Nas *Trad. Pop. de Portugal* já o sr. Dr. Leite de Vasconcelos registara (pág. 53):

Ruivos ao Nascente
Chuva de repente.

(Famalicão).

Ruibas ao Nascente
Desappõe e vên-te (vem-te embora).

(H.)

Quando estão as ruivas ao mar
Pega nos bois e vai lavrar.

(H.)

E, a par dêstes ditados, o espanhol:

Aurora rubia
Ó viento ó lluvia.

Podem pôr-se em confronto com os dois ultimos provérbios portugueses citados, estoutros galegos:

— *Arco ponente, colle o boi e vente.*
— *Arco rayante, ci boi, pra adiante.*

Colhi mais estas variantes dos dois ditados-complementos:

Vermelho é o nascer
chuva de repente

(Santa Marta-de-Portuzelo, Viana).

Vérmelho é o mar
velhas a assoalhar.

(Ibidem).

Vê-se que em galego e em português, pelo menos, além de ditados que exprimem completamente o prognóstico meteorológico de que se trata, outros há que exprimem em separado as metades dêsse prognóstico e que são de uso independente.

*

Cfr. ainda as rimas que se encontram nos seguintes versos colhidos pelo sr. Dr. Leite de Vasconcelos em Cabeceiras-de-Basto (*Trad. Pop. de Portugal*, pág. 171):

Sobe gato ao forno,
Lava-se para o Nascente,
Chuiva de repente;
Lava-se para o mar,
Velhas a assoalhar.

Viana-do-Castelo, julho de 1912.

CLÁUDIO BASTO.

Falar português do Brasil

DIALECTO CAIPIRA

(A propósito de um livro de versos)

Eu não conheço o sr. Cornélio Pires, que me acaba de enviar de Botucatu' o seu livro de poesias; não o conheço pessoalmente, porêm só de nome, e agora também pelo retrato, que acompanha o volume, ou que o volume acompanha. — Foram dois proveitos num saco só; e eu os agradeço ao amável poeta, que há-de ser moço, se a fotografia não mente ou não é velha.

Se não é velha, parece! porquanto o nédio vate mesmo diz (lá pelas alturas da página 77) que vai indo «Já em meio da jornada da existência». — Um zenite, pois, à maneira de Dante! Mas nem se perdeu numa «selva escura», nem cantou «uma só Beatriz: — como confessa, na página 85, êle já teve três amores. O primeiro «foi sonho de criança»... precoce; o segundo floriu «em plena mocidade»; e o terceiro, «apenas um capricho»... Deu o tangromangro nas duas afeições extremas, e logo todos os extremos do cantor se concentraram na do meio: «in medio, virtus...»

A parte mais interessante do livro não é essa, porêm, dos *Versos Velhos*, senão revelhos, pela essência e pela forma (uma, cediça; e a outra, incorrecta e mal-cuidada): o que dá ao sr. Cornélio Pires um lugar de muita honra em nossas letras provincianas é a direcção final, definitiva, e assisada, de seu espírito para as scenas e paisagens da nossa terra. Tal o bom caminho objectivo por onde parece haver entrado, e que só aplausos pode inspirar a uma critica superior e amiga.

Louvando-o de pleno coração, por semelhante respeito, eu subscrevo toda a justiça e autoridade das palavras de Silvio Romero: «Apreciei imensamente o chiste, a côr local, a graça, a espontaneidade

de suas producções, que, alêm do seu valor intrínseco, são um ótimo documento para o estudo dos brasileirismos da nossa linguagem. V. S. saiu-se perfeitamente bem da empresa, porque o género que cultiva é, muito ao contrário do que geralmente se pensa, cheio de grandes dificuldades».

E, como pano de amostra, aqui vai o soneto sôbre

A ORIGEM DO HOMEM

— O senhor por acaso não descende
dos bugres que moravam por aqui?
— Hom'eu num sei dizê, vancê comprende
que essa gente inté hoje nunca vi.

Mais porêm o Bernardo diz — que intende
que os moradô antigo do Brasi
gerava de macaco!... inté me ofende
vê um véio cumo êle, ansim, minti.



Dôtra feita, um cabocro — aí um caiçara —
diz — que nascium de dois e inté de treis,
quano estralava um gomo de taquara!

Nóis num temo parente purtugueis,
nem mico, nem coati, nem capivara...
Semo fio de Deus cumo vanceis!

Leia-se ainda o

IDEAL DO CABOCLO

Ai, seu moço, eu só quiria,
p'ra minha filicidade,
um bão fandango por dia
e uma pala de qualidade.

Pórva, espingarda e cotia,
um facão fala-verdade,
e ua [1] viola de harmonia
p'ra chorá minha sòdade.

Um rancho na bêra d'àgua,
vara de anzó, pôca mágoa,
pinga boa e bão café.

Fumo forte, de sobejo...
Pr'a compretá meu desejo,
cavalo bão... e muié...

[1] [Ou *ũa?* Mas cfr. *uma* no v. 4. — J. L. DE V.].

Da leitura atenta que fiz dos versos do sr. Cornélio Pires concluí que o nosso dialecto caipira é caracterizado pelos seguintes factos capitaes: redução dos ditongos **ei** e **ou** a **ê** e **ô**, segundo os exemplos de «parcêro» e «pôco», por «parceiro» e «pouco»; redução do lh a l: «páia» por «palha»; redução de **nd** a «**n**»: «passeano», «por passeando»; apócope do **r** e do **l**: «pará» e «papé», em vez de «parar» e «papel». O ditongo **ão** átono tambêm se reduz a **um**: «num» e «contarum», por «não» e «contaram»; e, ainda, **i** e **o**, em sílabas distintas, ditongam-se em **iu**, dizendo-se «tiu» e «riu», por «tio» e «rio». O z final é pronunciado **is**: «fais» e «feis», por «faz» e «fêz». O **s** tende para **r** antes de **m**: «mermo», «torrermo» e «dermentir», por «mesmo», «torresmo» e «desmentir». São aféreses freqüentes: «tá», «rancar», «lazão», «laridão», «strodia», «garrar», por: «está», «arrancar», «alazão», «alaridão» (de alarido), «est'outro dia» e «agarrar». Nota-se, a cada passo, a síncope de «para» em «p'ra», e metáteses como «purcissão», «porvocar» e «percisar». Mantêm-se a forma arcaica «somana», onde o **e**, por atracção da labial «m», se convizinhou da labial **u**. Sabe-se, mais, de outros muitos arcaísmos, como: «jinella», «onte», «corenta», «rezão», «menhã», «imposã», alêm da nasalação absoleta de «lua» e «luar». A dificuldade e confusão indigena da articulação do **r** e do **l** guturalizado (posposto à vogal) leva a pronunciar-se «arto» e «barcão», em lugar de «alto» e «balcão». Por influência de «causa», ouve-se «causo», em vez de «caso»; mas em algumas palavras, como «Paulo» e «Paulista», o ditongo «au» já se tem transformado em **ô** e «ó», à guisa de «pobre», latim «pauperem». A preguiça faz o caipira, mais que qualquer outro, suprimir os esdrúxulos: «fósforo», para êle, é «fósfro», e «fósfre»; «pólvora», «pórva». Ocorrem «ansim» e «inté», por «assim» e «até». «Ruim» é proferido em uma só sílaba. A lei do menor esfôrço torna mais raros os metaplasmos de aumento; mas os caipiras pernósticos e espevitados não dispensam a paragoge adverbial, como em «certamentes», com «s», por «certamente»; há prótese só em certas formas antiquadas e tradicionais, como «avoar» por «voar». A indicação do plural depende mais do determinativo flexionado que do substantivo, comummente invariável; e assim se diz «as menina», por «as meninas». A forma proclítica e fraca de «minha», e que de quando em quando aparece, é «mea». Das partículas, chamam a nossa atenção as interjeições duplicadas: «aiai», «hãhã»; «ota», «eta»... Conheço tambêm «iche!» negativa enfática.

Do vocabulário elucidativo que o sr. Cornélio Pires juntou ao fim do volume, separo a palavra *mamparra*, que êle acertadamente define por *mangação*. O visconde de Beaurepaire-Rohan já a tinha registrado, mas na flexão do plural, explicando-a por — «subterfúgios e eva-

sivas», com o exemplo: «Executa as minhas ordens, e deixa-te de mamparras». Cândido de Figueiredo deu-a como também corrente em Portugal, porêm com a significação diferente de — «súcia ou camaradagem de pândegos e *vadios*». O que falta explicar é a lexeogenia do nome. Ora, como está na *Revista Lusitana* (vol. 12, pág. 114), «parrana» é da linguagem de Vila Rial, e vale o mesmo que «preguiça». Ex.: «fazer parrana», isto é, trabalhar com pouca vontade e cuidado. Admitindo-se que «parrana» seja um derivado de «perra» (com a modificação do **e** pelo **r**), teriamos em «mamparra» um composto de «mão» «perra»; do mesmo modo que outros casos semelhantes, quais — «mancheia» e «mamposta».

Por seu lado, «mangação» vem de «mangar», a que, com idêntico sentido de «trabalhar pouco e mal» corresponde o verbo «morangar» da linguagem de Atalaia (*Rev. Lus.*, vol. 11, pág. 159). — Procede êste de «mora» (cfr. «moroso»), com o sufixo pejorativo «-anga», que é outra forma de «-anca», segundo vemos em «pelanga» e «pelanca», «varanga», «tranca» (de «trave»), por «travanca» (A. Coelho), etc.

Encontro ainda no vocabulário o adjectivo «impalamado», já recolhido por Aulete, e que o sr. Cornélio Pires dá como sinónimo de pálido. Achei-o também na linguagem de Atalaia, escrito «empalamado», e aplicado «ao doente que não está de cama, porém que apresenta má côr». E o sr. Carlos Monteiro do Amaral deriva a palavra de «pelêm, que, em Trás-os-Montes, é o «achacoso, que não presta para nada» (*Rev. Lus.*, vol. 5, págs. 44 e 100).

Com vagar tratarei de outros pontos; mas basta o que fica para mostrar que certos pretendidos brasileirismos já vieram de nossa antiga metrópole. Tal é o substantivo «fazenda», voz extremenha que designa uma propriedade rural (J. Leite de Vasconcelos, *Lições de Filologia*, pág. 276).

Por hoje aqui me cerro, cumprimentando o sr. Cornélio Pires, por nos haver dado, em um só livro, alêm dos versos, alguma coisa genuinamente nacional e útil...

SILVIO DE ALMEIDA.

(D'*O Estado de S. Paulo*, n.º 12-327, de 16 de Setembro de 1912).

A lingua portuguesa no parlamento

«Lê-se na mesa o seguinte artigo adicional proposto pelo Sr. Carvalho Mourão:

Artigo. Junto do Ministério da Instrução Pública e Belas Artes funcionará um Conselho da Língua Nacional.

§ 1.º Êste Conselho será composto dos professores das cadeiras de filologia e de pessoas de comprovada e reconhecida competência em assuntos lingüisticos.

§ 2.º Incumbe ao Conselho da Língua Nacional:

1.º Elaborar um dicionário completo da lingua portuguesa;

2.º O estudo da dialectologia portuguesa;

3.º A revisão da ortografia oficial, quando o progresso e novas aquisições da sciência filológica o exigirem;

4.º A publicação de edições, críticas, comentadas e populares, dos nossos melhores escritores;

5.º O estudo do onomástico e da toponimia do nosso país;

6.º A propaganda da língua nacional e a reivindicação da sua vernaculidade;

7.º Elaborar uma gramática histórica da língua portuguesa;

8.º Organizar um plano geral de estudos de filologia portuguesa;

9.º Elaborar programas de concurso para a publicação de obras sôbre a lingua portuguesa;

10.º Dar parecer sôbre todos os assuntos referentes à língua portuguesa;

11.º O estudo de todas as questões que se relacionem com a filologia portuguesa;

12.º Dar parecer sôbre todos os livros destinados ao ensino.

§ 3.º Um regulamento especial determinará o modo por que deverá funcionar o Conselho, o número de sessões mensais, a gratificação respectiva a cada um dos seus membros e bem assim o número dêstes, além dos professores das cadeiras de filologia.

Sala das Sessões da Câmara dos Deputados, em 20 de Novembro de 1912.= *Carvalho Mourão.*

Foi admitida.

O Sr. JOÃO BARREIRA:— Declara que a comissão está de acôrdo com o princípio da proposta do Sr. Carvalho Mourão, mas julga-a desnecessária, tanto mais que já se eliminou o § 2.º

O Sr. MINISTRO DO INTERIOR (Duarte Leite):— Explica que propôs a eliminação do § 2.º por estar incompleto. Sôbre a proposta do

Sr. Carvalho Mourão, não lhe parece que seja necessária, porque isso é regulamentar.

O Sr. CARVALHO MOURÃO:—Não concorda em que o conselho que propôs seja mais próprio para um decreto regulamentar, e está mesmo convencido de que, ficando para um regulamento, êsse conselho nunca se criará.

Em nome dos sagrados interesses da sociedade portuguesa, pede que a sua proposta seja aprovada.

O Sr. JOÃO BARREIRA:—Em espírito está de acôrdo com a proposta do Sr. Carvalho Mourão, mas entende que já existe um órgão oficial a quem compete velar pela pureza da nossa língua. É à Academia das Sciências que compete exercer a função preconizada na proposta de S. Ex.ª.

O Sr. BRITO CAMACHO:—Entra no debato da proposta do Sr. Carvalho Mourão, porque a considera importante, pois trata-se da conservação e pureza da língua.

Está inteiramente de acôrdo com a proposta de S. Ex.ª, mas no fundo está tambêm inteiramente de acôrdo com o Sr. João Barreira.

O Sr. João Barreira diz que já existe um órgão destinado a manter a pureza da língua, o Sr. Carvalho Mourão diz que êsse órgão não existe. Existe, mas não tem sabido desempenhar-se da sua função. Por isso o Sr. Carvalho Mourão propõe junto do novo Ministério a criação dêsse órgão. O Sr. João Barreira sustenta que as funções do órgão proposto competem à Academia das Sciências, à qual incumbe vigiar pela pureza da língua nacional. A pureza da língua deve preocupar todas as nacionalidades, pois ela é um dos seus elementos constitutivos. Neste momento é uma das preocupações da Bélgica, como é a preocupação constante da França.

Se, como diz o Sr. Carvalho Mourão, não existe um órgão destinado a fiscalizar a pureza da língua portuguesa, é preciso criá-lo.

Há tempo, num concurso, ouviu dizer que qualquer monumento de secundária importância servira melhor do que o poema de Camões para fixar a nossa linguagem. É esta uma barbaridade que só se admite, como tese, num concurso, quando não há outra cousa que defender, e é necessário apresentar-se qualquer doutrina para controvérsia.

É posta à votação a proposta do Sr. Carvalho Mourão, sendo rejeitada.

O Sr. CARVALHO MOURÃO:—Requere a contraprova. *Procede-se à contraprova, dando o mesmo resultado».*

(Do *Summario* das sessões da Camara dos deputados (Lisboa): de 21 de Novembro de 1912, pag. 1652-1653).

Mais palavras do tipo de «Sua Torre»

(*Rev. Lus.*, XIII, 137)

Sossino ou *So-sino*, nome de campo junto á igreja de Midões (Barcelos).

Sovinhas, nome de campo na mesma frèguesia de Midões.

Sopaço, no concelho de Guimarães.

Soagua.

Sorribas.

Sorraia.

Estes tres ultimos exemplos só os conheço do vol. VI da *Corografia Moderna* de João Maria Batista.

Barcelos-Midões, 28-VIII-1912.

A. GOMES PEREIRA.

A palavra «escrivaninha»

Deve vir de *escrivania*, que coexiste com ella; o *n* nasalou o *i*, desenvolvendo-se depois *nh*; cfr. *nío*, *nĩo*, *ninho*. O hesp. tem *escribania* «papelera».

J. L. DE V.

O verbo «desgostar»

Além da significação usual, tem a de «deixar de gostar», «perder ou largar o gôsto», como consta d'esta trova popular de Baião:

— Só em star ao pé de ti,
Nisso faço grande gôsto.

— Nisso fazeis grande gôsto...
Desgostai por vida vossa.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

PERIODICOS

— ***Bulletin Hispanique***, XIV, 103-104: artigo de G. Cirot acerca da Collecção de mss. publicada pela Bibliotheca do Porto.

— ***Modern Language Notes***, Janeiro de 1912, pag. 11: artigo de Blondheim acerca da etymologia do portug. *eiva*; Março de 1911, pg. 78, artigo do mesmo acerca do port. *ciranda*. — Quanto ao último vocabulo, cf. os meus *Ensaios Ethnographicos*, III, 373, nota.

— ***Zeitschrift für romanische Philologie***, XXXV, 436, ss.: num artigo de Leo Wiener: etymologias das palavras portuguesas *afastar* e *safa*; allusão á expressão latina dos docc. portug. medievaes *voces mittere*; explicação do latim *campana*, e do lat. vulg. *squilla*; tambem allude ao lat. vulg. *clocca*.

— ***Bulletin de Dialectologie Romane***, IV, n.º 2 (1912). — A pag. 68 o nosso collaborador o sr. Paul Barbier propõe para *mocho* não o etymo *mutilus*, mas murculus, deminutivo de *murcus*, que em Ammiano Marcellino (sec. IV) tem a significação de «pessoa que para não seguir a vida da milicia amputava o pollegar». — O mesmo A., a p. 71-72, dá uma noticia do meu opusculo *Sete medalhas da Guerra Peninsular*, e discute o etymo que eu propusera para *Ròriça*, isto é, *roboricia, de robur. O A., notando as mesmas dificuldades que eu notára, pergunta se na formação d'esta palavra não entrará o suffixo -arĭcia, e acrescenta: «Et le radical? Celui de *roio?*». Se se admitisse o suffixo -arĭcia [1], teriamos *roborarícia, que por dissimilação ia ter a * *Rouariça*, fórma que eu já deduzira de *roboricia. Quanto a *roio*: o que é *roio?* O desapparecimento do *b*, depois da sua mudança em *v*, terá um parallelo em *Alter*, de Abelterii.

J. L. DE V.

---

[1] Cf. port. *Vaccariça*.

II

LIVROS

Textos Archaicos. — Para uso da aula de philologia portuguesa estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa, coordenados, annotados e providos de um glossario pelo dr. J. Leite de Vasconcellos. — (2.ª ed., Lisboa; Livraria Classica Editora, 1908).

Dou o titulo por extenso, porque elle me dispensa de explicar mais longamente o intuito desta obra utilissima. Referindo-se a ella, diz modestamente o autor (pag. 86): « Tal como está, creio que talvez sirva, » sem prejuizo de outras chrestomathias, para as primeiras necessidades » de ensino do português antigo ». Pois confesso que não conheço nenhuma chrestomathia que possa ser comparada com o presente livrinho pelas qualidades que são essenciaes num trabalho deste genero: a escolha dos textos sempre authenticos, a fidelidade com que na sua edição a linguagem antiga é conservada, dando-se conta exacta das alterações graphicas introduzidas para facilitar a leitura; a erudição revelada nas notas e no glossario, erudição tão vasta quanto digna de toda a confiança. E seja dito entre parenthese que nunca se procura occultar a fonte de que foi tirada alguma informação, dando-se assim prova de uma honestidade literaria e scientifica que entre nós infelizmente não é ainda tão vulgar como era de desejar.

Os *Textos Archaicos* abrangem um periodo de mais de seiscentos annos, sendo o mais antigo documento uma carta de doação do anno de 874, e os textos mais recentes uma « cantiga » e um « vilancete » de Francisco de Sá e Miranda, o poeta com quem termina, na literatura portuguesa, a época medieval, iniciando-se, sob o duplo influxo da Antiguidade classica e da Renascença, o periodo moderno.

O conteudo do nosso livro é bastante variado. Aos documentos publicos redigidos em latim barbaro seguem-se outros em portugues, os mais antigos dos quaes são de fins do seculo XII. Contemporaneos dêstes são duas d'entre as poesias lyricas escolhidas pelo autor no vasto cabedal que nos legou a literatura trovadoresca. Encontramos aqui cantigas d'el-rei D. Sancho I, de seu filho natural D. Gil Sanchez, e d'el-rei D. Denis, — para não falarmos de outros trovadores menos altamente collocados na escala social. Em seguida ha um trecho dos mais legiveis do antigo tratado de poetica conservado no *Cancioneiro* Colocci-Brancuti e um extracto do direito consuetudinario da cidade de Evora, particularmente interessante, porque pelo seu rico vocabulario relativo

á criação de gado vaccum, lanigero e suino podemos julgar do grande desenvolvimento que no seculo XIII esta industria tinha tomado na provincia portuguesa do Alemtejo: desenvolvimento sem duvida devido á dominação arabe que terminara pouco antes, pois é transparente a origem oriental de varios dêsses termos. Darei aqui, para os meus leitores poderem verificar se qualquer delles por ventura sobrevive no Brasil, uma lista de todos aquelles termos que designavam os feitores e pastores do gado, de funcções e dignidades differentes. São os seguintes, na ordem provavel de sua posição hierarchica: o *maiordomo*, o *almocouvar*, o *alganame*, o *maioral de gaados*, o *rabadan* (que parece era o maioral das ovelhas), o *alfeireiro*, o *conhocedor*, o *pousadeiro* e o *porcariço;* alem dos que se chamavam indiscriminadamente «mancebos», isto é, criados, ou talvez, de accordo com a significação do lat. *mancipium*, escravos. Porêm, qual não devia ser a importancia dos rebanhos que necessitavam semelhante hierarchia de guardas! E chegaremos a identica conclusão, quando lermos um artigo dêsse regulamento, que se refere aos rebanhos de porcos novos que andavam pastando nas matas: determina-se ahi que de cada quinhentas cabeças seria perdoada aos pastores a perda de vinte, mas que dos outros todos elles tinham de dar «recado» (isto é, conta) a seus senhores [1].

Depois dêste documento de legislação pastoril encontramos trechos de antigas chronicas, romances e tratados moraes ou outros, entre cujos autores figuram novamente varios reis de Portugal, e poesias lyricas dos seculos XIV e XV. É interessante ver que ainda na segunda metade do seculo XIV um dos vencidos de Aljubarrota, o fidalgo castelhano Pero Gonçález de Mendoça, compôs cantigas em gallego-português, que ainda não deixára então de ser o idioma lyrico da Peninsula.

Remata esta parte do livro com um dialogo tirado dum dos autos de Gil Vicente, e os versos já mencionados de Sá de Miranda, seguindo-se em appendice uns textos gallegos, que nos permittem observar como este dialecto, a principio identico ao português, se foi afastando delle cada vez mais, á medida que a separação e o antagonismo politico afrouxavam os laços que tinham unido povos tão estreitamente aparentados.

Uma parte dos seus textos, o autor copiou-a dos proprios manuscritos medievaes, ao passo que tirou outros de edições criticas reconhecidamente boas, taes como o *Cancioneiro de D. Denis*, publicado por H. Lang, e o *Cancioneiro da Ajuda*, publicado por Carolina Micaëlis de Vasconcellos. Nestes ultimos textos elle costuma seguir a lição ado-

---

1 A fórma antiga de *recado* é *recabedo*. Leite de Vasconcellos a traduz por «recibo», significado que, ao meu ver, o contexto ahi não admitte.

ptada por seus predecessores, pelo que as mais das vezes merece applauso. Todavia, algumas emendas poderiam ter sido introduzidas ahi sem medo de errar. Assim *(Text. Arch.*, pag. 24) uma das cantigas de D. Denis começa, segundo a lição de Lang:

Oi oj'eu cantar d'amor
em um fremoso virgeu
unha fremosa pastor,

onde era preciso substituir «Oi» por «Vi»; pois «Vy» se lê no codice, e «Oi» (=ouvi) destruiria o metro. Os trovadores empregavam frequentemente o verbo «ver» com o sentido de «ouvir», como se póde verificar na propria edição de Lang (verso 1309), onde o rei amoroso diz á sua «senhora» amada:

Senhor fremosa, vejo-vos queixar —

isto é, ouço que vos queixaes.

Por apresentar um interesse especial, mencionarei ainda a cantiga d'el-rei D. Sancho I, uma das duas mais antigas que existem em lingua portuguesa. É um «cantar d'amigo» de cunho popular, que, na forma que nos foi transmittida pelo codice e anda impressa nas edições de Carolina Michaëlis e Leite de Vasconcellos *(Textos Arch.*, pag. 17) apresenta versos muito irregulares. Seja-me licito restituir a cantiga aqui (como já a restitui em outra parte) á sua forma verdadeira, o que se consegue facilmente, dividindo os versos de modo differente. É a amante do rei que fala:

Ay eu coitada,
como vivo eu gran cuidado
Por meu amigo
que ei alongado!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Ay eu coitada,
como vivo eu gran desejo
Por meu amigo
que tarda e non vejo!
Muito me tarda
o meu amigo na Guarda!

Para melhor entendimento dêstes versos singelos e graciosos, convém accrescentar o seguinte. A Guarda ahi mencionada deve ser (como o demonstrou Carolina Michaëlis) a cidade da Beira Baixa que D. Sancho I povoou e fortificou nos annos 1194-1199. As palavras *que ei* (i. é, tenho) *alongado* equivalem a «que está longe de mim». Observarei ainda que, de acordo com as antigas regras metricas, esse *que* forma hiato com a palavra seguinte; e ver-se-á que, por differente que

seja a antiga metrificação da moderna, não se póde negar àquelles versos uma cadencia melodiosa e agradavel ao ouvido.

As Annotações e o Glossario, de que o autor enriqueceu o seu volume, não obedecem ao intuito de explicar tudo; bastarão, porém, para aplainar as principaes difficuldades que possam encontrar os leitores. Poderiam fazer-se alguns additamentos; o que se vae ler talvez não seja sem interesse.

Na pag. 29, linhas 8 e 9, encontram-se as preposições compostas *a so* e *de so*, que significam «abaixo de». A preposição simples *so* vem citada no Glossario, e deriva do lat. sub; as compostas estão formadas como de *pos* (do lat. post) se formaram *de pos* e *a pos*, que são freqùentes nos antigos Cancioneiros. Todas estas preposições desappareceram cedo da lingua corrente: *após* é palavra erudita, e o moderno latinismo *sob* tem uma existencia toda artificial, tanto que a cada passo é confundido (e não sómente pelos illetrados) com o seu antonymo *sobre*. A expressão — emprestimo sob hypotheca —, por exemplo, contém um verdadeiro contrasenso, visto como o vocabulo grego *hypotheca* significa precisamente o que está collocado debaixo, a base, por assim dizer, sobre a qual se funda o emprestimo.

Na interpretação das linhas 5 e 7 da pag. 37, creio que o editor commetteu um engano. O autor medieval do tratado allegorico intitulado *Castello Perigoso* diz ahi que os que querem fazer um castello devem edificá-lo em terra de paz, porque «quanto homem fizesse em comarca de guerra, em um dia, em outro seria derrubado» [1]. Assim pontua o editor, o qual, nas Annotações, interpreta «em um dia, em outro» por «em um dia, ou em outro». Parece, porém, evidente que devemos pontuar assim: «quanto homem fizesse em comarca de guerra em um dia, em outro seria derrubado» — o que quer dizer: numa comarca assolada pela guerra, a obra feita em um dia seria derrubada no dia seguinte.

No Glossario dos nomes proprios (pag. 150) vem citado o nome *Fernan*, que em antigo português é a fórma regularmente usada em vez de *Fernando* antes do patronymico, sobrenome ou alcunha, quando estes começam por consoante, e se acha explicada ahi pelo modo seguinte: — De *Fernando*, como o port. *Mem*, de *Mendo*, pela supressão da syllaba «do», que foi considerada com «de+o». — Esta explicação, todavia, não me parece admissivel por duas razões. Pois emquanto não existia o nome *Fernan*, não é por certo provavel que alguem tomasse

[1] Modernizo um tanto a orthographia, afim de evitar difficuldades typographicas.

a ultima syllaba de *Fernando* pela contracção da preposição «de» com o artigo «o»; e em segundo lugar, o castelhano, que traduz por «del» a contracção portuguesa «do», conhece egualmente, ao lado de *Hernando*, a fórma abreviada *Hernan*: é sabido que o nome do conquistador do Mexico era Hernán Cortés. A verdadeira causa das fórmas abreviadas deve estar nas condições de tonicidade: e a estas é que o proprio autor attribue os nomes *Paay* (pag. 154) e *Soer* (pag. 155), que se usavam ao lado de *Paays*, que hoje só sobrevive em *Sampaio*, e *Soeyro* (de que deriva o patronymico *Soares*). Com effeito, grande numero de nomes de baptismo variavam antigamente de fórma, segundo se usavam sós ou antes dum appellido: evidentemente porque este, recebendo accento tonico mais forte, tirava ao primeiro nome uma parte de sua sonoridade. Assim como ainda hoje o adjectivo *santo* se transforma em *São* ou *Sant'* antes de um nome que começa por consoante ou por vogal: do mesmo modo, em vez de *Fernando*, dizia-se ou *Fernan* ou *Fernand'* antes de outro nome que principiasse quer por consoante, quer por vogal. De alguns dêsses nomes variaveis conservaram-se até o dia presente as fórmas divergentes, acontecendo ás vezes que ellas são hoje consideradas como nomes diversos: citarei *Antonio* e *Antão*, *Martinho* e *Martim*, *Rodrigo* e *Rui*. Este ultimo nome era antigamente *Rui*, *Roi*; e, para citar uns exemplos d'entre os trovadores dos primeiros tempos: Rodrigo, filho de Fernando, chamava-se Roi Fernández; e Fernando, filho de Rodrigo, Fernan Rodriguez.

Termino aqui esta noticia, que já deve parecer longa a alguns leitores. Entretanto, estou certo que muitos me agradecerão o ter chamado sua attenção para um livro realmente valioso, que, sobretudo nas mãos de um professor competente, prestará grandes serviços aos estudiosos do antigo português [1].

DR. O. NOBILING.

(D'O *Estado de S. Paulo* (jornal) de 10 de Outubro de 1908).

---

1 [Concordando, como era natural, com as sensatas criticas que Nobiling me faz, direi porém que, quanto á ultima, foi por mera distracção que expliquei *Fernando* e *Mendo* d'aquelle modo, pois, além dos meus exemplos que Nobiling cita, já noutros trabalhos attribuí a effeito de próclise phenomenos semelhantes, a saber: *mui*, de *muito*, na *Rev. Lusit.*, VIII (1903-1905), 167; *gram.* de *grande*, ibid., pag. 169; *são*, de *santo*, nos *Estudos de Philologia Mirandesa*, I, (1900), 251; etc. — J. L. DE V.]

NECROLOGIA

OSCAR NOBILING

I

Falecido com cêrca de 50 anos, em Bonn, a 19 do corrente [1], o dr. Oscar Nobiling, se não foi, como dizia Sá de Miranda, uma existência cortada em agraço, viveu ainda pouco para o que prometia, e apenas o bastante para julgarmos do que perdemos, perdendo-o... Uma inteligência como a sua, que pertinazmente reuniu, em diuturnas vigílias, tamanho cabedal scientifico, mereceria do destino a excepcional longevidade de um Frederico Diez; e a imagem que me sugere o malôgro de tantas esperanças é a do lavrador que vê a promissora messe estragada pelo inconsciente vandalismo do furacão. .

O eminente glotólogo era um dos surpreendentes representantes dessa erudição germánica que deliciosamente se compraz na reconstituição de tudo quanto existiu, e que espalha sôbre as ruínas o clarão de vida que elas já tiveram... Se a corrente humanista, preparando o Renascimento, e generalizada pela culta Europa, fêz que os espíritos se aguçassem na crítica dos velhos textos: os intuitos religiosos da Reforma alentaram, mais particularmente na Alemanha, a curiosidade e o hábito de semelhantes investigações. Daí, o movimento ascensional que, culminando no século 19, o há-de finalmente caracterizar « pela irrevogável preponderância da história, na filosofia, na politica, e até mesmo na poesia ». A escola jurídica de Savigny constitue apenas uma das muitas revelações dessa tendência geral, de que tambem proveiu a definitiva organização da filologia novilatina. Tal foi um dos milhores resultados da aluvião, por vezes acabrunhadora, de todos os trabalhos do especialismo universitário alemão.

Ao venerável Frederico Diez coube a glória sem par de achar o fio de Ariadne no labirinto lingüístico do medievo, determinando, pelo método histórico-comparativo, as leis de evolução dos idiomas românicos. E êle descobriu que a tónica vocabular persistia, qual um monolito de resistência, em meio da usura que o principio do

[1] [Setembro de 1912].

menor esfôrço ia produzindo, aqui e ali, nas dições de carácter popular, despojadas, muitas vezes, das vozes átonas e também das inflexões intervocálicas. A demonstração scientífica de Diez era necessária para que compreendêssemos em que consistia, sob uma das faces principais, o génio comum, da nossa latinidade, e, ao mesmo tempo, a diferenciação de suas múltiplas formações nacionais. De outra parte, vinha ela corroborar a positividade que a razão humana adquirira, em longos séculos de exercicio, porque a linguagem resume toda a nossa vida espiritual, pela combinação das ideas e emoções, que exprime, com os actos, que a mesma expressão exige; e, desde então, o conhecimento das suas leis importa na extensão final da sciência aos nossos fenómenos de categoria superior.

O estudo dos vários ramos da dialectação latina recebeu, assim, a sua investidura scientífica, e teve como conseqùencia a ansiosa procura e exegese de todos os códices medievais.

Em relação ao português arcaico, da fase trovadoresca ou provençal, tais pesquisas já tinham sido preparadas por Caetano de Moura e Varnhagen, com a respectiva publicação, em 1847 e 1849, do *Cancioneiro de D. Denis* e das *Trovas e Cantares*. Seguiram-se: em 1875, a divulgação do manuscrito da Vaticana, pela edição diplomática de Monaci, e, em 1878, pela edição crítica de Teófilo Braga; em 1880, para comemoração do tricentenário de Camões, a impressão do valioso apógrafo a que se ligam os nomes de Colocci, de Brancuti e de Molteni; em 1894, uma nova estampa das canções dionisíacas, com elucidário e anotações pelo dr. Lang, professor da Universidade de Yale, nos Estados Unidos. E, em 1904, após vinte e cinco anos de consciencioso estudo, próprio da paciência beneditina ou da pertinácia alemã, deu-nos D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, no *Cancioneiro da Ajuda*, o mais eloqùente prègão de seu profundo saber e subtil hermenêutica. A par com êsses trabalhos de mais tomo e pêso, não escassearam outras publicações que, comquanto menores pelo fim a que se destinavam, teem ainda sobeja importância; e, entre elas, fôra sem-razão esquecer a *Crestomatia* de J. J. Nunes e os *Textos archaicos* do dr. José Leite de Vasconcelos.

Como as obras acima, as *Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade*, restituídas e elucidadadas por Oscar Nobiling (Erlangen, 1907), representam a tese notável com que o meu malogrado colega disputou e conseguiu o seu douturamento em filologia pela Universidade de Bonn; e ficaram sendo um titulo decisivo para que os anais da erudição conservem perpétuamente o seu nome aureolado. Alêm disso, êle deixa valiosas investigações filológicas,

esparsas nos repositórios especiais do velho mundo, e que todas lhe valeram o mais subido apreço dos competentes. Aqui no Brasil, houve por muito tempo, mesmo entre os estudiosos, o mais completo desconhecimento do seu valor; e Silvio Romero, que com êle só tardíamente se correspondeu, chegou a perguntar-me certo dia: — «Mas... como foi que você descobriu o Nobiling?» E a pergunta justamente assinala a modéstia daquele que honrava a sua cadeira do Gimnásio de S. Paulo, do mesmo modo por que podia glorificar uma qualquer universidade da Europa.

Inteiramente despreocupado de um triunfo imediato, êle não se apressurava senão em aprender; e o que sabia, sabia bem; e o que não sabia, confessava. Não conheci até hoje nenhum mais santo exemplo de probidade literária e profissional, que o fazia transformar em dever imperioso o que era apenas uma sêde exagerada de seu espírito; e causa-me pena o lembrar que, com a doença que o levou á Europa, êle também cegamente levava os mais largos planos de estudos, na biblioteca do Vaticano...

Conscio de que toda sciência é sempre uma obra colectiva, e que não pode, como Palas, sair armada da cabeça de ninguem, o seu continuo aprender o inclinava ao respeito do passado e das condições de competencia, em que se baseia a autoridade scientifica. Através de suas maneiras pouco vivas, transparecia a nobre admiração que êle, mestre, votava aos mestres; e ainda estou a rever o seu entusiasmo pela nova ortografia portuguesa, cujas bases foi o primeiro a receber em S. Paulo, e desde logo me comunicou.

Sem compartir da «vesga inveja», da vaidade torta, do arreliado despeito, dos bufarinheiros do saber alheio, deve de ter morrido isento do remorso de injustiças intencionais, após uma vida feliz, de abnegado cultor da verdade, no tracto de seus livros predilectos e na lição dos milhores espiritos. E eu, a quem coube a espontânea e cordial tarefa de o revelar a uma parte do público brasileiro, em geral tão por fora das coisas de erudição; eu, mesmo lamentando a sua morte, sou feliz também, de o haver conhecido e admirado, e de ter sido um daqueles a quem êle votou a mais sincera afeição, jamais desmentida em uma camaradagem de perto de quatro lustros. A sua memoria há de perdurar abstractamente nas obras que deixou; e a sua imagem, muito tempo depois de se apagar comigo, palpitará no coração dos gimnasiais que foram seus alunos, e a quem o pálido necrológio que lhes fiz em aula arrancou irreprimiveis lágrimas de comoção...

SILVIO DE ALMEIDA.

II

Peço venia ao Sr. Silvio d'Almeida para transcrever d'*O Estado de S. Paulo*, de 30 de Setembro de 1912, o artigo precedente, onde são apreciados com tanta justiça os meritos de Nobiling.

Como tributo de saudade á memoria do distincto e mallogrado philologo fallecido, vou enumerar todas as publicações suas de que tenho conhecimento. Embora algumas já estejam indicadas noutros volumes da *Revista Lusitana*, o leitor estimará achar aqui a lista. Ei-las:

1. ***Uma canção de D. Denis:*** na *Revista Lusit.*, VII (1902), 65. Correcção de um texto da edição de Lang.

2. ***Die Nasalvokale im Portugiesischen:*** na revista intitulada *Die neueren Sprachen*, t. XI, 1903, p. 130 ss.;

3. ***Albanês e português***, 1903: separata do *Boletim da Soc. de Geogr. de Lisboa*, 21.ª serie. Cf. *Revista Lusit.*, IX, 188.

4. ***Zur Interpretation des Dionysischen Liederbuchs:*** na *Zs. f. die rom. Philol.*, XXVII (1903), 186-192. Outras correções á edição de Lang.

5. ***Zu Text und Interpretation des «Cancioneiro da Ajuda»***, Erlangen, 1906: separata dos *Mélanges Chabaneau*, 48 páginas. Artigo substancioso e importante acerca da ed. feita pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis.

6. ***Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade***, trovador do sec. XIII, escolhidas e annotadas, Erlangen 1907, IV-58 páginas. — Vid. o n.º seguinte.

7. ***As Cantigas de D. Joan Garcia de Guilhade:*** edição critica, Erlangen 1907, VIII, 82 páginas. — Cf. as minhas *Lições de Philologia*, pag. 449.

8. Análise critica das *Frases feitas* de João Ribeiro: publicada em *O Estado de S. Paulo* de 22 de Abril de 1908.

9. ***Introducção ao estudo da mais antiga poesia portugueza;*** na *Revista da Soc. Scientif. de S. Paulo*, II (1907), 153 ss., e III (1908), 1 ss.

10. Apreciação dos meus *Textos Archaicos* (2.ª ed.): publicada em *O Estado de S. Paulo* de 10 de Out. de 1908. — Igualmente como preito e homenagem a Nobiling, transcrevi-a supra, pag. 361 ss., — do que ninguem me censurará, porque, se ella contém louvores, tambem contém criticas.

11. Novo estudo acêrca do *Cancioneiro da Ajuda*, ed. de D. Carolina Michaëlis: no *Archiv* de Herrig, CXXI, 197 ss., e CXXII, 193 ss.

12. Noticia dos *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular* de D. Carolina Michaëlis: no mesmo *Archiv*, CXXVI, 261 ss.

13. ***Berichtigungen und Zusätze** zum portugiesischen Teil von Körtings Lateinisch-romanischem Wörterbuch*: no mesmo *Archiv*, CXXIV, 332 ss., CXXV, 154 ss. e 393 ss., e CXXVI, 424. — Esta collecção de emendas a Körting ficou incompleta.

14-15. Sei que Oscar Nobiling publicou mais dois artigos, um intitulado *Vierzeilen*..., e outro sobre um conto do Brasil (no *Almanaque de Garnier* de 1907), — mas não os conheço directamente.

16. Da seguinte carta que Nobiling me mandou em resposta a uma em que eu lhe pedia um artigo para esta Revista, consta que elle havia planeado outro trabalho sobre a nossa lingoa archaica:

«S. Paulo, 1-XI-09, Rua Saguá, 2,.. Sr.: Desejando eu muito » acceder ao seu pedido de um artigo para a *Revista Lusitana*, » venho perguntar se V. acceitaria um estudo que estou escrevendo » sobre a lingua do Testamento de D. Affonso II (impresso no vol. » VIII da *R. Lus.*). O artigo será de um pouco mais de 16 pag. » impressas; e peço-lhe a fineza de me dizer tambem quando elle » poderá sahir ahi, pois estou tambem cogitando de mandá-lo para » alguma revista da Allemanha. O fim do trabalho é averiguar, » quanto possivel, o estado phonetico e morphologico a que tinha » chegado a lingua port. naquella epoca, comparando-o com o » idioma classico dos trovadores contemporaneos. De V. etc. » O. NOBILING».

Como eu lhe dissesse que no momento em que recebi a carta estava organizando o volume das *Lições de Philologia*, onde reimprimia e analysava aquelle testamento, Nobiling informou-me de que esperaria pelo meu livro; nisto metteu-se a doença de que morreu, e fiquei sem saber se concluiu ou não o trabalho começado.

J. L. DE V.



ERRATA

A pag. 283 escapou o nome da Exma Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, auctora da carta *b* do capitulo V.

INDICE DO VOL. XV

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

MISCELLANEA:

Outras obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal, Porto 1892	500
Poesia amorosa do povo português, Lisboa 1890	400
Religiões da Lusitania, 2 volumes (e no prelo o 3.º)	4$500
Ensaios ethnographicos, 4 volumes	3$000
Esquisse d'une Dialectologie Portugaise, Paris 1901	600
Estudos de Philologia Mirandesa, 2 volumes, Lisboa 1900-1901	3$000
Textos archaicos (para uso da aula de philologia portuguesa estabelecida na Bibliotheca Nacional de Lisboa), 2.ª ed.	400
Lições de Philologia Portuguesa, 1 volume cartonado, Lisboa 1911	2$000
O Dr. Storck e a Litteratura Portuguesa, Lisboa 1910	1$000

A Revista Lusitana publica-se em fasciculos de 5 a 6 folhas, e saem quatro por anno.

Preço da assignatura annual	Portugal e Hespanha	2$400 réis
	Brazil (moeda forte)	6$000 réis
	Noutros paises	12 fr.
Preço de cada fasciculo avulso	Portugal e Hespanha	600 réis
	Brazil (moeda forte)	1$800 réis
	Noutros paises	3 fr.

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada ao director **J. LEITE DE VASCONCELLOS**, R. de D. Carlos Marcarenhas, 27, Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assuntos economicos (compra e assignatura) deve ser enviada ao editor **A. M. TEIXEIRA**, P. dos Restauradores, 20, Lisboa.